F Ó R U M

L I N G U Í S T I C O

FLORIANÓPOLIS - VOLUME 13 - NÚMERO 2 - ABR./JUN. 2016.

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

REITOR | Luis Carlos Cancellier de Olivo
VICE-REITORA | Alacoque Lorenzini Erdmann

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

DIRETOR | Arnaldo Debatin Neto
VICE-DIRETORA | Silvana de Gaspari

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS

CHEFE | Rodrigo Acosta Pereira
SUB-CHEFE | Zilma Gesser Nunes

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

COORDENADOR | Heronides Maurílio de Melo Moura
VICE-COORDENADORA | Cristine Görski Severo

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA / DIRECCIÓN POSTAL / MAILING ADDRESS

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

CCE - Bloco B, Sala 315, 88040970, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail:
forumlinguistico.cce@contato.ufsc.br/ Tel. (48) 3721-9581/ Fax (48) 3721-6604

(CATALOGAÇÃO NA FONTE PELA DECTI DA BIBLIOTECA DA UFSC)

Fórum lingüístico/ Programa de Pós-graduação em Lingüística.
Universidade Federal de Santa Catarina. v. 13, n.2 (2016)
Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-graduação
em Lingüística, 2016 –

Trimestral
Irregular 1998-2007;
Resumo em português, espanhol e inglês
A partir de maio de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:
<http://www.periodicos.ufsc.br>
pISSN 1516-8698
eISSN 1984-8412

1. Lingüística. 2. Linguagem. 3. Língua Portuguesa I. Universidade
Federal de Santa Catarina. Pós-graduação em Lingüística. Curso de
Letras

INDEXADORES / INDEXACIÓN / INDEXATION

CAPES - Portal de Periódicos - <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

DRJI - Directory of Research Journal Indexing - <http://www.drji.org>

Ebsco - <http://www.ebsco.com/>

Genamics JournalSeek - <http://journalseek.net/>

Latindex - <http://www.latindex.unam.mx/larga.php?opcion=1&folio=8996;>

PKP - Public Knowledge Project - <http://pkp.sfu.ca/node/3450;>

Portal SEER - IBICT - http://seer.ibict.br/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=550&Itemid=109;

Sumários.org - <http://www.sumarios.org/>

F Ó R U M L I N G U Í S T I C O

VOLUME 13 | NÚMERO 2 | 2016

eISSN 1984-8412
pISSN 1516-8698

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA | UFSC

Forum linguist. | Florianópolis | v. 13 | n. 2 | p. 1120-1294 | abr./maio 2016

EDITOR-CHEFE / EDITOR JEFE / EDITOR-IN-CHIEF

Atilio Butturi Junior - UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES EXECUTIVOS / EDITORES EJECUTIVOS / EXECUTIVE EDITORS

Edair Maria Görski . UFSC, Florianópolis, BR | **Izabel Christine Seara** . UFSC, Florianópolis, BR | **Leandra Cristina de Oliveira** . UFSC, Florianópolis, BR | **Maria Inez Probst Lucena** . UFSC, Florianópolis, BR | **Núbia Ferreira Rech** . UFSC, Florianópolis, BR | **Rodrigo Acosta Pereira** . UFSC, Florianópolis, BR | **Rosângela Pedralli** . UFSC, Florianópolis, BR | **Sandro Braga** . UFSC, Florianópolis, BR | **Tania Regina Martins Machado** . UFSC, Florianópolis, BR

EDITORES ASSISTENTES / EDITORES ADJUNTOS / ASSISTANT EDITORS

Amanda Machado Chraim . UFSC, Florianópolis, BR | **Denise Vieira Brites** . UFSC, Florianópolis, BR | **Eloara Tomazoni** . UFSC, Florianópolis, BR | **Josa Coelho da Silva Irigoite** . UFSC, Florianópolis, BR | **Leonice Passarela dos Reis** . UFSC, Florianópolis, BR | **Lygia Barbachan Schmitz**. UFSC, Florianópolis, BR | **Suziane da Silva Mossmann**- UFSC, Florianópolis, BR | **Vidomar Silva Filho** . UFSC, Florianópolis, BR

CONSELHO EDITORIAL / CONSEJO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD

Adail Ubirajara Sobral . UCPEL, Pelotas, BR | **Adelaide Hercília Pescatori Silva** . UFPR, Curitiba, BR | Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão . UFSC, Florianópolis, BR | **Aleksandra Piasecka-Till** . UFPR, Curitiba, BR | Angela Bustos Kleiman . UNICAMP, Campinas, BR | **Ani Carla Marchesan** . UFFS, Chapecó, BR | Benedito Gomes Bezerra . UFP, Recife, BR | **Bento Carlos Dias da Silva** . UNESP, Araraquara, BR | Christina Abreu Gomes - UFRJ, Rio de Janeiro, BR | **Cláudia Regina Brescancini** . PUCRS, Porto Alegre, BR | Dóris De Arruda C. da Cunha . UFPE, Recife, BR | **Dulce do Carmo Franceschini** . UFU, Uberlândia, BR | Edwiges Maria Morato . UNICAMP, Campinas, BR | **Eleonora Albano** . UNICAMP, Campinas, BR | Eliana Rosa Sturza . UFSM, Santa Maria, BR | **Elisa Battisti** . UFRGS, Porto Alegre, BR | Fábio José Rauhen . UNISUL, Tubarão, BR | **Fernanda Coelho Liberali** . PUC-SP, São Paulo, BR | Francisco Alves Filho . UFPI, Terezina, BR | **Gabriel de Ávila Othero** . UFRGS, Porto Alegre, BR | Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes . UCS, Caxias do Sul, BR | **Heronides M. de Melo Moura** . UFSC, Florianópolis, BR | Jane Quintiliano Silva . PUCMINAS, Belo Horizonte, BR | **João Carlos Cattelan** . UNIOESTE, Cascavel, BR | João Wanderley Geraldi . UNICAMP, Campinas, BR | **Josias Ricardo Hack** . UFSC, Florianópolis, BR | Leonor Scliar Cabral . UFSC, Florianópolis, BR | **Letícia Fraga** . UEPG, Ponta Grossa, BR | Lilian Cristine Scherer . PUCRS, Porto Alegre, BR | **Lucília Maria Sousa Romão** . USP, Ribeirão Preto, BR | Luiz Francisco Dias . UFMG, Belo Horizonte, BR | **Lurdes Castro Moutinho** . Univ. de Aveiro, Aveiro, PT | Marci Fileti Martins . UNIR, Campus Guajara-Mirim, BR | **Maria Cristina da Cunha Pereira Yoshioka** – PUCSP, São Paulo, BR | Maria Cristina Lobo Name . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Maria Izabel Santos Magalhães** – UNB, UFC, Fortaleza, BR | Maria Margarida M. Salomão . UFJF, Juiz de Fora, BR | **Mariangela Rios de Oliveira** – UFF, Niterói, BR | Marígia Ana de Moura Aguiar . UNICAP, Recife, BR | **Marta Cristina Silva** – UFJF, Juiz de Fora, BR | Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti . UFSC, Florianópolis, BR | **Morgana Fabíola Cambrussi** . UFFS, Chapecó, Brasil | Nicanor Nicanor Rebolledo Recendiz . Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, MX | **Nívea Rohling da Silva**. UFTPR, Curitiba, Brasil | Rainer Enrique Hamel . Univ. Autónoma Metropolitana, Cidade do México, MX | **Rosângela Hammes Rodrigues** . UFSC, Florianópolis, BR | Rosângela Morello . IPOL, Florianópolis, BR | **Solange Coelho Vereza** . UFF, Niterói, BR | Telisa Furlanetto Graeff . UPF, Passo Fundo, BR | **Tony Berber Sardinha** . PUC-SP, São Paulo, BR | Vânia Cristina Casseb Galvão . UFG, Goiânia, BR | **Wagner Rodrigues Silva** . UFT, Araguaína, BR | Wander Emediato de Souza . UFMG, Belo Horizonte, BR

IMAGEM DA CAPA / IMAGEN DE LA PORTADA / COVER IMAGE

Kitchen – (óleo sobre tela)

Guy Yanay – Israel – www.guy-yanay.com (Galerie Derouillon, Paris)

DESIGN GRÁFICO / TAPA Y DISEÑO GRÁFICO / COVER AND GRAPHIC DESIGN

Pedro Paulo Venzon Filho – Florianópolis, Brasil

SUMÁRIO / TABLA DE CONTENIDOS / TABLE OF CONTENTS

 APRESENTAÇÃO / *Presentación* / Presentation

1028

ATILIO BUTTURI JUNIOR

ARTIGO / ARTÍCULO / ARTICLE

 A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSONAS PRÁTICAS
 CONVERSACIONAIS DE UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS | *La
 construcción de objetos del discurso en las prácticas conversacionales de un grupo de
 afásico* | The construction of objects of discourse in the conversational practices of a
 group of aphasic

1131

CAIO MIRA

 DA AÇÃO À PAIXÃO: O PERCURSO SEMIÓTICO DA BUSCA DO SENTIDO | *De la
 acción a la pasión: la búsqueda semiótica por el sentido* | From action to passion: the
 semiotic journey towards meaning

1147

MARCELA ULHÔA BORGES MAGALHÃES

 A MATERNIDADE E A PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE
 ENTREVISTAS COM GAROTAS DE PROGRAMA | *La maternidad y la prostitución: un
 análisis discursivo de entrevistas con prostitutas* | Motherhood and prostitution: a
 discursive analysis of interviews with prostitutes

1158

MIRIELLY FERRAÇA

O MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DA ANSIEDADE E A METÁFORA DA ENCOMENDA | *El modelo cognitivo idealizado de la ansiedad y la metáfora de la encomienda* | The idealized cognitive model of anxiety and the shipment metaphor **1169**

DANIEL FELIX DA COSTA JÚNIOR

MODELOS MENTAIS NO DISCURSO JORNALÍSTICO E DO FACEBOOK: A (RE)PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O CASO #OCUPEESTELITA | *Modelos mentales en el discurso periodístico y del Facebook: la (re)producción de saberes sobre el caso #ocupeestelita* | Mental models in journalistic discourse and on Facebook: the (re)production of knowledge about #ocupeestelita **1185**

LAURA JORGE NOGUEIRA CAVALCANTI

LÍNGUA E ALTERIDADE NA ACOLHIDA A REFUGIADOS: POR UMA MICROPOLÍTICA DA LINGUAGEM | *Lengua y alteridad en la acogida a los refugiados: por una micro-política de lenguaje* | Language and alterity in hosting refugees: for a micropolitics of the language **1196**

POLIANA COELI COSTA ARANTES, BRUNO DEUSDARÁ E ANA KARINA BRENNER

EMPRÉSTIMOS EM CATÁLOGOS AUTOMOTIVOS BRASILEIROS: CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO À COMPREENSÃO DO FENÔMENO | *Préstamos léxicos en catálogos sobre automóviles en Brasil: una contribución desde los estudios descriptivos de la traducción para la comprensión del fenómeno* | Loanwords in brazilian automotive brochures: contribution of descriptive translation studies to the understanding of the phenomenon **1208**

JEAN-FRANÇOIS BRUNELIÈRE

ANÁLISE LINGUÍSTICA E REESCRITA TEXTUAL: ARTICULANDO ENCAMINHAMENTOS Análisis lingüístico y textual reescrito: coordinar referencias Linguistic analysis and textual rewriting: articulating referrals	1225
---	-------------

SUELI GEDOZ

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA E O USO ESTILÍSTICO DOS PREFIXOS Consideraciones sobre la historia y el uso estilístico de los prefijos Considerations on the history and the stylistic use of prefixes	1240
---	-------------

ANTONIO CARLOS SILVA DE CARVALHO

RESENHA/ REVISIÓN / REVIEW

MAIA, Marcus. (Org.). <i>Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução</i> . São Paulo: Editora Contexto, 2015. 208 p.	1255
--	-------------

GABRIELLE PEROTTO DE S. DA ROSA E FERNANDA SCHNEIDER

TRADUÇÃO/ TRADUCCIÓN / TRANSLATION

DIALOGISMO DAS “VOZES” E HETEROGENEIDADE CONSTITUTIVA DO SENTIDO. O “LITERÁRIO”: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE ACENTUAÇÃO EM VOLOCHINOV, BAKHTIN E VIGOTSKI	1260
--	-------------

FRÉDÉRIC FRANÇOIS

Tradução de *Dialogisme des “voix” et hétérogénéité constitutive du “sens”. Le “savoir”, le “quotidien” et le “littéraire”, communauté et différences d’accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski. Une contribution indirecte à la pédagogie du “texte littéraire”*, por Dóris de Arruda C. da Cunha

F Ó R U M L I N G U Í S T ! C O

APRESENTAÇÃO
VOLUME 13, NÚMERO 2, 2016

Este segundo número de 2016 da *Fórum Linguístico*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, traz nove artigos, uma resenha e uma tradução. Os autores são pesquisadores e pesquisadoras de diversas universidades brasileiras, de vários campos dos estudos linguísticos – além de Frédéric François, da *Université Paris Descartes*, presente com a tradução realizada por Dóris de Arruda C. da Cunha.

O primeiro dos artigos desta edição intitula-se **A construção de objetos de discurso nas práticas conversacionais de um grupo de convivência de afásicos**. De autoria do pesquisador Caio Mira, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o texto apresenta uma pesquisa cujo objetivo é, pelo viés sociocognitivo, observar a construção objetos de discurso e a manipulação de tópicos discursivos num grupo de convivência de sujeitos afásicos, a partir de dados de quatro dos participantes. O intuito é, ainda, colocar em xeque o caráter de desordem linguística simples com que a afasia pode ser tratada.

Da ação à paixão: o percurso semiótico da busca do sentido, de Marcela Ulhôa Borges Magalhães, pesquisadora da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, é o segundo artigo desta **Fórum** e produz um debate sobre os deslocamentos no percurso teórico-analítico da chamada semiótica greimasiana. A autora descreve uma espécie de itinerário dos escritos de Greimas, que passam a enveredar para problemáticas que envolvem a corporalidade, a afetividade e a relação entre a teoria semiótica e a fenomenologia – notadamente, a de Merleau-Ponty.

O terceiro artigo deste segundo número de 2016 da **Fórum Linguístico** é de autoria de Mirielly Ferraça, pesquisadora do campo dos estudos discursivos da Universidade Estadual de Campinas. Intitulado **A maternidade e a prostituição: uma análise discursiva de entrevistas com garotas de programa**, o texto descreve um estudo realizado em 2012, produzido a partir de entrevistas com garotas de programa da cidade de Cascavel, Paraná. Nas análises, Ferraça aponta para uma trama complexa de enunciados sobre a família e enunciados sobre a prostituição.

O modelo cognitivo idealizado da ansiedade e a metáfora da encomenda é o quarto artigo que figura neste volume 13, número 2. No texto, o pesquisador Daniel Felix da Costa Júnior, da Universidade Federal Fluminense, parte da Linguística Cognitiva e do modelo analítico do *Metaphor Identification Procedure* e volta-se para a conceptualização da ansiedade num *corpus* de Português Brasileiro. O autor, em suas análises, relaciona dois *frames* para as metáforas encontradas, a saber: emoção e doença. Além disso, considera que três conceitos são relacionados à ansiedade: “o almejo, o temor e a expectativa” (p.1169).

O quinto artigo que vem a lume na presente edição é **Modelos mentais no discurso jornalístico e do Facebook: a (re)produção de saberes sobre o caso #OcupeEstelita**, de autoria da pesquisadora Laura Jorge Nogueira Cavalcanti, da Universidade Federal de Pernambuco. O trabalho ampara-se no sociocognitivismo, notadamente de Van Dijk, analisando a relação entre discursos hegemônicos e discursos da mídia, num *corpus* composto de textos de jornais e postagens do Facebook cujo objeto é o movimento #OcupaEstelita, ocorrido em 2015, no Recife.

Poliana Coeli Costa Arantes, Bruno Deusdará e Ana Karina Brenner, pesquisadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, são os autores do sexto artigo desta **Fórum Linguístico**. Intitulado **Língua e alteridade na acolhida a refugiados: por uma micropolítica da linguagem**, o texto recorre ao conceito de alteridade dos estudos de Bakhtin e à problematização da micropolítica de Deleuze e Guattari para traçar interrogações acerca da categoria de *estrangeiro* e a fim de produzir um debate interdisciplinar sobre o vértice entre a língua e a política, ancorado na ética e na assunção da complexidade do tema.

O sétimo dos artigos deste número 2 de 2016 do periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC é **Empréstimos em catálogos automotivos brasileiros: contribuição dos estudos descritivos da tradução à compreensão do fenômeno**. Escrito por Jean-François Brunelière, pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina, o texto parte dos Estudos Descritivos da Tradução e observa, num *corpus* composto de catálogos brasileiros de seis modelos de automóveis da marca Peugeot, disponíveis *on-line*, o papel que as empresas multinacionais podem desempenhar na importação de itens lexicais para o Português Brasileiro.

Análise linguística e reescrita textual: articulando encaminhamentos, de Sueli Gedoz, é o oitavo artigo do presente número. A pesquisadora, seguindo algumas discussões da Linguística Aplicada, apresenta resultados de uma pesquisa-ação realizada em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, pautada na produção, na revisão e na reescrita de textos, a partir de uma série de exercícios e reflexões sobre os gêneros textuais e sobre a análise linguística. Gedoz traz indicações de que a construção da autonomia na produção textual deve-se a um percurso dialógico, cuja base seria a prática de análise linguística.

Encerra a seção de artigos desta edição da **Fórum** o texto **Considerações sobre a história e o uso estilístico dos prefixos**, de Antonio Carlos Silva de Carvalho, pesquisador da Universidade Cruzeiro do Sul. O autor elabora seu escrito segundo um questionamento da pretensa baixa produtividade estilística da derivação prefixal, trazendo à tona considerações etimológicas e históricas. Sua análise, por fim, volta-se para a poesia de Manuel de Barros e para o que chama de *linguagem do “des-“*, fazendo notar no poeta um uso da prefixação como efeito estilístico axial.

Indo adiante, a seção **Resenha** traz a análise crítica, elaborada pelas pesquisadoras Gabrielle Perotto de S. da Rosa e Fernanda Schneider, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, do livro **Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução**, organizado por Marcus Maia e publicado em 2015 pela Editora Contexto. Para as resenhistas, os treze capítulos do livro elaboram um panorama sobre a diversidade das pesquisas que têm como foco unificador a Psicolinguística, em suas mais distintas abordagens.

Este segundo número de 2016 da **Fórum Linguístico** encerra-se com a seção **Tradução**, onde figura o texto **Dialogismo das “vozes” e heterogeneidade constitutiva do sentido. O “literário”: semelhanças e diferenças de acentuação em Volochinov, Bakhtin e Vigotski**, de autoria de Frédéric François – professor honorário em Linguística na *Université Paris Descartes* – e cuja tradução foi realizada pela pesquisadora Dóris de Arruda C. da Cunha, da Universidade Federal de Pernambuco. No artigo, François produz uma série de aproximações (e aponta os deslocamentos) entre os autores (citados já no título e seminais no campo da linguagem) e, ao final, discorre sobre os limites e possibilidades de uma teoria dialógica.

Por fim, depois da sucinta apresentação dos textos, das autoras e dos autores deste novo número da **Fórum Linguístico**, cabe fazer os agradecimentos por mais uma publicação do periódico: aos autores e autoras dos artigos, resenha e tradução desta edição, pelo envio dos trabalhos e pela intensa participação no processo de edição; aos leitores da revista e aos que acompanham a **Fórum** no Facebook (facebook.com/forumlinguistico); aos colaboradores do periódico – membros do corpo editorial, pareceristas, revisores, editores, bolsista e artistas gráficos; aos funcionários do Setor de Periódicos da UFSC; e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio fundamental.

Mais uma vez, é mister deixar o convite para a leitura do sempre instigante material que foi produzido e está publicado neste volume 13, número 2 (2016) da **Fórum Linguístico**.

ATILIO BUTTURI JUNIOR

Editor

A CONSTRUÇÃO DE OBJETOS DE DISCURSO NAS PRÁTICAS CONVERSACIONAIS DE UM GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS

LA CONSTRUCCIÓN DE OBJETOS DEL DISCURSO EN LAS PRÁCTICAS
CONVERSACIONALES DE UN GRUPO DE AFÁSICOS

THE CONSTRUCTION OF OBJECTS OF DISCOURSE IN THE CONVERSATIONAL PRACTICES
OF A GROUP OF APHASIC

Caio Mira*

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar excertos de uma interação de um grupo de convivência entre afásicos e não afásicos para demonstrar a construção de objetos de discurso em situações conversacionais. Para alcançarmos esse objetivo, a abordagem teórica deste trabalho está baseada na Análise da Conversação de enfoque textual-interativo. Os excertos analisados demonstram que os participantes afásicos do grupo, ao serem inseridos em situações conversacionais, lançam mão de recursos referenciais e interacionais, contribuindo para a construção de objetos de discurso e o gerenciamento do tópico. Os resultados de nossas análises possibilitam evidenciar os aspectos linguístico-interacionais das situações conversacionais do grupo de convivência de afásicos e não somente o déficit linguístico ocasionado pela afasia.

PALAVRAS-CHAVE: Afasia. Interação. Objetos de discurso.

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo analizar fragmentos de una interacción de un grupo de convivencia de afásicos y no afásicos para demostrar la construcción de objetos de discurso en situaciones conversacionales. Para alcanzar este objetivo, el abordaje teórico de este trabajo está basado en el Análisis de la Conversación de enfoque textual-interactivo. Los fragmentos analizados demuestran que los participantes afásicos del grupo, al ser inseridos en situaciones conversacionales, echan mano de recursos referenciales y de interacción, contribuyendo a la construcción de objetos de discurso y a la gerencia del tópico. Los resultados de nuestros análisis ponen en evidencia los aspectos lingüísticos y de interacción de las situaciones conversacionales del grupo de convivencia de afásicos y no solamente el déficit lingüístico ocasionado por la afasia.

*Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). E-mail: cmira@unisinos.br.

PALABRAS CLAVE: Afasia. Interacción. Objetos del discurso.

ABSTRACT: This article aims to analyze excerpts of an interaction between an aphasic group and a non-aphasic group to demonstrate the construction of objects of discourse in conversational situations. To reach that goal, this article's theoretical approach is based on the textual-interactive Conversational Analysis. The analyzed excerpts prove that the aphasic participants of the group, when inserted in conversational situations, dismiss referential and interactional resources, contributing for the construction of objects of discourse and for the management of the topic. The results obtained from the analyses point out to the linguistic-interactional aspects of the conversational situations of the aphasic group, and not only the linguistic deficit caused by aphasia.

KEYWORDS: Aphasia. Interaction. Objects of discourse.

1 INTRODUÇÃO

O domínio empírico deste trabalho é a interação, especificamente a conversação face a face, que constitui o cenário básico da aquisição e do uso da linguagem humana (CLARK, 1996). A conversação face a face estabelece e configura “[...] o uso básico e primordial da linguagem, e a melhor descrição para todos os outros usos vem a ser em termos do modo como eles se desviam daquela base” (FILMORE, 1991 apud CLARK, 2000, p. 53). Vale ressaltar que a conversação ocorre no interior de quadros sociais mais explícitos que, ao mesmo tempo, dão forma e conteúdo às ações comunicativas. Partindo dessa premissa, a conversação no âmbito deste trabalho é tomada como uma ação interativa centrada em pelos menos dois interlocutores.

Durante a conversação, há a cooperação mínima para a coerência e a sequencialidade do evento comunicativo. Dessa forma, fatores sociais, cognitivos, contextuais e linguísticos entram em jogo para que haja uma interação bem-sucedida (MARCUSCHI, 1998). Essa definição situa a conversação em um terreno mais amplo, onde a simetria das trocas conversacionais cede espaço à realização de eventos comunicativos, que, por sua vez, ocorrem em função de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas essenciais para uma interação.

Se, conforme assinala Marcuschi (1998, p. 7), a conversação “[...] é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais”, as práticas conversacionais entre sujeitos afásicos e não afásicos podem constituir um *locus* privilegiado tanto para a análise da conversação e da sua natureza linguístico-discursiva, quanto também para a observação dos fenômenos sociocognitivos imbricados no entendimento das relações entre linguagem e cognição.

A abordagem sociocognitiva da linguagem considera que os processos cognitivos, entre eles a linguagem, emergem na interação social. Assim, temos uma relação de: mundo – linguagem – mente, pois “[...] as ações verbais são ações conjuntas, ou seja, usar a linguagem é sempre se engajar em alguma ação na qual a linguagem é o meio e o lugar onde a ação acontece necessariamente em coordenação com os outros” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 285). Nessa perspectiva, a cognição pode ser compreendida como:

[...] situada em dois sentidos: de uma parte, ela pode ser considerada como enraizada na interação social (Rogoff, 1990); de outra parte, ela pode ser compreendida como estando ancorada nos contextos institucionais e culturais diversos (Cole, 1994 et 1995; Wertsch, 1991a et 1991b); a abordagem sociocultural procura reunir esses dois aspectos em um modelo coerente [...]. A atividade, enquanto processo dinâmico situado nas estruturas sócio-históricas, encontra-se assim apresentada como ponto de partida para o estudo do funcionamento mental. Nesses termos, encontra-se ao mesmo tempo estabelecida a concepção de cognição como prática, distribuída, emergente das atividades locais, que não somente se opõe à sua modelização tradicional e individualizante em termos de interioridade e de intencionalidade, mas que, mais geralmente, se recusa à separação entre o que relevaria do domínio do desenvolvimento individual, cognitivo e autônomo, e do que relevaria do domínio da atividade coletiva, interativa e social (MONDADA; PEKAREK, 2000, p. 54-55).

Na abordagem sociocognitiva da linguagem, a referenciação é um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação, evidenciando as relações entre linguagem, cognição e interação no contexto das

afasias. A referenciação representa um deslocamento da clássica questão da referência, por considerar que os processos semânticos não são frutos apenas de uma relação entre as palavras e as coisas, que a construção de referentes no discurso não ocorre somente pela seleção de objetos definidos *a priori* do uso da linguagem. Pelo contrário, é durante o desenvolvimento da atividade discursiva que emergem os objetos a que o próprio discurso remete. Os “[...] objetos de discurso não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995 apud KOCH, 2005, p. 34). A noção de objetos de discurso rompe com a concepção de a linguagem ser apenas uma forma de nominalizar, de “etiquetar” os objetos no mundo, por situar a linguagem e as atividades de significação como uma atividade cognitiva e social que constitui a realidade humana.

Os objetos de discurso são constituídos na e pela atividade interativa, seja ela por meio de textos escritos, orais ou na conversação face a face, sendo dinâmicos e passíveis de serem (re)configurados semântica e discursivamente. De acordo com Mondada (1994 apud KOCH, 2004, p. 79), o objeto de discurso

[...] caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como articular em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente.

Diante do domínio empírico constituído pela conversação e o deslocamento da noção de referência sob a perspectiva sociocognitiva, pretendemos demonstrar as atividades referenciais desempenhadas para a construção de objetos de discurso e a manipulação do tópico discursivo nas práticas de linguagem de um grupo de convivência de afásicos.

2 AFASIAS

As afasias são, fundamentalmente, sequelas de um acidente vascular cerebral, de traumatismos cranianos ou de tumores cerebrais que afetam sensivelmente a linguagem em seus vários níveis de constituição e processamento. As afasias podem afetar as formas de articulação e produção dos segmentos fonético-fonológicos, a capacidade de ordenar sintaticamente os elementos dos enunciados, a seleção de itens lexicais em situações comunicativas, os processos semânticos de compreensão e produção (JAKOBSON, 1954; LURIA, 1981).

Essa concepção de afasia está fundamentada em uma idealização de um normal da linguagem, sendo os testes metalinguísticos e descontextualizados o terreno propício para a consolidação de uma tradição no campo da Afasiologia. As baterias de testes¹ possibilitam diagnosticar e classificar os tipos de afasia e suas diferentes correlações anátomo-clínicas. Os testes consistem em tarefas essencialmente metalinguísticas, buscando mensurar o (re)conhecimento da língua a partir de procedimentos como: repetição de fonemas, palavras e sentenças; denominação de objetos; definição de palavras; fazer sentenças com palavras especificadas pelo examinador; completar frases; explicação de provérbios; leitura em voz alta e silenciosa; cópia de palavras e parágrafos; ditados de palavras e frases; fala e escrita espontâneas (COUDRY, 1988).

Nesse contexto, as manifestações afásicas em nada teriam a ver com processos que também ocorrem na linguagem não patológica; além disso, são diagnosticadas a partir de testes de base estruturalista e normativa que têm o pressuposto de que elas são, essencialmente, um problema da ordem de uma metalinguagem estrita, ou seja, um problema de reconhecimento das estruturas e das propriedades da língua tomada como um sistema fechado em si mesmo. Morato (2001, p. 22) sintetiza este posicionamento que por muito tempo norteou os estudos afasiológicos:

¹ No escopo do presente texto, os testes não serão discutidos ou comparados com os dados de interação de afásicos. O nosso objetivo é apresentar um panorama de uma concepção tradicional de afasia amparada em uma dicotomia normal versus patológico que toma como princípio o conhecimento metalinguístico para o diagnóstico e a classificação das afasias.

A afasia tem sido definida tradicionalmente como um problema metalinguístico conforme postula Jakobson (1954/1981): “a afasia pode ser definida amiúde como um problema relativo às operações metalinguísticas”. Isso quer dizer que o que estaria afetado nas afasias diz respeito fundamentalmente a um conhecimento metalinguístico do mundo. Procedimento recorrente para o estudo, a descrição de sua semiologia e a conceituação tradicional das afasias, as baterias de testes-padrão, puches de tarefas metalinguísticas quase caricaturais com relação às propriedades da língua “Tornou-se clássico perturbam a metalinguagem. Isso porque falar uma língua (e fazê-lo adequadamente) estaria subordinado à capacidade (lógico-perceptiva, bem entendido) de falar sobre esta língua. (...) perder-se-ia nas afasias não apenas a capacidade de falar sobre a linguagem, mas essa possibilidade de reflexividade da linguagem que consiste numa reação de reparação e de reconstituição de processos linguísticos”.

Conceber as afasias como um problema de metalinguagem (aqui reduzida ao metalinguístico) e de perda da capacidade de reflexão de seu uso instiga-nos a refletir a respeito da seguinte questão: seriam as afasias, que dizem respeito à linguagem e a todo tipo de processo afeito a ela, somente um problema de ordem metalinguística?

Estudos representativos sobre afasia, realizados do Brasil, já responderam a essa questão ao demonstrarem que a afasia é uma perturbação da atividade discursiva com impactos no exercício da/sobre a linguagem em relação ao(s) outro(s) e ao mundo, portanto, uma questão de linguagem que abrange seu estatuto enunciativo, interativo, semântico, referencial e sociocognitivo (cf. COUDRY, 1988; 2002; MORATO, 2000; MORATO et al., 2012).

Portanto, consideramos que a afasia não é só um problema de reconhecer e operar as unidades linguísticas, mas, também, um problema de ordem discursiva, interacional e sociocognitiva, pois há um quadro de instabilidades provocado por um evento neurológico e suas implicações vão além das sequelas neurocognitivas, atingindo a capacidade de se comunicar e impactando de forma significativa nas atividades da vida cotidiana.

3 O TÓPICO DISCURSIVO

A concepção da noção do tópico, calcada inicialmente no âmbito gramatical da frase, passando para a abordagem funcionalista e posteriormente para o domínio discursivo, aponta para a delimitação da *forma* do tópico ou, melhor dizendo, para a configuração de uma categoria de análise. Na realidade, a indagação de Brown e Yale (1983) a respeito do caráter intuitivo da noção de tópico traduz a dificuldade de operar uma categoria de análise no plano empírico do discurso, isto é, na materialidade linguística de textos orais e escritos. A saída alternativa ao intuitivismo que cerca a noção de tópico na perspectiva anglo-saxônica do discurso é fixar parâmetros analíticos na *relevância* daquilo que é falado num determinado ponto discursivo.

Por outro lado, a abordagem de Maynard (1980) enfoca a função que o tópico tem na interação, ou seja, no caráter interativo que o tópico exerce para a organização do discurso, sobretudo, em interações orais. O contraste perceptível na definição da noção de tópico demonstra uma tensão entre a forma que o tópico tem (a partir de qual critério é delimitado) e sua função (o papel que essa categoria exerce). A tensão entre essas duas faces da noção de tópico discursivo é atenuada de maneira satisfatória para fins teórico-analíticos a partir da integração da forma e da função do tópico: o enfoque textual-interativo.

Os estudos brasileiros realizados no âmbito do Projeto da Gramática do Português Falado (PGPF), projeto resultante de um grande empreendimento que congregou pesquisadores renomados para a elaboração de uma gramática de referência do português falado no Brasil, agregam à noção de tópico o viés de uma categoria textual-interativa. Dessa forma, a noção de tópico passa a ter um caráter eminentemente discursivo, pois se manifesta, na conversa, por meio de “[...] enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado momento da construção partilhada da interação oral” (KOCH; URBANO; JUBRAN, 1992, p. 386).

No âmbito da perspectiva textual-interativa, é fundamental que o produto linguístico seja abordado a partir das marcas que os fatores interacionais imprimem na superfície textual (JUBRAN, 2006a). A abordagem textual-interativa conforme é desenvolvida

nos estudos da PGPF, particularmente preconizada por Jubran (2006b), apresenta uma tendência em atribuir um maior peso na dimensão textual do que na dimensão interativa para conceituação do tópico como uma categoria analítica. A autora justifica tal posicionamento em função “[...] do estabelecimento de traços que definam uma categoria analítica operacionalizável com alguma segurança e objetividade na identificação de unidades textuais” (JUBRAN, 2006b, p. 91). Especificamente, o peso interacional do enfoque de tópico discursivo denomina o envolvimento conjunto dos interlocutores na produção de um texto e não como o fator de demarcação tópica.

A opção de dar maior ênfase ao caráter textual do tópico, isto é, direcionar a análise para as marcas textuais salientes nas situações conversacionais, minimiza o intuitivismo do analista para delimitação dos pontos de formação tópica em textos orais. Esse posicionamento, tal como é defendido por Jubran (2006b), resulta em uma maior segurança metodológica na etapa de análise do nosso *corpus*. Outra justificativa para a ênfase da dimensão textual recai justamente nas propriedades que definem a noção de tópico como uma categoria analítica. São duas as suas propriedades, segundo a autora: *centração* e *organicidade*.

A propriedade de *centração* assume um papel fundamental para definição de tópico, pois é por meio dela que é possível identificar na dinamicidade da conversa os referentes textuais mais recorrentes que compõem um conjunto de semelhanças temáticas. Para isso, a propriedade da *centração* abrange três traços: a *concernência*, a *relevância* e a *pontualização*. A especificidade de cada um dos traços na propriedade da *centração* é a seguinte:

- a) *concernência*: relação de interdependência semântica entre os enunciados de um segmento textual – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem, pela qual se dá a integração desses enunciados em um conjunto específico de referentes (objetos de discurso);
- b) *relevância*: proeminência desse conjunto decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;
- c) *pontualização*: localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento do texto falado (JUBRAN, 2006b, p. 92, grifos nossos).

Os traços da propriedade de *centração* visam delinear o tópico em sua materialidade textual, ou seja, apreender o conjunto de referentes dispostos na superfície do texto que apresentem entre si uma dada simetria temática. A propriedade de *centração* e seus traços são os instrumentos que permitem identificar com maior clareza (de forma menos intuitiva) o tema ou o assunto que emerge na conversação, estando relacionada à dimensão textual da noção de tópico discursivo. Jubran (2006a) salienta que a *concernência* e a *relevância* são os traços imprescindíveis para precisar a *centração* tópica, enquanto a *pontualização* é o traço que permite localizar os limites de um segmento tópico num determinado momento da conversa.

Já a segunda propriedade da noção de tópico, a *organicidade*, diz respeito às relações de dependência tanto no plano intratópico quanto no plano intertópico. É a propriedade de *organicidade* que permite estabelecer a abrangência dos tópicos. A *organicidade* abrange o

- a) plano hierárquico conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
- b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do discurso (JUBRAN, 2006b, p. 94).

O plano hierárquico configura uma relação de ordenação dos tópicos, uma relação vertical em que um tópico maior se ramifica em tópicos menores em função da abrangência referencial e temática. A organização hierárquica é o que permite ao analista formar os “quadros tópicos” (QT). As condições necessárias para a elaboração de um QT, segundo Jubran (2006b, p. 96), são: “[...] a *centração* mais abrangente e focal de um tópico (supertópico – ST), numa porção maior do texto; a divisão desse ST em tópicos coconstituintes (subtópicos – SbT)”. A respeito da relação de interdependência tópica no nível vertical, a autora menciona que no âmbito das

pesquisas do Grupo da PGPF foi enfatizado inicialmente que a organização dos tópicos ocorria por meio de relações intertópicas, porém, tal constatação foi revista em análises posteriores.

A organização tópica também ocorre num plano linear, pois “[...] os segmentos tópicos, tomados individualmente, deixam transparecer uma estruturação interna, através de marcas constatadas no início, meio e fim dos segmentos” (KOCH; URBANO; JUBRAN, 1992, p. 392). As marcas de estruturação internas indicam a organização intratópica, isto é, o plano linear da organicidade. As relações entre os tópicos na linearidade discursiva ocorrem por meio de dois fenômenos: a *continuidade* e a *descontinuidade*. A continuidade decorre da organização sequencial dos tópicos – quando a abertura de um tópico ocorre após o fechamento de outro. No outro extremo, a descontinuidade ocorre em três casos: (i) pela suspensão definitiva de um tópico, quando a inserção de um novo tópico implica no encerramento de um tópico antecedente; (ii) pela cisão de tópico em partes que se apresentam de forma não-adjacente; (iii) pela expansão posterior de um tópico apenas anunciado anteriormente (JUBRAN, 2006b). Os mecanismos da organização intratópica manifestam-se em algumas estratégias de construção textual, das quais podemos destacar os processos referenciais mobilizados na construção dos objetos de discurso.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O fragmento do episódio conversacional que analisamos neste trabalho é proveniente do acervo de dados linguísticos-interacionais do Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação² (COGITES). Esse acervo consiste em gravações em meio audiovisual das interações ocorridas no Centro de Convivência de Afásicos, o CCA. Atualmente, o acervo conta com cerca de 450 horas de interação gravadas em vídeo, 350 horas digitalizadas e 200 horas transcritas.

Diante do amplo acervo de dados do COGITES, os critérios que nortearam a escolha dos excertos do episódio conversacional analisados no presente trabalho foram os seguintes: a configuração do grupo durante os encontros ocorridos em um ano; a recorrência de atividades de linguagem que fossem representativas do enquadre interacional *Relato do Cotidiano* e a recorrência de encontros em que os participantes afásicos apresentam maior engajamento na atividade do Programa de Linguagem e desenvolvimento do tópico. Os maiores detalhes acerca da configuração interacional do CCA e de suas atividades são esclarecidos a seguir.

O CCA foi concebido como um espaço de interação para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os participantes afásicos e não afásicos a fim de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração social pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e de docência onde pesquisadores e alunos de pós-graduação desenvolvem pesquisas que abrangem a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro e cognição. Os participantes afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (MORATO *et al.*, 2002, MIRA, 2007; 2012).

A fim de desmedicalizar as afasias, o espaço físico que abriga o CCA fica nas dependências físicas do IEL, localizado dentro do *campus*, estando a manutenção física e econômica do CCA sob a responsabilidade do IEL e da UNICAMP. Assim, apesar dos membros já terem um histórico consolidado de interações, persistem algumas convenções sociais e padrões de comportamentos relacionados a esse caráter institucional local do CCA. Tal aspecto encontra-se refletido de algum modo nas interações, agindo mesmo na organização da conversação (MIRA, 2007).

Os encontros desse grupo do CCA acontecem semanalmente, às quintas-feiras, em um prédio especialmente adaptado para tal finalidade, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas

² O grupo de pesquisa COGITES – Cognição, Interação e Significação –, que reúne pesquisadores de diferentes formações, dedica-se ao estudo das relações entre linguagem e cognição por meio da descrição e análise de práticas discursivas, em especial as que envolvem indivíduos com afasia e com Doença de Alzheimer. Disponível em: <<http://cogites.iel.unicamp.br>>.

(IEL/UNICAMP). As atividades do grupo são iniciadas, geralmente, às nove horas, estendendo-se até aproximadamente ao meio dia, desdobrando-se em duas partes principais, mediadas por uma pausa para o café preparado coletivamente: o Programa de Expressão Teatral e o Programa de Linguagem. No presente trabalho, os dois excertos analisados são do Programa de Linguagem.

As atividades do Programa de Linguagem procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano, tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição, a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo. Em outras palavras, tais atividades constituem um espaço marcado por um conjunto de rituais sociais, pelo fortalecimento dos quadros interativos, nos quais os participantes podem enfrentar suas dificuldades linguístico-cognitivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem (CAMERIN, 2005).

Na realidade, tais atividades são situações concretas de práticas de linguagem. Longe da formalidade de outros tipos de intervenção com objetivos de natureza médica ou fonoaudiológica, o Programa de Linguagem busca evocar contextos de interação verbal que, na maioria das vezes, não fazem mais parte do cotidiano dos afásicos. O regaste de situações que desencadeiam a conversação, considerada um dos pilares da vida social, promove, além do exercício das habilidades linguísticas, a reatualização dos elos sociais e cooperativos inerentes às rotinas humanas. Esse é o principal diferencial das atividades de linguagem promovidas no/pelo CCA em relação a grupoterapias tradicionais, que via de regra visam à normalização das formas linguísticas e aos comportamentos padronizados (MIRA, 2012).

As atividades do Programa de Linguagem configuram-se como um evento interativo reunião. O evento interativo reunião pressupõe o direcionamento das atividades por um dos integrantes e a existência de uma pauta que organiza a ação. Durante o desenvolvimento das atividades do Programa de Linguagem, observamos a emergência do enquadre interativo *Relatos do Cotidiano*. O conceito de enquadre interativo refere-se à percepção de qual tipo de situação interativa ocorre durante a conversação, de qual o sentido negociado conjuntamente pelos falantes na interação (TANNEN; WALLAT, 1987/2002, p. 188-189).

Os participantes de uma interação são capazes de perceber as alterações nas estruturas de participação que provocam a emergência de novos enquadres interativos. A consequência da emergência de novos enquadres interativos é a modificação da dinâmica dos turnos e das formas de desenvolvimento do tópico.

As formas de desenvolvimento do tópico dizem respeito a quem o instaura e o conduz mediante a estrutura de participação vigente. Esses dois fatores estão atrelados ao tipo de enquadre interativo que se estabelece durante a reunião. A emergência dos enquadres e a alteração na estrutura de participação e na forma de desenvolvimento do tópico afetam sensivelmente o engajamento dos participantes afásicos nas atividades do Programa de Linguagem do CCA.

Especificamente, os excertos apresentados neste artigo são oriundos do enquadre *Relatos do Cotidiano*. Nesse enquadre interativo, é requerido que os participantes elaborem relatos ou façam comentários a respeito de algum tópico surgido na discussão ou durante o desenrolar de alguma atividade específica na qual o grupo esteja envolvido, sendo caracterizado fundamentalmente por uma flexibilidade da estrutura de participação. Dessa forma, o sistema de trocas de turno é mais irregular, há mais sobreposições e o desenvolvimento do tópico ocorre de maneira menos dirigida.

O enfoque textual-interativo será utilizado em nossas análises para contemplar o gerenciamento do tópico discursivo e a construção de objetos de discurso. A escolha do enfoque textual-interativo é justificada em função da colaboração entre os interlocutores na interação oral, o partilhar de conhecimento entre ambos e o esforço e a disposição para produzir inferências e negociar os sentidos (KOCH; PENNA, 2006).

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC e marcações propostas por Marcuschi (1998) para a análise de interações orais, acrescidas de alguns elementos que salientam aspectos importantes para a análise das situações interativas envolvendo indivíduos afásicos, como a presença de semioses não-verbais

(aspectos proxêmicos, expressão facial, atitudes corporais, gestualidade, direcionamento do olhar etc.), fundamentais para a compreensão da dinâmica interativa das atividades do CCA (MORATO et al.; 2005). Para garantir a melhor compreensão dos dados, adotamos alguns procedimentos que valem ser ressaltados:

- a) a identificação dos participantes do CCA é feita a partir das iniciais do nome e do sobrenome;
- b) o texto da transcrição é apresentado em sistema ortográfico modificado, conforme o sistema de notação de transcrição (cf. sistema de notação em anexo);
- c) no caso de locução, são usadas as iniciais em letras maiúsculas dos participantes; quando se trata de suas condutas não-verbais ou de significação não-verbal, a descrição de tais aspectos segue entre parênteses.

5 PERFIL DOS PARTICIPANTES AFÁSICOS

5.1 EF

EF é um senhor natural de Uauá (BA), nascido em setembro de 1942, casado e pai de três filhos. Reside há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é superior, tendo feito o curso de Direito. Hipertenso, em 21/12/1988 apresentou queda súbita, com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da UNICAMP. Observou-se hemiplegia³ à direita com predomínio em membro superior direito e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico de origem embólica.

Sua linguagem espontânea, segundo informações de seu prontuário hospitalar, foi reduzida a estereotípias (“não, não”; “au-au”), utilizada em praticamente todas as situações comunicativas. Identificaram-se também alterações práticas envolvendo os níveis lingual, labial e sub-glótico, que o impediam de executar movimentos voluntários sob comando. O diagnóstico neurológico inicial foi “afasia de Broca, predominantemente eferente”.

A produção oral de EF caracteriza-se por emissão de palavras isoladas, apresentando o que na literatura afasiológica é chamado de “estilo telegráfico”. A articulação da fala é laboriosa, gerando sequências ininteligíveis e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa. Muitas vezes, EF necessita de *prompting*⁴ oral para produzir os itens lexicais que deseja pronunciar, recorrendo frequentemente à escrita como apoio para comunicar o que deseja ou para dar a entender os sentidos que produz.

Apesar do severo comprometimento de sua produção verbal, EF participa ativamente das discussões do grupo. Não são raras as ocasiões em que as inserções de EF, realizadas por meio de elementos não verbais, contribuem significativamente para o desenvolvimento do tópico. EF também produz vocalizações e algumas palavras curtas durante o turno de outros participantes, o que funciona como sobreposições de turno, demonstrando seu engajamento nas interações do grupo.

Nas ocasiões em que EF não consegue se comunicar verbalmente, ele usa gestos faciais e expressão corporal, além de utilizar a escrita e desenhos para tornar compreensível e relevante seu envolvimento nas atividades. EF participa do CCA desde 1990 e tem uma relação de boa convivência e familiaridade com os demais integrantes do grupo.

5.2 JM

JM é um senhor brasileiro, destro, casado, nascido em março de 1933 na cidade de São Paulo (SP). Em 17/11/2000, JM foi acometido por um Acidente Vascular Cerebral (AVC) à esquerda, apresentando dificuldade na fala e alteração do movimento do lado esquerdo

³ A hemiplegia consiste em um tipo de paralisia cerebral que compromete seriamente um dos lados do corpo (RAPP, 2001).

⁴ Os integrantes do CCA utilizam frequentemente os promptings orais no intuito de dar continuidade ao desenvolvimento do tópico e também do turno. O prompting oral é a pista articulatória, ou seja, é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras sequências do gesto que compõem as primeiras sílabas da palavra pretendida (Freitas, 1997).

do rosto. De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP em 23/09/2002, JM apresentou inicialmente um quadro de afasia semântica. Também apresenta dificuldades fono-articulatórias, produzindo parafasias fonológicas e semânticas, embora consiga comunicar-se de forma razoavelmente satisfatória. JM demonstra estar integrado aos acontecimentos e fatos noticiados pela imprensa. Sempre participa das discussões agregando novas informações sobre os tópicos debatidos nas atividades de linguagem. Residindo em São Paulo, sua frequência no CCA não é muito constante. O senhor JM participa do CCA desde 2001.

5.3 MN

MN é uma senhora portuguesa, destra, dona de casa, nascida em setembro de 1927. Em 26/06/1999, apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia à direita completa, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com o exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (*Word-finding-difficulty*) e produção de parafasias semânticas.

Assídua e engajada nas reuniões do grupo, MN, contudo, expressa sempre que possível um grande descontentamento em relação à sua condição de afásica, sendo comuns seus lamentos e reclamações frente às limitações diárias impostas pela afasia. No entanto, apesar de demonstrar tal descontentamento, MN participa das atividades de forma engajada realizando sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações em relação ao que se discute ou planeja. Integra o CCA desde 2002.

5.4 SP

SP é um senhor nascido em março de 1933, de origem italiana que, aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França, tendo se naturalizado francês. Aos 36 anos, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico (afetando a área do lobo temporal e núcleo da base parcialmente), que o deixou com uma afasia expressiva e com uma hemiplegia⁵ à direita, diagnosticadas no Hospital de Clínicas da UNICAMP. Sofreu novo AVC cerca de 30 anos depois, o que agravou seu quadro afásico.

De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora os pais fossem italianos. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês, é o português a língua por meio da qual ele mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA).

Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras ou expressivas: dificuldades de evocação, hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações⁶ e parafasias⁷ verbais e fonológicas. No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais perceptível, observa-se a presença do mesmo conjunto de características semiológicas.

Nas interações do CCA, SP participa ativamente das discussões do grupo, verbal e gestualmente, opinando sobre os fatos debatidos. Frequentemente, realiza sobreposições ao turno dos outros participantes para se posicionar em relação ao tópico e para agregar informações à discussão. Os recursos mais utilizados por ele para compensar o seu déficit linguístico incluem o uso de gestos de natureza indexical e vocalizações que servem para contornar as dificuldades de processamento lexical. SP demonstra ter uma grande integração com os outros participantes e é membro assíduo do CCA desde 1992.

⁵ Paralisia muscular que atinge um dos lados do corpo, geralmente o lado contrário ao do local da lesão cerebral (RAPP, 2001).

⁶ Tendência de repetir o mesmo enunciado verbal em resposta aos diferentes estímulos.

⁷ Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados (RAPP, 2011).

6 ANÁLISE DE UMA SITUAÇÃO CONVERSACIONAL

No Programa de Linguagem, os participantes afásicos MN, JM, SP e EF, juntamente com HM e EM, participantes não afásicas, estavam engajados em uma atividade coletiva que consistia em comentários a respeito de atualidades a partir da leitura de manchetes de um jornal. Nessa ocasião, os integrantes escolhiam uma notícia e discutiam os desdobramentos dos fatos. Essa discussão era colaborativa e a manchete jornalística servia como desencadeador do tópico conversacional, mobilizando o conhecimento de diversas naturezas: das atualidades, do mundo, das formas de interação e dos recursos interacionais compartilhados pelo grupo, tais como respeito às pausas mais extensas, hesitações, alongamentos vocálicos e *promptings*

Nos dois excertos transcritos abaixo, a participante EM comentava algumas notícias selecionadas durante o encontro e solicitava que os demais integrantes escolhessem uma para ser discutida pelo grupo. Era a partir desse contexto que ocorriam o desenvolvimento tópico e os fenômenos referenciais dessa interação.

Excerto 1

Linhas: 1-15

1 EM: olha gente...eu li aqui...abri o jornal hoje...quer dizer sim bom...vou aqui selecionar um notícia para levar lá...de cara...o que foi que eu li aqui de cara...dá umas espiadas dona N...lê alto para p grupo se quiser
 2 MN: ler
 3 EM: é justamente esta aqui pessoal
 4 MN: desemprego atinge dezenove oito...por cento em São Paulo
 5 EM: li isto aqui e falei ai meu Deus...primeira notícia que li...
 6 JM: [quase vinte
 7 EM: vinte por cento...desemprego atinge vinte por cento das pessoas em São Paulo
 8 JM: pessoas...pessoas...são
 9 EM: [de quando...sei lá...quantas pessoas têm
 10 JM: não...diga...diga...trabadoree:::s)
 11 EM: [a cidade de São Paulo
 12 JM: é exatamente re:::::gião de São Paulo
 13 EM: tem quantas pessoas em São Paulo...sei lá...umas dez milhões...a cidade...imagina só toda a região 15 das cidades perto de São Paulo...não sei se falo uma loucura é muita gente né
 14 JM: é no perto as pessoas trabalo Sã::::o Paulo é Brasil
 15 EM: é...aí eu falei assim...eu pensei assim...essa notícia tá muito ruim vou ler outra notícia...aí eu li essa aqui

A manchete jornalística, lida por MN (linha 4) instaura o tópico desenvolvido ao longo do excerto 2: o alto índice do desemprego em São Paulo. Apesar do excerto 2 não apresentar desdobramentos que afetam o desenvolvimento do tópico, como, por exemplo, subtópicos, rupturas, cisão ou maiores expansões, é interessante observar como o referente do tópico é construído coletivamente pelo grupo como um objeto de discurso. O *referente desemprego em São Paulo* é recategorizado durante o desenvolvimento tópico.

A leitura da manchete, realizada por MN, apresenta um índice quantitativo expressivo que produz um efeito argumentativo importante no desenvolvimento tópico. O índice 19,8% de desemprego, que foi retomado na fala de JM (linha 6) como *quase vinte*, é parte integrante de um conjunto referencial que institui a coesão entre os enunciados, conferindo o traço da concernência da propriedade da centração tópica (JUBRAN, 2006b, p. 93). Ao retomar o referente *desemprego* pelo índice de vinte *por cento*, a centração tópica é desencadeada pela presença de lexemas do mesmo campo conceitual que é ativado na leitura da manchete (*dezenove oito, pessoas, trabadorees, São Paulo, região, Brasil*). Consideramos que a fala de JM da linha 6 é o elemento coesivo que ao mesmo tempo retoma o referente desemprego e serve como âncora na retomada de outros referentes que compõem um recorte semântico e interativo a respeito do desemprego. No momento em que JM enuncia que o índice chega a quase vinte por cento, ocorre uma retomada que recategoriza o referente, promovendo a especificação do tópico e a construção de um objeto de discurso negociado ao longo da interação.

A construção do objeto de discurso foi iniciada a partir da fala de JM, na linha 6, que é ratificada por EM na linha 7. Inicialmente, a notícia expressava: *desemprego atinge 19,8% em São Paulo*, conforme foi lida por MN. Ainda que a recategorização de 19,8% para 20% não represente diferenças significativas no aspecto quantitativo no índice de desemprego, é possível perceber algumas sutis diferenças semânticas da construção do objeto de discurso no âmbito da interação. O objeto trazido *a priori* por uma manchete de jornal, o índice do desemprego é coconstruído na interação ao ser desdobrado nas seguintes dimensões: quantidade e abrangência.

Na linha 7, a expressão nominal *vinte por cento das pessoas em São Paulo* marca não só a especificação do índice do desemprego, mas também a categorização desse objeto discursivo. Se na leitura da manchete o objeto de discurso instaurado no tópico é marcado por um índice quantitativo, a retomada por essa expressão nominal o interativo atribui marcas de predicação e o categoriza. Na linha 10, JM explicitamente recategoriza o objeto de discurso para uma especificidade diretamente relacionada ao desemprego, inserindo no desenvolvimento desse segmento tópico o referente *trabadoores*.

As expressões nominais *pessoas* e *trabadoores* categorizam e recategorizam respectivamente o referente *desemprego*, sendo elementos fundamentais na referência e no desenvolvimento do tópico. A importância das expressões nominais nesse processo é defendida por Koch (2008), que argumenta que a categorização/recategorização do objeto de discurso por meio de não ocorre somente na dimensão temática do enunciado nos movimentos de introdução, retomadas e remissões. Segundo a autora, as expressões nominais são responsáveis pelo acréscimo de informações novas ao tema e pela sequenciação do discurso.

A abrangência do desemprego é um referente que é rotulado de diferentes formas no decorrer deste episódio conversacional. A manchete aponta que o desemprego atinge São Paulo, sem especificar se é a cidade, a região metropolitana ou o estado todo. Essa especificação que rotula o referente *desemprego* é discutida pelos interactantes e atribui uma predicação significativa, ajustando o saber disponível a respeito do objeto de discurso (MARCUSCHI; KOCH, 2006). O segmento 7-14 apresenta o referente *São Paulo*, que é recategorizado e recebe um rótulo metonímico: *São Paulo é Brasil*, conforme o enunciado de JM na linha 14.

Excerto 2

Linhas: 17-44

17 EM: leia alto por favor seu M
 18 JM: aliados...se re::velam...e...ameaçam o governo
 19 EM: aliados se revelam e ameaçam o governo...ai meu Deus do céu...outra notícia...dura
 20 SP: é bem lá...na...na...no Paraná...Paraná...o caminhão
 21 HM: caminhão desculpa
 22 SP: o caminhão... pa-rado..para...o
 23 HM: Paranaguá
 24 SP: o caminhão
 26 JM: [de soja
 27 HM: Paranaguá né...
 28 SP: tá (numa)
 29 HM: greve
 30 EM: uma greve
 31 SP: [ô:::~::~
 32 EM:..o senhor tá falando das notícias né...procurando uma notícia hoje...melhor...então a gente viu o quê seu
 33 HM: [melhorzinha
 34 EM: E...essa aqui do desemprego...depois a greve dos portuários lá em... no Paraná...falamos sobre o governo que está acuado pela...oposição...
 35 EF: san...santo
 36 EM: Santos...em greve também?
 37 JM: também
 38 HM: ah mais pelos menos
 39 EM: tô por fora
 40 EF: santo
 41 EM: o senhor falou Santos eu entendi
 42 EF: soja
 43 HM: ah da soja

44 EM: soja...ah que é exportada pelo porto de Santos...é...também tem...né ((JM aponta para o jornal que está nas mãos de EM))...olha acho que notícia boa mesmo é o seguinte o Brasil vai ganhar do Paraguai ((risos))

No segundo excerto, dando continuidade às atividades do Programa de Linguagem, EM solicita a leitura aleatória de mais uma manchete por JM. O tópico instaurado pela leitura da manchete diz respeito às ameaças dos aliados políticos ao governo. Apesar do dado não apresentar maiores detalhamentos da notícia, e, conseqüentemente, os desdobramentos do tópico que levam SP, nas linhas 20 e 22, a inserir o referente *caminhão*, que instaura uma nova cadeia referencial (*caminhão, parado, soja, Paranaguá, greve, santo, porto*). A partir desse referente é possível observar no excerto fenômenos inferenciais ancorados no texto que possibilitam a ativação de novos referentes na construção discursiva do objeto inserido pela manchete jornalística, uma função exercida pelas anáforas indiretas (AI).

Segundo Marcuschi (2005), a definição das AI é complexa, pois demanda um alargamento da noção mais tradicional de anáfora, em que um terno retoma outro numa relação direta de correferencialidade. Conforme explica o autor, baseado em Schwarz (2000), a AI tem duas funções: a introdução de novos referentes e a continuação da relação referencial global. No caso das AI, não ocorre uma retomada direta de referentes, mas sim uma ativação de novos referentes com uma motivação e ancoragem no universo textual.

De acordo com a concepção de AI defendida por Marcuschi (2005), o referente *caminhão* configura-se, no âmbito da interação, como uma âncora textual que ativa novos referentes que constroem um objeto discursivo. Isso pode ser observado na linha 26, no enunciado de JM, em que há uma primeira inferência sobre o referente *caminhão* que colabora no que tange à progressão tópica, à discussão da manchete jornalística e à coesão interacional das inferências que ocorrem na sequência do episódio conversacional. No segmento 26-29, podemos observar como essas inferências configuram novos referentes que são desencadeados por *caminhão*. As linhas 26 e 27 trazem, respectivamente, *soja* e *Paranaguá* na centração do tópico *greve* e no estabelecimento desse objeto de discurso, que fica evidente na linha 34.

A continuação da relação referencial global da AI pode ser observada no segmento 35-44, iniciado pelo enunciado de EF, um participante acometido por uma afasia severa, que retoma à primeira vista, no âmbito interacional, o tópico *greve*. No entanto, esse enunciado reativa uma cadeia referencial mencionada anteriormente: *caminhão, parado, soja, Paranaguá*. Especificamente, o enunciado da linha 35 (*san...santo*) confere a continuidade do objeto de discurso que é desenvolvido nesse episódio conversacional e ilustra o traço da concernência da propriedade da centração tópica (JUBRAN, 2006a). O enunciado de EM, na linha 44, assinala o percurso interacional na construção do objeto de discurso e o esgotamento do tópico nos dois excertos analisados neste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito das análises dos dois excertos selecionados foi demonstrar as formas de construção de objetos de discurso em um contexto muito peculiar: as situações conversacionais de grupo de convivência de afásicos e não afásicos. A especificidade desse tipo de dado conversacional nos permite tecer algumas considerações pertinentes em relação às práticas conversacionais nas afasias, sobretudo em relação às características dos participantes afásicos no contexto do CCA, e às noções de tópico e de objeto de discurso que estão imbrincadas no plano textual-interativo da conversação.

Os afásicos do grupo, ao estarem inseridos em situações conversacionais, lançam mão de recursos referenciais e interacionais, contribuindo para o desenvolvimento do tópico discursivo e a construção de objetos de discurso. Um olhar mais atento para as práticas conversacionais dos afásicos possibilita abordar como foco nos recursos referenciais que entram em jogo na cena interativa, em situações de conversação. Cabe ressaltar que nossos excertos expressam um momento de uma situação conversacional, portanto, um exemplo de como a linguagem afásica pode ser observada por meio de uma ótica que leva em conta não só os déficits linguísticos, mas também o que é preservado, retrabalhado e o reconhecimento de aspectos semânticos e pragmáticos necessários para a conversação.

Não é possível deixar de mencionar que, no âmbito deste trabalho, o tipo e grau de severidade da afasia, o tempo de pertencimento do grupo e sua especificidade são fatores que influem diretamente nas formas da interação, porém, não são aspectos definidores que impedem ou limitam a participação nas práticas conversacionais e, conseqüentemente, no desenvolvimento do tópico e das estratégias referenciais. A presença de pausas mais extensas, hesitações, dificuldades de articulação fonético/fonológica não impedem ou são fatores limitadores para o engajamento dos afásicos no fluxo conversacional e no desenvolvimento do tópico de objetos de discurso.

Mesmo apresentando excertos de um único momento interativo, os resultados apresentados neste trabalho pretendem desvencilhar a afasia de uma mera questão de desordem mental ou metalingüística por meio da evidência dos aspectos linguístico-interacionais das situações conversacionais do grupo de convivência de afásicos. Fenômenos similares aos que foram analisados em nossos dados são recorrentes em outras interações do grupo de convivência de afásicos. No entanto, em função da questão do espaço de nosso trabalho não é possível apresentar mais exemplos de outras interações, seja no interior do CCA ou de outras pessoas acometidas por diferentes tipos de afasia em diferentes situações conversacionais. Nosso intuito foi apresentar excertos prototípicos que possibilitam a compreensão dos fenômenos textuais-interativos elencados no âmbito desse artigo, considerando a especificidade do espaço de convivência que é proporcionado pelo CCA.

Por fim, pretendemos lançar, a partir de nossas análises, uma reflexão acerca do tópico e dos objetos de discurso, que são duas noções imbrincadas nos processos sociocognitivos de construção e interpretação de sentidos que ocorrem na interação. Conforme é salientado por Pinheiro (2012), embora tópico discursivo e objetos de discurso sejam duas noções linguisticamente distintas, no jogo interacional elas não se separam, pois são expressões referenciais que configuram e reconfiguram o tópico no texto/discurso. Dessa forma, para a análise de textos conversacionais, é necessário um olhar do analista que considere a simbiose dessas duas noções para os fenômenos semânticos e textuais que ocorrem no curso das interações face a face, sobretudo nos contextos de conversação em grupo, que são domínios empíricos complexos e heterogêneos.

REFERÊNCIAS

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CAMERIN, I. P. D. *Discurso cotidiano no CCA/IEL Unicamp*. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CLARK, H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. O uso da linguagem. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, v. 3, n. 9, p. 49-71, jan./jun. 2000.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: Discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, n.42, p. 99-129, 2002.

FREITAS, M. *Alterações fono-articulatórias das afasias motoras: um estudo linguístico*. 1997. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.

JUBRAN, C. C. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n.1, p. 33-44, 2006a.

_____. O tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 89-132.

KOCH, I. G. V.; URBANO, H.; JUBRAN, C. C. A. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1992. p. 32-49.

KOCH, I. G. V.; PENNA, M. A. O. Construção e Reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 48, n.1, p. 23-31, 2006.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações*, Pernambuco, v. 21, n. 2, p. 99-114, 2008.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 33-52.

LURIA, A. R. *Basic problems of neurolinguistics*. The Hague: Mouton, 1976.

_____. *Fundamentos de neuropsicologia*. São Paulo: EDUSP, 1981.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

_____; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b. p. 381-402.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: BENTES, A. C.; KOCH, I. G. V. & MORATO, E. M. (Org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 103-122.

MAYNARD, D. Placement of topic changes in conversation. *Semiotica*, v. 30, n. 3/4, p. 263-290, jul./dez. 1980.

MIRA, C.C.C.R. *O CCA como uma comunidade práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. 2012. 166 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MONDADA, L.; PEKAREK, S. Interaction sociale et cognition située: quels modèles pour la recherche sur l'acquisition des langues? *AILE*, v. 12, n. 4, p. 147-17, 2000.

MORATO, E. M. As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)linguística à questão social. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. (Org.). *Direito à fala: a questão do preconceito linguístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 85-95.

_____. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2 vol. São Paulo: Cortez, 2001. p. 143-170.

_____ et al. *Sobre as afasias e os afásicos*: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

_____ et al. Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP). Relatório Final de Pesquisa Processo FAPESP 03/02604-9. Departamento de Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____. et al. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, p. 711-742, 2012.

PINHEIRO, C. P. Objeto de discurso: sistematizando relações. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.12, n.3, p. 793-813, 2012.

RAPP, B. *The handbook of cognitive neuropsychology: what deficits reveal about the human mind*. Philadelphia: Psychology Press, 2001.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 182-196.

Recebido em 27/01/2016. Aceito em 28/02/2016.

ANEXO A - SISTEMA DE NOTAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	MS: â:::ham (3s) centro <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	--	Maria Éster... — dá pra... ta longe aí né... pequeninho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	« »	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato et al. (2005)

DA AÇÃO À PAIXÃO: O PERCURSO SEMIÓTICO DA BUSCA DO SENTIDO

DE LA ACCIÓN A LA PASIÓN: LA BÚSQUEDA SEMIÓTICA POR EL SENTIDO

FROM ACTION TO PASSION: THE SEMIOTIC JOURNEY TOWARDS MEANING

Marcela Ulhôa Borges Magalhães*

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

RESUMO: A semiótica francesa surgiu na década de 60, com as pesquisas de Algirdas Greimas, e tinha como aspiração desenvolver um estudo da significação a partir de uma metodologia de vertente estruturalista, que, inicialmente, excluía de seu campo de análise todos os elementos que remetessem à subjetividade do discurso. Este artigo tem como objetivo refletir sobre os avanços da teoria semiótica, desde seu início, no que concerne aos estudos passionais, bem como demonstrar de que maneira as reflexões sobre a tensividade e a fenomenologia, aliadas aos estudos das modalidades e das paixões propostos por Greimas, pouco a pouco, ampliaram o alcance de análise da teoria em questão, substituindo gradualmente uma semiótica que colocava a ação no centro de suas preocupações por outra, a semiótica das paixões.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica. Paixões. Estados juntivos. Modos de presença.

RESUMEN: la semiótica francesa surgió en los años 60, con las investigaciones hechas por Algirdas Greimas, y aspiraba a desarrollar un estudio de los significados a partir de una metodología de inspiración estructuralista, que inicialmente excluía de su ámbito de análisis a todos los elementos que remitieran a la subjetividad del discurso. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los avances de la teoría semiótica, desde su creación, en lo que respecta a los estudios sobre la pasión, y demostrar cómo las reflexiones sobre 'tensión' y 'fenomenología', aliadas a los estudios sobre las modalidades y las pasiones propuesto por Greimas, ampliaron poco a poco el alcance del análisis de la teoría, y lograron una sustitución gradual de una semiótica que colocaba la acción en el centro de sus preocupaciones, por otra, hoy conocida por semiótica de las pasiones.

PALABRAS-CLAVE: Semiótica. Pasiones. Estados juntivos. Modos de presencia.

ABSTRACT: French semiotics emerged in the 1960s with Greimas' researches, and it aimed developing a study of signification by adopting a structuralist methodology which, initially, excluded from its analysis all the elements related to discourse subjectivity. This paper aims to reflect about the advances of semiotics, from its beginning, involving passion studies, to the manner which the reflections on tensivity and phenomenology, along with Greimas' modality and passion studies, little by little expanded the grip of

the theory in question, gradually replacing a semiotics that had action as the center of its concerns by another one, the semiotics of passions.

KEYWORDS: Semiotics. Passions. Conjunctive state. Presence modes.

1 INTRODUÇÃO

A semiótica francesa que surge na década de 60 foi concebida a partir dos estudos estruturalistas desenvolvidos por Saussure (2003) e Hjelmslev (1975), na linguística, e por Vladimir Propp (1984), na narrativa. Essa vertente estruturalista fez com que a semiótica excluísse de suas investigações iniciais quaisquer elementos relacionadas ao subjetivismo do texto, já que se pretendia negar os estudos culturais e psicologizantes que vinham sendo desenvolvidos até então no campo dos estudos literários e discursivos. O receio de Algirdas Greimas de que o *eu* do discurso se confundisse com o *eu* psíquico fez com que o semioticista lituano resolvesse rejeitar do campo de análise proposto em *Sémantique structurale* (1966) todos os elementos que remetessem à subjetividade do discurso, ou seja, as categorias de pessoa, tempo e espaço – o *eu*, *aquí*, *agora* da enunciação:

Tout discours présuppose, on le sait, une situation non linguistique de communication. Cette situation est recouverte par un certain nombre de catégories morphologiques, qui l'explicitent linguistiquement, mais en introduisant en même temps dans la manifestation un paramètre de subjectivité, non pertinent pour la description et qu'il faut par conséquent éliminer du texte [...]. Ces catégories à éliminer sont principalement les suivantes: 1. La catégorie de la personne. [...]. 2. La catégorie du temps. [...]. 3. La catégorie de la deixis. [...]. 4. Tous les éléments phatiques en général (GREIMAS, 1966, p. 154)¹.

O receio, então, de resvalar pelo universo ontológico do sujeito da enunciação fez com que a teoria semiótica, ao menos enquanto ciência incipiente, deixasse à margem de suas preocupações o *ser* do discurso e se centrasse no *fazer*, configurando-se, por isso, como uma semiótica da ação. Algirdas Greimas propôs, com publicação, no ano de 1966, de *Sémantique structurale*, uma teoria capaz de abarcar o processo de estruturação do sentido no discurso a partir da observação dos elementos inteligíveis do texto, deixando as preocupações sensíveis para investigações posteriores.

Alguns anos mais tarde, no ano de 1976, Greimas veio a publicar *Pour une théorie des modalités*² (1976), artigo que representou um salto dentro da teoria e determinou a direção em que as futuras pesquisas na área fossem conduzidas. A grande questão apresentada nesse texto concerne à proposição da existência do *ser* e do *fazer* como as duas formas elementares de enunciado: *enunciados de fazer* e *enunciados de estado* (1976, p. 58). Naquele momento, embora o estudo dedicado às funções-predicado do *fazer* ainda fosse destaque, Greimas começou a introduzir lentamente a preocupação com os enunciados de estado dentro da teoria semiótica, o que se mostrou como uma abertura para futuras investigações a respeito do universo passional e sensível do discurso, que havia sido completamente excluído em *Sémantique structurale* (GREIMAS, 1966). Nessa fase de elaboração da teoria semiótica, no entanto, o estudo do sujeito ainda estava condicionado a uma gramática narrativa, e sua existência estava fundamentada nos estados juntivos, ou seja, na relação de *conjunção*, *disjunção*, *não-conjunção* e *não-disjunção* estabelecida entre o sujeito e seus objetos-valor³.

¹ “Todo discurso pressupõe, sabe-se, uma situação não linguística de comunicação. Essa situação abrange um certo número de categorias morfológicas, que o explicitam linguisticamente, mas que, ao mesmo tempo, introduzem, na manifestação, um parâmetro e subjetividade não pertinente para a descrição, e que é preciso, por consequência, eliminar do texto [...]. Essas categorias a eliminar são principalmente as seguintes: 1. A categoria de pessoa. [...]. 2. A categoria de tempo. [...]. 3. A categoria da deixis. [...]. Todos os elementos fáticos em geral.” (Tradução nossa).

² Traduzido para o português como parte do livro *Semiótica do discurso científico: da modalidade* (GREIMAS, 1976) e posteriormente publicado por Greimas como parte de *Du sens II* (1983).

³ Greimas define a relação de junção como “[...] a relação que une o sujeito ao objeto, isto é, a função constitutiva dos enunciados de estado. Tomada como eixo semântico, essa categoria desenvolve-se, de acordo com o quadrado semiótico em conjunção, disjunção, não-disjunção e não-conjunção” (GREIMAS; COURTÈS, 1983, p. 249). De acordo ainda com o *Dicionário de Semiótica* (1983, p. 76), pode-se compreender o estado de conjunção como o de “ter alguma coisa”, ou seja, aquele estado em que o sujeito adquire o objeto-valor. A disjunção, por sua vez, caracteriza-se como o estado em que o sujeito “não tem alguma coisa”. É importante não confundi-la com o contraditório não-conjunção, que define o estado de “não ter mais alguma coisa”, em outras palavras, aquele estado em que o sujeito perde o objeto-valor com que estava em conjunção. Por fim, resta o estado de não-disjunção, que, segundo ainda Greimas e Courtès, é caracterizado pelo ato de “conservar alguma coisa”, ou seja, é aquele estado em que a conjunção é mantida e conservada.

A questão é que mesmo com a ebulição de uma possível semiótica do sensível, a existência do sujeito ainda obedecia a modelos por demais inteligíveis, já que tanto os estados juntivos quanto as modalidades são categorias que dizem respeito à organização sintática do enunciado-discurso, como deixam entrever os próprios verbetes do Dicionário de Semiótica concernentes a essas expressões (GREIMAS; COUTÉS, 1983, p.282). Havia, então, um problema, pois, para se atingir o universo afetivo e passional do discurso, essas categorias não bastavam, como afirma Fontanille (2007, p. 184), ao refletir sobre esse entrave teórico:

[...] a teoria das modalidades foi o primeiro passo na direção de uma semiótica das paixões: os efeitos passionais, graças ao componente modal oriundo da narratividade, tornaram-se analisáveis, cada efeito passional podendo ser reduzido, de um ponto de vista narrativo, a uma combinação de modalidades. Portanto, os afetos passionais eram considerados como simples epifenômenos do percurso narrativo dos actantes. Todavia essa abordagem do domínio afetivo permanecia nos limites de uma lógica das transformações, a lógica do discurso-enunciado.

Antes de emergirem as preocupações com as articulações sensíveis do discurso, o que vinha sendo feito em semiótica era um estudo do universo descontínuo⁴, que priorizava os modelos narrativos, tidos, a princípio, como suficientes para sustentar a análise de qualquer objeto significante. Acontece, porém, que com o desenvolvimento da teoria semiótica, surgiram outras inquietações, pois se verificou um vazio no que dizia respeito às categorias contínuas do discurso. A partir de então, o universo sensível passou a ser a grande preocupação dos semioticistas, mas para atingir, de fato, a afetividade do discurso, apenas o estudo das modalidades não era suficiente.

O estudo modal, como se pode constatar por meio da leitura de *Pour une théorie des modalités* (1976), restringe-se basicamente aos elementos descontínuos e inteligíveis que correspondem à estruturação sintática⁵ dos dispositivos presentes especificamente no nível narrativo, tendo como referência os níveis do percurso gerativo do sentido. A grande questão é que os componentes afetivos do discurso não se encontram apenas nas estruturas narrativas, razão pela qual as modalidades não são suficientes para descrever os efeitos de sentido passionais que emanam do texto. O objetivo deste artigo, portanto, é o de refletir sobre os avanços da teoria semiótica, desde seu início, principalmente no que tange aos estudos passionais, e também o de demonstrar de que maneira as reflexões sobre a tensividade e a fenomenologia, aliadas aos estudos das modalidades e das paixões propostos por Greimas, ampliaram gradativamente o alcance de análise dos estudos semióticos, integrando, mesmo que a passos lentos, a semiótica da ação à semiótica das paixões.

2 EM DIREÇÃO DE UMA SEMIÓTICA DO SENSÍVEL

Na tentativa de adentrar o universo sensível, a teoria semiótica foi, aos poucos, se desprendendo das amarras inteligíveis para se abrir ao universo da percepção e da fenomenologia, que se mostrava como um horizonte possível para alcançar os modos de articulação do sensível que emanam do discurso. Quando Greimas escreve *Da imperfeição* (2002), no ano de 1987, a dimensão afetiva do discurso e a sensibilidade do corpo próprio emergem no campo teórico da semiótica, colocando em destaque a necessidade iminente de se discutir os modos de presença nos estudos do discurso. *Da imperfeição* (2002), porém, não tinha como objetivo propor novos modelos de análise, tampouco situar de forma estrutural os novos questionamentos sobre a percepção dentro do panorama teórico da semiótica francesa que vinha até então sendo desenvolvido. As ideias haviam sido apresentadas, mas, para

⁴ A categoria contínuo/descontínuo foi emprestada pela semiótica da linguística, que utilizava tal terminologia para tratar da problemática dos morfemas. Dentro da semiótica, essa categoria pode ser compreendida a partir de duas especificações, que estão presentes no verbe correspondente aos termos contínuo/descontínuo no Dicionário de Semiótica (1983, p. 110) 1) a projeção do descontínuo no contínuo é a primeira condição da inteligibilidade do mundo; 2) toda grandeza é considerada contínua anteriormente à sua articulação, isto é, à identificação das ocorrências-variantes, que permitem constitui-las em classes (as únicas que podem ser consideradas como unidades descontínuas); 3) a oposição contínuo/descontínuo reaparece também sob a forma de uma categoria aspectual, que articula o aspecto durativo: chama-se, então, ao aspecto descontínuo iterativo ou frequentativo. A partir dessas três considerações e também do uso dessas expressões por semioticistas como Greimas, Fontanille e Zilberberg, compreende-se o discurso descontínuo como aquele que se projeta sobre o contínuo, instaurando imperfeições, interrupções, lacunas, enquanto o discurso contínuo é o espaço-tempo livre de empecilhos e interrupções, no qual os sujeitos sensíveis fluem livremente. O discurso descontínuo é, portanto, o discurso inteligível da narratividade (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 15), enquanto o contínuo é aquele que corresponde ao universo sensível em que a semiótica tenta se engajar a partir da década de 80.

⁵ A expressão “sintaxe narrativa” faz parte do jargão da semiótica e é utilizada para descrever a estrutura gramatical das relações entre os actantes do enunciado (sujeito, objeto, destinador, antissujeito) e as operações-transformações (“estados” e “fazeres”) que se efetuam sobre essa base (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 435).

que fossem, de fato, incorporadas à teoria semiótica fundada pelo próprio Greimas, era preciso que elas fossem inseridas ao projeto semiótico da época e organizadas de modo a oferecer um instrumental para a análise do discurso.

Cerca de quatro anos após a escrita de *Da Imperfeição* (2002), Greimas publica, em 1991, em coautoria com Jacques Fontanille, o livro *Semiótica das paixões* (1993), como uma tentativa de tornar as ideias a respeito da percepção e dos modos de presença, apresentadas de forma não sistematizadas em 1987, mais palpáveis dentro do modelo estruturalista em que se situava a semiótica. A semiótica das décadas de 80-90, porém, percebeu-se numa espécie de encruzilhada, pois, ao mesmo tempo em que constatava que os componentes sensíveis do discurso eram tão ou mais importantes que os inteligíveis, ela não havia criado ainda um modelo que permitisse analisar um texto em seus aspectos contínuos, como se pode verificar no excerto de *Semiótica das paixões* (1993) em que Greimas e Fontanille (1993, p. 15) discutem sobre essas questões:

A modalização –ao menos como foi desenvolvida pela semiótica no âmbito das modalidades e da competência – poderia eventualmente dar conta da articulação descontínua da narratividade. Entretanto, a introdução, na teoria semiótica, do conceito de “estado modal”, mas sobretudo um exame mais atento do discurso, dava a imagem de uma “ondulação” contínua, capturável, entre outras, sob a forma de variações de intensidade e de emaranhados de processos, que poderíamos considerar como sua “aspectualização”; em face da segmentação discreta dos estados, os emaranhados de processos e suas variantes de intensidade tornam indecisas as fronteiras entre estados e embaraçam com muita frequência o efeito de descontinuidade. Ora, esse embaraço e essa ondulação não podem se explicar – seria fácil demais – pela complexidade de superfície dos discursos analisados, nem ser apresentados, sem outro exame, como simples “efeitos de sentido”. As considerações sobre a natureza dos estados e, mais particularmente, sobre sua instabilidade, unidas a uma reflexão mais geral sobre o estado do mundo, levam, pois, a interrogar sobre a concepção de conjunto do nível epistemológico profundo da teoria e a perguntar se, para além da percepção cognitiva da significação que a discretiza e a torna “compreensível”, não há lugar para a instauração de um horizonte de tensões mal esboçadas que, embora situando-se num aquém do sentido do “ser”, permitiria dar conta das manifestações “ondulatórias” insólitas reconhecidas no discurso.

Semiótica das paixões (1993) surge, portanto, como uma tentativa de reunir esses novos questionamentos e inquietudes que emergiram na década anterior, principalmente com a publicação de *Da imperfeição* (2002). Logo na introdução, Greimas e Fontanille apontam para a necessidade de preencher o vazio que a semiótica tinha deixado no que dizia respeito aos aspectos sensíveis. O grande problema, no entanto, era que, por mais que se reconhecesse uma necessidade de mudança daquilo que vinha sendo feito, o modelo de análise das paixões proposto por Greimas e Fontanille naquele momento não foi capaz de reverter o quadro teórico de uma semiótica da ação para uma semiótica da paixão. Nesse sentido, *Semiótica das paixões* (1993) foi um retrocesso em relação às propostas que haviam sido apresentadas em *Da imperfeição* (2002), poucos anos antes.

Da imperfeição (2002) abriu o universo da semiótica para o mundo da percepção, mostrando como o corpo próprio situava-se como mediador entre o universo interoceptivo e exteroceptivo do sujeito e como a maior ou menor distância entre esse corpo e as instâncias a ele exteriores provoca as variações tensivas e passionais que emergem dos discurso. O caminho para a formulação de uma semiótica do sensível tinha sido iniciado naquele momento, porém, *Semiótica das paixões* (1993), de certa forma, retrocedeu ao tentar estruturar um modelo para aquilo que tinha antes sido apresentado de forma menos comprometida com as bases epistemológicas da semiótica, pois, por mais que Greimas e Fontanille afirmassem a necessidade de mudanças, o modelo passional canônico que foi ali delineado não conseguiu fugir da problemática das modalidades, que acabaram por restringir a análise passional a um estatuto narrativo muito mais inteligível do que sensível, e os próprios autores identificavam essa dificuldade, como se pode perceber na reflexão que se segue sobre os problemas de se aplicar o esquema das modalidades com objetivo de deprender os componentes contínuos do discurso: “[...] A dificuldade deve-se ao fato de que essas modalidades, tais como conhecemos, o *querer*, o *dever*, o *poder* e o *saber*, são devedoras da categorização racional, ao passo que, de outro ponto de vista, considerando os efeitos de sentido passionais, elas parecem obedecer a outros modos de organização” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 32). De qualquer maneira, não se pode negar a importância desse livro dentro da semiótica, pois ali, mesmo que de forma ainda não aplicável, já estão delineados alguns dos principais conceitos que têm tornado possível, no panorama atual, o estudo dos componentes sensíveis do discurso.

Semiótica das paixões (1993) chamava atenção para a urgência em enfrentar diretamente a problemática das paixões, equilibrando a teoria das modalidades com interrogações sobre a natureza dos estados *dinâmicos e inquietos* do sujeito. Nesse processo, Greimas e Fontanille sugerem dois conceitos como portadores de rendimento excepcional para o estudo mais profundo das instâncias afetivas: o de tensividade e o de foria (1993, p. 17). Propunha-se, assim, que o *ser* do discurso não mais passasse a ser concebido como único de uma combinação de modalidades, mas como fruto do simulacro fórico-tensivo.

Essa relação combinatória dos conceitos de foria e tensividade entre sujeito e objeto permite alcançar o conceito de modos de presença, que, pouco a pouco, foi-se configurando dentro da teoria como o modo de existência das paixões no discurso. *Semiótica das paixões* (1993) ajudou a abrir caminho, com essas proposições, para que a semiótica se voltasse, na década de 90, à percepção e aos modos de presença, concebendo-os como os componentes fundamentais para a elaboração de uma semiótica epistemológica. As pesquisas desenvolvidas nesse período buscaram, assim, estruturar um novo modelo em que o *ser* do sujeito não mais estaria condicionado a ganhar vida por meio das categorias juntivas. A junção, pouco a pouco, foi substituída pelo conceito de modo de presença, que se mostrou muito mais profícuo para atingir os modos de existência passionais do discurso. Em outras palavras, houve, nesse período, uma incandescência da importância dada ao sensível – ligado ao estudo da percepção –, associada a uma diminuição do espaço destinado ao inteligível – ligado, por sua vez, aos aspectos da narratividade.

Se antes a semiótica considerava que a existência do sujeito, bem como a configuração de seus estados de alma, estava fundamentada nos estados juntivos entre sujeito e objeto-valor, ela agora credita a variação de tensão emocional à maior ou menor distância entre o corpo próprio do sujeito e o objeto-valor de seus afetos (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 143), e é por essa razão que a categoria de presença/ausência substitui sem prejuízos a de junção. A diferença entre os dois modelos consiste basicamente no fato de que as categorias de junção, que repousam sobre os conteúdos de posse, permanecem um tanto distantes das questões inerentes à existência, a exemplo da densidade de presença e da tonicidade perceptiva, enquanto os modos de presença, por sua vez, articulam as categorias da intensidade e da extensidade⁶ de modo a associar os avatares da intencionalidade (i.e.: o foco) e as vicissitudes da captura (i.e.: a apreensão), abarcando, assim, toda a espessura da densidade da existência semiótica (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 132-133).

No princípio dos estudos sobre afetividade, a semiótica narrativa da ação identificou diferentes modos de existência do sujeito, de acordo basicamente com a relação de junção estabelecida com seu objeto-valor. Inicialmente, havia três modos de existência aplicáveis dentro da teoria da narratividade: sujeito virtualizado (não-conjunto), sujeito atualizado (disjunto) e sujeito realizado (conjunto). Em *Semiótica das Paixões* (1993), Greimas e Fontanille constata a presença de uma quarta posição que até então não aparecia no inventário dos modos de existência: o sujeito potencializado, que corresponderia, então, ao sujeito em não-disjunção com seu objeto valor (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 54-55). Nesse momento, porém, os modos de existência que serviam de base para a configuração passional dos estados de alma do sujeito ainda eram por demais inteligíveis, pois estavam presos à narratividade, já que eram definidos exclusivamente pelos estados de junção. Sem dúvida, a atenção voltada a esses modelos de existência, mesmo que ainda sob um prisma da semiótica da ação, já era um ganho para a semiótica das paixões, pois, por meio deles, se pôde constatar que algo além das modalidades era necessário para descrever os estados de alma do sujeito:

Essas poucas observações fazem pensar que os sujeitos passionais não podem ser definidos unicamente graças às quatro modalizações geralmente identificadas, em particular no quadro da competência, em vista do fazer. [...] Independentemente das cargas modais definidas em termos de categorias (querer, poder etc.), o sujeito apaixonado é de fato suscetível de ser “modalizado” pelos modos de existência, o que equivale dizer que a junção enquanto tal é uma primeira modalização (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 54).

Alguns anos mais tarde, em *Tensão e significação* (2001), Jacques Fontanille e Claude Zilberberg reveem essa primeira conceituação estabelecida para os modos de existência com base nas categorias narrativas e, influenciados principalmente pelas ideias de Merleau-

⁶A tensividade caracteriza-se por ser o espaço intermediário que se projeta entre as dimensões da intensidade e da extensidade, onde a extensidade é regida pela intensidade e os estados de coisas estão na dependência dos estados de alma. O valor das coisas – que é por natureza afetivo – nasce justamente da associação de uma valência intensiva com uma valência extensiva. Essa junção cria um espaço tensivo de recepção e qualificação das grandezas: o campo de presença.

Ponty, propõem uma reformulação fenomenológica de tal conceito, sem, no entanto, excluir por completo a categoria da junção. Os modos de existência passionais, nesse segundo momento, passam a ser compreendidos como resultantes da apreensão da presença no discurso, que será regida, sobretudo, pela tonicidade (intensidade/extensidade). A combinação de um grau de intensidade com um grau de profundidade determina o grau de presença, e a densidade resultante dessa conjunção dá origem à densidade de presença, conceito que também se mostra importante na elaboração dessa semiótica do sensível (FONTANILLE, 1999, p. 76).

O eu semiótico habita um espaço tensivo, fruto da associação entre intensidade e extensidade, mas, para tornar esse nicho habitável, é necessário ajustar e regular as tensões, e é exatamente nesse ponto que reside o grande esforço dos sujeitos sensíveis (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128). No âmago dessa nova semiótica perceptiva, está a questão do corpo próprio: “[...] le sujet passionnel est un sujet qui parle avec son corps, comme on l’a déjà noté: il sent, il voit, il touche, il entend. Ce corps percevant est à la fois le siège et la source de la scène, sous le mode obligé de la présence” (FONTANILLE, 1999, p. 76)⁷. É justamente a maior ou menor distância entre o corpo e as outras instâncias que permite as variações emocionais e tensivas do discurso.

Pode-se dizer, então, que a redefinição dos modos de existência passionais é resultante de uma perspectiva epistemológica, que vem a substituir aquela perspectiva meramente narrativa que vigorava até então. Assim, a partir da atividade perceptiva, Fontanille e Zilberberg propõem um novo modelo dos modos de existência, fundado sobre as duas modulações extremas de presença, que regulam toda a significação: de um lado, o excesso de presença do mundo natural (o pleno da expressão, plenitude sensível das tensões) e, do outro, o excesso de ausência do mundo interior (o vazio de conteúdos, a ausência de articulações). Oscilando entre os extremos da presença e da ausência, existem também outras modulações, e o sujeito semiótico busca estabelecer um equilíbrio tensivo entre esses diferentes modos de existência – potencialização, virtualização, atualização e realização – organizando o campo perceptivo e condicionando a própria semiose (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 128).

A partir, pois, da reformulação do que já havia sido feito em *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993), Fontanille e Zilberberg fornecem, em *Tensão e Significação* (2001), uma sintaxe canônica, que cruza dois percursos, como no quadrado semiótico:

[...] a inanidade (a potencialização) constitui uma perda de densidade existencial, provocada pela anulação do foco, perda que conduz da presença (realizante) à ausência (virtualizante); inversamente, a perda (atualizante) proporciona um ganho de densidade existencial, devido à intensidade do foco, no caminho que leva da ausência à presença. Assim, os dois percursos podem ser representados, respectivamente, como a saída e a entrada por relação ao domínio perceptivo:

(FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 135)

Colocando essas categorias no formato de um quadrado semiótico e relacionando-as também com as categorias juntas, que foram

⁷ “O sujeito passional é um sujeito que fala com seu corpo, como já foi assinalado: ele vê, ele toca, ele ouve. Esse corpo perceptivo é, ao mesmo tempo, local e origem da cena, condensada obrigatoriamente sob o modo da presença.” (Tradução nossa).

determinantes no princípio da estruturação de uma semiótica tensiva, ficam mais evidentes as reformulações propostas em relação ao modelo elaborado em *Semiótica das paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993):

(ZILBERBERG, 2011, p. 58)

A *Realização* corresponde ao estado de plenitude do sujeito, que concentra uma alta densidade de presença. A *Potencialização*, por sua vez, dilui essa alta densidade e conduz o sujeito ao estado *virtual*, marcado pela ausência. Rapidamente, porém, a ausência é convertida em falta, na atualização, colocando em marcha a possibilidade de obter-se uma nova realização. Os modos de existência, dessa forma, organizam-se de maneira cíclica, sendo a repetição uma busca do sujeito por estabilidade tensiva.

A apreensão da presença dos objetos do mundo pelo sujeito traz, quase unanimemente, valor de novidade e espanto. Trata-se dos breves instantes que compreendem o estado de *realização*. Como, porém, o súbito tem por condição a efemeridade, há uma *potencialização* da presença que rapidamente converte-se em *virtualização*, dando lugar ao hábito (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 125). Essas modulações existenciais, portanto, além de afetarem as instâncias enunciativas (actante, espaço e tempo), determinam também a alternância dos valores que regem a narrativa, alternando, por exemplo, os valores de “novo” e “antigo” e “espanto” e “hábito” conforme a emergência de um ou outro modo de existência.

Apesar de terem sido colocados em relevo os aspectos sensíveis da *presença*, é pertinente fazer um recuo e observar que ela não é uma grandeza puramente sensível. Os modos de presença, na verdade, são tão pertinentes para o estudo da significação, pois correlacionam de forma equilibrada as instâncias do sensível e do inteligível. A própria configuração da tonicidade, que rege a apreensão da presença, fundamenta-se sobre as categorias intensidade/extensidade, que mobilizam de igual maneira o sensível e o inteligível. Além disso, por mais que os novos modelos passionais sejam resultado de uma atividade perceptiva, e não meramente das transformações narrativas, as categorias de junção, que fundamentam a base da semiótica greimasiana, ainda estão em voga quando se fala da percepção, porém, agora não mais regidas pelos valores de posse, mas pelos valores tensivos que sustentam os canais de apreensão da presença pelo sujeito:

Sabemos que toda a semiótica greimasiana é formulada com base na relação juntiva. Do trabalho de Propp à formulação de uma sintaxe narrativa, assim como no estudo dedicado às paixões — envolvendo as predicções de formação de sentido —, a noção de junção está no centro das formulações semióticas. Mesmo uma aproximação mais decidida da teoria com suas bases fenomenológicas não alterou tal fato. Os avanços propostos pelos seguidores de Greimas, pautados pela coerência teórica, mantiveram a primazia da junção, cujo papel estruturador se mantém intacto seja no conceito de campo de presença, introduzido com os estudos sobre a tensividade, seja nas discussões subsequentes sobre o corpo (MANCINI, 2007, p. 15).

O semioticista Eric Landowski, no conjunto de sua obra, assume uma posição crítica em relação ao modelo narrativo que está na base da semiótica greimasiana e também da semiótica tensiva de maneira geral⁸. Segundo o semioticista francês, tanto a semiótica desenvolvida em um primeiro momento por Greimas, quanto a semiótica tensiva que lhe deu prosseguimento, principalmente por

⁸ “Pour mettre au point ces propositions, il nous a fallu procéder à un examen critique de divers aspects de la théorie sémiotique classique et surtout du modèle de la jonction autour duquel elle s’articule, ainsi que de ses prolongements plus récents en termes de “tensivité”, et fixer en contrepartie les contours d’un second régime de sens possible, celui de l’union” (LANDOWSKI, 2004, p. 10).

meio das contribuições teóricas acrescidas por Jacques Fontanille e Claude Zilberberg, têm como elemento constitutivo as categorias de junção, que sustentam toda a construção dos modelos propostos por tais teorias. Eric Landowski, porém, recusa veementemente o princípio da junção, por acreditar que ele esteja fundamentado sobre uma relação de dominação, cuja forma arquetípica sustenta-se basicamente sobre as relações de propriedade, que consiste em programas de apropriação e desapropriação:

La conjonction, en contrepartie, est avant tout une opération de rapprochement spatiale entre les termes de la relation. Mais en même temps, moins en surface, l'acte conjonctif débouche sur l'établissement d'un rapport de domination dont la forme archétypique est celle du rapport de propriété : dès qu'il lui est conjoint, l'objet devient pour le sujet sa chose; il a sur elle tout pouvoir, elle est "à lui", à la fois près de lui et à sa disposition: il la possède. Même si personne ne semble y avoir prêté grande attention, la terminologie métalinguistique l'a toujours dit explicitement: les opérations jonctives sont des "appropriations", des "dépossessions", etc. (LANDOWSKI, 2004, p. 60)⁹

Landowski, então, propõe uma outra vertente para o desenvolvimento semiótico, que ele nomeará sociossemiótica, cuja base não repousa mais sobre os princípios juntivos, tampouco perceptivos, no sentido compreendido pela semiótica tensiva, mas sobre esquemas de interação, sobre os quais o semioticista desenvolve seus modelos passionais e suas proposições de análise. De modo geral, porém, os semioticistas que perseguem as ideias de Greimas, de Fontanille e de Zilberberg, acreditam que, embora se constatem problemas nos modelos narrativos da semiótica, não serão excluídos da teoria, de maneira nenhuma, os princípios juntivos, pois eles creem em um modelo teórico em que tais dispositivos, se concebidos dentro de uma perspectiva fenomenológica, são extremamente profícuos para os estudos da significação, desde que a relação de posse e as transformações narrativas fruto da junção não sejam mais importantes do que a densidade de presença das instâncias exteriores ao corpo próprio do sujeito em seu campo perceptivo, pois é a apreensão perceptiva que alterna os modos de existência do sujeito, equilibrando as tensões passionais do discurso e tornando possível a existência do ser semiótico.

Da Imperfeição (2002) introduz a noção de "corpo" no centro da teoria semiótica. Toda enunciação possui um sujeito por trás, e a instância que funciona como mediadora entre o sujeito e o mundo é o corpo: ele atua como mediador sensível no processo da semiose, momento em que o sentido é produzido. Greimas inspirou-se na fenomenologia de Merleau-Ponty para escrever *Da Imperfeição* (2002). No centro das preocupações de Merleau-Ponty, está a ideia de corpo, apropriada, mais tarde, por Greimas e introduzida no campo teórico da semiótica. Essa noção é importante não apenas por ter sido a partir dela que se desenvolveram pesquisas em torno da perceptividade e dos modos de presença, mas, principalmente, porque, por meio da concepção fenomenológica de corpo, foi possível alcançar respostas que atribuíram sentido à teoria semiótica como um todo, fazendo com que o modelo narrativo proposto por Greimas pudesse, a partir de então, ser concebido em uma perspectiva que tendesse menos à vertente estruturalista inicial e se aproximasse mais da vertente filosófica. Não tão estrutural como ele pretendia ser no início. Tal mudança de perspectiva acaba por mostrar-se muito mais profícua para tratar de uma ciência – a semiótica – que tem como objeto o estudo da significação.

O corpo próprio, de acordo com as definições atribuídas por Merleau-Ponty, principalmente nas obras *Fenomenologia da percepção* (1999) e *Olho e espírito* (1984), funciona como uma categoria responsável por reestabelecer a relação de identidade perdida entre sujeito e objeto. O sujeito está presente no mundo assim como o mundo está presente no sujeito. Sujeito e o objeto aparecerem como dois momentos abstratos de uma estrutura única que é a *presença*. Quando o sujeito percebe o mundo através das movimentações sensíveis do corpo, ele, na verdade, percebe a si mesmo, apenas sob outro ponto de vista e outra perspectiva como mostra Merleau-Ponty (1984, p. 278): "O enigma reside nisso: meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, também pode olhar a si e reconhecer no que está vendo então o 'outro lado' do seu poder vidente. Ele se vê vidente, toca-se tateante, é visível e sensível por si mesmo".

Essa união ideal entre sujeito e objeto, no entanto, é dissolvida no mundo de descontinuidades, em que sensível e inteligível são

⁹ "A conjunção, em contrapartida, é antes de tudo uma operação de aproximação espacial entre os termos da relação. Mas, ao mesmo tempo, ao menos superficialmente, o ato conjuntivo leva ao estabelecimento de uma relação de dominação cuja forma arquetípica é aquela da relação de propriedade: logo que ele lhe é conjunto, o objeto torna-se para o sujeito uma coisa; ele tem sobre ela poder total, ela é dele, está, ao mesmo tempo que perto dele, também à sua disposição: ele a possui. Mesmo se ninguém parece prestar muita atenção nela, a terminologia metalinguística sempre disse explicitamente: as operações juntivas são 'apropriações', 'desapropriações', etc." (Tradução nossa).

apartados: o sujeito sensível é ejetado do mundo e o mundo é ejetado do interior do sujeito. Dessa desunião nasce a falta, mas também, por consequência, o sentido da existência, que passa a ser o de resgatar essa união perdida. O corpo próprio atua, assim, na tentativa de unir, por meio de uma dinâmica sensível, aquilo que foi separado – os universos interoceptivo (sujeito) e exteroceptivo (mundo) – tornando-os novamente inseparáveis em um *continuum* tensivo:

Visível e móvel, meu corpo está no número das coisas, é uma delas; é captado na contextura do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas já se vê e se move, ele mantém as coisas em círculo à volta de si; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas na sua carne, fazem parte da sua definição plena, e o mundo é feito do próprio estofado do corpo. Estes descolamentos, estas antinômias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, de lá onde um visível se põe a ver, torna-se visível por si e pela visão de todas as coisas, de lá onde, qual a água-mãe no cristal, a indivisão do senciente e do sentido persiste (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 279).

Essa separação entre sujeito e objeto é a que acaba por dar origem também à outra separação elementar no universo da descontinuidade onde habita o ser semiótico: aquela entre sensível (estados de alma, com seus semas interoceptivos) e inteligível (estados de coisas, com seus semas exteroceptivos), responsável por provocar as tensões que permeiam a existência dos sujeitos no mundo. Greimas, apoiado na fenomenologia, também já previa essas questões, como demonstra inclusive o próprio subtítulo de seu livro *Semiótica das paixões* (1993): “[...] dos estados de coisas aos estados de alma”, bem como também já prefigurava para elas uma resolução a partir do corpo próprio, que, por meio da atividade perceptiva, é capaz de reestabelecer essa união entre o exteroceptivo (estado de coisas) e o interoceptivo (estados de alma) (TATIT, 2011, p. 33).

3 CONCLUSÃO

É em razão da tentativa de reunir sujeito e objeto, sensível e inteligível, na existência do mesmo ser semiótico que a as categorias de presença advindas da percepção mostram-se muito mais profícuas do que aquelas oferecidas pelas categorias de junção, afinal o *ter* da junção não conduz ao *ser* e aos valores de integridade, enquanto a presença, ao aproximar mais ou menos o sujeito dos objetos, trabalha no sentido de unir esses dois actantes em uma única instância, como aponta Merleau-Ponty (1984, p. 278): “Imerso no visível por seu corpo, embora ele próprio visível, o vidente não se apropria daquilo que vê: só se aproxima dele pelo olhar, abre-se para o mundo”.

Esse sincretismo actancial, essa fusão plena, esse *continuum* ideal alcançado entre sujeito e objeto, no entanto, é dissolvido pela dinâmica descontínua do universo. O corpo uno fragmenta-se, e, dessa bipartição, surgem os desequilíbrios que dão origem às narrativas. A busca do sujeito pela reconquista dessa unidade primordial é que motiva os processos narrativos, que, em sua sintaxe mais elementar, consiste na busca do sujeito por seu objeto-valor. A questão é que os objetos não são exógenos ao sujeito, mas intrínsecos a ele, portanto, fundamentais para reestabelecer a identidade do sujeito como ser semiótico. É por essa razão que Tatit afirma que o *valor dos valores*, buscado em toda e qualquer narrativa, é a integridade:

Esse princípio está na base da compreensão dos conceitos de tensividade e atratividade. A partição do uno, condição para ingressar no plano cognitivo, causa desarmonia no universo do ser, fragmenta o corpo, mas, em compensação, instaura o sentido em nossa vida. E o sentido, aqui, é orientado para a reintegração das partes (sujeito e objeto) que desfazem a noção de ser. É uma direção a seguir em nome do valor dos valores: a integridade. A atração por esse valor desperta no sujeito a tensão que o caracteriza como tal e que nunca mais o abandona, enquanto houver vida. O valor dos valores é tudo que o sujeito precisaria para voltar a ser – plenamente – ele próprio. Quanto aos valores em geral, não são mais que objetos parciais – desencadeadores de programas narrativos auxiliares – que simulam etapas intermediárias de busca e, desse modo, mantêm acesa a chama tensiva do sujeito. Mas o que este de fato deseja é reestabelecer o elo contínuo com o objeto, única forma hipotética de recuperação do ser. (TATIT, 2011, p. 42-43).

Sem a compreensão desse princípio legado pela filosofia epistemológica, a noção de narrativa e dos próprios programas de busca descritos dentro da teoria semiótica perde a significância e torna-se um mero esquema estrutural incapaz de alcançar a essência do

ser semiótico. O sentido nasce, dessa forma, da fragmentação do ser, pois, a partir dela, o sujeito lança-se em direção à integralidade, aproximando-se dos objetos à sua volta na tentativa de estabelecer o *continuum* perdido, como muito bem elucidada Merleau-Ponty (1999, p. 576) em *Fenomenologia da Percepção*:

Sob todas as acepções da palavra sentido, nós reconhecemos a mesma noção fundamental de um ser orientado ou polarizado em direção àquilo que ele não é, e assim sempre somos levados à concepção do sujeito como êxtase e a uma relação de transcendência ativa entre o sujeito e o mundo.

O sentido, assim, emerge da falta e aponta em direção àquilo que já não é mais, que foi perdido, mas que se quer resgatar. O sentido, portanto, é direção, mas uma direção relativa, por estar condicionada ao olhar do sujeito para o mundo: “A expressão ‘o sentido de um córrego’ não quer dizer nada se não suponho um sujeito que olhe de um certo lugar para um outro. No mundo em si, todas as direções assim como todos os movimentos são relativos, o que significa dizer que ali eles não existem” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 575). A noção de direção permanece mesmo nos dicionários das línguas naturais, que, quando trazem acepções da expressão *sentido*, contemplam a perspectiva da direcionalidade, a exemplo de algumas definições trazidas pelo dicionário Houaiss de Língua Portuguesa: 1) cada uma das faces através das quais algo pode ser visto; ângulo, lado, ponto, aspecto. 2) cada uma das duas direções opostas em que algo pode se deslocar; orientação, rumo. 3) aquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação; alvo, fim, propósito. O sujeito só busca uma direção, no entanto, quando falta alguma coisa, quando não há completude; é por isso que, quando há fusão total entre sujeito e objeto, não há necessidade de buscar uma direção, portanto, não há sentido e, conseqüentemente, não há narrativa.

Assim se configura o *guizzo*¹⁰, descrito por Greimas em *Da Imperfeição* (2002), quando a fusão actancial entre sujeito e objeto ocorre de forma tão intensa a ponto de fazer com que esses papéis se percam para dar lugar a um único ser semiótico, *realizado*, que não sente mais a necessidade de lançar-se em direção a narrativas de busca, pois ele já é inteiro, já adquiriu o *valor dos valores*, portanto, não tem mais o que buscar: “A principal característica desse nível é a continuidade plena e, portanto, a ausência de direcionalidade, intencionalidade, causalidade, finalidade etc. Não há solução de continuidade entre o homem e o mundo e, diante de tal harmonia, nem o Sentido faz sentido” (TATIT, 2011, p. 41).

Neste artigo, buscou-se refletir, portanto, sobre o papel da afetividade na teoria semiótica, desde seu início, marcado pelo receio de que os estudos do discurso resvassem pela subjetividade extrínseca ao texto, passando pela gradual introdução de elementos passionais, como a teoria das modalidades, o exame das paixões, até o momento em que a semiótica passa a interessar-se pela fenomenologia, quando começa a enveredar pelas articulações dos modos de presença e pela maneira como os corpos sensíveis nele reagem. Acredita-se que essa visada epistemológica, aliada a todas as discussões que se têm desenvolvido sobre a tensividade, parece ser a chave para que a semiótica alcance, de fato, seu objetivo – o mesmo colocado por Greimas na década de 60 – qual seja, o de mostrar-se como uma teoria eficaz para o estudo da significação.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GREIMAS, A. J. *Sémantique structural*. Paris: Librairie Larousse, 1966.

GREIMAS, A. J. *Semiótica do discurso científico: da modalidade*. Rio de Janeiro: DIFEL – Difusão editorial S.A & SBPL, 1976.

¹⁰ No capítulo *O Guizzo* (2002, p. 31), Greimas discorre sobre um trecho específico de Palomar (1994), de Ítalo Calvino, em que uma das personagens é tomada pelo desejo incontrolável de admirar o seio nu de uma jovem, na praia, em toda sua magnitude. O guizzo seria esse acontecimento fortuito capaz de provocar um ápice estético, em que o sujeito é completamente dominado pelo poder de encantamento do objeto, bem como conduzido a um estado de deslumbramento e impotência diante de uma cena que não pode reter, mas que transformará o curso de sua vida inteira.

- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. A. D. Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Du sens II: essais semiotiques*. Paris: Seuil, 1983.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.
- FONTANILLE, J. *Sémiotique & littérature: essais de méthode*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Trad. Jean Cristus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.
- FONTANILLE, J.; ZIBERBERG, C. *Tensão e significação*. Trad. De Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Benvindas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.
- HJEMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LANDOWSKI, E. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.
- MANCINI, R. C. *Dinamização nos níveis do percurso gerativo: canção e literatura contemporânea*. 2006. 191f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, FFLCH/USP, São Paulo, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “O olho e o espírito”. In: _____. *Textos escolhidos*. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 86-111.
- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. Trad. de Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- TATIT, L. *Musicando a semiótica*. São Paulo: AnnaBlume, 2011.
- ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Recebido em 30/09/2015. Aceito em 21/03/2016.

A MATERNIDADE E A PROSTITUIÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENTREVISTAS COM GAROTAS DE PROGRAMA

LA MATERNIDAD Y LA PROSTITUCIÓN: UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE ENTREVISTAS
CON PROSTITUTAS

MOTHERHOOD AND PROSTITUTION: A DISCURSIVE ANALYSIS OF INTERVIEWS WITH
PROSTITUTES

Mirielly Ferraçã*

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: A partir de entrevistas realizadas com quatro garotas de programa e com base no aporte teórico da Análise de Discurso de orientação francesa, este artigo coloca em discussão um dos argumentos apresentados para justificar a entrada na prostituição: os filhos. No jogo discursivo, as entrevistadas exaltam o lugar materno ocupado, descrevendo o quão boas mães são, tecendo a defesa da escolha que fizeram. Assim, a maternidade é usada como um redirecionamento discursivo, uma tentativa de apagar o lugar da prostituta ocupado, intensificando discursivamente o sacrifício materno realizado. Entretanto, apesar do aparente controle dos sentidos, a contradição, constitutiva da linguagem, se instala e outros sentidos escapam.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituição. Entrevistas. Maternidade. Análise do Discurso. Interdiscurso.

RESUMEN: A partir de entrevistas realizadas con cuatro prostitutas y basándose en el aporte teórico del Análisis de Discurso francés, este artículo pone en discusión uno de los argumentos presentados para justificar la entrada en la prostitución: los hijos. En el juego discursivo, las entrevistadas exaltan el lugar materno que ocupan, describiendo las buenas madres que son, tejiendo la defensa de lo que han elegido. Así, la maternidad es usada como un redireccionamiento discursivo, una tentativa de apagar el lugar de prostituta ocupado por ellas, intensificando discursivamente el sacrificio materno realizado. Sin embargo, pese al aparente control de los sentidos, la contradicción, constitutiva del lenguaje, se instala y otros sentidos escapan.

PALABRAS CLAVE: Prostitución. Entrevistas. Maternidad. Análisis del Discurso. Interdiscurso.

ABSTRACT: From interviews made with four prostitutes, and based on the theoretical framework of the French-oriented discourse analysis, this article discusses one of the arguments presented to justify the decision of starting to work as a prostitute: children. In

* Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com bolsa auxílio CAPES. Mestrado e Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: miriellyferraca@gmail.com.

the discursive game, the women interviewed exalt the occupied maternal place, describing how good they are as mothers, weaving the defense of the option they chose. With that, maternity is used as a speech redirection, a way to erase the prostitute spot, discursively intensifying the sacrifice of motherhood. Although, despite the apparent control of the senses, the contradiction, constitutive of language, installs itself, and other senses escape.

KEYWORDS: Prostitution. Interviews. Motherhood. Discourse Analysis. Inter-discourse.

1 INTRODUÇÃO

A história (re)conta que o comércio sexual existiu em várias sociedades, sob diferentes formas e em diversas épocas. O sexo livre e a sua venda foram aceitos, incentivados, repudiados, proibidos e considerados pecado. Por outro lado, nem sempre o sexo civil, entendido como a relação sexual entre esposa e marido, foi incentivado, nem sempre foi regra social, nem sempre foi diretriz religiosa. O que, de fato, há na história são idas e vindas de uma profusão de discursos que foram ora aceitos, ora negados, ora apagados, ora ressignificados.

Resquícios de outras épocas vêm à tona por meio do interdiscurso e da memória discursiva, delineados a partir da sobredeterminação das condições de produção, que afetam o intradiscurso, convergindo num misto do mesmo e do “diferente”¹. O mesmo é dito de outra forma, já que a “[...] condição de existência dos sujeitos e dos sentidos [...]” é “[...] constituída na relação tensa entre paráfrase e polissemia [...]” (ORLANDI, 2001, p. 37). Pelo retorno da memória e do interdiscurso, é possível perceber na história o movimento discursivo, as idas e vindas de um discurso dito em outro lugar, tendo a repetição, o conflito e a tensão (mas, sobretudo, a paráfrase) como aspecto constitutivo da linguagem. Nesse contexto, conforme afirma Lagazzi, (1988, p. 9, grifos no original) “faz-se necessário, contudo [...] explicitar essa tensão, mostrar que ela é *historicamente determinada* [...]”.

Neste trabalho, garotas de programa são as protagonistas da pesquisa. A partir de suas histórias, analisa-se que efeitos de sentido ecoam sobre a milenar venda do corpo e se seus enunciados reforçam os dizeres cristalizados sobre essa prática. São histórias de mulheres que encontram na venda de sexo um jeito (fácil ou não) de ganhar dinheiro. Cada uma das entrevistadas narra peculiaridades de suas histórias, mas, de uma forma ou de outra, os caminhos das quatro acabam se cruzando no entrelaçar de uma memória que se repete. Nos depoimentos colhidos, nota-se a materialização da repetição de um discurso que precede aos sujeitos, que, entretanto, por si só não definem inteiramente seus dizeres, dado que o sujeito é histórico e imprime sentidos a partir das suas condições de produção. Há, portanto, nessa confluência de sentidos, vozes já ditas que se misturam com o aqui e o agora, o interdiscurso no intradiscurso, e este naquele.

Na conversa realizada, as entrevistadas apontam os caminhos que as levaram a prostituição, como o divórcio, o sustento dos filhos, a falta de dinheiro, a falta de emprego, a influência de amigas e o próprio destino. Mas, especificamente, neste artigo, o foco estará nas Sequências Discursivas (SDs) que revelam os filhos como impulsionadores para a entrada das garotas para o meretrício. Os filhos, como se verá, são o motivo para elas estarem ali, na boate, vendendo sexo por dinheiro; eles são apresentados como os “culpados” pela “escolha” (ou falta dela) que fizeram. Discursivamente, as justificativas colocam em movimento o lugar materno, aquele em que se sacrificar pelos filhos (seja qual sacrifício for) redime-as perante o lugar ocupado na prostituição. Em contrapartida, como se verá no decorrer do trabalho, no embate e na contradição discursiva o mesmo discurso redentor falha e sobrepõe-se ao lugar da prostituta, ecoando os sentidos morais cristalizados em torno da prática.

2 PORTO DAS SEREIAS: METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO

O fio condutor para o desenvolvimento desta pesquisa é a Análise do Discurso francesa, pressuposto teórico que movimenta análises discursivas por meio do enlace da Linguística, da Psicanálise e do Materialismo Histórico. É a partir da e na linguagem que o sujeito se constitui, dentro de um contínuo processo ideológico e, assim, é por meio da materialidade linguística que é possível observar o

¹ O diferente utilizando aqui se refere à ressignificação e não ao novo, dado que os sentidos se movem, mas não nascem completamente outros.

funcionamento da língua, indissociada da história e da ideologia: “A linguagem configura as pistas para que possamos chegar um pouco mais perto do sujeito, e a Análise do Discurso possibilita que o conhecimento constitua-se além do ‘achar’ de cada pesquisador e fora de qualquer modelo pré-concebido” (LAGAZZI, 1988, p. 51).

Como já mencionado, este artigo parte de sequências discursivas selecionadas a partir de entrevistas realizadas com garotas de programa. Ressalta-se que este trabalho foi aceito pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)², da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, e está inscrito na Plataforma Brasil, base nacional unificada de pesquisa com seres humanos.

As entrevistas foram realizadas em 2012, em uma boate da cidade de Cascavel-Paraná. O local foi selecionado por meio de uma amostragem não probabilística por acessibilidade, já que se trata de um trabalho qualitativo. Foram quatro entrevistadas e duas visitas à casa, sendo uma entrevista feita no primeiro dia e outras três no segundo. Optou-se por uma entrevista semi-estruturada, método que permite explorar informações não previstas durante a elaboração das perguntas; para a coleta de dados utilizou-se um gravador. Durante a transcrição das entrevistas, procurou-se evitar correções ortográficas, gramaticais ou inserção livre de complementos, buscando aproximar-se da forma como a entrevista oral ocorreu, com suas pausas, repetições e reticências.

Apesar de haver pouco envolvimento do pesquisador na transcrição dos dados, vale ressaltar que uma pesquisa de campo, principalmente a que utiliza entrevistas, conta com a interferência do pesquisador durante o processo de definição e seleção e, principalmente, durante a coleta, já que o sujeito-pesquisador não escapa aos olhos dos entrevistados. É impossível apagar o lugar que o entrevistador ocupa durante a entrevista e a imagem que se tem do papel que ele exerce; entretanto tais interferências fazem parte da pesquisa, não sendo este um problema metodológico. Como defende Flick (2009), o pesquisador passa a ser parte da constituição dos sentidos que se obterá com o trabalho:

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. **A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa.** As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2009, p. 25, grifos meus).

Considera-se, também, que as entrevistadas realizam durante o processo discursivo uma série de projeções imaginárias de si mesmas, enquanto sujeitos discursivos, assim como do pesquisador. Tais jogos imaginários são imprescindíveis para a constituição do discurso, pois, em um movimento contínuo, como em um jogo de espelhos, ocorrerá entre interlocutores uma sucessão de imagens: “[...] aquele que obedece faz uma imagem de si mesmo, do lugar que ocupa na relação com o outro, desse outro que exerce o poder, do lugar ocupado por este, e assim sucessivamente [...]” (LAGAZZI, 1988, p. 38-39). Nesse sentido, o interlocutor realizará as mesmas projeções imaginárias. Diante de tais relações, o sujeito acredita poder obter o controle de seu discurso, achando-se dono de si:

Segundo o mecanismo da antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que as suas palavras produzem. **Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir no seu ouvinte** (ORLANDI, 2001, p. 39, grifos meus).

Porém, sabe-se que o sujeito não domina seu dizer. Ele pode, eventualmente, realizar substituições a fim de usar a língua a seu favor, mas não consegue permanecer no controle o tempo todo e nem mesmo controlar os efeitos de sentido que seu enunciado pode suscitar. As entrevistadas não realizam essas projeções e nem mesmo buscam obter o controle de seus discursos somente diante do pesquisador e, exclusivamente, quando exercem o papel de objetos de pesquisa, mas realizam esse jogo de imagens diante de

² Processo: CAAEE 03230912.8.0000.0107

qualquer outra situação discursiva e diante de qualquer outro sujeito (dependendo das condições de produção e de quem é o interlocutor, poderá haver uma tentativa maior ou menor de controle, mas as relações imaginárias ocorrerão de um jeito ou de outro, pois o mecanismo imaginário é parte constitutiva do processo enunciativo). Dessa forma, encobrimentos e tentativas de esconder certos efeitos podem ser realizados em quaisquer outras condições de produção, de forma mais ou menos consciente.

Salienta-se que as entrevistadas não serão identificadas com seus verdadeiros nomes, e nem mesmo será divulgado o nome real da boate em que estavam, respeitando o anonimato das fontes e os preceitos éticos estabelecidos pelo CEP. Os nomes das garotas de programa utilizados neste trabalho foram sugeridos por elas mesmas e a boate será chamada *Porto das Sereias*³, nome fictício, criado para substituir o nome original.

Distante do perímetro urbano, mas propositalmente bem localizado para quem entra e sai da cidade e intencionalmente bem localizado para quem deseja sexo clandestino, localiza-se o *Porto das Sereias*, boate que iniciou suas atividades em 1983 e permanece até hoje no mesmo endereço, às margens de Cascavel-PR. Investir no empreendimento na época, segundo um dos sócios, era receber retorno monetário mais rápido. Dinheiro fácil não se restringe, portanto, somente às garotas que vendem sexo, mas também a quem está nos bastidores e se vale delas. Depois de 1989, começou a oscilação no movimento da casa. Hoje, a circulação de clientes e garotas aumenta quando há grandes eventos na cidade. O período de *safra*, segundo o proprietário, é quando acontece o Show Rural, principal evento de agronegócio de Cascavel e região, que recebe quase 200 mil visitantes. Nessa época, a casa fica cheia: cerca de 40 meninas passam a viver no *Porto das Sereias*. Antigamente, a casa funcionava de segunda a sábado, pois não havia tantas opções na cidade para sair à noite. Hoje, a casa abre de segunda a sexta e aos sábados esporadicamente, quando há *swing*⁴.

Mônica, Ana Paula, Carol e Duda. Quatro entrevistadas são as protagonistas desta pesquisa e o enredo é construído por elas, pelas formações discursivas e ideológicas que as determinam e pelas condições de produção em que a história foi escrita. Quatro diferentes histórias que, de certa forma, se encontram. Apesar de cada uma passar por situações diversas até se tornarem garotas de programa, de possuírem ex-relações conjugais distintas, de terem relações familiares diferentes, os laços de suas vidas se cruzam em nós comuns, constituem os pontos de encontro de histórias que se repetem sobre a venda do corpo.

3 OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS: FILHOS, O BEM MAIOR

Movidas pela injunção do interdiscurso, da memória, das formações discursivas das quais compartilham, pelos dizeres perpetuados sobre a prostituição e por todo o estigma que há sobre a venda do corpo, percebe-se, ao analisar a materialidade linguística selecionada, que as garotas de programa precisam justificar por que fazem o que fazem, imputando a responsabilidade ao outro. As entrevistadas usam os filhos, a separação e a falta de emprego para se desculparem e amenizar o estigma que recai sobre a prática exercida. Neste artigo, selecionaram-se somente recortes discursivos que afirmam ser os filhos a razão de estarem na noite.

As garotas entrevistadas apresentam várias justificativas com a intenção, seja ela consciente ou não, de se defenderem das acusações (nem tão) implícitas que existem socialmente contra elas. Em toda a entrevista, há uma matriz de sentido organizadora que pode ser reunida sob a tutela de: “faço algo errado e devo me justificar e apresentar boas razões para estar fazendo o que faço, senão posso ser julgada de forma equivocada” (ou algo semelhante). São apresentadas boas razões (mas não boas o suficiente, já que não rompem com o imaginário reinante) que buscam explicar o porquê de elas terem feito a escolha que fizeram, visando a convencer o interlocutor de que, apesar de se prostituir ser considerado *errado*, como elas mesmas afirmam, ainda assim é justificável. A culpa está sempre no outro, seja ele um motivo mais ou menos nobre: nunca elas mesmas são as culpadas. Como se vê, elas se submetem, sem falhas, à condição de ter que justificar o injustificável: tentativa vã de se tornar aceitável perante aos valores morais perpetuados.

³ Relaciona-se porto com o lugar de passagem de homens e mulheres que buscam sexo e local igualmente de passagem para as sereias que desembarcam para vender sexo. Formada por uma imagem híbrida, a sereia é, em sua completude, a soma da incompletude das partes de que é feita: metade mulher, metade peixe. Assim é a prostituta, dividida entre mulher idealizada e garota de programa (re)negada, em que cada metade experiencia um lugar diferenciado, mas cada lugar não pode ser ocupado em sua plenitude.

⁴ “Prática sexual conjunta de dois ou mais casais” (HOUAISS, 2004).

Para *defesa*, elas mostram que ocupam outros lugares na trama social e se apoiam neles como mudança de foco discursivo. Segundo Pêcheux (1997), os protagonistas do discurso não são indivíduos; eles passam pelo crivo da injunção que impõe a forma de vida de lugares estabelecidos na trama social. Com essas imagens, tem-se a projeção de posições pré-determinadas, podendo o sujeito ocupar uma ou mais e, ainda, transitar entre tais posições, ora usando o discurso de uma formação discursiva, ora inserindo-se em outra, mas sempre sofrendo as suas injunções. No caso em estudo, percebe-se que as formações discursivas não são fechadas: são permeadas por outros discursos, num constante embate e absorção de sentidos. As entrevistadas confirmam ser profissionais do sexo, mas, por tratar-se de uma atividade condenada, apoiam-se em outros papéis⁵, buscando justificar suas escolhas. As entrevistadas são x (garotas de programa), mas porque são, antes de tudo, y: **mães**. Segundo Roberts (1998), a maternidade é um dos principais motivos que impulsiona a entrada para a prostituição:

As prostitutas não pensam apenas nelas próprias quando trabalham na indústria do sexo – a maioria delas também é mãe. **Ganhar dinheiro suficiente para criar os filhos independentemente dos homens** é um tema que surge continuamente nas motivações das prostitutas (ROBERTS, 1998, p. 384, grifos meus).

Dessa forma, considerando que antes de elas serem x (garotas de programa), elas afirmam que são y (mãe, ou...), percebe-se que as entrevistadas preferem mostrar, realçar ou ressaltar o papel materno que desempenham e que o sustento dos filhos justifica a atividade que exercem, buscando, por meio do deslize discursivo, uma forma de justificarem porque são x (garotas de programa).

(SD 03) Minha filha tem 14 anos, né? E meu filho tem 12. E... é **o meu foco**, na verdade, né? **Meu e de todas daqui**. Assim, **trabalho assim nessa vida pra dar o melhor pros meus filhos** (Duda – grifos meus).

Considerando a SD 03, os filhos são o *foco* das entrevistadas: de *todas*. Elas trabalham *na vida* para darem *o melhor* para os filhos. Mas, afinal, que mãe não busca dar o melhor para os filhos? O discurso materno passa não só a ser usado como justificativa, mas também tem a meta de comover o interlocutor e de redirecionar o foco discursivo. Apaga-se o fato de que elas também se beneficiariam com a prostituição, pois, na SD 03, é afirmado que o melhor é somente e exclusivamente direcionado aos filhos. Silencia-se que elas se prostituem para e por elas, e não só pelos filhos. Além disso, pode-se afirmar que o uso do pronome possessivo *meu* e *minha*, de certa maneira, aponta para uma contradição entre elas afirmarem que se prostituem pelos filhos, pois, ao mesmo tempo, estão ali a serviço de si mesmas (talvez até por terem prazer ao realizar a atividade, visto ser a prostituição o lugar da manifestação do desejo, ainda que se negue tal prazer). Tal qual ato falho, os pronomes revelam a serviço de quem estão ali: *meus*, *minhas*, isto é, elas mesmas.

Além disso, também pode ser que exista a satisfação de serem a si próprias como pessoas que se encaixam, ainda que em partes, na imagem idealizada da mãe, da progenitora que, em tese, doar-se-ia para a sua descendência, quando, de fato, o estar pelos filhos seria estar por si próprias, uma vez que eles seriam a continuidade de si.

O discurso materno que vê nos filhos o bem maior passa a ser uma das justificativas utilizadas para isentá-las da culpa da venda do sexo, já que esta atividade é realizada como *sacrifício*, em prol do outro. De certo modo, doa-se a vida pelo outro, o que as assemelha a Cristo, que aceitou a crucificação pelo próximo, colocando-as ao lado do divino (e por deslize semântico, do certo, do bom, do aceitável). Doar-se pelo outro parece ter como objetivo isentá-las ou redimi-las do julgamento social e ser mãe lhes fornece o respaldo necessário para tal tento. Vale salientar que há uma contradição entre serem garotas de programa e mães que fazem *tudo* pelos filhos, pois se eles são o motivo para que elas ingressem na prostituição, se são eles que as *empurram* para a venda de sexo, por meio dessa lógica, eles deixam de ser o bem maior para se tornarem o *mal*, já que socialmente vender o corpo é considerado errado, ruim, mal (ou ainda pecado).

Ainda na SD 03, quando Duda afirma que deseja dar o melhor para os filhos, pode-se associar o termo a melhores condições financeiras, pois o melhor, na maioria das vezes, relaciona-se com o mais caro financeiramente: melhores escolas, roupas, calçados etc. Na formação capitalista, dar essas condições aos filhos só seria possível com um trabalho que oferecesse uma remuneração mais

⁵ O termo papéis é usado neste trabalho não no sentido de representação, mas como forma de dizer que elas se apoiam em outros lugares, outras posições.

elevada, sendo a prostituição um caminho mais curto para se alcançar isso. O discurso reinante reafirma que boas mães (e bons pais) devem oferecer o melhor e nunca o pior aos filhos, e, assim, a qualidade de boa mãe se faz presente novamente no discurso de Duda. Para proporcionar esse melhor (associado a melhores condições financeiras), no caso de Duda, só é possível trabalhando com a venda de sexo.

Elas transitam em duas formações discursivas diversas: ser mãe, dentro do modelo sagrado de amor eterno, dedicação e abdicação, e ser prostituta, a nefasta que vende sexo por dinheiro, contrapondo-se ao modelo idílico familiar. Note-se que, no caso das entrevistadas, a primeira formação discursiva prepondera sobre a segunda. Elas circulam entre as duas Formações Discursivas (FD), mas para justificar o erro utilizam como respaldo a formação materna, idealizada e defendida socialmente, como contextualiza Giddens (1995, p. 53, grifos meus):

A idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade, e sem dúvida alimentou diretamente alguns dos valores propagados sobre o amor romântico. A imagem da ‘esposa mãe’ reforçou um modelo de ‘dois sexos’ das atividades e dos sentimentos.

O amor materno consolida o amor romântico e a idealização do formato burguês de família, em que se tem na mulher a responsável pelo funcionamento do lar, é ela quem cuida dos filhos, da casa e do marido. As quatro entrevistadas são divorciadas e todas detêm a guarda dos filhos, com exceção de Duda, que entregou as crianças ao marido:

(SD 04) Então quando eu vi que, assim, **eu tava sozinha mesmo, meus filhos pediam as coisas [...]. Então, o que aconteceu, aí quando eu vi, assim, que eu não queria deixar meus filhos com pessoas, entrei em um acordo com meu ex-marido pra ele cuidar deles pra mim, enquanto eu faço o meu trabalho, que pra ele eu... eu trabalho com a minha família, que na verdade eu até trabalho mesmo. Eu saio por aqui, mas faço as vendas dos meus negócios também**, pra dá uma renda a mais (Duda – grifos meus).

A separação e abandono do marido somados à falta de condição financeira de sustentar as crianças e ao medo de deixar os filhos com outras pessoas fizeram com que ela entregasse as crianças ao ex-marido. Poderia ser pensado que, como uma mãe exemplar que diz ser, Duda não poderia deixar os filhos passarem necessidade e, por isso, mesmo longe das crianças, ela optou por entregar a guarda ao ex-marido, evidenciando o quão preocupada e zelosa ela é. Duda busca a comprovação de que é uma mãe dedicada quando diz na SD 03 que está na prostituição pelos filhos, que são o seu *foco*, e que busca o melhor para eles, exclusivamente. Ela, assim, se apresenta como uma mãe digna, que se encaixa no que é estabelecido socialmente para o papel materno. Para o ex-marido, amigos e alguns familiares, Duda trabalha com a família e cuida de outros negócios; é esse outro olhar que ela também tenta repassar ao interlocutor no momento da entrevista quando diz “que na verdade eu até trabalho mesmo. Eu saio por aqui, mas faço as vendas dos meus negócios também”. Ela até pode ser x (garota de programa), mas também é y (trabalha com a família, possui outros negócios) e é atrás desse y que ela se esconde socialmente, perante os filhos, ex-marido e demais conhecidos. Mais uma vez, percebe-se que se as justificativas a redimissem, ela não precisaria usar y para negar ou esconder sua condição de x.

Hoje é comum ver casos de pais que, sozinhos ou com outra esposa, são responsáveis pela guarda dos menores. Entretanto, há uma memória que diz ser mais *conveniente* que a mulher cuide das crianças, que o lar é o seu lugar e que ela é destinada ao casamento e ao cuidado doméstico. O que se quer dizer é que essa memória age no sentido de impor que essas mulheres (como as outras) sejam as responsáveis pela educação das crianças; e pelo seu sustento na ausência do pai. Como mães exemplares que assumem a responsabilidade de cuidar dos filhos, o que lhes foi imputado socialmente, elas precisam criá-los de uma forma ou de outra.

Alguns sentidos perpetuam e ratificam essa memória. Segundo o Código Civil de 1916, utilizado até 2001 em paralelo com a Constituição de 1988, quando o casal realiza o divórcio, a guarda é prioritária ao cônjuge inocente, Art. 326: “Sendo desquite judicial, ficarão os filhos menores com o cônjuge inocente.” (Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962) (BRASIL, 1916). Segundo o Artigo 326, § 1º, “Se ambos os cônjuges forem culpados ficarão em poder da mãe os filhos menores, salvo se o juiz verificar que de tal solução possa advir prejuízo de ordem moral para eles.” (Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962) (BRASIL, 1916). À mãe é destinada a responsabilidade sobre os filhos. Como se percebe, as leis são a formalidade legal de discursos socialmente aceitos e praticados;

sendo assim, o papel da mãe como a guardiã dos filhos é, no imaginário social, algo fortemente marcado e essa memória é ratificada por instituições que mantêm esses valores, como a religiosa, a familiar e a jurídica.

Já o novo Código Civil de 2002, artigo 1.583, diz que “A guarda será unilateral ou compartilhada” (Redação dada pela Lei nº 11.698, de 2008) (BRASIL, 2002), substituindo os artigos anteriores. A lei pode mudar, mas não instaura práticas e discursos, ela não rompe com a eficácia material do imaginário (PÊCHEUX, 1997). E, por isso, mesmo com as alterações, ainda assim o imaginário relativo ao papel materno e ao cuidado dos filhos vigora; desse modo, elas se julgam culpadas pelo que fazem, por contrariarem o discurso delineado para a mãe, mas também se apoiam nesse mesmo discurso materno e protetor para se justificarem.

Mesmo com a mudança legal recente, ainda há uma memória substancial do papel destinado à mulher e à imagem de mãe ideal, como aquela que deve ser a responsável pelo bem-estar dos filhos, com tudo o que pode advir como consequência. Considera-se que, assim como o discurso jurídico, há outros que contribuem para tornar alguns efeitos de sentido evidentes, como o patriarcal que atribui à mulher a condição de esposa que deveria dar a vida em prol do bem familiar, dedicando sua vida aos filhos e ao marido:

Ela deveria fazer o trabalho de base de todo o edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristamente a prole, ensinar-lhes as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido (PRIORE, 1995, p. 38, grifos meus).

Afetadas pelo interdiscurso, elas se *apropriam* do que é dito sobre ser mãe e *utilizam* essa memória (claro, no jogo entre consciente e inconsciente) para justificar o trabalho escolhido. Interpeladas pela memória que lhes atribui o dever de cuidar dos filhos, as SDs revelam que elas buscam cumprir seu *dever* e não fogem da responsabilidade a elas imputada, nem que para isso precisem trilhar caminhos *tortuosos*: elas escrevem o futuro dos filhos da maneira *certa*. O fato de que elas poderiam ter escolhido outros caminhos, outras formas de *ganhar a vida* para sustentar os filhos, que não fosse por meio de programas, não é tematizado por elas e, quando é, é para ser negado, seja porque não há oportunidade ou não há vagas ou mesmo porque o salário oferecido no mercado é inferior, como elas mesmas afirmam.

Ao se valer da posição de mãe como justificativa para o que fazem, um conjunto de pré-construídos retorna: ser mãe é um dom divino, é sacrifício, privação, dedicação e amor incondicional; “ser mãe é padecer no paraíso” como repetido pelo senso comum. A tarefa árdua e, ao mesmo tempo, sublime de se sacrificar pelos filhos redime as prostitutas de seus atos, pois elas fazem o que fazem em prol de um bem maior e *natural*. Ou seja, ser mãe é sacrificar-se; é esse pré-construído que as torna mulheres *santas* e não *profanas* e as coloca sob o posicionamento do discurso cristão sobre a mulher, representada por Maria: “Na visão da sociedade misógina, a maternidade teria de ser o ápice da vida da mulher. Doravante, ela se afastava de Eva e aproximava-se de Maria, a mulher que pariu virgem o salvador do mundo” (PRIORE, 2006, p. 52). É o amor puro que as motiva a fazer o possível e o impossível pelos filhos, inclusive se prostituir.

Porém, não basta apenas ser mãe e se sacrificar pelos filhos; para as garotas, é necessário também afirmar que são boas mães e que, apesar de contrariar o modelo idealizado familiar, por ser o oposto da esposa prevista pelo imaginário social, encaixam-se no modelo familiar e se colocam nessa posição de acordo com o previsto, seguindo o que pode e deve ser dito, desempenhando o papel de mãe zelosa, dedicada e responsável, ainda que encontrem uma maneira diferente de fazê-lo.

Sabe-se que é recorrente na sociedade pensar na prostituta-mãe como um ser incapaz de cuidar dos filhos, como descreve Roberts (1998, p. 85): “As leis são usadas contra as prostitutas – considerando-as mães inadequadas e colocando seus filhos em instituições públicas – com a maior insensibilidade”. Movidas por fatos dessa natureza, sem que, aparentemente, tenham consciência disso, elas se *defendem*, afirmando que são boas mães:

(SD 05) Então, eles são alguma coisa pra pode alegrar nós por dentro, **pior nós seria se nós tivesse abandonado nossos filhos, tivesse jogado na rua**, alguma coisa assim. Não. Nós **tamo aqui por eles. Por eles que nós tamo aqui. Então, ninguém tem que falar nada**. Só que é feio minha filha sabê, minha filha com 12 anos que eu tô na zona (Carol – grifos meus).

Ser mãe é desempenhar o papel delimitado pela formação discursiva pertencente, por isso é necessário se enquadrar no modelo de boa mãe. Na SD 05, a entrevistada diz que não *abandonou* os filhos e nem mesmo os jogou na rua, ela assumiu a responsabilidade que ser mãe exige, tanto que está ali no *Porto das Sereias* por eles. Mas não se pode esquecer que elas estão ali quando poderiam estar em outro lugar: “doméstica, diarista, babá, trabalhei de frentista de posto, garçonete, é..., nossa, isso, mais um monte de coisa, cozinheira...” (Ana Paula); no entanto, elas escolheram a prostituição.

Discursos paralelos e recentes, mas pautados num imaginário persistente que perdura pelos séculos, contribuem para a construção do discurso materno e da sua responsabilidade para com os filhos. Segundo o artigo 22 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “[...]aos pais incumbe o dever de sustento, guarda e educação dos filhos menores, cabendo-lhes ainda, no interesse destes, a obrigação de cumprir e fazer cumprir as determinações judiciais” (BRASIL, 1990). A SD 05 desconhece e silencia a instituição jurídica desse dever judicial e desse sujeito universal do direito de os pais serem responsáveis pela guarda e cuidado dos filhos menores e ratifica a posição da boa mãe como zelosa e dedicada, tanto que, para atendê-la, ela *até* se prostitui. Nesse sentido, para a FD dominante, mães que não desempenham a contento seus papéis são comumente chamadas de *desnaturadas*, ou seja, o que não é natural e isto produz o efeito, por outro lado, de que ser mãe (assim como lhe é dada uma suposta essência) é natural e uma condição advinda de uma constituição meramente biológica.

Chama-se a atenção para o fato de que o homem pouco (ou quase nada) é mencionado. O cliente, o (ex)marido, o pai, o dono do bordel são silenciados não só pela sua ausência no discurso (até porque em alguns momentos os ex-maridos ou o dono do bordel são citados), mas, nesse caso, se trata de um apagamento político-ideológico. Ao contrário do que se pensa, o silêncio não é a caracterização do vazio, ou, por extensão, do sem-sentido. O silêncio é indício de uma totalidade significativa. O que “[...] nos leva à compreensão do vazio da linguagem como um horizonte e não como falta [...] mais se diz, mais o silêncio se instala, mais os sentidos se tornam possíveis e mais se tem ainda a dizer” (ORLANDI, 2002, p. 71). Em outras palavras, o silêncio é mais do que a ausência do som; o silêncio é, por vezes, o mascaramento, o não dito, o que fica às escuras; são os dizeres que são calados e omitidos. Para a sociedade, ainda, estão erradas essas mulheres que vendem sexo, e não os clientes⁶ que compram. Os clientes não precisam se justificar em relação às razões de estarem ali ou por que traem suas esposas. Não é necessário dar desculpas para algo encarado como natural, já que os instintos sexuais aflorados dos homens são aceitos, incentivados e considerados normais. Nota-se que o mesmo não ocorre para a mulher, visto que ela que não poderia expor seu desejo sexual da mesma maneira sem que fosse condenada por isso.

Quando se fala sobre a responsabilidade pela criação dos filhos, o lugar paterno pouco aparece, ele é praticamente apagado da entrevista, esse silenciamento está justamente relacionado à memória que se tem sobre a criação dos filhos, sobre quem deve estar à frente disso. Parece ainda existir na memória discursiva a perpetuação do óbvio dever feminino de ser a responsável pelos filhos, dever que parece ser diferente para o homem, pois a ele caberia primordialmente a responsabilidade pelo sustento do lar. Ainda que hoje muitos homens estejam à frente da criação ou eduquem seus filhos sozinhos, uma memória anterior sobre o dever da mulher se perpetua. Tanto que na SD 05, Carol afirma estar orgulhosa de ser efetivamente uma *boa* mãe e de não abandonar os filhos. Por oposição, pode-se pensar, então, que o pai *os abandonou, os jogou na rua*, pois apenas ela assumiu a responsabilidade de criá-los. Se elas estão vendendo o corpo pelos filhos, em prol de um bem maior, o mesmo não ocorre com a figura paterna. Diferentemente da mãe, função em que seria considerado *normal* sacrificar-se pelos filhos, um pai não se prostituiria pelas crianças, pelo menos não há uma memória social sobre tal prática, não é uma prática reconhecida como recorrente (no caso do homem, poderia ser pensado em práticas criminosas, que de certo modo não ferissem sua *honra de macho* e, em certos casos, que ressaltassem sua suposta *esperteza* para *driblar* a lei e a moral). À mãe é destinada a responsabilidade (possível e impossível) de criar as crianças. No ECA, como mostrado anteriormente, a responsabilidade pelo cuidado e bem-estar das crianças menores é dever dos pais e não só da mãe ou só do pai, mas parece ser da mulher o encargo de criar e zelar pelos filhos, tanto que pouco se fala sobre a responsabilidade do homem.

⁶ Ainda que homens se prostituam, ainda que mulheres procurem pelos serviços de quem vende sexo, o imaginário que se tem sobre a prostituição é de uma clientela masculina, por isso toma-se como sinônimo de clientes, homens. É, de fato, uma evidência que precisa ser pensada e discutida.

Por outro lado, a imagem da boa mãe sempre será enfatizada no discurso das entrevistadas: Carol reforça ser tão zelosa e dedicada com a educação das filhas que, inclusive, mesmo sendo prostituta (e talvez por sê-lo, vendo nisso uma forma de compensar a situação), demonstra uma presteza relacionada ao cuidado com as filhas que é superior à de quem é casado:

(SD 06) Meu Deus, **a educação que as minhas filhas têm**, acho que... filho de pessoas que são casadas, não conseguem dar **a educação, tanto o dela também, a educação, a disciplina, tudo pros nossos filhos** (Carol – grifos meus).

Na mescla de vozes que se ouve no enunciado, percebe-se, na SD 06, que a imagem que se tem é a da família canônica, em que pai e mãe participam da educação dos filhos; por ser uma estrutura familiar ideal, somente esse modelo poderia ter êxito na educação das crianças. Mas, para Carol e Ana Paula, mesmo que elas vivam em contradição em relação ao modelo familiar vigente, elas seriam ainda melhores, ressaltando a imagem e enaltecendo o fato de serem boas mães. Além disso, outro discurso cristalizado ecoa na SD 06: o fato de serem mães solteiras e mesmo assim conseguirem proporcionar uma boa educação, melhor, inclusive que a educação que pessoas casadas poderiam ofertar. Defendem-se do estigma que recai sobre as mães solteiras, tidas, socialmente, como incapazes (financeiramente, emocionalmente) de criarem os filhos assim como o faria o casal (abençoado pelas leis divinas e sociais, o ideal a ser seguido).

Vende-se sexo pelos filhos, mas, apesar da magnitude que isso possa ter e da benevolência com que a atividade aparece descrita, a prática é destinada às sombras, já que protegê-los acarreta também esconder que são *filhos da puta*. Não há como fugir do estigma moralizante: elas são a *puta que pariu* e eles os *filhos da puta*:

(SD 07) É, tipo assim, **eu não acho certo fazer isso na minha cidade**, pras pessoas não ficarem me apontando, né? Que eu tô na noite, que eu sou isso, que eu sou aquilo. E **mais pra preservar meus filhos também...** (Mônica – grifos meus).

Se vender sexo pelos filhos é um ato nobre e se elas se consideram tão boas mães como afirmam, apesar de estarem na contramão do ideal (burguês, ocidental, católico) para a mulher (ser esposa, fiel e monogâmica), por que a prática é restrita à escuridão e o seu anonimato é tão essencial como elas mesmas demonstram ser? O paradoxo está no fato de que as desculpas não as absolvem perante a moral cristã, burguesa, ocidental, são apenas tentativas vãs de justificar o que fazem, tanto para com elas mesmas como para com o outro. Entretanto, apesar de serem rés confessas, as justificativas continuam sendo usadas.

Mônica, na SD 07, como toda boa mãe, ao fazer tudo pelos filhos, também esconde que é prostituta para *preservá-los* de serem marcados e reconhecidos como *filho da puta*. O insulto, ainda mais quando comprovado, desqualifica quem recebe o nome e, mais do que isso, insulta e humilha a mãe. Chamar os filhos de *filho da puta* é afirmar não só que a mãe se vende por dinheiro, mas também que é promíscua, pois se relaciona sexualmente com vários homens, com *qualquer um*. Inclusive, por ter relações com muitos homens, faz parte do imaginário que filho de prostituta é filho sem pai reconhecido: um bastardo, o que nos casos em pauta não deixa de ser verdade (em outro sentido – pai ausente). Inclusive, a partir dessa memória, as mulheres que não são prostitutas, mas que também não sabem quem é o pai do filho (mesmo as mães solteiras que já receberam esse estigma, ou, ainda, recebem), são chamadas de puta, prostituta, meretriz etc., confirmando a honra que existe na mulher que possui relações com apenas um homem e, por consequência, tem certeza da paternidade da prole.

Numa partida de futebol, por exemplo, prática predominantemente masculina, é comum ouvir o árbitro ser chamado de *filho da puta*, quando se equivoca, quando realiza um julgamento ambíguo ou de difícil constatação ou simplesmente quando a penalidade aplicada favorece o time adversário; é uma expressão comumente utilizada de forma ofensiva. A ofensa, nesse caso, constitui-se a partir de uma prática estigmatizada por valores e normas sociais que condena quem pratica sexo por dinheiro, por exemplo. Ser chamado de *filho da puta* denigre a reputação do ofendido, por meio do comportamento sexual da mãe, já que a honra, nesse caso, se relaciona com a sexualidade feminina familiar. Além disso, a imagem materna é delineada como *santa e sagrada* e, nessa linha, ela é *incapaz* de se corromper sexualmente com outros homens. Observa-se que essa relação não é feita para o pai; não existe o *filho do putô*; mesmo que o pai seja um homem que saia com várias mulheres diferentes, esse estigma não existe; pelo contrário, a partir

do imaginário até se exaltaria o pai como *garanhão*: um Don Juan. As mães prostitutas silenciam a forma como ganham a vida para sustentar os filhos para poupá-los do vexame que é ser reconhecido como o *filho da puta*. Suas vozes são silenciadas pelas vozes sociais retumbantes que, ao alardear para a sociedade a condição da prostituta, fazem ecoar sobre os filhos a herança de *filho da puta*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade, que é usada como causa maior para a defesa, torna-se, assim, o fato mais relevante para desencadear o que supostamente tais mulheres não gostariam de fazer. Porém, elas afirmam que os filhos são o seu bem maior. Duas coisas: então, eles são os principais culpados pela prostituição da mãe e mereceriam ser chamados *filhos da puta*, algo inaceitável para elas; ao mesmo tempo, eles são usados, de uma forma até aceitável, como culpados pela mãe fazer o que faz, em face das imposições sociais sobre o que é ser mãe. Eis uma trama complexa criada: a mãe não quer ser puta, mas o filho a obriga, ao mesmo tempo em que ela também não deseja que o estigma de *filho da puta* seja reconhecido. Isso também encobre o fato de que ela provavelmente gosta ou aprecia as vantagens da vida que leva, mas não pode assumir ou admitir explicitamente que escolhe estar ali em face do dinheiro que a atividade propicia, pois não deseja ser condenada socialmente.

Elas apagam o fato de que se prostituem por si mesmas também, para manterem-se financeiramente, e não se dão conta de que todas as justificativas apontadas anteriormente são a tentativa vã de buscar uma defesa por agirem em desacordo com os modelos considerados ideais. E não se trata só da sobrevivência, mas também da garantia de um determinado padrão de vida mais elevado do que o proporcionado por profissões tradicionais, a manutenção da possibilidade de acesso a bens materiais de alto custo. Elas não assumem que também estão ali porque querem, silenciando suas escolhas, mas gritam que a culpa é do mundo.

O que se percebe é que as justificativas, na verdade, não justificam que as explicações não explicam e que as razões apontadas por elas não funcionam em face de uma sociedade que segrega, ao mesmo tempo em que estimula: condena, mas abre espaço para a venda de sexo, pois é necessário dar vazão a instintos primordiais de ordem sexual que não podem, eventualmente, ser realizados em casa ou com determinadas pessoas (o sexo, sob diversas formas, é um bem de consumo que movimenta e estimula o mercado mais amplo, incentivando a compra de determinados produtos, como música, filmes, programas de TV). De certa forma, elas vivem na confluência do bem e do mal, do bom e do mau, mas prepondera sobre elas a carga pejorativa do que fazem e que atravessa os séculos, mesmo que leis tentem evitar isso.

Se as justificativas fossem plausíveis, assim como elas alegam, elas não precisariam esconder dos filhos e do mundo que se prostituem, não haveria necessidade de frequentar boates de cidade em cidade para esconder dos conhecidos o que fazem, não precisariam dizer aos familiares que trabalham com eventos, com vendas etc. Dessa forma, considerando todo o estigma que a prática possui, as entrevistadas tecem sua defesa, buscando se redimir, ainda que a desculpa ou os culpados sejam os próprios filhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Código Civil de 1916*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm#art1806>. Acesso em: 13 nov. 2012.

_____. *Código Civil 2002*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002. 342 p. (Série fontes de referência. Legislação; n. 43). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 25 out. 2012.

_____. *Código Penal Brasileiro*. [1940]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm>. Acesso em: 13 nov. 2012.

_____. *Estatuto da criança e do adolescente* (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 25 out. 2012.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3.ed. Campinas, SP: Fontes, 2001.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Edunicamp, 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed.. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Tradução de Magna Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

Recebido em 18/11/2015. Aceito em 16/01/2016.

O MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DA ANSIEDADE E A METÁFORA DA ENCOMENDA

EL MODELO COGNITIVO IDEALIZADO DE LA ANSIEDAD Y LA METÁFORA DE LA
ENCOMIENDA

THE IDEALIZED COGNITIVE MODEL OF ANXIETY AND THE SHIPMENT METAPHOR

Daniel Felix da Costa Júnior*

Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Este artigo tematiza a conceptualização da ansiedade no contexto do português brasileiro. A abordagem é centrada na Linguística Cognitiva e nos procedimentos metodológicos do MIP¹. O *corpus* dividiu-se em: a) textos de jornais *on-line*; e b) segmentos selecionados de buscadores eletrônicos. As unidades lexicais metafóricas foram identificadas em dois *frames*: o da emoção e o da doença. Os conceitos que se relacionaram à ansiedade foram: o almejo, o temor e a expectativa. Tais conceitos indicaram que a ansiedade patológica é determinada pela conjunção de expectativa e temor, enquanto que a ansiedade emocional pode ser determinada pela mesma conjunção ou pela conjunção de almejo e expectativa. Há uma noção de espacialização do tempo (TEMPO É ESPAÇO) e uma noção de entificação dos eventos (EVENTOS SÃO OBJETOS). Juntas, essas conceptualizações sugerem um estado mental que é subestruturado pelos elementos “sujeito receptor” e “objeto da encomenda”.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Conceitos emocionais. Ansiedade.

RESUMEN: Este artículo analiza la conceptualización de la ansiedad en el contexto del portugués brasileño. El abordaje se centra en la lingüística cognitiva y en los procedimientos del MIP (Metaphor Identification Procedure). El corpus de la investigación se divide en: a) textos de periódicos en línea; y b) segmentos seleccionados de motores de búsqueda. Las unidades léxicas metafóricas se identificaron en dos marcos: emoción y enfermedad. Los conceptos relacionados con la ansiedad eran: el anhelo, el temor y la expectativa. Estos indicaron que la ansiedad patológica se determina por la conjunción de expectativa y temor, mientras que la ansiedad emocional puede determinarse por la misma conjunción o por la conjunción de anhelo y expectativa. Hay una ‘idea de espacio’ de la noción del tiempo (EL TIEMPO ES ESPACIO) y una ‘idea del objeto’ de la noción del evento (LOS EVENTOS SON OBJETOS). Estas metáforas sugieren un estado mental que se estructura por los elementos “sujeto destinatario” y “paquete enviado”.

PALABRAS CLAVE: Metáfora. Conceptos emocionales. Ansiedad.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista de doutorado CNPq. E-mail: costa-jr@outlook.com.

¹ Metaphor Identification Procedure (MIP). Metodologia para identificação de metáforas proposta pelo Grupo Pragglejaz (2007).

ABSTRACT: This paper addresses the conceptualization of anxiety in Brazilian Portuguese. The approach is centered on *cognitive linguistics* and on the MIP methodology. The corpus is divided as follows: a) journalistic texts taken from online newspapers; and b) sentences collected from web search tools. We identified two-framed metaphorical lexical units - emotion and disease. Three anxiety-related concepts were distinguished: desire, fear, and expectation. Such concepts indicated that pathological anxiety is often determined by the conjunction of expectation and fear, while the emotional anxiety may be determined by the same conjunction, or by the conjunction of desire and expectation. In terms of conceptual metaphor, there is a notion of a spatialization of time (TIME IS SPACE), and a notion of entification of event (EVENT IS OBJECT). Together, these conceptualizations suggest a mental state structured by the “receiver (someone)” and the “one shipment (something)” elements.

KEYWORDS: Metaphor. Emotional concepts. Anxiety.

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica atual das sociedades urbanas tem condenado as pessoas à celeridade das ações e das informações. Tal fato seria um elogio às evoluções tecnológicas se não fosse pela consequência de um fenômeno conhecido como ansiedade. Fenômeno que transita entre a natureza evolutiva da fisiologia humana e as necessidades recentes de uma sociedade economicamente globalizada. Cenário ao qual um sujeito social, cada vez mais isolado e aprisionado em satisfações de expectativa, manifesta sentimentos, ações e falas inseridas nos eventos cotidianos. Mas o que a Linguística tem a ver com um fato que, *a priori*, tende às ciências psicológicas e psiquiátricas? É na linguagem que o fenômeno emocional é entendido, conceptualizado e externado em palavras. Considerando as abordagens científicas que tomam o fenômeno emocional como objeto sem considerar a análise linguística, se assim o fazem, correm, portanto, o risco de omitir o papel da linguagem na própria ontologia dos sentimentos.

A viabilidade de uma pesquisa sobre emoções nos estudos de linguagem pode ser empreendida sob diversas perspectivas: a modalização semiótica das paixões e o estudo das formações discursivas de base ideológica são exemplos de campos possíveis nesse empreendimento. No entanto, uma proposta que se restringe, aqui, à investigação da conceptualização da ansiedade, tal como o processamento mental que os humanos utilizam para compreender e falar dessa emoção, aponta a si mesma seu próprio caminho teórico: a linha sociocognitiva.

Há várias pesquisas divulgadas sob esse aspecto teórico, por exemplo, o construcionismo corpo-baseado do conceito de raiva (BOKOR, 1997), ou, o desenvolvimento dos relacionamentos românticos (BAXTER, 1992). Trabalhos emblemáticos como o *Emotion Concepts* (1990) e o *Metaphor and Emotion* (2000), do linguista cognitivo Zoltán Kövecses, costumam ser frequentemente mencionados. O que une todas essas pesquisas é a proximidade ao conceito de metáfora, da maneira como é encarada pela teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (1980). Trata-se, pois, de abordagens que ampliam a visão restritamente linguística da metáfora para um mecanismo de pensamento. Apurando-se diversas estruturas metafóricas mediante exemplos linguísticos que não seriam considerados metafóricos perante a visão tradicional da metáfora:

- (1) Dicas para *acalmar* a ansiedade pré-casamento. (B,95)²
- (2) Médicos [...] vão *prescrever* livros para *pacientes* com ansiedade. (A,2,b)

Essas sentenças, mesmo sem ocorrer em textos poéticos ou de caráter figurativo, exibem lexemas, como *acalmar*, *prescrever*, *pacientes*, que, pela Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), seriam considerados metafóricos. Pois, como “acalmar”? Se a palavra foi direcionada à “ansiedade”, um ente não detentor de temperamentos psicológicos. Como “prescrever”? Se livros não são considerados remédios. Como são “pacientes”? Se a ansiedade sempre foi considerada um fenômeno normal e não patológico da existência emocional humana. Mais do que isso, as sentenças apontam para uma adaptação relativamente recente do conceito de ansiedade: em (1), a ansiedade salutar e natural, e em (2), a ansiedade patológica e prejudicial.

² Exemplos advindos do discurso natural. Marcações do tipo (B,95) e (A,2,b) são referências aos *corpora* instituídos em Costa Jr. (2014).

A investigação do conceito de ansiedade motiva-se pelo interesse social quanto ao tema e pela atualização das acepções semânticas desse conceito. Os objetivos são: descrever a organização conceptual que permeia o modelo cognitivo idealizado (MCI) e identificar as metáforas subjacentes ao discurso sobre ansiedade.

A pesquisa orienta-se pelas seguintes hipóteses: a) a relação interdomínios/metafórica determina os principais sentidos da ansiedade; b) os estados mentais da *crença* e do *desejo* são determinantes para a compreensão das nuances da emoção. Sendo assim, este artigo se estende por mais 4 seções: o item 2 sintetiza o trajeto histórico-epistemológico da metáfora; o item 3 explicita os elementos teóricos conduzidos na metodologia, o método MIP e as primeiras análises do *corpus*; o item 4 continua as análises da seção anterior e esboça uma descrição do MCI; e o item 5 encerra as últimas considerações da pesquisa.

2 DA METÁFORA À ESTRUTURA CONCEPTUAL

A metáfora detém um longo histórico por entre o pensamento ocidental que, aos poucos, a conduziu para o nível de “mecanismo cognitivo”. Esta seção pretende abordar, brevemente, a forma com que a metáfora emergiu no nível linguístico, passando ao nível cognitivo dos conceitos e contribuindo para o estudo conceptual dentro da Linguística Cognitiva. A finalidade da seção é abordar o direcionamento mental de um fenômeno que já foi considerado estritamente linguístico.

Vista pelos gregos clássicos como uma questão de transposição de nomes, a metáfora tinha em Aristóteles o seu principal idealizador. Como um contestador da escola sofística, o filósofo dedicou boa parte de sua obra a rebater os argumentos daquela escola. Por serem mestres em oratória, os sofistas valiam-se de metáforas para persuadir em seus debates, metáforas que eram consideradas “frívolas” na visão de Aristóteles (*Retórica*, 1406b), pelo simples fato de parecerem excessivamente rebuscadas. É no tratado sobre *Retórica* (1410b) que o filósofo reconhece que a metáfora causa sensações agradáveis ao introduzir “[...] palavras que nos são desconhecidas [...]”. E em *Poética* se obtém a definição mais conhecida: “[...] a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia [...]” (ARISTÓTELES, *Poética*, XXI, 1457b). A relevância dos tratados *Retórica* e *Poética* contribuiu para a associação popular da metáfora a essas disciplinas.

Ao ser relacionada a essas disciplinas clássicas, a metáfora logrou os mesmos (des)prestígios adquiridos por elas ao longo dos anos. A retórica, por exemplo, foi considerada um acessório, “[...] um ornamento que acompanha de perto aquilo que é natural [...]” (BARTHES, 1970, p.192)³; viu-se reduzida ao estudo da tipologia dos tropos, à tropologia; já foi, até mesmo, considerada “morta”, no século XIX (RICOEUR, 1975 [2000], p.17). Essas visões restritas ocorreram, mesmo não estando em total consonância com o projeto aristotélico, aquele de uma retórica mais relacionada à lógica argumentativa, compromissada com a verdade e com o Órganon.

Mais recentemente os estudos da metáfora ganharam contornos que fugiram ao modelo restrito da visão tradicional. Richards (1936, p.119) sugeriu que a metáfora trabalha com duas ideias que cooperam para um significado inclusivo, portanto, não se trata de uma mera transferência de nomes. Black (1962, p.38) deixou claro que o significado resultante de duas ideias aproximadas pela metáfora é interativo; já que nem sempre há uma similaridade entre os objetos da comparação, a similaridade é criada pela interação. Richards (1936) e Black (1962) são detentores de uma abordagem que, atualmente, é conhecida como a visão interacional da metáfora. Mas a abordagem que começou a trazer a metáfora para a cognição foi iniciada com a publicação do artigo *The Conduit Metaphor*.

É possível que a metáfora do canal (*conduit metaphor*) tenha sido uma das primeiras abordagens a transpor a metáfora do nível estritamente linguístico para o nível de pensamento. Em seu artigo, Reddy (1993 [1979]) descreveu que grande parte do que as pessoas entendem sobre o processo da comunicação é vista à maneira de um canal/conduto: pensamentos tornam-se palavras que se entificam como objetos enviados a outrem, por meio de um canal que efetua a comunicação. Essa visão cognitiva da metáfora foi

³ No original: “un ornament, que l'on surveille étroitement au nom du ‘naturel’”. Tradução nossa.

ampliada, por Lakoff e Johnson (1980), a qualquer aspecto da conceptualização de mundo, e não apenas à compreensão da comunicação. A publicação de *Metaphors we live by* instituiu o paradigma da metáfora como uma figura de pensamento, uma visão conhecida como a teoria da metáfora conceptual (TMC).

Em termos simplificados, a metáfora conceptual é uma relação interdomínios. Há um domínio-fonte, espaço de um significado mais concreto ou menos vago, que se projeta a um domínio-alvo, geralmente mais abstrato. Tal visão de conceptualização interdomínios é o que orienta uma das hipóteses mencionadas na introdução deste artigo. A percepção dessa relação de domínios é feita mediante *veículos* (RICHARDS, 1936), palavras isoladas ou agrupamento de palavras que emprestam suas propriedades ao elemento do domínio-alvo. Como ocorre com a sentença (2), os termos *veículos* *prescrever* e *pacientes* pertencem ao domínio DOENÇA⁴ e se projetam ao elemento *ansiedade*, pertencente ao domínio da EMOÇÃO, subscrevendo, assim, a metáfora conceptual EMOÇÃO É DOENÇA. Metáfora essa que conceitua várias emoções consideradas de valor negativo (cf. KÖVECSES, 2000).

A ampliação cognitiva proporcionada pela TMC possibilitou a absorção dos estudos emocionais por essa área da Linguística. Muitos objetos de conceptualização são passíveis de análise via metáfora conceptual, fator que não deve ser confundido com a trivialização de que tudo seja metáfora. Esse fator deve apenas refletir a predisposição de que as entidades abstratas são mais inclinadas à metaforicidade do que as entidades concretas. Sendo assim, falar sobre sentimentos e emoções é muito mais abstrato do que, por exemplo, falar sobre uma parte do corpo.

Os conceitos emocionais costumam seguir padrões similares quanto aos domínios-fontes. Na explanação de Kövecses (2000), há a menção a diversos domínios que o autor considerou aplicáveis às emoções, dentre os quais: domínios que se aplicam a todas as emoções, como POSSE DE UM OBJETO (Johnny Depp também *tem* uma fobia - A,12,f) e PRESENÇA (prevê uma *exposição* progressiva ao medo - A,9,i); domínios que se aplicam a maioria das emoções, como o RECIPIENTE (música para *reduzir* a ansiedade - A,6,a), FARDOS (problemas de saúde mental entre *leves* e moderados - A,2,c) e outros; domínios aplicáveis a algumas emoções, como TRAJETO (a *origem* do estado de humor ruim - A,8,c), GUERRA (enfrentam *batalhas* públicas contra uma série de distúrbios - A,12,b).

A identificação desses domínios-fontes faz parte de um esforço definicional condizente com a investigação de um conceito emocional específico. Ao fazê-lo, Kövecses (2008) assinala que a estrutura conceptual de uma emoção não é feita apenas de metáforas conceptuais, mas também de metonímias, de conceitos relacionados e de modelos prototípicos. Um estudo, que se proponha a pesquisar o conceito da ansiedade no contexto do português brasileiro, deve levar em consideração toda essa tradição teórica da metáfora, caso esteja direcionado ao paradigma sociocognitivo da linguagem. Isto posto, aprecia-se uma exposição ao método a que se pretende tal fim, método que se fundamenta na mesma tradição.

3 MÉTODO E ANÁLISE

Este estudo segue a prevalência do viés qualitativo em pesquisas de metáfora. Alia o método de introspecção à ferramenta de análise de *corpora*, submetidos ao aporte teórico-metodológico da Linguística Cognitiva. O método de introspecção é, segundo Talmy (2000), a única instrumentalidade capaz de acessar a estrutura da consciência, mas necessita de rigor na teoria e na análise dados linguísticos. Urgem, então, os elementos teóricos a serem considerados.

- *Domínio-fonte e domínio-alvo*: elementos que compõem o princípio básico da TMC. Supõe-se que conceitos mais abstratos são entendidos em termos de conceitos mais básicos, como ocorre no exemplo (3): há o domínio-alvo “ansiedade” e o domínio-fonte “luta”, refletido na expressão “lutar contra”, pressupondo a compreensão de que ANSIEDADE É INIMIGO.

- *Frame*: elemento teórico bastante recorrente nos estudos cognitivos, que pode ser entendido como “[...] sistema de conceitos relacionados de uma forma que para entender algum deles você tenha que entender a estrutura completa a qual ele se ajusta [...]”

⁴ Tradicionalmente, a Linguística Cognitiva e sua vertente da TMC se referem a domínios cognitivos e a metáforas conceptuais usando o padrão em CAIXA ALTA.

(FILLMORE, 2006, p.373)⁵. No exemplo (3), o lexema “transtornos”, além de remeter ao domínio da (des)ordem, remete ao frame de “doença”, que ativa todo um conjunto de significados que só fazem sentido se estiverem associados a esse frame, como: tratamento, sintomas, paciente etc. Enquanto que em (4), há aparentemente a mesma metáfora ANSIEDADE É INIMIGO, porém perfilada pelo frame da emoção e sem nenhum enfoque quanto ao frame da doença.

(3) *Lutam publicamente contra fobias e transtornos de ansiedade. (A,12,a)*

(4) *Como combater a ansiedade e o ataque às guloseimas. (B,104)*

- *MCI*: sigla para *modelo cognitivo idealizado*; trata-se de um conceito formulado em Lakoff (1987), que reúne segmentos de relações prototípicas advindas de elementos como estrutura proposicional, estrutura de esquema-imagem, mapeamentos metafóricos e mapeamentos metonímicos. De acordo com Kövecses (2010, p.208), os MCIs são pano de fundo para as ações, a causação e as categorias, e são pano de fundo para a estrutura de causa-efeito que é importante como relação metonímica dos conceitos de emoções. Uma das características da nossa abordagem é ver o MCI da ansiedade como um macroframe que sistematiza características pertencentes aos frames da emoção e da doença.

A abordagem do MCI influenciou na necessidade de critérios metodológicos que facilitassem o estudo do fenômeno em questão. Nesse intuito, decidiu-se abordar os dados dividindo-os pelos frames de realização. Trabalhando-se com um *corpus* composto por textos do gênero reportagem, colhidas de jornais eletrônicos veiculados na internet, e com uma seleção de frases de gêneros digitais variados extraídos de mecanismos de busca (*websearch tools*). A motivação do primeiro *corpus* se deve ao fato de que o domínio jornalístico geralmente apresenta uma linguagem intermediária que se equilibra entre a linguagem técnica (da medicina) e a linguagem popular (culturalmente disseminada). A motivação para um *corpus* de frases selecionadas deveu-se à busca por uma caracterização mais ampla do tema, que não ficasse restrita a um único grupo social. Ambos os *corpora* definidos e sistematizados em Costa Jr. (2014). O *corpus A* com enfoque no frame da doença e o *corpus B* com enfoque no frame da emoção (quadro 1).

Quadro 1: Composição do *corpus*

<i>Subcorpus A</i>	<i>Subcorpus B</i>
<p>Conjunto de 12 textos do gênero reportagem. Selecionados da versão eletrônica dos jornais <i>O Globo</i> e <i>Folha de S.Paulo</i>. Alguns títulos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ansiedade, um transtorno que começa na infância - Uma dose de música para reduzir a ansiedade <p>(...)</p>	<p>Conjunto de 110 frases selecionadas de mecanismos de busca da internet, agrupadas por termos de entrada, como “ansiedade para”, “ânsia de”, “ânsia por”, “ansioso com”, “ansiosa para” (...).</p> <p><i>Websearchs</i> utilizadas: <i>Google</i> e <i>Bing</i>.</p>

Fonte: elaboração própria

O método MIP (*metaphor identification procedure*) é um conjunto de procedimentos que foi excessivamente posto à prova nesta pesquisa. Desenvolvido pelos linguistas do grupo Pragglejaz (2007), o método identifica unidades lexicais consideradas de uso metafórico, contudo, sem a sugestão de metáforas conceptuais subjacentes àquelas expressões. O fato de o MIP apresentar alguma variabilidade entre analistas de um mesmo texto demonstra tendência de marcação de casos não prototípicos, como uma das ressalvas feita pelo grupo idealizador (PRAGGLEJAZ, 2007, p.21), mas isso não invalida a análise das expressões metafóricas. Os procedimentos seguem a seguinte ordem: a) leitura geral do texto/discurso, acompanhada de uma segunda leitura minuciosa; b)

⁵ No original: “any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”. Tradução nossa.

definição das unidades lexicais do texto, como feita na sentença (5-b); c) determinação do significado contextual de cada unidade lexical; d) determinação do significado básico⁶ da unidade lexical; e) comparação dos significados contextual e básico, identificando se o significado contextual pode ser entendido em termos do significado básico; e f) marcação como unidade lexical metafórica, caso a comparação entre os significados seja possível.

- (5) a. Ler *reduz* os *níveis* de estresse. (A,2,d)
 b. Ler / *reduz* / os / *níveis* / de / estresse.

Essa análise padroniza as demais análises de expressões metafóricas da pesquisa. A título de exemplo, o lexema “reduz” da sentença (5) alcançaria a seguinte análise:

Quadro 2: Análise proveniente do método MIP

“reduz”

significado contextual: Nesse contexto, “reduz” possui o sentido de abrandar, mitigar; esse sentido é bastante utilizado para conceitos abstratos como dor, prepotência, emoções etc.

significado básico: O significado mais básico do verbo “reduzir” é o de diminuir, tornar menor.

significado contextual versus significado básico: O significado contextual se opõe ao significado básico e pode ser compreendido em comparação a ele. Mesmo sendo muito utilizado em contextos abstratos, o verbo “reduzir” possui seu sentido mais básico ligado a tamanho físico, esse sentido acaba sendo expandido a coisas não mensuráveis em termos de tamanho físico.

Usado metaforicamente? Sim.

Fonte: elaboração própria

Embora não seja um procedimento do MIP, foram propostas metáforas subjacentes para cada unidade lexical considerada de uso metafórico. A sugestão dessas metáforas foi necessária para uma melhor descrição do MCI. Aproximadamente oitenta metáforas subjacentes ao conceito de ansiedade foram identificadas. É possível considerar que a maior parte delas seja de metáforas conceptuais ou de derivações de metáforas conceptuais mais gerais, como se identifica EMOÇÃO É CONTEÚDO NO RECIPIENTE (na sentença (5-a)), bem como, a sua derivação ESTRESSE É CONTEÚDO NO RECIPIENTE. Algumas metáforas de destaque no inventário de dados são:

- (6) Não é a primeira vez que a ansiedade a *atrapalha* (A,5,c)
 (ANSIEDADE É OBSTÁCULO)
- (7) Componente da maconha *alivia* fobia social (A,3,a)
 (ANSIEDADE É FARDO)
- (8) A ansiedade é *internalizante* (A,4,b)
 (ANSIEDADE É PARA DENTRO)
- (9) *Entregue* sua ansiedade para Deus (B,3)
 (ANSIEDADE É UM OBJETO)
- (10) Felipe Azevedo espera *matar* ânsia por acesso no sábado (B,47)
 (ÂNSIA É UM ORGANISMO VIVO)
- (11) *Distúrbio atinge* cerca de 12% dos brasileiros (A,9,b)

⁶ O termo “significado básico”, aqui, não possui conotação materialista/determinista. Trata-se de nomenclatura adotada pelo grupo que tende a evocar o significado mais concreto, mais corpóreo ou historicamente mais antigo.

(ANSIEDADE É DESORDEM / ANSIEDADE É UM PROJÉTIL)

Uma ampla identificação de metáforas é substancial para a análise da estrutura conceptual da ansiedade. Como em Kövecses (2008), há um papel significativo para as metáforas nessa estrutura, o que não acarreta preterição de outros elementos igualmente necessários: metonímias, conceitos relacionados e frames semânticos. O caminho percorrido na próxima seção une todos esses elementos em torno de uma proposta de melhor compreensão esquemática da ansiedade e seu MCI.

4 O MCI DA ANSIEDADE

O estudo sobre conceitos pode ser abordado de duas maneiras na perspectiva sociocognitiva: as pesquisas do tipo *bottom-up* e as pesquisas do tipo *top-down*. Pesquisas *top-down* sugerem uma estrutura cognitiva global baseada em alguns dados linguísticos, enquanto que as pesquisas *bottom-up* trabalham com uma grande quantidade de dados e fazem generalizações mínimas sobre os dados e a estrutura global. Este artigo representa pesquisa de caráter *bottom-up*, seus resultados são restritos aos dados do *corpus* e não devem ser generalizados.

Uma forma de se introduzir o que é culturalmente legitimado sobre ansiedade é buscar o seu significado no dicionário.

ânsia

- a. manifestação física provocada pela contração do epigástrico
- b. sensação de desconforto físico causada por uma pressão na região peitoral

ansiedade

- a. grande mal-estar físico e psíquico; aflição, agonia
- b. fig. desejo veemente e impaciente
- c. fig. falta de tranquilidade, receio (HOUAISS et al., 2009)

Os verbetes de *ânsia* e de *ansiedade* indicam suas principais possibilidades de significação. O que é saliente, em ambos, é a coincidência do fenômeno físico do mal-estar e da contração do epigástrico como significações primeiras. Uma análise, mediante o MIP, apontaria os mesmos significados dos descritores ‘a’ como significados básicos. Isso não se deve à posição dianteira escolhida pelo Dicionário Houaiss, mas sim à relação desses significados com a experiência concreta e corpórea. A assunção desse fato remete a um argumento já bastante investigado na Linguística Cognitiva: as metáforas primárias.

A tese de Grady (1997) alertava que muito do nosso sistema conceptual advém de percepções diretamente ligadas à anatomia e à forma como o nosso corpo experiencia sua presença no espaço/ambiente. A linguagem sobre emoções possui uma tendência natural a essa modalidade de metáforas devido aos efeitos emotivos terem consumação direta no corpo. Essa tese se fortalece quando a maioria das metáforas do *corpus* pode ser entendida sob esse aspecto, basta que voltemos às sentenças (5), (6), (7), (8) e (10) para verificarmos os domínios-fonte de recipiente, obstáculo, fardo e organismo. Além dessas, os dados apontam para outras analogias primárias, como: invólucro, para dentro, para baixo, desequilíbrio físico, trajeto e doença.

4.1 Metonímia

No que diz respeito às emoções, a metonímia é outra especificidade com estreita relação ao que ocorre no corpo. O princípio básico da metonímia é ser “[...] um processo cognitivo em que uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, no interior do mesmo domínio, ou do mesmo modelo cognitivo idealizado [...]” (KÖVECSES, 2010, p.173)⁷. Uma contravenção da metonímia ocorre em suas próprias definições. Barcelona (2003) problematizou muito do que se entende sobre domínios, mapeamentos, *highlight* e ativação, destacando a dificuldade em se identificar as metonímias e a pressuposição do

⁷ No original: “Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or idealized cognitive model (ICM)”. Tradução nossa.

indivíduo em conhecer as categorias das entidades. Abstraindo-se dessas contravenções, Kövecses (2008, p.133) alertou para dois tipos principais de metonímias, úteis à nossa análise: CAUSA DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e EFEITOS DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO.

(12) Mão suando, perna tremendo, respiração ofegante. (A,5,e)

(13) Os sintomas podem pegar a pessoa de surpresa. (A,5,f)

SINTOMAS FÍSICOS POR ANSIEDADE é uma metonímia visível em (12) e (13), que é passível de derivações em “suor por ansiedade”, “tremor por ansiedade” e “ofego por ansiedade”. Metonímias de causa, como “estresse causa ansiedade”, “medo/fobia causa ansiedade”, “ansiedade/medo causa pânico” e “expectativa causa ansiedade” são possíveis apenas via causalidade semântica, pois os dados do *corpus* foram insuficientes para os exemplos linguísticos.

4.2 Conceitos relacionados

Além de metáforas e metonímias conceptuais, o terceiro elemento de composição da estrutura conceptual de uma emoção são os conceitos relacionados. Segundo Kövecses (2008, p.133), esses conceitos são “[...] as emoções ou atitudes que o sujeito da emoção tem em relação ao objeto ou à causa da emoção [...]”⁸. Pela análise dos dados, consideram-se os (SENTIMENTO DE) ESTRESSE, (SENTIMENTO DE) PÂNICO, (SENTIMENTO DE) MEDO/FOBIA e (SENTIMENTO DE) ÂNSIA⁹, como sentimentos que o sujeito tem em relação à ansiedade. Por outro lado, há sentimentos que causam a ansiedade e que participam de forma mais concludente do seu significado. Aceitamos que esses sentimentos possam ser representados em estados mentais de conjunção entre *crença* e *desejo*. Na visão de Searle (2002, p.40-51), vários estados mentais/intencionais não podem ser entendidos sob esse tipo de conjunção, mesmo assim o filósofo menciona algumas formulações menos polêmicas, como a da **expectativa**:

$$\text{Expectativa } (p) \leftrightarrow \text{Cren (Futuro } p)$$

O conceito de expectativa concebe-se frequente na ansiedade em qualquer subdivisão de frame elencada pelo *corpus*. A crença de um futuro(*p*), de um objeto qualquer perspectivado, reitera-se no frame da emoção valorada negativamente, com o objeto da crença futura recuperável nas sentenças (1) e (4); reitera-se no frame da doença, com o objeto da crença futura recuperável pelo contexto discursivo das sentenças (6) e (7); e, completando a subdivisão de frames, reitera-se no frame da emoção valorada positivamente, como se observa na sentença (14), em que a crença futura é representada pelo evento de “tornar-se mãe”.

(14) Felicidade, ansiedade e muito prazer por ser mãe. (B,91)

Para Searle, os estados mentais podem ser intencionais e não intencionais, é o aspecto de direcionalidade que os determinam. Nessa visão, intencionalidade não significa ter intenção, mas significa, de modo cognoscitivo, ter a consciência de algo, sendo uma interpretação parecida com a que ocorre na tradição fenomenológica. Searle (2002, p.42) destaca outra formulação pouco problemática, que é útil ao nosso tema: o **temor**.

$$\text{Temor } (p) \rightarrow \text{Cren } (\diamond p) \& \text{Des } (\sim p)^{10}$$

A fórmula indica que se há um temor que *p*, então há a crença de um possível *p* que deve estar em conjunção com o desejo de que esse objeto *p* não ocorra. Trata-se de um estado mental que não ocorre no frame da emoção de valoração positiva, mas ocorre no frame da emoção de valoração negativa e no frame da doença. As sentenças (15) e (16) são elucidativas do caso.

⁸ No original: “[...] related concepts are emotions or attitudes that the subject of emotion has in relation to the object or cause of emotion [...]”. Tradução nossa.

⁹ Kövecses (2008, p.137) utiliza o mesmo padrão em “caixa alta”, característico das metáforas conceptuais, para referir-se a conceitos relacionados (p. ex. (FEELING OF) SATISFACTION) e a metonímias conceptuais (p. ex. BRIGHT EYES FOR HAPPINESS). Manteve-se, nesta pesquisa, a mesma característica.

¹⁰ Formulação em sintaxe de Lógica Modal. O operador $\diamond$ faz parte da simbologia de modalidades aléticas. Dentre várias: $\diamond$ indica possibilidade e $\square$ indica necessidade.

- (15) Eu estava chorando de medo de que aquela sensação voltasse. (A,7,c)

O *Temor* implica a *Crença* de que determinada sensação é possível e o *Desejo* de que essa sensação não ocorra.

- (16) Eles se preocupam constantemente e se sentem impotentes para controlar essas preocupações. (A,7)

O *Temor* implica a *Crença* de que há a possibilidade de um motivo *p* para se preocupar e o *Desejo* de que o motivo dessa preocupação não ocorra.

O conceito de temor se une ao conceito de expectativa devido ao fato de que a expectativa, vista isoladamente, não é suficiente para determinar a compreensão da ansiedade. Embora, em algumas situações, a ansiedade tenha o mesmo sentido de expectativa. Em nossa visão, essas situações decorrem de uma extensão metonímica. No entanto, algum outro conceito deve se unir à expectativa quando o enfoque é o frame da emoção positiva, pois essa é a única subdivisão de frame que não é alcançada pelo conceito de temor. Nossa pesquisa buscou esse conceito ausente, entendendo-o pela seguinte conjunção:

$$X(p) \rightarrow \text{Cren}(p) \& \text{Forte Des}(p)$$

Há um estado mental em *p* que implica a crença desse *p* em conjunção com o desejo por esse *p*. Quanto ao estado mental representado por *X*, esta pesquisa denomina-o de **almejo**. Esse conceito, unido à expectativa, caracteriza a prototipicidade da ansiedade considerada uma emoção boa e positiva. Isso se reflete na sentença (14), em que o *Almejo* implica a *Crença* em ser mãe, em conjunção com um *Forte Desejo* de ser mãe. Em suma, há os conceitos relacionados à ansiedade: medo, pânico, ânsia e estresse. E há os conceitos intrinsecamente relacionados que juntos determinam o frame da ansiedade (quadro 3).

Quadro 3: Conceitos intrínsecos da ansiedade

	Frame 1 – a Emoção positiva	Frame 1 - b Emoção negativa	Frame 2 Doença
Almejo	X		
Temor		X	X
Expectativa	X	X	X

Fonte: elaboração própria

A identificação de modelos cognitivos não deve negligenciar o fato de que o conceito de ansiedade se atualiza em mais de um enquadramento semântico, conforme quadro 3. Vendo sob esse aspecto, o conceito mais frequente em co-ocorrência com a ansiedade é o da expectativa, logo, o nível de prototipicidade da expectativa é maior que os de temor e de almejo. Essa frequência é responsável por oferecer à ansiedade casos menos prototípicos, em que o significado básico (de desconforto físico e contração do epigástrico) é sobreposto e parece não ser perceptível discursivamente, fenômeno ocorrido em (17). Caso em que o conceito de ansiedade parece se igualar ao de expectativa.

- (17) 10 momentos para estimular a ansiedade de escritores novatos. (B,35)

Quadro 4: MCI da ansiedade – parte 1

Fonte: Costa Jr. (2014), mas com adaptações para a presente pesquisa

O fenômeno da sobreposição/apagamento do significado básico ocorreu apenas no frame da emoção, especificamente na ansiedade considerada positiva. O que leva à conclusão de que o incômodo físico é significativo e mais frequente, mas não é uma condição necessária (◇) para o frame da emoção. Enquanto que no frame da doença, o significado básico é sempre dedutível, levando à conclusão de que o incômodo físico é uma condição necessária (□) a esse frame. Com base na análise feita até aqui, um esboço parcial do trajeto de pesquisa do MCI foi proposto no quadro 4.

4.3 A metaforização da encomenda

A investigação de causalidade forneceu um papel de destaque ao estado mental da expectativa, ou a um "modo de ser" da expectativa em poucos casos patológicos (como no transtorno de ansiedade generalizada). Essa percepção indica uma prospecção ao futuro. Com esses resultados, a pesquisa buscou uma estrutura que organizasse o conhecimento popular sobre a emoção, de maneira que pudesse estruturar um modo de consciência análogo ao da ansiedade. Encontrou-se na noção de "encomendar" tal estrutura, segundo o Dicionário Aulete: "mandar fazer ou mandar entregar (algo) a ser adquirido".

Dois critérios metafóricos foram levados em consideração na proposta da "encomenda". A compreensão de que TEMPO É ESPAÇO (LAKOFF; JOHNSON, 1999) é uma das possibilidades da conceptualização de tempo. Sob essa metáfora, o tempo é análogo ao espaço, a perspectiva do sujeito observador é o tempo presente, enquanto que o espaço à frente da perspectiva do sujeito é o tempo futuro. A compreensão de que EVENTOS SÃO OBJETOS é uma metáfora aplicável ao padrão de metáforas de entidade, de Lakoff e Johnson (1980). Sob o padrão de entidade, fenômenos abstratos podem ser entificados em algum objeto. Juntas, TEMPO É ESPAÇO e EVENTOS SÃO OBJETOS estruturam a base conceptual da Metáfora da Encomenda para o conceito de ansiedade.

Instituída pelo conceito de expectativa, a analogia da encomenda possui uma sintaxe de dois elementos: o sujeito (o *receptor*) e o objeto por vir (a *encomenda*). Consideramos “objeto encomendado” tudo que envolva uma consciência de¹¹ eventos, e que seja passível de ocorrência futura, tais como:

- eventos (casamento, jogo, prova, palestra, nascimento de filho etc.);
- situações sociais (encontros, desempenho de funções, dirigir veículos etc.);
- memórias (fatos avaliados negativamente esperados a se repetir, humilhações, desprezos etc.).

Exemplos do *corpus*, ilustrativos da analogia:

- (18) Maracanã provoca encantamento e aumenta ansiedade da seleção (B,89)
Receptor: seleção [jogadores de futebol]
Encomenda por vir: Maracanã [estádio]
- (19) Forte ansiedade e desconforto de ser desprezado em situações sociais (A,9,w)
Receptor: sujeito ansioso [implícito]
Encomenda por vir: desprezo social

Uma peculiaridade motivada pela analogia da encomenda envolve a modalização de certeza entre os frames. Os dados relativos ao frame da emoção movem-se por um pano de fundo em que a concretização do evento-encomenda é dada como certa, mas tal certeza de concretização não é um pré-requisito necessário no frame da doença. Na sentença (18), percebemos um modelo seguido por sentenças em que a ansiedade é considerada uma emoção salutar e não patológica. O objeto encomendado “Maracanã” é envolto por um modo de certeza de vinda. Um tipo de estrutura envolvendo “receptor + expectativa de encomenda + certeza do objeto enviado”. Não por coincidência, a estrutura forma uma derivação lógica da fórmula da expectativa mencionada parágrafos antes.

Expectativa → Cren (Objeto vindouro)

Por outro lado, na sentença (19), o evento encomendado não é envolto por certeza. O sujeito ansioso de um frame patológico não necessita da concretização, basta saber que eventos como “desprezo social”, “morte”, “loucura” são possíveis de ocorrer para que a ansiedade seja ativada. No frame da doença, o objeto da encomenda tanto pode ser dado como certo, em alguns casos, quanto pode ser apenas hipotético em outros. Gerando outra derivação da fórmula da expectativa, atualizada para esse frame.

Expectativa → Cren (◊ Objeto vindouro)

O que demarca a diferença entre os frames é basicamente a racionalidade. Se alguém possui a consciência de certeza em um futuro objeto, sua ansiedade é justificável enquanto emoção. Mas se alguém não possui certeza de um objeto vindouro, ou mesmo, se há certeza, mas os efeitos são frequentemente supervalorizados, sua ansiedade é injustificável e chegou ao enquadre da doença.

4.4 Modelos cognitivos prototípicos

Todas essas análises propiciam a identificação dos modelos prototípicos da ansiedade em nossa cultura. Kövecses (2000, p.130) propõe que um “modelo popular de senso-comum” da emoção deva perpassar pelo seguinte esquema:

causa ⇒ *emoção* ⇒ (*controle*) ⇒ *resposta*

¹¹ A expressão “consciência de” é utilizada por fenomenólogos e por filósofos da mente que consideram o fenômeno da intencionalidade como dotação de sentido para a consciência. Segundo Husserl (1929 [2001]), “a palavra intencionalidade não significa nada mais que essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de conter, em sua qualidade de cogito, seu cogitatum em si mesma” (§14, p.51, grifos no original).

Sendo que, neste artigo, o esquema recebe a seguinte adaptação: *causa (da ansiedade) / existência (da ansiedade) / tentativa de controle / perda do controle / ação de resposta*. Os dados analisados e as metáforas identificadas pelo método MIP orientam para a evidência de dois modelos prototípicos: ansiedade como estado de preocupação e ansiedade como estado de almejo.

A ansiedade pelo modelo da preocupação é valorada negativamente, por isso ocorre tanto no frame da emoção quanto no frame da doença. A ocorrência eventual é tida como dentro da normalidade, já a ocorrência frequente é vista como patológica. O quadro 5 esquematiza esse modelo prototípico.

Quadro 5: Modelo cognitivo: ansiedade como estado de preocupação

a. Causa da preocupação	b. Existência da preocupação
Uma pessoa <i>X</i> toma conhecimento da vinda de um objeto <i>p</i> . Ela já conhece o conteúdo de <i>p</i> porque já passou por uma experiência perceptiva de <i>p</i> , ou conhece o conteúdo de <i>p</i> através da crença em relatos sobre <i>p</i> .	<i>X</i> está tensa, em estado de preocupação constante por <i>p</i> . Sente que a mente não consegue se concentrar plenamente em outros temas. <i>X</i> tem uma sensação de desordem por não conseguir ordenar naturalmente os seus pensamentos. Percebe alterações respiratórias que refletem um desconforto na região do tórax e epigástrico.
c. Tentativa de controle	Ela sente uma sensação desagradável que tende a aumentar. Há a sensação de que se está lutando contra alguém indesejado.
<i>X</i> faz uso de técnicas de respiração e meditação, tenta empreender outras atividades para tentar reduzir a sensação desagradável do momento. <i>X</i> busca uma forma de controlar o que sente e tenta não se engajar numa resposta comportamental da preocupação de <i>p</i> .	e. Ação de resposta
d. Perda do controle	<i>X</i> demonstra respostas comportamentais, ou respostas expressivas, ou comunica aquilo que sente. Além disso, é possível exibir um comportamento descontrolado (na forma de postura cabisbaixa, excessivamente introspectiva, e reações enérgicas e agressivas em muitos momentos).
Apesar de tudo isso, <i>X</i> perde o controle.	

Fonte: elaboração própria

Algumas metáforas conceptuais são indícios para esse modelo: ANSIEDADE É FARDOS, ANSIEDADE É PARA BAIXO, ANSIEDADE É OBSTÁCULO, ÂNSIA É OBSTÁCULO, ANSIEDADE É UM INIMIGO, ANSIEDADE É UM DOMINADOR, ANSIEDADE É UM ALGOZ, SENTIR ANSIEDADE É ESTAR PERDIDO. Os exemplos linguísticos dessas metáforas sugerem uma pessoa ansiosa com muita preocupação, alguém que sente uma sensação de peso sobre si, que sabe que terá obstáculos pelo caminho, que se sente numa luta contra inimigos que podem vencê-lo.

O segundo modelo prototípico sucede de maneira diferente do primeiro. Enquanto o modelo da preocupação se presencia em dois frames, o modelo do almejo realiza-se apenas no frame da emoção. Vale-se da ansiedade considerada positiva, não possuindo conotação patológica (vide quadro 6).

Quadro 6: Modelo cognitivo: ansiedade como estado de almejo

a. Causa do almejo	b. Existência do almejo
<p>Uma pessoa <i>X</i> toma conhecimento da vinda de um objeto <i>p</i>. Ela já conhece o conteúdo de <i>p</i> porque já passou por uma experiência perceptiva de <i>p</i>, ou conhece o conteúdo de <i>p</i> através da crença em relatos sobre <i>p</i>.</p>	<p><i>X</i> está satisfeita pela expectativa da vinda de <i>p</i>. Ela sente um desejo ardente de que a chegada de <i>p</i> ocorra o mais breve possível. Sente que, às vezes, não consegue se concentrar plenamente em outros temas.</p> <p>Em alguns momentos, <i>X</i> pode sentir alterações respiratórias e físicas na região do tórax e epigástrico, mas nada que cause desconforto. <i>X</i> sente que a emoção sobre <i>p</i> está aumentando dentro de si, ela consegue mensurar o tamanho da emoção.</p> <p>Ela se sente exultante e inquieta sempre que lembra de <i>p</i>. E quando outras pessoas estão compartilhando do mesmo sentimento por <i>p</i>, <i>X</i> acaba percebendo que a condição ambiental do local mudou.</p>
<p>c. Tentativa de controle</p>	<p>e. Ação de resposta</p>
<p>Caso <i>X</i> não queira transparecer sua inquietação, pode tentar pensar em outros temas, pode tentar disfarçar sua ansiedade e não se engajar numa resposta comportamental de exibição do desejo ardente de <i>p</i>.</p>	
<p>d. Perda do controle</p>	<p><i>X</i> demonstra respostas comportamentais, ou respostas expressivas, ou comunica aquilo que sente. Ela exibe uma postura apreensiva (podendo alternar entre um semblante inquieto, alegre e até um pequeno nível de preocupação).</p>
<p>Apesar de tudo isso, <i>X</i> perde o controle.</p>	

Fonte: elaboração própria

As metáforas que evidenciam esse modelo não exprimem interpretação negativa, são elas: EXISTÊNCIA DA ÂNSIA É POSSE DE UM OBJETO, ANSIEDADE É UM OBJETO, ANSIEDADE É UM OBJETO CONTROLÁVEL, ANSIEDADE É UM OBJETO EM EXPANSÃO, ANSIEDADE É UM OBJETO INCONTESTÁVEL, ANSIEDADE É CONTEÚDO NO RECIPIENTE. Os exemplos linguísticos dessas metáforas indicam uma pessoa exultante com o conhecimento de algum evento; ela sabe que possui um sentimento dentro de si e sabe até que ponto pode controlá-lo. A pessoa sabe que esse sentimento pode aumentar dentro de si a ponto de se tornar incontestável, e vê-se obrigada a “admiti-lo”, “demonstrá-lo”, “revelá-lo”.

Concluimos esta seção com a segunda parte do esquema do MCI (quadro 7), incluindo, nele, os resultados obtidos até o momento sobre a metaforização da encomenda e sobre os modelos prototípicos.

Quadro 7: MCI da ansiedade – parte 2

Fonte: Costa Jr. (2014), mas com adaptações para a presente pesquisa

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contemplamos, neste estudo, a amplitude de um MCI de caráter emocional. A condição dos dados analisados forneceu seu próprio caminho em direção aos objetivos iniciais. O MCI da ansiedade realizou-se em dois frames: o da emoção e o da doença. As metáforas conceptuais identificadas no *corpus* induziram a constatação de dois modelos prototípicos: ansiedade como estado de preocupação e ansiedade como estado de almejo. Sendo o almejo uma peculiaridade do frame da emoção, polarizado na subdivisão da ansiedade que é valorada positivamente.

O método MIP foi responsável pela identificação de mais de duzentas unidades lexicais de uso metafórico. Abordagem que facilitou a sugestão de metáforas subjacentes. Os conceitos intrínsecos relacionados foram o temor, o almejo e a expectativa. Dentre esses, a expectativa mereceu destaque devido a sua ocorrência em todas as subdivisões de frame. É a partir do conceito de expectativa, aliado a duas metáforas conceptuais, que este estudo propôs a Metáfora da Encomenda. Uma construção análoga à compreensão da ansiedade, que se demonstrou um modelo aplicável a emoções propensas à ideia de futuro. O transtorno de ansiedade generalizada foi o único caso em que não se identificou uma consciência de evento encomendado, não há um objeto futuro que lhe sirva à direcionalidade da expectativa.

A modalização alética, proporcionada pelo modelo da encomenda, deixou claro o caráter racionalista da diferenciação entre a ansiedade emotiva e a ansiedade patológica. Pois, se é racionalmente justificável então é uma emoção salutar, ou se não é justificável racionalmente pela certeza da encomenda, então é uma emoção doentia. Percebe-se a importância do papel da linguagem nessa diferenciação, sem a linguagem a diferença seria inexequível, visto que os efeitos físicos da ansiedade seriam os mesmos.

Os resultados obtidos, aqui, vislumbram uma modesta contribuição para a teoria sociocognitiva da linguagem e os estudos contemporâneos da metáfora. Espera-se que a perspectiva linguística desta investigação contribua para o conhecimento interdisciplinar da ansiedade/emoção, tema que é tradicionalmente discutido pela Psicologia e pela Filosofia. Contudo, os estudos sobre o tema não se esgotam nesta análise, sendo, esta, um pequeno passo para a compreensão social e cognitiva das emoções ansiosas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco; Poética*. Seleção de José Américo Motta Pessanha. Trad. Eudoro de Souza. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 245-341.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Albert, Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AULETE, Caldas. *iDicionário Aulete da Língua Portuguesa*. Dicionário Caldas Aulete, Lexikon Editora Digital, 2008. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>> Acesso em: 15 jul. 2015.

BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf. *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 207-277.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique, aide-mémoire. *Communications*, Paris, v. 16, Recherches rhétoriques. p. 172-223, 1970.

BAXTER, L.A. Root metaphors in accounts of developing romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*. Thousand Oaks, v. 2, n. 9, p. 253-275, 1992.

BLACK, Max. *Models and metaphors: studies in language and philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

BOKOR, Zsuzsanna. Body-based constructionism in the conceptualization of anger. Paper 17 in the *C.L.E.A.R. series (Cognitive Linguistics: Explorations, Applications, Research)*. Working papers of the Department of English, Hamburg University, and Department of American Studies, Eötvös Loránd University Budapest, 1997.

COSTA JR. Daniel Felix da. *O modelo cognitivo idealizado da ansiedade e suas materializações na linguagem*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlim: Selignow Verlagsservice, 2006. p. 373-400.

GRADY, J. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299 f. Tese (Ph.D. in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.
- KÖVECSES, Zoltán. *Emotion concepts*. Berlin / New York: Springer Verlag, 1990.
- _____. *Metaphor and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- _____. The conceptual structure of happiness. In: TISSARI, H.; PESSI, A.B; SALMEIA, M. *Happiness: cognition, experience, language*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2008. p.131-143.
- _____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JONHSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*. Mahwah NJ, v.22, n. 1, p.1-39, 2007.
- REDDY, Michael. The conduit metaphor. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 164-201.
- RICHARDS, I.A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.
- RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SEARLE, John R. *Intencionalidade*. Trad. Julio Fischer, Tomás Rosa Bueno. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics, Volume I: concept structuring systems*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

MODELOS MENTAIS NO DISCURSO JORNALÍSTICO E DO FACEBOOK: A (RE)PRODUÇÃO DE SABERES SOBRE O CASO #OCUPEESTELITA

MODELOS MENTALES EN EL DISCURSO PERIODÍSTICO Y DEL FACEBOOK: LA
(RE)PRODUCCIÓN DE SABERES SOBRE EL CASO #OCUPEESTELITA

MENTAL MODELS IN JOURNALISTIC DISCOURSE AND ON FACEBOOK: THE
(RE)PRODUCTION OF KNOWLEDGE ABOUT #OCUPEESTELITA

Laura Jorge Nogueira Cavalcanti*

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: Neste trabalho examinamos comentários em resposta a uma postagem do Movimento #OcupeEstelita no *Facebook* e duas matérias jornalísticas para compreender as relações cognitivo-discursivas construídas entre diferentes grupos sociais. Partimos da perspectiva sociocognitiva proposta por Van Dijk (2010, 2012), examinando as estratégias de categorização (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), nominalização e referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), bem como a organização das informações nas notícias (VAN DIJK, 1988), a fim de recuperar os modelos mentais construídos sobre o Movimento, seus representantes e as questões sociais levantadas. Observamos que o discurso da grande mídia jornalística tende a uma conceptualização pejorativa do Movimento; que o Movimento posiciona-se como guardador de interesses sociais/democráticos; e que os comentários no *Facebook* tendem a reproduzir os mesmos modelos de evento elaborados pela grande mídia. Notamos, portanto, o papel da conceptualização através do discurso na (re)produção de saberes caros à convivência social, postos em jogo neste embate discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Modelos mentais. Sociocognição.

* Doutoranda no curso de pós-graduação em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: laura.jnc@gmail.com.

RESUMEN: En este estudio examinamos comentarios en respuesta a un post del Movimiento #OcupeEstelita en Facebook, y de dos artículos de periódicos para comprender las relaciones cognitivo-discursivas construidas entre distintos grupos sociales. Partimos de la perspectiva socio-cognitiva propuesta por Van Dijk (2010, 2012), examinando las estrategias de categorización (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), nominalización y referencia (MONDADA; DUBOIS, 2003), así como la organización de las informaciones en las noticias (VAN DIJK, 1988), con el fin de recuperar los modelos mentales construidos sobre el Movimiento, sus representantes y las cuestiones sociales suscitadas. Observamos que el discurso de los grandes medios periodísticos tiende a una conceptualización peyorativa del Movimiento; que el Movimiento se posiciona como guardianes de los intereses social/democráticos; y que los comentarios en Facebook tienden a reproducir los mismos modelos de eventos elaborados por los grandes medios. Notamos, por lo tanto, el rol de la conceptualización a través del discurso en la (re)producción de saberes en la convivencia social, puestos en juego en este embate discursivo.

PALABRAS-CLAVE: Discurso. Modelos mentales. Sociocognición.

ABSTRACT: In this study we analyzed the comments written in response to a post by the action #OcupeEstelita on Facebook, and two newspaper stories in order to understand the cognitive-discursive relations established between distinct social groups. We adopted Van Dijk's socio-cognitive perspective (2010, 2012), analyzing the categorization (LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), the nominalization, and referentiation (MONDADA; DUBOIS, 2003) processes, as well as the manner how information is organized in news pieces (VAN DIJK, 1988), in order to recover the mental models created about the action, its representatives, and the social issues in question. We observed that the journalistic media tends to develop a pejorative conceptualization of the action; that the action places itself as the guardian of social/democratic interests; and that comments on Facebook tend to reproduce the same event models developed by the journalistic media. We realized, thus, that the role of conceptualization through discourse in the (re)production of socially relevant knowledge is at stake in this discursive clash.

KEYWORDS: Discourse. Mental models. Socio-cognition.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre discurso e sociedade tem sido bastante discutida em estudos linguísticos. Aqui, nos voltamos a este tema mais estritamente, dentro do quadro teórico da Linguística Cognitiva, numa tentativa de explicar como se constitui esta relação. Consideramos que o discurso materializado linguisticamente, sendo um ato social, é também resultado de escolhas linguístico-discursivas sócio-cognitivamente orientadas que podem dar acesso aos posicionamentos dos atores sociais que os produzem. Entendemos, portanto, que é através de construtos linguístico-cognitivos que se estabelecem, reforçam ou subvertem conhecimentos ideológicos que subsidiam parâmetros socialmente e politicamente legitimados, no caso deste estudo, em relação a questões de desenvolvimento urbano.

O evento particular que analisamos é a contestação da aprovação, pelo prefeito da cidade de Recife, de uma lei que permite a continuidade de um projeto imobiliário – Projeto Novo Recife (doravante PNR) – contra o qual se posiciona o Movimento #OcupeEstelita. Em demonstração de protesto, integrantes do Movimento acamparam em frente ao edifício onde mora o prefeito, entre os dias 07 e 09 de maio de 2015. Para o desenvolvimento deste estudo, analisaremos duas matérias jornalísticas (uma do Jornal do Commercio e outra do Diário de Pernambuco¹) e comentários de uma postagem na página do Facebook do Movimento sobre o acampamento. O objetivo é observar a (re)produção de modelos mentais, de representações sociais e modelos de contexto que reforçam ou subvertem o posicionamento hegemônico em relação ao conflito simbolizado pelo acampamento. De maneira mais ampla, dentro do quadro da Análise Crítica do Discurso, procuramos apontar como as relações entre o discurso jornalístico e o discurso social mantêm uma relação dialética.

Seguindo a linha de estudos sociocognitivos desenvolvida por Van Dijk (2010; 2012), consideramos que a interface cognitiva é o *locus* da mediação entre discursos e realidade social. Desta forma, buscamos compreender os conhecimentos e posicionamentos

¹ A grafia é a mesma adotada pelos veículos jornalísticos.

(re)produzidos nas notícias e comentários do Facebook a partir de elementos de natureza sociocognitiva chamados pelo teórico de modelos mentais, representações sociais e modelos de contexto. Estes elementos, uma vez concretizados no discurso através de diferentes recursos linguístico-cognitivos e discursivos, dão acesso às ideologias e ao conhecimento de grupo sociais.

Nesta perspectiva, entendemos a linguagem como atividade construtora do mundo. A ação de *conhecer* é muito mais uma ação de construção, negociação, interpretação e definição de sentidos do que de identificação, posicionamento teórico que vai de encontro às teorias representacionistas do conhecimento (MARCUSCHI, 2007; MONDADA; DUBOIS, 2003; LAKOFF, 1987).

Seguindo esta linha, assumimos que quando se fala do Movimento ou do Projeto Novo Recife (PNR) nas notícias e comentários, não se trata do Movimento ou PNR *em si*, objetos-do-mundo, mas de um construto cognitivo, *objetos-de-discurso*, “[...] cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas [...]” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35). Devido a esse processo de semiotização, passamos a conferir a estes objetos-de-discurso certos atributos e sentidos ao longo do processo de categorização e referenciação. Sendo assim, o ato linguístico-discursivo da referenciação *não* é um ato passivo (o simples reconhecimento de um objeto), mas ativo, em que se atribui uns e não outros valores e traços ao objeto-de-discurso. Da mesma forma, a construção de um texto (falado ou escrito) não é a simples expressão de fatos sobre um determinado evento, mas a conceptualização do evento segundo certos pontos de vista.

Os modelos mentais, segundo a definição de Van Dijk (2012, p. 92), “[...] não representam objetivamente os eventos de que fala o discurso, mas antes a maneira como os usuários da língua interpretam ou constroem cada um a seu modo esses eventos, por exemplo, em função de objetivos pessoais, conhecimentos ou experiências prévias [...]”. Os modelos mentais, portanto, são construtos individuais, na medida em que são interpretações subjetivas de eventos, mas também socialmente constrangidos, pois a base para a sua construção encontra-se em representações dos mesmos eventos social e culturalmente compartilhadas (os conhecimentos referidos na citação do autor). Esses conhecimentos ativados, (re)construídos e solicitados nos textos concretos, nas notícias e comentários, têm sua aplicação estratégica na “[...] produção e compreensão dos pronomes, dos demonstrativos, das expressões definidas e indefinidas, e assim por diante [...]” (VAN DIJK, 2012, p. 131). Conforme Silva (1997, p. 24-25):

Cada construção sintáctica particular reflecte uma organização cognitiva específica por parte do conceptualizador da cena, e variações formais reflectem variações conceptuais, bem como construções competitivas representam organizações alternativas de uma cena.

Analizamos estes aspectos formais para acessar como foi construído o conhecimento acerca do Projeto, do Movimento e seus representantes e das questões suscitadas pelo conflito nos jornais e *Facebook*.

Considerando que a mídia jornalística constitui um grupo social com acesso exclusivo a um meio de produção discursiva considerado de prestígio, configura-se a importância de se analisar a produção discursiva desses veículos, vistos como formadores de opinião:

Controlando o acesso ao discurso público, só se permitem expressar e circular formas específicas de conhecimento e opinião, e estas podem conduzir persuasivamente a modelos mentais e representações sociais que servem aos interesses dos poderosos (VAN DIJK, 2000, p. 207, tradução nossa).²

Em lugar de constituir canais neutros de veiculação de informação objetiva, os textos produzidos pela mídia jornalística configuram espaços discursivos abertos a processos ideológicos. A análise das estratégias linguístico-cognitivas empregadas, aliada às considerações sobre o contexto sociopolítico e sociohistórico, conduz à diferentes interpretações (ideológicas) que se pode obter dos textos jornalísticos.

² No original: “Controlando el acceso al discurso público, sólo pueden expresarse y circular formas específicas de conocimiento y opinión, y éstas pueden conducir persuasivamente a modelos mentales y representaciones sociales que sirven a los intereses de los poderosos.” (VAN DIJK, 2000, p. 207).

Van Dijk (2010) ressalta ainda que, por serem textos públicos, as notícias, matérias e reportagens podem ser avaliados por diferentes grupos com os mais variados níveis de criticidade. Isso acarreta que, apesar de postularem objetividade e neutralidade, nos textos jornalísticos existe a “[...] possibilidade de o poder ser exercido e formulado de maneiras mais indiretas, veladas e formalizadas, em especial, quando tal poder não é estabelecido legal ou organizacionalmente [...]” (VAN DIJK, 2010, p. 73). Isso implica a utilização de técnicas argumentativas e persuasivas nos textos, muitas vezes, veladas. Insere-se nesse contexto, a importância do trabalho analítico para desvendar esses empregos linguístico-cognitivos e possíveis movimentos manipuladores e persuasivos dos discursos midiáticos.

Um dos objetivos desta pesquisa, portanto, é verificar, através da análise da (re)produção de modelos mentais de conhecimento e representações sociais, se os veículos jornalísticos manipulam ou desinformam, privilegiando o discurso hegemônico em detrimento do discurso contra-hegemônico (neste caso específico, do Movimento #OcupeEstelita). Assim, “[...]o que está em jogo não é o jornalismo ser o retrato da realidade, mas ser o sujeito [ou grupo social] privilegiado que propõe sua versão pública dos fatos [e silencia outras] [...]” (SILVA, 2009, p.187). A forma como hoje, em grande parte das sociedades ocidentais, se configura e legitima o poder social não é mais apenas através da força, do poder coercitivo ou disciplinar da era industrial. Na chamada “sociedade da informação”, poder social legitimado é controle sobre o discurso, sobre sua produção e disseminação, ou seja, também em termos de acesso, como aponta Van Dijk (2010, p. 23): “Muitas formas de poder contemporâneo, contudo, devem ser definidas como poder *simbólico*, isto é, em termos do acesso preferencial a – ou controle sobre – o discurso público.”

Contudo, não podemos considerar estas relações mecanicamente, ou de forma direta. O discurso jornalístico é também efeito de processos discursivo-cognitivos desenvolvidos no meio social. Como aponta Van Dijk (2010, p. 43), “[...] o exercício do poder não se limita simplesmente a uma forma de ação [de um grupo sobre outro], mas consiste em uma forma de interação social [...]” em que os grupos dominantes atuam de maneira indireta, “[...] por meio da ‘mente’ das pessoas, por exemplo, controlando as informações ou opiniões [...]” (VAN DIJK, 2010, p. 42). Examinaremos o discurso construído em comentários no *Facebook*, a fim de verificar se (re)produzem conhecimentos compartilhados nos jornais, examinando diferentes recursos linguístico-discursivos que recuperam certa estrutura ideológica hegemônica, e como o discurso contra-hegemônico é incorporado nos meios noticiosos.

2 ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO: A (RE)PRODUÇÃO DE MODELOS HEGEMÔNICOS NEOLIBERAIS

Uma análise das reportagens dos dois jornais impressos de maior circulação do Recife, *Jornal do Commercio* (JC) e *Diário de Pernambuco* (DP), do dia 09 de maio de 2015, revela que ambos os veículos constroem um ideário comum em relação ao Movimento, indiretamente, ao Projeto Novo Recife, e às questões tangenciadas pelo conflito, qual seja uma macroestrutura que posiciona o #OcupeEstelita como ameaça à propriedade privada, compreendida dentro do *frame* ideológico capitalista.

A noção de *frame* aqui adotada é de “[...] domínio cognitivo [...] que reúne conhecimento compartilhado em relação às expectativas socioculturais [...]” (FERRARI, 2011, p. 34) relacionado a um dado objeto-de-discurso. Ou seja, um tipo de domínio cognitivo que implica sistematicamente certos elementos, neste caso, de acordo com a ideologia capitalista. Assim, estaremos lidando com modelos mentais sobre propriedade (privada), os direitos dos proprietários, os deveres dos cidadãos etc. dentro da lógica neoliberal capitalista. O grupo dos moradores do edifício, vizinhos do prefeito do Recife, nesta conjuntura particular, são posicionados como estando contra o #OcupeEstelita, devido ao acampamento em frente ao edifício, que invade o “nosso” espaço privado. Conseqüentemente, nas representações sociais mais amplas sobre o conflito entre o Movimento e o PNR, estes moradores atuam nestas matérias jornalísticas, como um grupo aliado ao grupo hegemônico (do PNR).

De modo que, quando a fala dos moradores (representados na voz da síndica), dos proprietários de pontos comerciais e clínica da mesma rua e do delegado são as falas mais recorrentes nas matérias, os jornais demonstram uma seleção tendenciosa na apuração das informações. A questão do acesso à produção discursiva, ao espaço no jornal, discutida por Van Dijk (2000; 2010) como forma de controle discursivo, neste caso também deixa entrever um elemento importante do modelo de contexto construído por ambos os veículos jornalísticos: os participantes que devem ser considerados mais relevantes neste conflito são os aliados do PNR.

O modelo de contexto comunicativo mais geral é o da notícia. Porém, se analisarmos mais detidamente o modelo de evento que se está noticiando, com a escolha de tópico sendo “transtorno”, “danos” e “prejuízos” causados pelo acampamento do Movimento, notamos que se trata de uma notícia condenadora e denunciadora da ação do #OcupeEstelita. Muito aos moldes das notícias que reportam os danos e prejuízos provocados por grevistas, por exemplo. O que os jornais consideraram como informação relevante, e em que partes da estrutura da notícia essas informações figuram, são indicadores do modelo de contexto adotado para a notícia e para o evento.

Em termos de localização das informações e das falas nas notícias, temos que de acordo com Van Dijk (1988; 2010), a notícia, enquanto gênero institucionalizado, tem sua estrutura convencionada de modo que deve haver um título, subtítulo e *lead* (ou pelo menos o título e *lead*), antecedendo a narração mais detalhada do evento propriamente dita. Destas categorias esquemáticas, o título/manchete é uma das mais significativas em estabelecer o sentido global da notícia, pois o que é tomado como relevante na visão do jornal vai ser salientado no título das notícias. A forma como é topicalizada a notícia tende a servir de guia para a interpretação/compreensão do texto: “Tópicos são cruciais para o entendimento geral de um texto, por exemplo, no estabelecimento de coerência global; além disso, no micronível, eles agem como um controle semântico *top-down* sobre a compreensão local [...]” (VAN DIJK, 1988, p. 35, tradução nossa)³. De modo que o que é posto como tópico ajuda a guiar a interpretação de proposições locais do texto. Apontamos que embora a manchete do JC não trate diretamente dos danos, a chamada (na capa do caderno), o faz: “Condomínio pede saída de ativistas e denuncia *depredação*”, bem como o subtítulo: “Representante do edifício onde o prefeito Geraldo Julio mora alega que os ativistas *fazem barulho, dificultando a acessibilidade das 74 famílias residentes*” (SÍNDICA..., 2015, p. 2, grifos nossos). No DP, a manchete é mais contundente: “Protesto continua e transtornos aumentam” (PROTESTO..., 2015, p. a8). Ambos os *leads* (primeiro parágrafo das notícias, considerado espaço em que figuram as informações essenciais e mais relevantes) reforçam o tema dos danos materiais sofridos pelos moradores.

Percebemos que ambos os jornais selecionam e evidenciam como relevantes as informações que reforçam o modelo de “transtornos” e “depredação” propostos nas manchetes e subtítulos, quando utilizam mais da metade do corpo da notícia para relatar as ações contra a integridade do edifício, dos estabelecimentos comerciais e propriedades do entorno (no JC, 6 de 8 parágrafos, e no DP, 6 de 9 parágrafos). Além disso, ambas as matérias trazem fotografias dos muros e estação de ônibus próxima ao local com pichações (Figura 1), e desenvolvem sua macroestrutura discursivo-cognitiva apoiada no modelo mental referente ao dano físico à propriedade privada, em que há um agente que danifica e um paciente que é danificado/lesado, como evidenciado pelo campo lexical selecionado para qualificar as ações realizadas pelos integrantes do Movimento: “depredação”, “pichação”, “destruir” etc. Vejamos abaixo alguns trechos:

Os moradores também prestaram queixa na Delegacia do Cordeiro contra a *depredação* do patrimônio. De acordo com a síndica, integrantes do OcupeEstelita *picharam* o muro, *quebraram* câmera e refletor, além de *destruir* a grama.

[...]

“o proprietário [...] teve o muro *pichado* e as câmeras de segurança *danificadas*” [fala do delegado].

[...]

“Vamos apurar, *depredação* do patrimônio é crime e quem fez, se for identificado, vai responder *inquérito policial*”, informa o delegado.

Pelo menos 22 imóveis, duas parada de ônibus, três postes e duas placas de propaganda amanheceram *pichadas*. (SÍNDICA..., 2015, p. 2, grifos nossos)

Protesto continua e *transtornos* aumentam [manchete]

O proprietário de uma empresa de segurança da rua que teve câmeras *danificadas* *prestou uma queixa* na Delegacia do Cordeiro.

“A queixa menciona a *depredação* do prédio, que foi *pichado*.” [fala do delegado]

[...]

³No original: “Topics are crucial in the overall understanding of a text, e.g., in the establishment of global coherence; and they act as a semantic, top-down control on local understanding at the microlevel” (VAN DIJK, 1988, p. 35).

“Plantas do prédio foram danificadas, ovos foram atirados na guarita e uma câmera foi quebrada”, contabilizou a síndica do edifício.
(PROTESTO..., 2015, p. a8, grifos nossos)

Ressaltamos que uma citação⁴ de uma fala do delegado constrói o ato de “depredação do patrimônio” como “é crime”, recuperando um modelo mental socialmente compartilhado, e que resulta na categorização dos que realizaram a depredação como criminosos, e suscita modelos mentais deste campo semântico. Ainda em outro trecho da reportagem, o delegado é citado dizendo que: “Esse cidadão [proprietário de uma casa vizinha] entregou imagens que provam o ato de *vandalismo*, gravadas às 6h de hoje (ontem)” (SÍNDICA, 2015, p. 2), evidenciando uma categorização dos atos supostamente realizados pelos integrantes do #OcupeEstelita também no domínio do “criminal”, e que gera uma categorização do próprio Movimento e de seus integrantes, reproduzida automaticamente em outras esferas discursivas (por exemplo, no *Facebook*).

Banheiro foi improvisado e estação acabou pichada

RECADOS Imóveis e paradas de ônibus foram pichados, na quinta, durante passeata entre os bairros do Derby e da Torre

Figura 1: Imagens publicadas nas matérias do DP (à esquerda) e JC (duas à direita)
Fonte: Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco (edições de 09 de maio de 2015)

A representação social da pichação nas matérias dos jornais pode ser explicada a partir do *frame* dos danos materiais dentro de uma ideologia capitalista, como comenta Tiburi (2013, p. 44):

A pichação é, na cidade, o antissistema, daí a sensação de terrorismo conceitual, furo no padrão tanto estético, quanto teórico da identidade ditada pelo capital e que se impõe à força pela ideologia do muro branco e pela administração da fachada.

A pichação, vista como violação da propriedade privada, como “[...] heresia justamente contra a sacrossanta propriedade privada por meio de uma curiosa tomada de posse [...]” (TIBURI, 2013, p. 41), nos remete novamente ao *frame* ideológico capitalista de compreensão destas superfícies expostas (dos edifícios privados ou públicos), adotado pelos jornais e retomado nos comentários no *Facebook* (como veremos adiante). Vejamos como exemplo, a fala da síndica do edifício, quando diz que: “eles estão acampados numa *propriedade privada*, esse jardim é *nosso*”, em tom de queixa/protesto. Ao colocar essa informação como relevante, a síndica, e o jornal que reporta esta fala diretamente, recupera e argumenta dentro da ideologia capitalista para o evento de acordo com o qual, acima de tudo, deve-se proteger o direito à propriedade privada.

É de acordo com a ideologia que orienta esse enquadre que é tomada a fala dos representantes do Movimento que figuram nos jornais. No JC, por exemplo, um integrante é citado, já no último parágrafo da matéria, dizendo que “Reunimos milhares de pessoas para protestar contra um prefeito autoritário e o projeto de um condomínio de luxo que não é bom para a cidade”, afirma o rapaz”

⁴ Tratamos as citações diretas como parte do discurso tecido pelos jornais, já que, uma vez incorporadas ao contexto da matéria, passam a significar aí e não podem ser tomadas como não-porosas. Seus sentidos contribuem para a macroestrutura da matéria, e vice-versa. Cunha (2008, p. 131) explica que o discurso reportado é o “[...] fenômeno dialógico por meio do qual os sujeitos desconstruem o discurso alheio e constroem o próprio para se posicionar em relação a um conteúdo ou temática, ao outro, a ele mesmo, ao seu próprio discurso.”

(SÍNDICA..., 2015, p. 2). Vemos aqui, que, quando tomado dentro de um enquadre que supervaloriza a propriedade privada, seu comentário chega a ser incoerente. Dentro da lógica capitalista, como poderia um condomínio de luxo *não* ser bom para a cidade? Notamos, portanto, que o discurso construído pelos dois veículos jornalísticos em questão utilizaram tanto de estratégias conteudistas (seleção lexical), como estratégias estruturais/formais (distribuição de informações no corpo da notícia, seleção de imagens, seleção de citações diretas) para montar seus esquemas cognitivos de representação para a compreensão do fato noticiado, e do próprio ato de noticiar este evento. Ao final, o que se vê nas reportagens é o *construal* de todo o evento dentro de um *frame* capitalista de compreensão do espaço físico público e privado, e dos direitos e deveres de cada participante nestes modelos mentais.

3 ANÁLISE DO DISCURSO NO FACEBOOK: A RETOMADA E (TENTATIVA DE) REFUTAÇÃO DOS MODELOS HEGEMÔNICOS

No mesmo dia em que foram publicadas as matérias dos jornais, na página do #OcupeEstelita no *Facebook*, o Movimento publicou uma nota em relação ao acampamento e à saída da rua do prédio do prefeito. Esta nota, por sua vez, gerou muitos comentários e respostas aos comentários, de pessoas a favor e contrárias ao acampamento, ao Movimento e ao PNR. Ao realizar a análise desses comentários, pudemos perceber a retomada (por vezes, quase literal, como na Figura 2, abaixo) dos modelos mentais, representações sociais e *frame* suscitados nas matérias dos jornais.

O modelo dos danos à propriedade privada se mantém em torno das questões de pichação e depredação, que são problematizadas tanto por aqueles contrários ao Movimento, como pelos apoiadores do #OcupeEstelita.

Figura 2: Postagens na página do MOE no Facebook sobre a pichação durante o ato em frente ao prédio do prefeito

Fonte: Página do Facebook do Movimento #OcupeEstelita

Dentro do marco da ideologia capitalista mais geral, outro modelo mental, além do modelo referente ao direito à propriedade privada é agregado para discutir a ação do Movimento: o dever (e legitimidade através) do trabalho. Este modelo, apesar de não referido diretamente nas matérias do jornal, faz parte do *frame* instanciado pela ideologia capitalista, à medida que só se obtém qualquer direito dentro deste quadro a partir de alguma contribuição à sociedade – se não monetária, pela oferta de trabalho. Assim, na lógica capitalista, só são reconhecidos como cidadãos de direito aqueles que trabalham, que contribuem para o capital. A partir da publicação da foto reproduzida na Figura 3, o jornal (Diário de Pernambuco) joga com esse modelo dentro do *frame* capitalista, ao retratar representantes do Movimento de forma a autorizar a categorização dos mesmos em outros discursos, como “desocupados”, conforme Figura 4.

Figura 3: Foto que ilustra integrantes do Movimento no acampamento

Fonte: DP de 09 maio 2015, Caderno Local

- **Guilherme Silveira desocupados sim! vândalos!**
Curtir - 👍 1 - 9 de maio às 13:57
- **Oscar Nóbrega Obrigado pelos adjetivos Guilherme! Minhas ideias se enquadram no meio dos vândalos! Discuta ideias, as propostas do movimento e do município, contraste-as! Fica feio pessoalizar e ainda mais denegrir, generalizar! Perde-se qualquer razão e um início de um diálogo saudavell**
Curtir - 👍 2 - 9 de maio às 14:22 · Editado
- **Guilherme Silveira não dá p discutir nada com essas atitudes dignas de vandalismo! perdem qualquer razão que acham que tinham!**
Curtir - 👍 1 - 9 de maio às 14:23
- **Guilherme Silveira e, sim, uma pessoa que passa 3 dias na frente de um prédio residencial, gritando até de madrugada, pra mim é um desocupado.**
Curtir - 👍 1 - 9 de maio às 14:28

Figura 4: Comentários no Facebook que retomam o modelo de “desocupado” para referenciar representantes do Movimento

Fonte: Página do Facebook do Movimento #OcupeEstelita

Este mesmo modelo de “desocupados” é retomado em outros comentários por outros atores contrários ao Movimento, como podemos ver abaixo (grifos nossos):

E a carteira *de trabalho* já foi assinada alguma vez?????

[...]

Pode ser boato, mas ouvi que o prefeito dispersou a manifestação em frente a sua casa usando de medidas muito drásticas... convocou um batalhão de choque da *Secretaria do Trabalho - STQE* e começou a emitir carteiras *de trabalho para os manifestantes*, com garantias de emprego... *Relatos dizem que foram testemunhados* atos de desespero entre os manifestantes, alguns chorando copiosamente por que se eles comessem a trabalhar seus pais iriam cortar os subsídios aos planos de dados 4G dos Iphones 5 deles!!!

Mais interessante, contudo, é ver que apoiadores do Movimento também retomam este modelo mental, reproduzindo o discurso hegemônico sobre a valorização do trabalho e a legitimação através do trabalho, ao tentar refutar as “acusações” de que seriam “desocupados”. Vejamos como este processo funciona no comentário transcrito abaixo:

Oi Guilherme, cara não sei se tu sabe mas... não é bem assim, o movimento *não feito por desocupados, e sim por cidadãos, sendo eles estudantes, professores de ensino básico, fundamental, médio e principalmente superior, profissionais de diversas áreas, aposentados e tudo mais*. Pessoas preocupadas com o futuro da cidade. [...] Não deixa o ato de 5% dos manifestantes acabar manchando a imagem do movimento na tua cabeça. Assim como os movimentos contra corrupção de 2013 em todo Brasil, onde poucos eram os vândalos e muitos eram as pessoas de bem.

É interessante notar como neste pequeno trecho se reafirma o valor do trabalho na sociedade configurada de acordo com o capital, ao elencar as profissões e ocupações dos supostos “desocupados”, pressupondo que assim se legitima o Movimento. Ressaltamos também o ato de valorização modalizada pela expressão “principalmente superior” para caracterizar os professores apoiadores do #OcupeEstelita.

Além desta categorização dos integrantes do Movimento, outras são suscitadas dentro de uma categoria esquemática do que representaria ser um apoiador do #OcupeEstelita, num processo produtivo e multiplicador de representações sobre este grupo de atores sociais em particular, conforme Silva (1997, p. 10), citando Langacker (1987), aponta:

Um esquema é uma caracterização abstrata que é totalmente compatível com todos os membros da categoria que ele define (de modo que a pertença não é uma questão de grau); é uma estrutura integrada que incorpora o que há de comum entre seus membros, (LANGACKER, 1987 apud SILVA, 1997, p. 10, tradução nossa).⁵

Para aqueles aliados do grupo hegemônico de poder, a categorização de integrantes do Movimento não é uma questão de grau (como na categorização prototípica), mas de especificidade. Uma vez integrante do Movimento, o indivíduo pode ser percebido como identificado com este esquema geral que abarca identificações desde “desocupados” a “militantes”, “mente vazia”, “vândalos”, “hipster”, “simpatizantes”, “sonhadores”, dentre outras. Esse esquema categorizador engloba o próprio Movimento, por sua vez, visto como “grupelho” que luta por uma “utopia”. A categorização que deslegitima o integrante do Movimento, deslegitima também o próprio Movimento.

Este é mais um efeito discursivo-cognitivo construído dialeticamente com os discursos dos jornais, que, por trás do marco da objetividade, relatam e descrevem as ações do #OcupeEstelita no acampamento em frente à casa do prefeito da seguinte maneira: “Enquanto alguns [integrantes do Movimento] tomavam banho de piscina, outros tocavam instrumentos e cantavam. Outro grupo se dividia para organizar a cozinha improvisada.” Em legenda da principal foto da mesma matéria, lê-se: “Ontem de manhã, fizeram uma aula de ioga” (PROTESTO..., 2015, p. a8). O jornal não relata ou informa sobre a proposta do Movimento, mas o conceptualiza como uma caricatura de si mesmo, ao passo que alimenta o esquema dos “desocupados”.

⁵ No original: “[...] an abstract characterization that is fully compatible with all the members of the category it defines (so membership is not a matter of degree); it is an integrated structure that embodies the commonality of its members” (LANGACKER, 1987, p. 351).

Reconhecemos a impossibilidade de precisar em que esfera estes esquemas categorizadores, *frames*, modelos mentais e representações sociais foram fundados e especificados, mas podemos reconhecer a identificação ideológica entre diferentes grupos sociais através da análise destes elementos cognitivos suscitados nos discursos tecidos por atores destes grupos. Fica o alerta para a maneira como esses elementos normalmente tidos como estritamente linguísticos (escolhas pessoais dos indivíduos falantes, na tradição pragmática), ou generalizadamente como crenças, atitudes ou ideologias de grupo, funcionam no “controle das mentes” de qua trata Van Dijk (2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão que desenvolvemos neste artigo poderia e deveria ser ampliada para discutir elementos mais específicos da natureza cognitiva do discurso e do conhecimento, analisar, a partir de corpora adicionais, a via contrária daquela identificada aqui, ou seja, como o debate público influencia a agenda dos jornais, especificar cada vez mais a relação entre discurso-cognição-sociedade de maneira que o abuso do controle discursivo e o poder social resultante seja cada vez mais claramente entendido e identificado.

Por ora, ressaltamos como neste estudo, através da associação da análise crítica com uma análise sócio-cognitiva do discurso, demonstramos que o *Facebook*, apesar de considerado espaço de resistência e militância, pode ser também espaço para a reprodução de discursos conservadores que reforçam ideologias e modelos hegemônicos de poder. Além disso, e mais contundentemente, apontamos como, por vezes, o próprio ativista social opera cognitivamente dentro do *frame* contra o qual se posiciona, possivelmente anulando seus esforços. Daí a necessidade de se pensar as categorias cognitivas associadas a processos linguístico-discursivos, para poder identificá-las e, mais importante ainda, subvertê-las, de fato.

REFERÊNCIAS

CUNHA, D. A. Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 129-144, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a07.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2015.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Theoretical prerequisites, vol. 1, Stanford, California, Stanford University Press, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M., RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

PROTESTO continua e transtornos aumentam. *Diário de Pernambuco*. Recife, 09 maio 2015, Caderno Local, p. a8.

SÍNDICA pede saída de manifestantes. *Jornal do Commercio*, Recife, 09 maio 2015, Caderno Cidades, p. 2.

SILVA, A. S. da. A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, p. 59-101, 1997.

SILVA, M. O. Jornalismo e Representação do Mundo. In: DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C.; BARROS, K. (Org.). *Um linguista, orientações diversas*. Recife: Editora da UFPE, 2009. p. 187-199.

TIBURI, M. Direito visual à cidade. *Redobra*, n. 12, ano 4, 2013, p. 39-53. Disponível em: <http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/revista_redobra12_virtual.pdf> Acesso em: 03 ago. 2015.

VAN DIJK, T. A. *News as discourse*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1988.

_____. *Ideología: una aproximación multidisciplinaria*. Barcelona, España: Gedisa, 2000.

_____. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em 25/10/2015. Aceito em 29/02/2016.

LÍNGUA E ALTERIDADE NA ACOlhIDA A REFUGIADOS: POR UMA MICROPOLÍTICA DA LINGUAGEM

LENGUA Y ALTERIDAD EN LA ACOGIDA A LOS REFUGIADOS: POR UNA MICRO-
POLÍTICA DE LENGUAJE

LANGUAGE AND ALTERITY IN HOSTING REFUGEES: FOR A MICROPOLITICS OF THE
LANGUAGE

Poliana Coeli Costa Arantes*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Bruno Deusdará**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ana Karina Brenner***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO: Neste artigo, procedemos a uma discussão acerca de nossas implicações ético-políticas como professores de língua no acolhimento a refugiados. A reflexão dirige-se ao campo da formação de professores de língua não materna, entendendo o papel desse profissional na promoção de direitos. Para tanto, propomos os seguintes questionamentos: i) que políticas linguísticas podem dar sustentação à preparação de material didático para o curso de português como língua de acolhimento a refugiados? ; ii) que implicações éticas e políticas encontram-se subjacentes à proposição de atividades, como professores de língua, nessa direção? Tendo em vista que as questões norteadoras deste trabalho têm relação interdisciplinar de análise, nos propomos a discutir tais temas baseados na perspectiva da micropolítica em Deleuze e Guattari e no conceito de alteridade em Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Refugiados. Micropolítica. Alteridade.

*Doutora em Estudos Linguísticos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: polianacoeli@yahoo.com.br

** Doutor em Psicologia Social. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O autor agradece à Faperj pela concessão de bolsa do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (Processo nº 21.4710. Edital 06/2015). E-mail: brunodeusdara@gmail.com.

*** Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e pesquisadora do Observatório Jovem do Rio de Janeiro. E-mail: anakbrenner10@gmail.com.

RESUMEN: En este artículo se procede a una discusión de nuestras implicaciones éticas y políticas como profesores de lengua actuando en la acogida a los refugiados. La reflexión se dirige al campo de la formación de profesores no nativos, con el fin de comprender el papel del profesor en la promoción de los derechos. Para eso, proponemos las siguientes preguntas: i) ¿qué políticas del lenguaje pueden sostener la elaboración de material didáctico para el curso de portugués como lengua de acogida a los refugiados? ii) ¿qué implicaciones éticas y políticas están detrás de las actividades propuestas, como profesores de lengua, en esa dirección? Considerando que las preguntas de orientación de este trabajo establecen una relación interdisciplinaria de análisis, proponemos debatir estas cuestiones desde la perspectiva de la micro-política de Deleuze y Guattari y el concepto de alteridad en Bakhtin.

PALABRAS CLAVE: Formación de profesores. Refugiados. Micro-política. Alteridad.

ABSTRACT: In this article we proceed to a discussion about our ethical and political implications as language-teaching professors in a hosting course for refugees. We aim to address the field of second-language-teaching education, considering the teacher's role in promoting rights. In this context, we discuss the following matters: i) which language policies can sustain the preparation of teaching materials for Portuguese language teaching to refugees?; ii) which ethical and political implications are subjacent to the proposition of activities as language teachers towards this direction? Considering that the guiding issues of this paper is related to interdisciplinary analysis, we propose to discuss these matters based on the perspective of Deleuze and Guattari's micropolitics and Bakhtin's alterity concept.

KEYWORDS: Teacher's education. Refugees. Micro-politics. Alterity.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A consolidação da temática do refúgio na cena midiática internacional contemporânea, agudizada por pretensas ameaças de sua instrumentalização como parte dos conflitos armados e dos ataques a populações civis, que têm envolvido países europeus e asiáticos – em especial, os situados no Oriente Médio –, merece nossa atenção, na condição de pesquisadores do campo da linguagem e da educação de jovens e adultos, sobretudo no que toca à elaboração e execução de ações na acolhida às pessoas provenientes de fluxos migratórios forçados.

Com efeito, o enfoque que vem sendo conferido à temática da migração forçada e do refúgio pode sugerir um sentido que nos parece ser preciso afastar, de saída. Nessa direção, um levantamento de notícias eletrônicas, ainda em andamento, acerca do modo como vem sendo construída a temática da imigração forçada na imprensa brasileira tem demonstrado que sua abordagem se encontra excessivamente fragmentada, seja pelo viés sensacionalista das condições adversas das travessias de fronteiras, privilegiando narrativas pessoais, seja pelo seu apagamento diante de anúncios de medidas administrativas e legais por parte de chefes de estado restringindo a circulação e ampliando estratégias de segurança de fronteiras nacionais. Tal abordagem privilegia tão-somente o âmbito das políticas de segurança nacional, relegando as condições de vida de quem é forçado a deixar seu país de origem, vitimado por perseguição social, religiosa, política, ambiental como uma narrativa dramática remetendo ao plano estritamente individual.

Um dado importante vem reforçar nosso papel, na condição de pesquisadores em Universidade pública brasileira, diante da questão: a Convenção das Nações Unidas para o Estatuto dos Refugiados foi ratificada por legislação nacional, a partir da Lei n. 9.474, de 22 de julho de 1997, que define os mecanismos de implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e determina outras providências, como a criação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE).

Desse modo, parece-nos imprescindível um esforço proveniente da atuação conjunta de diversos atores sociais, incluindo-se aí os professores de língua e da educação de jovens e adultos, em universidade pública, no sentido de contribuir para o deslocamento do foco do âmbito estritamente econômico e administrativo-penal para o campo dos problemas humanitários na contemporaneidade.

Diante da configuração do campo problemático acima explicitado e de uma solicitação concreta de atuação, como professores de língua e da educação de jovens e adultos, no acolhimento a refugiados, consideramos a necessidade de interrogar nosso aparato conceitual a partir dos seguintes questionamentos: que implicações éticas e políticas encontram-se subjacentes à proposição de ações de acolhida, como professores de língua e da educação de jovens e adultos, nessa direção? Que sentidos de política linguística podem dar sustentação a nossas ações de preparação de material didático de ensino de língua para refugiados?

Considerando que as questões norteadoras fundamentalmente interrogam nossos referenciais teóricos e práticas profissionais, centramos nossas discussões nas especificidades concernentes aos refugiados frente a essa condição excessivamente genérica de “estrangeiro”, bem como uma abordagem sócio-interacional da noção de língua. Com isso, pretendemos afirmar uma reflexão em torno das políticas públicas para acolhimento dos refugiados, em um caráter necessariamente interdisciplinar, integrado, contextualizado, capaz de reconhecer e assumir a complexidade do tema.

2 “REFUGIADO NÃO É APENAS MAIS UM ESTRANGEIRO?”: PROBLEMATIZANDO A MIGRAÇÃO FORÇADA A PARTIR DE SABERES JURÍDICOS E PSICOLÓGICOS

Consideramos imprescindível que estudos teóricos acerca da condição de refugiado sejam realizados, como possibilidade de melhor compreender que tensões constituem essa inscrição intercultural e em que perspectivas encontramos respaldo para qualificar como demanda as queixas que nos foram inicialmente dirigidas. Nessa direção, uma cartografia dos sentidos atribuídos à migração nos parece desejável para que se dê sustentação às singularidades políticas, históricas e subjetivas desse processo, interrogando as premissas de homogeneidade em que a pretensa categoria “estrangeiro” se inscreveria.

Desse modo, passamos à discussão da problemática da migração forçada como objeto produzido no encontro entre os campos de saberes jurídicos e da psicologia. Chegamos aos materiais aqui analisados a partir de uma busca preliminar na base de dados *Scielo*, na qual encontramos 12 artigos. Desses 12, privilegamos os seis que tematizavam explicitamente a condição do refugiado.

Acrescentamos a essa discussão os artigos publicados em uma recente edição especial da revista *Psicologia USP*, dedicada à temática das migrações. Entre os artigos publicados, selecionamos 3, por tratarem senão exclusivamente, ao menos parcialmente da questão dos refugiados. Procuramos configurar o modo como os materiais caracterizam o campo do saber no qual se inscrevem, bem como situar as críticas que sustentam, pretendendo indicar linhas de força e zonas polêmicas de conceituação e divergência.

No campo dos saberes jurídicos, a apreensão das condições de emergência da migração como objeto de estudo considera a diversidade de motivações, a partir das quais se estabelece a clássica oposição entre migração voluntária e forçada, delineando-se grupos de

[...] refugiados e as pessoas forçadamente deslocadas, classicamente diferenciados dos migrantes (econômicos) em função das necessidades e demandas particulares derivadas de perseguições ou outras violações sérias, de que decorrem fortes obrigações jurídicas dos Estados de protegê-los (JUBILUT; APOLINARIO, 2010, p. 276).

Dessa forma, o interesse pelos diferentes tipos de categorização das motivações se justificará, entre os estudiosos da área, como forma de caracterizar a rede de proteção jurídica a ser acionada em cada uma das situações. Ou seja, a caracterização da migração de acordo com sua motivação acarretará um delineamento da rede social e jurídica associada.

Com efeito, a designação *migração forçada* tem sido atribuída mais frequentemente a pessoas as quais tiveram de se deslocar em função de situações relativas a seus direitos econômicos, sociais ou culturais. No entanto, um caso exemplar que vem se evidenciando e, simultaneamente, desafiando esse tipo de organização do campo jurídico, reside no fenômeno relativo à migração forçada por razões ambientais. A esse respeito, Jubilit e Apolinário (2010) apontam um impasse bastante atual: “A migração resultante de um meio ambiente temporariamente ou permanente degradado é um fato incontestável; todavia, o direito

internacional não tem disposições concernentes à correlação entre a degradação ambiental e a migração humana” (JUBILUT; APOLINARIO, 2010, p. 288).

Aliado a essa tematização das motivações para a migração, outro aspecto recorrente nos modos a partir dos quais essa situação vem sendo pensada pelo campo dos saberes jurídicos reside na delimitação do ato de entrada em certo território sem atendimento às previsões normativas. O ato de ingressar em território estrangeiro sem o cumprimento do prescrito nas normativas caracteriza-se uma irregularidade prevista como infração de âmbito administrativo. As motivações de ordem pessoal serão apreendidas pelos critérios codificados nas normativas, variando de sua circunscrição administrativa – pela necessidade de cumprimento de exigências relativas a documentos – à criminal – atribuindo o signo da ilegalidade ao ato.

No cenário contemporâneo, essa “infração administrativa” vem recebendo estatuto criminal por meio de tipificação penal, intensificando as ações governamentais de criminalização da irregularidade administrativa migratória. Assim, considerar irregular ação migratória dos solicitantes de refúgio apresenta graves consequências “[...] a que os estereótipos preconceituosos favorecem através de um discurso público ou midiático de que os migrantes praticam mais crimes do que os nacionais” (LUSSI, 2015, p. 140).

No que tange ao reforço das ações de criminalização da migração, produz-se como efeito de políticas restritivas e discriminatórias um paradoxo que, simultaneamente à rejeição de imigrantes e refugiados, empurra-os para os circuitos da informalidade, levando os sistemas repressivos a identificar, prender e condenar mais facilmente um estrangeiro do que um cidadão nacional pelo mesmo crime ou até a aplicar sanções mais fortes, no caso dos migrantes (LUSSI, 2015). Em outras palavras, a intensificação de ações punitivas alcança como seu resultado aquilo que suporia ser sua motivação original: a ausência de políticas de acolhimento e bem-estar social, previstas pelos fóruns internacionais, conduz grupos de refugiados a condições precárias de inserção na vida social.

Nesse cenário, as práticas de criminalização configuram medida desproporcional que intensificam a condição de vulnerabilidade, reforçam estigmas e preconceitos, delineando os limites do campo problemático no qual a alteridade marcada no corpo do refugiado como condição de sua existência é levada ao extremo. Essas práticas de criminalização que o impedem de ingressar de modo regular em outro país conferem ao ato de imigração a marca da infração.

Se essa diversidade de questionamentos vem motivando autores do campo jurídico a postular a necessidade de constituição de uma especialidade em direito internacional da migração, autoras como Jubilut e Apolinário (2010) ponderam contrariamente à constituição dessa especialidade, considerando que tal configuração poderia autonomizar as polêmicas e, conseqüentemente, acentuar a condição de vulnerabilidade a que estão submetidos os refugiados.

A esse respeito, as autoras sugerem como solução diante dos impasses considerar que:

[...] o recurso aos mecanismos convencionais e não convencionais do sistema internacional e dos sistemas regionais de direitos humanos nos casos em que os Estados violem as obrigações assumidas em tratados de direitos humanos, no contexto das migrações, pode contribuir para o respeito à dignidade dos migrantes (JUBILUT; APOLINARIO, 2010, p. 292).

Como se vê, tal ordem de considerações reforça o ponto de vista assumido não reiterando uma perspectiva macropolítica das relações diplomáticas que lidaria prioritariamente com as normativas legais. As autoras contribuem para situar a questão não mais em função das fronteiras entre países, mas em função dos direitos humanos, como garantia fundamental universal, a ser exercida localmente.

Dessa forma, encontramos como recorrente nesse campo do saber a tematização da motivação para o refúgio, bem como os limites de sua previsão normativa. Também se observa como questão a inscrição do debate em torno da migração no âmbito do direito internacional ou dos direitos humanos.

Se, no campo dos saberes jurídicos, a condição de migração é delimitada em função das apreensões normativas das motivações, do acesso à rede assistencial, da abertura ou fechamento de fronteiras em suas dimensões diplomáticas, sempre configurando a migração como um risco premente para a unidade interna, já no campo dos saberes da psicologia, o deslocamento migratório é concebido como experiência que implica ruptura do contexto exterior ao indivíduo, produzindo possíveis efeitos de desorganização do universo de referências simbólicas, pois “[...] a migração é um acontecimento sociológico, inscrito em um contexto histórico e político que não é sem consequências para os sujeitos” (MORO, 2015, p. 187).

Desse modo, a migração é concebida como um ato complexo, sugerindo-se não poder reduzi-la às categorias de necessidade ou de acaso, o que desprezaria as ambivalências, os impasses vivenciados: “[...] desejo de partir e medo de abandonar a família, desejo de independência e de manter os laços, modo de resolução de conflitos familiares e efetivação de uma trajetória de ruptura ou de aculturação no interior de seu próprio país” (MORO, 2015, p. 187).

Como se vê, um ponto de contato entre os campos de saberes em questão residiria na compreensão da migração como condição circunscrita em um território de vulnerabilidades, remetendo seja à rede de assistência jurídica, social e dos direitos estabelecidos, seja à ruptura com o universo de referências simbólicas, promovendo perdas. Endurecendo os contornos conferidos às vulnerabilidades, a psiquiatria, ao postular a síndrome de Ulisses, assumirá essas perdas como causalidade de vivências em situações-limite, em que, segundo Knobloch (2015, p. 171), ela veria instalado “[...] um luto extremo que implica um incremento de vulnerabilidade, que, por sua vez, coloca o sujeito em um estado de sofrimento e crise permanente”.

Para essa autora, no entanto, assumir a experiência migratória a partir da síndrome de Ulisses acarreta um aprisionamento de sua condição clínica. Se a precariedade das condições produz como efeito a intensificação da vulnerabilidade física e psíquica, apreendê-la tão somente por esse ponto de vista pode reduzir a uma experiência psíquica uma trama de circunstâncias que remetem ao campo econômico e político. A partir de sua experiência clínica com refugiados, a autora critica a excessiva estereotipia da experiência migratória promovida pela síndrome, cujo quadro de leitura das vivências heterogêneas as reduzirá “[...] e as categorias diagnósticas eliminam as diferenças do estranho/estrangeiro, anulando as singularidades” (KNOBLOCH, 2015, p. 171).

Ainda no campo dos saberes da psicologia, a migração é então concebida como evento que produz marcas subjetivas naquele que o vivencia:

A esta dimensão de pertencimento cultural, devemos associar a dinâmica do evento migratório, suas consequências potencialmente traumáticas, e também, os modos de aculturação secundária a esta migração e as vicissitudes de toda inscrição em uma nova sociedade e em uma nova língua (MORO, 2015, p. 187).

Vale destacar que a condição de migrante ou refugiado não traz por si só a vulnerabilidade como causa, mas ela pode representar uma condição que favorece ou até leva o indivíduo a passar por situações de vulnerabilidade, sobretudo em contextos que negam a existência das diversidades que os sujeitos que migram levam consigo (LUSSI, 2015). Portanto, as vulnerabilidades em geral associadas ao ato migratório não apenas o constituem, como se efetuem também a partir das condições sociais, culturais e, principalmente, jurídicas que os diferentes países atribuem ao ato.

Além da perspectiva dos sujeitos que buscam refúgio, a sociedade de acolhimento, confrontada com a diversidade, encara-a, quer no âmbito governamental ou no individual, de diferentes maneiras, entre elas, como ameaça ou possibilidade de mais-valia. De um modo ou de outro, as mudanças nessas sociedades vão acontecendo e contribuindo para o envolvimento na construção de um novo conceito de “nós”, sobretudo, rechaçando a velha e ultrapassada ideia de Estado nação homogêneo e unicultural.

Investindo numa perspectiva micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 2004), sustentamos que a condição de refugiado não remete apenas ao outro que se deseja incluir. A inclusão do refugiado remete a uma rede de assistência social não plenamente assegurada a todos. Todas as pessoas têm direitos, independente de sua condição migratória e, portanto, junto do direito de migrar, assim como o de não ter de migrar.

3 LÍNGUA E ALTERIDADE: CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS ENUNCIATIVOS

Parece-nos bastante produtivo insistir na impossibilidade de se assumir o “estrangeiro” como um rótulo único para designar todos aqueles que atravessam as fronteiras em busca de acolhida em um país distinto de seu originário. Sem dúvida, a restrição que desejamos atribuir ao referido rótulo, considerando-o demasiadamente amplo, não é motivada por outra razão senão a que pretende colocar em questão nossas práticas de ensino de língua que se dirigem a jovens e adultos “estrangeiros”, genericamente denominados.

Com efeito, do ponto de vista que sustentamos no presente texto, a designação “estrangeiro” exhibe uma distribuição de certo grupo de indivíduos em oposição a outro – o dos “nativos” – não sem nos implicar na produção de uma certa zona indiscernível de neutralização da singularidade que constitui esse universo heterogêneo de experiências. A distribuição assim configurada nos permite compreender a imprecisão e a excessiva homogeneização subjacente à expectativa de que propor práticas de ensino de língua a refugiados fosse absolutamente idêntica a oferecer cursos a estrangeiros. A figura do pretense “nativo” como contraface do “estrangeiro/refugiado” denuncia a referida impossibilidade, demasiado genérica, considerando a configuração da cena internacional atual.

Para dar conta dos desafios que a discussão acima nos impõe, a adoção de uma perspectiva de língua que privilegie o uso em situações concretas como condição para a configuração do mundo e a inscrição de si em circunstâncias sócio-historicamente definidas nos pareceu um caminho preliminar a ser adotado.

Desse ponto de vista, o outro se estabelece, portanto, em relação ao qual não há adesão e que, sendo assim, se constitui como um objeto para mim. “E se a construção do objeto se faz por objetivação do sujeito, isto é, pelo que em mim se descola e não adere, pode-se dizer que a alteridade enquanto objeto de pesquisa precede de mim” (AMORIM, 2004, p. 69). Ainda que assumindo como alteridade aquilo que se distingue de *mim* e, portanto, tomando o *eu* como instância originária da identidade, Amorim (2004) postula o primado da alteridade sobre a identidade. Dessa perspectiva, qualquer identidade se torna radicalmente fundada pela presença do outro, inscrevendo-se como constitutiva.

A abordagem dos fenômenos da linguagem a partir da afirmação da situação concreta como instância organizadora das referências e da produção de sentidos em franca relação com enunciados anteriores com os quais manteria relação de concordância, discordância, aparente neutralidade, conduziu Bakhtin a asseverar que “[...] a língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração” (BAKHTIN, 2004, p.1 08). Ampliando tal perspectiva para as práticas de ensino de língua, não parece ser um caminho adequado sugerir que se pudesse supor uma aquisição de certas habilidades/conteúdos linguísticos que prescindisse da instauração de situações concretas de uso. Em outras palavras, toda prática de ensino de língua supõe um falante inscrito em condições sócio-históricas específicas.

Com efeito, o privilégio conferido à situação concreta como ponto que organiza as referências inscritas pelo enunciado leva a sustentar que a palavra se dirige a um interlocutor, que não pode ser concebido genericamente como realidade independente das circunstâncias sócio-históricas nas quais se inscreve, pois “[...] o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações” (BAKHTIN, 2004, p.112-113). Essa referência a um “auditório interior” contribui para se repensar as próprias fronteiras de uma pretensa dicotomia que oporia um interior subjetivo a um exterior social.

Dessa maneira, uma abordagem enunciativa dos fenômenos da linguagem, a partir das questões sugeridas por M. Bakhtin, já anunciava, do nosso ponto de vista, a impossibilidade de circunscrever os sentidos que se produzem e circulam pela linguagem aos conteúdos que as palavras pretensamente carregariam.

Ao conceber as relações que atravessam a orientação da palavra (seu acento avaliativo, na conceituação de M. Bakhtin) em função do interlocutor são de ordem social e constituem-se produtos da interação entre os interlocutores. Desse modo, o social não é causa

a determinar do exterior do enunciado as coerções a que se veria obrigado a assumir, mas uma contraface da linguagem, em incessante interdelimitação.

Para Bakhtin, “[...] a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social” (BAKHTIN, 2004, p. 127) e só se torna efetiva entre falantes, o que, a nosso ver, já antecipa uma perspectiva sobre a linguagem que se sustenta na relação que é possível se construir por meio de seus usos, em situações diversas. Para esse autor, os conceitos de dialogismo e polifonia são centrais para a análise da alteridade enquanto presença de um outro discurso no interior de seu próprio discurso. O diálogo é entendido de forma ampliada e estende-se a toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja:

A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra *equivalente* na própria língua (BAKHTIN, 2004, p. 132).

Ainda que de maneira bastante sintética, o trecho assim pode ser tomado como síntese da orientação sustentada pelo autor, que se desdobraria em duas premissas: i) todo enunciado é compreendido supondo sua relação dialógica com enunciados anteriores; ii) a compreensão de qualquer enunciado se dá pela produção de um novo enunciado. Com isso, rejeita-se a ideia de que a compreensão se daria fundamentalmente pela decomposição de um enunciado em suas partes menores – seus elementos linguísticos. O conhecimento das partes que constituem um enunciado estaria, nesses marcos, submetido à apreensão do ato de base que dá sustentação à emergência de todo enunciado. E se poderia ainda ressaltar que não haveria conhecimento desses elementos linguísticos que não se estabelecesse a partir de enunciados que, por sua vez, suporiam situações concretas nas quais estariam inscritos.

Esse conjunto de reflexões nos conduz a considerar que a aquisição de uma língua supõe a inscrição do falante numa comunidade de produção/circulação de textos, o que, em última instância, representa uma crítica fundamental às perspectivas excessivamente instrumentais da linguagem.

4 POR UMA POLÍTICA DA ALTERIDADE PARA ALÉM DA LÓGICA HOMOGENEIZANTE: DESAFIOS DO ENSINO DE LÍNGUAS A REFUGIADOS

O ensino de uma língua de acolhimento a jovens e adultos refugiados ou solicitantes de refúgio apresenta especificidades que não são as mesmas do ensino de língua estrangeira, seja por considerar de maneira excessivamente genérica essa condição de “estrangeiro”, seja por perceber um apagamento dessa inscrição multifacetada do refugiado, no país de acolhida, atravessada por tensões de diferentes ordens. Dessa maneira, já se ressaltou que os materiais didatizados para o ensino de português como língua estrangeira “[...] geralmente não estão direcionados à discussão de contextos e memórias discursivas dos acontecimentos midiáticos e atuais que envolvem os atores nos cenários sociais e políticos” (ARANTES; DEUSDARÁ, 2015, p. 58).

Esse apagamento das tensões na inscrição do estrangeiro nesses materiais didáticos seria motivado, segundo Almeida Filho e Cunha (2007), pelo fato de serem majoritariamente destinados a um público de trabalhadores de grandes empresas e suas famílias, alunos intercambistas ou professores visitantes e, em alguns casos, a turistas que desejam passar pouco tempo no país.

A solicitação concreta de atuação de nossa parte, como professores de língua e da educação de jovens e adultos, em projeto de acolhimento a refugiados, conforme mencionamos anteriormente, motivou ações simultâneas de natureza teórico-conceitual e de investigação de campo. A referida solicitação nos chegou, por meio da coordenação regional da Cáritas/RJ, para prestação de assessoria pedagógica ao grupo de voluntários que oferece o curso de português. Paralelamente ao conjunto de ações inicialmente estabelecidas para o planejamento das ações do projeto, cabe proceder a um levantamento temático e conceitual mais aprofundado, no sentido de dar consistência à solicitação que se realiza. A partir do registro de reuniões, conversas, observações e das leituras a respeito do modo como diferentes campos do saber constituem a migração como objeto de estudo, pretendemos construir “[...]”

ferramentas que façam operar deslocamentos das queixas para a elaboração de demandas” (ROCHA; AGUIAR, 2010, p. 71). Essa ida a campo nos pareceu fundamental, visto que a passagem da solicitação inicial à construção de uma demanda de intervenção requer investimento nas experiências concretas, de modo que se possa habitar a rotina e compreender seus ritmos, como condição para se passar a uma outra lógica de enredamento, “[...] que força a complexificação do cotidiano, se produz pela ruptura da rotina, por acontecimentos portadores de imprevisibilidades” (ROCHA; AGUIAR, 2010, p. 77). Uma resposta ao que se solicita supõe a necessidade de colocar o problema. Para isso, realizou-se uma ida a campo.

Dessa forma, a mudança frente a uma queixa passa por um deslocamento do modo como o cotidiano vem se produzindo na rotina, segmentada e cadenciada. Com efeito, a intervenção institucional assim concebida considera que “[...] o possível que permeia a realidade concreta e que é nascedouro de suas mudanças já estaria inscrito na ordem do existente, enquanto potencialidade ainda ocultada” (ROCHA; AGUIAR, 2010, p. 70).

De acordo com o que nos foi inicialmente relatado, o grupo pretendia oferecer soluções a uma crítica recorrente aos materiais de língua portuguesa para estrangeiros: um número excessivo de exercícios de caráter estrutural vinha desestimulando a participação dos alunos durante as aulas e não favorecia a inscrição sócio-cultural necessária para sua inserção cotidiana no país de acolhimento. Acrescente-se a isso outro aspecto que merecia atenção especial na condução do processo de qualificação da referida solicitação: mais recentemente os grupos de refugiados passaram a ser integrados por famílias inteiras e não mais apenas por seus componentes masculinos.

Entendendo as queixas recorrentes como pistas de um funcionamento institucional que importa colocar em análise, estabelecemos, como ações preliminares de condução de um trabalho de assessoria na produção de material didático, a realização de reuniões com a equipe de coordenação, procurando melhor qualificar a solicitação que nos foi dirigida. Em seguida, visitamos o local de realização das aulas de língua portuguesa, por voluntários vinculados à Cáritas/RJ, a refugiados de diferentes nacionalidades, buscando elementos sócio-culturais que nos permitissem maior aproximação com o trabalho que já vinha sendo realizado.

O dispositivo institucional encontrado para dar consistência à solicitação recebida configurou-se a partir da criação de um grupo de estudo e trabalho, inscrito como projeto de extensão¹, com vinculação ao Departamento de Extensão (DEPEXT), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Desse modo, encontrou-se essa alternativa não só para registrar o conjunto de ações que passamos a integrar, envolvendo efetivamente a Universidade na rede de assistência aos refugiados, como também passou a ser possível solicitar bolsas de estudos a alunos da graduação em Letras, para atuar nessa iniciativa.

Para dar desdobramento ao conjunto de ações que se mostraram necessárias, constitui-se uma equipe multidisciplinar, composta por professores da referida instituição, com especialidades em Língua Alemã, Educação de Jovens e Adultos e Estudos da Linguagem, e por estudantes do curso de Letras, em diversas habilitações, com atuação específica em contextos de produção de material didático para português como língua não materna.

Antes de iniciarmos o trabalho de extensão na Cáritas-RJ, realizamos intervenções de observação participante no contexto em que se encontram os aprendizes refugiados. No curso de português ministrado por voluntários na Cáritas-RJ, ouvimos relatos de alunos e professores em diversas reuniões, a fim de buscar mapear o perfil dos alunos do curso e buscar entender que tipo de relação eles procuram estabelecer com a língua portuguesa e com que finalidade necessitam passar por esse processo de aprendizagem.

O critério de organização das turmas pareceu-nos bastante adequado, já que não se orientou por estereótipos recorrentes no universo escolar tradicional tais como faixa etária ou nível de escolaridade. Optou-se fundamentalmente por distribuir os diferentes grupos, elegendo-se línguas nativas ou de comunicação compartilhadas. O grupo estava então disposto em duas turmas de falantes nativos de francês, uma turma de falantes de espanhol e um turma de falantes nativos ou estrangeiros em inglês.

¹ As ações referidas remetem aos seguintes projetos: “Português para refugiados”, coordenado pela Profa. Dra. Poliana Coeli Costa Arantes, com a participação de ... e “...”, coordenado pela Profa. Dra. Ana Karina Brenner, com a participação de ...

Na etapa seguinte, iniciou-se o processo de aproximação ao cotidiano das aulas. Nessa etapa, percebemos que as práticas em sala de aula se orientavam por uma perspectiva mais acentuadamente prescritiva da língua, assentada na progressão linear sugerida pelo livro didático. Os materiais disponíveis ofereciam uma organização do conteúdo que supõe a precedência de elementos linguísticos em si mesmos de aquisição mais ou menos complexos, apresentados ora por textos semi-autênticos (ou até autênticos), ora por diálogos artificialmente criados para sua apresentação didática.

Trata-se justamente do ponto que, de certa forma, encontrava-se na queixa inicial que nos fora apresentada: os exercícios do livro. Nas conversas com os professores voluntários e nos relatos de alguns alunos, a queixa inicial se acentua e pode ganhar novos contornos. A progressão dos exercícios, os encaminhamentos propostos e os conteúdos privilegiados criavam situações de comunicação artificiais, apagando, portanto, aquelas que os alunos agora afirmavam serem suas necessidades básicas. Eles se referiram a eventos cotidianos tais como: fazer compras, pegar ônibus ou preencher um formulário.

Sem dúvida, o pano de fundo de que lançamos mão é a concepção bakhtiniana de que não há compreensão que se reduza à mera decodificação dos sinais linguísticos. Toda compreensão situada “[...] é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (BAKHTIN, 2011, p. 272). A essa concepção de base, integra-se uma discussão de que todo texto constrói um posicionamento em função do qual é possível perceber a inscrição da materialidade linguística. Desse modo, nunca ensinamos apenas números ou orientações geográficas, mas sempre palavras em um dado contexto, que contribuem para igualmente construir um sentido de circulação na cidade, de organização do transporte público, de horários correntes para o funcionamento dos diferentes estabelecimentos bancários, comerciais, repartições públicas.

Com efeito, além de considerar que as palavras são sempre situadas em um contexto e, por isso, contribuem para compreender o modo de organização social de cada comunidade, a produtividade de investir em uma proposta de semântica global na formação de professores para atuar com língua não materna residiria na possibilidade de acolher os diferentes quadros de referência, as diferentes formações discursivas em ato, no contexto da sala de aula.

A esse respeito vejamos como algo semelhante pode ocorrer na clínica, quando o que há modos distintos de elaborar sentidos para os eventos: “[...] quando o paciente justifica uma mudança de humor por um ataque de bruxaria, não se trata de delírio ou de uma negação, mas talvez seja seu modo de elaborar, dar sentido e modificar essa alteração que lhe concerne” (MORO, 2015, p. 187).

Nesse tipo de impasse clínico, o que se percebe é a inscrição do enunciador em certa formação discursiva que evidencia um pertencimento social distinto daquele manifestado por seu analista. Mais do que um conteúdo, o que se oferece com o relato em questão é a pista de que a formação para o trabalho no contexto com refugiados exigirá certa preparação para lidar com situações como a que se relata.

Considerando a língua como um processo de interação dialógico e responsivo, baseamos as diretrizes e matrizes do curso de português por meio do contato direto com as demandas dos alunos do curso de português para refugiados e dos professores voluntários.

Dessa forma, tanto a queixa inicial quanto as alternativas apresentadas pareciam configurar um cenário institucional que solicita intervenção de nossa parte. Não se tratava apenas de elaborar novos exercícios para serem aplicados, secundariamente ao que vem sendo apresentado. Nas conversas e relatos, o vínculo entre professores e alunos se mostrou de maior proximidade e produtividade, quando os professores demonstravam interesse pelos hábitos de vida, motivações para a saída do país de origem. Nesses termos, a solicitação ganhou contornos de natureza institucional, interrogando as práticas docentes e os referenciais conceituais que lhes davam sustentação, bem como os diferentes modos de mediar o encontro entre culturas e histórias pessoais.

Para atuar frente à solicitação concreta realizada, foi preciso constituir um encaminhamento consistente que extrapolasse prescrições exteriores às necessidades concretas manifestadas pelo grupo. Compreendemos, dessa forma, que um cuidado bastante importante não pode ser negligenciado. A crítica subjacente à solicitação pode nos indicar algo, para além de uma concepção de língua que vem motivando exercícios pouco produtivos. Articulando a crítica com a observação participante realizada por nós,

compreendemos que a referida concepção estrutural de língua vinha contribuindo para um apagamento das tensões constitutivas dos refugiados, na sociedade de acolhimento. Tais tensões passavam a ser lateralmente abordadas pelos voluntários. No entanto, como não encontravam ressonância nos materiais utilizados em sala, conferiam aos diálogos certo tom de informalidade, de algo que fosse apenas secundário frente à pretensa necessidade de preencher lacunas dos exercícios.

Em muitos casos, aprender uma língua que não se deseja falar, pela qual nunca houve interesse, ou também o inverso, envolve sentimentos sobre as relações de sentido que se estabelecem entre os sujeitos que enunciam e os objetos enunciados na língua-alvo, que culminam em processos importantes a se considerar em ambientes de ensino/aprendizagem da língua e no estabelecimento de políticas públicas.

Por esse motivo, consideramos necessário que o estabelecimento de políticas linguísticas para o ensino de língua para solicitantes de refúgio ou refugiados seja planejado, sobretudo em virtude das demandas e processos de integração da comunidade que se encontra em situação de refúgio.

Se já se sabe que é esse o tipo de situação que se enfrenta quando se lida com um “estrangeiro”, de um modo bastante genérico, que especificidades adviriam de um trabalho com refugiados? Uma orientação explícita para lidar com esses (des)encontros, sem pretender chegar a uma espécie de denominador comum que o vá neutralizar a ponto de que não se reconheçam as diferenças. Em outras palavras, trata-se de contribuir na produção de um “em-comum” que se realize justamente pela inclusão das diferenças.

Se o projeto é o de inclusão das diferenças, deseja-se que a política linguística que lhe dá sustentação ganhe força justamente pela sua afirmação, a de uma alteridade fundadora da linguagem, em variação contínua e provisória nos seus usos cotidianos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: REDEFININDO LÍNGUA E ALTERIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A partir das discussões acima expostas, que versaram sobre particularidades da área de ensino de língua aos solicitantes de refúgio e refugiados, pretendemos destacar alguns dos desafios a que o trabalho nos convoca, sobretudo com relação à urgência de estabelecimento de políticas dedicadas à população em pauta. Elegemos os principais tópicos e a seguir eles serão mais detalhadamente descritos: i) incentivo aos processos autônomos de aprendizagem; ii) incentivo ao desenvolvimento de competências “linguageiras” que deve estar voltado especialmente à integração social dos solicitantes de refúgio e refugiados; iii) necessidade da consolidação da área de português como língua de acolhimento para refugiados – não circunscrita à área de PLE.

O primeiro eixo de trabalho diz respeito à formação de professores baseada em processos que incentivem a autonomia dos alunos para que eles participem da seleção de temas a serem levados para a sala de aula e, sobretudo, para que encontrem formas de se organizar e construir caminhos alternativos de trabalho com os demais colegas, já que as turmas são sempre bastante heterogêneas e o número de alunos varia muito de semana a semana. Essa variedade na composição das turmas se deve, entre outros motivos, à possibilidade de ingresso no curso em fluxo contínuo. Sendo assim, os materiais seriam pensados de forma que se possa sempre revisar algum conteúdo anteriormente discutido, dando ao mesmo um caráter circular, não linear.

Partimos do princípio de que os aprendizes não devem somente ter contato com as questões formais, estruturais e compartimentadas da língua, tais como composição vocabular e estrutura sintática, pois as formas dos enunciados, ou seja, os gêneros do discurso são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua (BAKHTIN, 2008). Incentiva-se, portanto, o trabalho com textos autênticos – *folders* de supermercado, padaria, farmácia, rótulos de produtos, textos de jornais, poesias, músicas, cardápios, dentre outros – que devem ser para nós parte central do ensino de língua, já que convocam os alunos a fazer inferências sobre os processos de leitura dos gêneros, levando em conta a relação de quem fala com o outro e seus enunciados (presentes e antecipáveis). No momento em que tais questões estão no centro das atividades, os alunos são convocados a interagir com os enunciados em diferentes registros semióticos (figuras, cores, grafias, tom) e constroem relações de sentido discursivas com a materialidade linguística, sem que precisem saber os significados das palavras desconhecidas para compreender a relação que as mesmas estabelecem com o gênero.

O segundo eixo de trabalho nos convida a pensar na relação dos conteúdos com a inserção social dos solicitantes de refúgio e refugiados em nossa comunidade discursiva. Tal inserção não é apenas linguística, por isso apostamos no desenvolvimento de competências “linguageiras”, pois o termo se associa à linguagem, ampliando o conceito de competências linguísticas, que por sua vez poderia estar restrito à língua como sistema estável de formas normativamente idênticas. Nesse sentido, o reconhecimento da situação e do auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere em contextos não verbalizados e nele se amplia “[...] pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação” (BAKHTIN, 2004, p. 125).

Diante do exposto, vê-se a necessidade de se consolidar uma área de pesquisa e ensino de língua voltada às necessidades e demandas dos solicitantes de refúgio e refugiados, pois como anteriormente descrito, essa população encontra-se em situação muito delicada e bastante vulnerável, pois o direito de asilo, estabelecido no artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), passa a ser considerado um problema de ordem pública em muitos casos, recentemente observado na Europa, e deixa de ser uma questão de Direitos Humanos. Dentre outras questões anteriormente discutidas, tais particularidades também descritas na Lei 9.474/97, colocam os refugiados em condições diferentes daquelas dos estrangeiros, no que diz respeito ao estabelecimento de direitos e deveres (BRASIL, 1997).

Em Portugal, por exemplo, a área de pesquisa e formação de professores de português como língua de acolhimento tem recebido atenção especial de grupos de pesquisa, já com trabalhos acadêmicos em andamento e concluídos, especialmente em virtude do programa *Portugal Acolhe*, que pauta o ensino da língua portuguesa como língua de acolhimento aos migrantes. O programa foi desenvolvido pelo Estado português, precisamente pelo Ministério do Trabalho, e passou a fazer parte, a partir de 2001, das atividades de políticas públicas de acolhimento aos migrantes em Portugal. É preciso, no entanto, observar tais iniciativas com bastante cautela, pois tais incentivos acabam por conceber o migrante/refugiado como mais-valia (em primeiro plano) e produzem o apagamento da condição humanitária do refúgio. Tais políticas acabam por privilegiar uma dimensão técnica de ensino de línguas em detrimento dos problemas que a condição de exílio e migração pode acarretar aos sujeitos, reverberando diretamente no contexto de inclusão social.

No Brasil, ainda há uma tímida movimentação no sentido de expansão da área, iniciada principalmente por algumas universidades que acolheram o curso de português em projetos de extensão, como é o caso da UERJ, UNIFESP, USP. A expansão a que nos referimos acima pretende afirmar uma atuação profissional que se pautar por implicações éticas inscritas nos seguintes aspectos: i) recusa de uma categoria excessivamente genérica de “estrangeiro”, apagando indevidamente suas especificidades; ii) aproximação das necessidades específicas, ressaltando o compromisso com a integração comunitária dos refugiados; iii) compreensão da possibilidade de alargamento dos horizontes socioculturais nas comunidades nas quais se insere, a partir do contato cotidiano com a diferença.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P.; CUNHA, M.J.C. *Projetos iniciais em português para falantes de outras línguas*. Brasília: Ed. UnB; Campinas: Pontes, 2007.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ARANTES, Poliana Coeli Costa; DEUSDARÁ, Bruno. Português para refugiados: aliando pragmática e discurso em resposta a uma demanda concreta. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n.1, p. 45-59, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/19621>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Lei 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

KNOBLOCH, Felicia. Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 169-174. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00169.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

JUBILUT, Liliana Lyra; APOLINARIO, Silvia Menicucci. O. S.A necessidade de proteção internacional no âmbito da migração. *Rev. Direito GV* [online]. São Paulo, v. 6, n.1, p. 275-294, 2010.

LUSSI, Carmem. Políticas públicas e desigualdades na migração e refúgio. *Psicologia USP*, São Paulo v. 26, n. 2, p. 136-144, 2015.

MORO, Marie Rose. Psicoterapia transcultural da migração. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 26, n.2, p.186-192, ago. 2015.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Kátia Faria de. Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, Ano 10, n. 1, p. 68-84, 2010.

ONU. *Declaration of the high-level dialogue on international migration and development*. Nova Iorque, 2013. Disponível em: <http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/68/L.5>. Acesso em: 30 nov. 2015.

WALDELY, Aryadne Bittencourt; VIRGENS, Bárbara Gonçalves das; ALMEIDA, Carla Miranda Jordão de. Refúgio e realidade: desafios da definição ampliada de refúgio à luz das solicitações no Brasil. *REMHU, Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, v.22, n.43, p. 117-131, 2014.

Recebido em 14/12/2015. Aceito em 27/01/2016.

**EMPRÉSTIMOS
EM CATÁLOGOS
AUTOMOTIVOS BRASILEIROS:
CONTRIBUIÇÃO
DOS ESTUDOS DESCRITIVOS
DA TRADUÇÃO À
COMPREENSÃO
DO FENÔMENO**

**PRÉSTAMOS LÉXICOS EN CATÁLOGOS SOBRE AUTOMÓVILES EN BRASIL: UNA
CONTRIBUCIÓN DESDE LOS ESTUDIOS DESCRIPTIVOS DE LA TRADUCCIÓN PARA LA
COMPRENSIÓN DEL FENÓMENO**

**LOANWORDS IN BRAZILIAN AUTOMOTIVE BROCHURES: CONTRIBUTION OF
DESCRIPTIVE TRANSLATION STUDIES TO THE UNDERSTANDING OF THE PHENOMENON**

Jean-François Brunelière*

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO: Os materiais de divulgação de produtos difundidos no Brasil recorrem frequentemente ao uso de empréstimos. Os estudos disponíveis sobre esse fenômeno privilegiam geralmente um sistema linguístico apenas subestimando a importância da passagem de um sistema para outro, através da tradução. Por meio de métodos oriundos dos Estudos Descritivos da Tradução, analisamos a posição sistêmica dos catálogos da empresa Peugeot e identificamos padrões na utilização dos empréstimos encontrados no material divulgado no Brasil. Verificamos que a seleção dos modelos textuais traduzidos é mais determinante que a origem linguística dos empréstimos para explicar sua presença nos catálogos brasileiros. Esses resultados renovam significativamente as explicações clássicas a respeito dos empréstimos e permitem identificar o papel primordial das empresas multinacionais (inclusive empresas não anglo-saxônicas) como agentes de importação de itens lexicais estrangeiros no sistema linguístico brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Empréstimos. Estudos Descritivos da Tradução. Catálogos automotivos. Brasil.

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: jfbruneliere.traducao@gmail.com.

RESUMEN: Los materiales de divulgación de productos difundidos en Brasil recurren con frecuencia al uso de préstamos léxicos. Los estudios disponibles sobre este fenómeno en general privilegian solo uno de los sistemas lingüísticos, subestimando la importancia del pasaje de un sistema a otro, a través de la traducción. Por medio de métodos oriundos de los Estudios Descriptivos de la Traducción, analizamos la posición sistémica de los catálogos de la empresa Peugeot e identificamos patrones en la utilización de los préstamos lexicales encontrados en el material divulgado en Brasil. Verificamos que la selección de los modelos textuales traducidos es más determinante que el origen lingüístico de los préstamos para explicar su presencia en los catálogos brasileños. Esos resultados renuevan de manera significativa las explicaciones clásicas al respecto de los préstamos léxicos y permiten identificar el papel primordial de las empresas multinacionales (inclusive empresas no anglo-sajonas) como agentes de importación de elementos léxicos extranjeros en el sistema lingüístico brasileño.

PALABRAS CLAVE: Préstamos léxicos. Estudios Descriptivos de la Traducción. Catálogos sobre automóviles. Brasil.

ABSTRACT: Promotional materials of products in Brazil frequently resort to the use of loanwords. The studies available about this phenomenon usually privilege a linguistic system by just underestimating the importance of the passage from one system to the other through translation. Through methods arising from Descriptive Translation Studies, we have analyzed Peugeot's brochures' systemic position, and we have identified certain patterns in the loanwords used in the materials released in Brazil. We have verified that the selection of the translated textual models is more determinant than the loanwords' linguistic origin to explain its presence in the Brazilian catalogues. The results significantly renew the classic explanations concerning the main part of the multinational companies (including non-Anglo-Saxon companies) as foreign lexical items' importation agents in the country's linguistic system.

KEYWORDS: Loanwords. Descriptive Translation Studies. Automotive brochures. Brazil.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, assim como em muitos locais de um mundo cada vez mais globalizado, alguns minutos de leitura de uma revista, de permanência à frente dos canais locais de televisão ou de passeio pelas ruas (mesmo sem sair do bairro) são suficientes para se deparar com construções sintáticas e itens lexicais emprestados de línguas estrangeiras. Bem conhecidos na Linguística e na Tradução, tais elementos são chamados empréstimos. Assim, para Loubier (2011, p.10), um empréstimo é “[...] uma unidade ou traço lingüístico (lexical, semântico, fonológico, sintático) de uma língua, emprestado integral ou parcialmente de outra”¹.

Empresas que comercializam automóveis, bem como empresas de diversos outros setores da economia, não hesitam em divulgar no país catálogos de apresentação dos seus produtos repletos de empréstimos. Essa constatação não traz nenhuma novidade e, já que as trocas linguísticas entre línguas em contato fazem parte da dinâmica básica de suas evoluções, não há motivos reais de estranhamento na presença de tais empréstimos. Embora o aumento dos meios de comunicação possa implicar algumas modificações, seja na frequência ou na rapidez de entrada e consolidação dos empréstimos, podemos supor que os princípios fundamentais que sustentam a presença de elementos estrangeiros no ambiente lingüístico cotidiano do Brasil de hoje não são fundamentalmente diferentes do que eram nos séculos anteriores.

De fato, já foi extensivamente comentada, no passado, a influência cultural (e, conseqüentemente, lingüística) francesa durante o século XIX e a americana a partir da Segunda Guerra Mundial. No período mais recente, estudos relativos aos empréstimos foram produzidos, mas – e isso constitui o ponto de partida da nossa reflexão – pode ser constatada uma certa repetição na abordagem proposta, principalmente em função das áreas nas quais foram realizados os estudos: quase exclusivamente na lingüística, sociolingüística e *marketing*. A grande maioria dos estudos tendem a privilegiar um sistema lingüístico apenas, o sistema onde estão utilizados os empréstimos.

¹ Tradução nossa. No original: “Unité ou trait linguistique (lexical, sémantique, phonologique, syntaxique) d’une langue qui est emprunté intégralement ou partiellement à une autre langue”. Ao longo deste artigo, utilizamos de maneira exclusiva esse termo, cuja precisão é suficiente para os nossos objetivos. Estes dizem respeito à noção de presença/ausência de material lingüístico de origem estrangeira em determinados textos e não à própria estruturação/configuração dos empréstimos. Não procuremos, portanto, distinguir estrangeirismos de empréstimos, nem recorrer às diversas categorias de empréstimos descritas na literatura – Loubier (2011, p.12-13), por exemplo, distingue entre 8 tipos de empréstimos.

Estamos convencidos de que uma outra disciplina acadêmica, os Estudos da Tradução, possui um potencial explicativo importante na questão da presença de empréstimos em determinados textos e, pretendemos, por meio dos métodos oriundos de uma das suas vertentes, os Estudos Descritivos da Tradução (doravante DTS, para utilizar a sigla inglesa de *Descriptive Translation Studies*, mais conhecida), trazer uma contribuição nova ao entendimento do fenômeno.

Na procura de uma delimitação de um setor que permita uma observação representativa da dinâmica da sociedade atual, interessamo-nos pela venda de automóveis (objetos amplamente globalizados) e escolhemos analisar as ocorrências de empréstimos em um *corpus* constituído dos catálogos automotivos divulgados pela empresa Peugeot no Brasil. Nesse artigo, após uma revisão da literatura relativa ao tema e uma descrição do *corpus* de pesquisa, apresentamos uma análise baseada nos métodos de DTS, seguida de uma discussão dos resultados, salientando o papel da tradução na presença de empréstimos nos textos brasileiros.

2 ESTUDOS DISPONÍVEIS E NOVA PROPOSTA

Ao observar a literatura relativa ao fenômeno dos empréstimos, constatamos que ela pode ser repartida, basicamente, em quatro abordagens. A primeira, desenvolvida principalmente na sociolinguística, consiste em descrever os empréstimos presentes em determinado *corpus* e observar a sua origem. Essa abordagem é adotada por estudos cujos rigor científico e abrangência variam muito. Há exemplos de estudos relativamente limitados no volume do *corpus*: simples coletâneas feitas por um pesquisador (KENNEDY, 1971) ou observações realizadas em apenas um local e/ou fonte (e.g. revista) (FRIEDRICH, 2002). Segundo Friedrich (2002, p. 28), empréstimos podem ser um fator de aumento da criatividade local, com uma certa especialização: línguas indígenas para ressaltar o lado natural do produto, francês para evocar algo elegante e italiano para a dimensão artística. Certos estudos procuram explorar uma área de conhecimento específica e podem contribuir para a constituição de dicionários especializados, como, por exemplo, o *Dicionário de anglicismos e de palavras inglesas correntes em português* (SANTOS, 2006). Há também estudos sistemáticos, contrastivos e muito mais acadêmicos, como é o caso de *Loanwords in the World's Languages* (HASPELMATH; TADMOR, 2009), ou do livro de Görlach (2003): *English Words Abroad*, cujo ponto de observação é o de uma língua para as demais. A segunda abordagem, presente em diversos estudos, traz como característica principal a atenção, o deter-se sobre a recepção dos empréstimos na língua, procurando alternativamente motivos para uma (suposta) melhor aceitação de empréstimos por parte de certas línguas e razões para tentar controlar as trocas entre as línguas, que os empréstimos tendem a tornar mais visíveis. É o tema de estudos que vão de reflexões práticas a partir de exemplos do cotidiano (SANTOS, 2008) até obras normativas, que procuram eleger os empréstimos aceitáveis (e, obviamente, rejeitar os outros).

Devemos a Loubier (2011) a ilustração mais radical de estudo normativo. Não é por acaso que foi produzido no Estado do Québec, onde existe a *Charte de la langue française* (uma norma explícita), atribuindo ao *Office Québécois de la langue française* a responsabilidade da “oficialização linguística” e da “afrancesação” da administração e das empresas (artigo 159 da *Charte*). Loubier, em nome deste organismo, identifica a necessidade de suprir uma lacuna linguística, ou seja, a ausência de equivalente para um item lexical na língua considerada, como primeiro critério de “aceitabilidade” para os empréstimos. A lacuna linguística é também mencionada como motivo para a utilização de empréstimos na terceira abordagem, puramente linguística, que objetiva observar o processo de integração de itens lexicais em uma determinada língua (explicação linguística das alterações sofridas, evolução no decorrer do tempo etc.). O estudo de Alves (1988), sobre a integração de termos de origem estrangeira por meio de empréstimos nos noticiários políticos, pode ser considerado como uma ilustração prototípica desse tipo de abordagem. Por último, encontramos um tipo de abordagem, frequente entre os pesquisadores em comunicação e *marketing*, que tende a discutir os efeitos do uso de empréstimos sobre o mercado/público alvo. É o caso do trabalho de Ruellot (2011), que avalia em 15,6% o aumento dos empréstimos oriundos do inglês em propagandas impressas divulgadas na França entre 1999 e 2007, demonstrando a relativa ineficiência de medidas jurídicas para conter o fenômeno (a lei Toubon, que objetiva limitar o impacto das línguas estrangeiras, vigora na França desde 1994). Pode ser observado que, até aqui, o foco de todos esses estudos está claramente em um sistema linguístico apenas, muitas vezes exclusivamente, outras vezes evocando outras línguas somente para indicar a origem do item lexical considerado.

Os trabalhos que procuram possíveis motivos para explicar a presença de empréstimos evocam a ação de locutores bilíngues, que representariam as pontes entre sistemas linguísticos, no caso de países onde há duas línguas oficiais (LOUBIER, 2011), o uso de terminologias especializadas em determinados setores econômicos (idem) ou o fato de palavras de origem estrangeiras prenderem a atenção do leitor e ajudarem na memorização da propaganda (PETROF, 1990) – argumento frequentemente evocado no caso desse gênero. A abundância de estudos sobre empréstimos não significa, por si só, que toda a complexidade do fenômeno tinha sido explorada. Assim, o foco privilegiado em um sistema linguístico (o sistema ‘receptor’ dos empréstimos) e o estudo de palavras e expressões estrangeiras desvinculadas da sua origem (entendida além da noção de língua de origem, no sentido de percurso, dos suportes que permitiram a esse material linguístico entrar no sistema linguístico considerado) parecem minimizar o papel das culturas ‘exportadoras’ e o papel potencial da tradução nessas trocas.

Encontramos apenas dois trabalhos que exploram a relação entre tradução e empréstimos. O primeiro, de Frankenberg-Garcia (2009), procura avaliar a influência da tradução sobre a frequência de utilização de empréstimos nos textos. Por meio de uma avaliação de textos literários do par de línguas inglês-português, a autora demonstra que a tradução aumenta de forma significativa a quantidade de empréstimos nos textos e que as traduções para o português são mais permeáveis à utilização de termos oriundos da língua fonte do que as traduções para o inglês. O segundo trabalho, de Smith (2002), estuda o gênero propaganda. Faz uso de um *corpus* composto por textos originais em inglês e suas traduções divulgadas na Rússia, mas confirma a tendência, já observada em outros estudos, a versar sobre temas linguísticos – mesmo se, nesse caso, acrescenta outros aspectos, geralmente intocados pela linguística: reflexões sobre as relações de poder, por exemplo.

A análise dos estudos disponíveis permite constatar a separação quase geral (e um tanto intrigante) dos estudos de empréstimos e da tradução (como se os empréstimos viessem diretamente da língua estrangeira, sem intermediação), assim como a ausência de referências a possíveis modelos em outras línguas para explicar o uso de empréstimos – salvo no estudo de Smith (2002), limitado a um único modelo. Em consequência, parece relevante propor um estudo dos empréstimos objetivando desvendar aspectos intocados até então, por meio da confrontação de textos divulgados no Brasil com textos divulgados em outros países (sem nos limitar a modelos em inglês). Na tentativa de aproximar os Estudos da Tradução dos Estudos da Comunicação/*Marketing*, escolhemos textos comerciais: os catálogos que apresentam modelos de automóveis produzidos pela Peugeot (uma empresa de origem francesa). Apoiamo-nos sobre a relação tradutória que existe entre os textos do *corpus* e lançamos mão de métodos que já demonstraram a sua eficiência no âmbito dos DTS. O que pretendemos identificar, por meio deste estudo, são as normas que implicaram a utilização de empréstimos nos textos brasileiros. O conceito de normas é fundamental nos DTS. Segundo Toury (2012), um dos maiores representantes dessa vertente dos Estudos da Tradução, as estratégias tradutórias utilizadas e as relações que existem entre textos traduzidos e seu ‘original’ são determinadas pelas características linguísticas aparentes que uma tradução pode adotar em determinada cultura. Essas características, por sua vez, dependem diretamente da posição sistêmica e da função da tradução considerada (2012, p.7). As normas não dizem respeito ao tradutor individual (não dependem da sua ‘inspiração’ ou ‘vontade’), mas, de maneira mais profunda, representam uma construção sócio-histórica de um determinado conceito de tradução compartilhado em uma dada sociedade. A abordagem de DTS sugere uma análise das traduções por etapas. Começa com uma observação da posição sistêmica da tradução considerada e das regularidades (padrões) que podem ser encontradas em nível textual. Essa etapa (essencial) é apenas um pré-requisito para a elaboração de tentativas de explicações (TOURY, 2012, p.70). O objetivo maior consiste em identificar convenções ou normas (descritivas, e não prescritivas), que possam explicar por que, em determinada época e em determinado contexto, tal tradução apresentou tais características.

3 CORPUS OBSERVADO

Os catálogos da Peugeot podem ser encontrados facilmente no Brasil, seja nas concessionárias ou na Internet (PEUGEOT (Brasil), [2014?]). No início de janeiro de 2015, foi feito o *download* de todos os catálogos disponíveis nesse *site*, ou seja, os catálogos de seis modelos: Peugeot 208, Peugeot 308, Peugeot 308 CC, Peugeot 408, Peugeot 3008 e Peugeot RCZ.

Paralelamente à busca dos catálogos brasileiros, foi realizada a busca de catálogos correspondentes em diversas línguas (possíveis modelos). Recolhemos os textos disponíveis na França (em francês), no Reino Unido (em inglês), em Portugal (em português) e/ou

na Argentina (em espanhol), segundo a disponibilidade destes². A determinação dos possíveis modelos e, portanto, dos catálogos constituindo o *corpus* não é arbitrária; ela decorre de algumas observações prévias:

- a França, país de origem da empresa, abriga tanto a sua sede quanto a sua direção mundial da comunicação;
- o inglês é a língua de comunicação que predomina no comércio internacional, inclusive no universo da propaganda (CRYSTAL, 2003, p. 94-95), e substituiu o francês como língua de trabalho da empresa em 2010 (PSA, 2011, p. 168). Entre os catálogos disponíveis em inglês, há um domínio incontestável, em termos de prestígio, do inglês britânico sobre as demais variantes (nenhum dos mercados onde os catálogos da Peugeot são disponíveis em inglês³ tem o estatuto suficiente para justificar uma análise da versão local do catálogo antes da versão disponível no Reino Unido);
- Portugal partilha com o Brasil a sua língua (mesmo se, no decorrer do tempo, diferenças surgiram), tornando (pelo menos aparentemente⁴) os textos divulgados em Portugal modelos de fácil reutilização para o Brasil;
- a Argentina é o maior mercado próximo ao Brasil e, de fato, há uma complementaridade entre esses dois mercados (veículos fabricados na Argentina são vendidos no Brasil e vice-versa). Do ponto de vista organizacional, as filiais brasileira e argentina da PSA Peugeot Citroën pertencem à mesma unidade: PSA AmLat.

Os diversos catálogos do *corpus* podem ser encontrados em páginas dedicadas dos *sites* da Peugeot na França (PEUGEOT (França), [2014a?]), no Reino Unido (PEUGEOT (Reino Unido), [2014?]) e em Portugal (PEUGEOT (Portugal), [2014?]). Em janeiro de 2015, o *site* argentino da Peugeot não disponibilizava mais os catálogos dos modelos. Mas, estes ainda podem ser encontrados de maneira confiável no *site* de concessionárias da marca, como a concessionária Indiana (INDIANA, [2014?]), por exemplo, para o catálogo do Peugeot 408; para obter os catálogos dos demais modelos, basta substituir 408 pelo modelo desejado).

A existência de um catálogo brasileiro para um modelo não implica imediatamente e exclusivamente a sua produção por meio de um processo de tradução (no sentido mais fechado do conceito de tradução), a partir de outro catálogo. De fato, os textos divulgados no Brasil seguem, de maneira mais ou menos próxima, os textos europeus, mas são geralmente mais curtos (por não apresentarem uma série de informações obrigatórias na Europa, sobre o meio ambiente, itens de segurança ou acessórios específicos a essa região) e podem ser parcialmente reescritos. Entretanto, neste artigo cujo foco é limitado aos empréstimos, consideramos que a relação entre os textos é de tipo tradutória e não procuramos determinar se os textos brasileiros deveriam ser chamados de traduções, adaptações ou recriações.

Utilizamos o conceito de tradução, no seu sentido amplo e nos limitamos a identificar os correspondentes dos empréstimos presentes nos textos brasileiros nos demais textos, quando houver, sinalizando por um hífen (-) a sua eventual ausência⁵.

4 SISTEMAS ENVOLVIDOS

Antes de qualquer análise textual do *corpus*, podemos observar a posição dos catálogos da Peugeot nos diversos sistemas, ou polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1978), nos quais se inserem.

Do ponto de vista sistêmico, o *corpus* estudado pertence ao gênero catálogos automobilísticos, divulgados no mercado brasileiro (do ponto de vista comercial) e no sistema linguístico brasileiro (do ponto de vista sociolinguístico). O gênero “catálogos” (no Brasil, bem como em outros mercados) pode ser relacionado ao gênero “propaganda”, tanto pelas características estilísticas, quanto pela

² O Peugeot 408, vendido no Brasil e na Argentina, não é comercializado na Europa.

³ África do Sul, Arábia Saudita, Austrália, Bahrein, Bermudas, Brunei, Chipre, Egito, Emirados Árabes Unidos, Hong-kong, Indonésia, Irlanda, Kuwait, Malásia, Malta, Nigéria, Nova Zelândia, Palestina, Filipinas, Singapura, Sri-Lanka, Sierra-Leone, Tailândia. A marca Peugeot não é distribuída nos EUA, nem no Canadá.

⁴ Essa suposta “facilidade” não leva em consideração as necessárias adaptações impostas por fatores culturais e até pela diferença entre o produto europeu e o produto vendido no mercado brasileiro – essa última observação vale para os outros possíveis modelos textuais europeus observados.

⁵ A ausência de tradução não implica automaticamente em escolhas tradutórias (omissão ou modificação de parte de textos); certas partes de um texto europeu, por exemplo, podem ter sido suprimidas no texto brasileiro.

função que cumpre (objetivos subjacentes à divulgação dos textos, em termos de divulgação do produto e, finalmente, de vendas). O sistema de propaganda pode ser considerado como central nas sociedades capitalistas, tanto do ponto de vista dos indivíduos, em razão da sua presença/influência no seu cotidiano, quanto das empresas (como a Peugeot), para as quais as vendas e o lucro são o objetivo final. Se for comparada à posição de outras propagandas, em revistas impressas ou na televisão, por exemplo, os catálogos de propaganda parecem mais periféricos, por um lado, por atingirem um público menor, porém mais centrais, por outro lado, por atingirem um público supostamente mais interessado (o leitor teve a iniciativa do contato, dirigindo-se a uma concessionária ou fazendo o *download* do catálogo no *site* comercial da Peugeot) e durante mais tempo (o catálogo proporciona um contato que vai bem além dos 30 segundos ou da página única das outras mídias).

Observa-se que, embora a Internet tenha invadido as nossas vidas, proporcionando um acesso imediato a todas as informações, os catálogos não desapareceram das concessionárias. Esse simples fato deixa supor que, para os fabricantes e distribuidores de automóveis, esse tipo de suporte de comunicação ainda desempenha uma função importante e merece o investimento financeiro necessário para a sua concepção e impressão. Em suma, os catálogos de apresentação de veículos podem ser localizados no subsistema publicitário brasileiro (posição equivalente nos outros mercados observados), que se caracteriza por ser um subsistema importante da cultura, mas cuja valorização cultural menos elevada (em comparação com a literatura, por exemplo) não o obrigaria a seguir regras/tradições muito rígidas. É geralmente considerado como um subsistema onde a criação, a inovação e a emancipação das regras estabelecidas em outros gêneros são bem-vindas.

O sistema linguístico brasileiro, por sua vez, já foi descrito como relativamente permeável a itens lexicais de origem estrangeira (KENNEDY, 1971; FRIEDRIECH, 2002; SANTOS, 2008). Todavia, preferimos não reter considerações tão gerais para elaborar hipóteses sobre um *corpus* específico.

No conjunto dos fabricantes automotivos presentes no Brasil, a empresa Peugeot, que iniciou a sua produção local em 2001, ocupa uma posição intermediária entre as empresas “antigas” (Volkswagen, Ford, Fiat) e as recém-chegadas (empresas chinesas, por exemplo). A origem estrangeira da empresa não é tão prejudicial como em outros mercados, já que não há empresas brasileiras que produzem carros⁶ e que o caráter “nacional” ligado à presença de fábricas no país diz mais respeito à praticidade para encontrar peças e à redução de custo na manutenção.

Para finalizar a nossa descrição dos sistemas envolvidos, não se pode negligenciar que os catálogos brasileiros da Peugeot também pertencem ao sistema dos catálogos da Peugeot no mundo (subsistema da comunicação comercial e da comunicação externa de Peugeot). O sistema dos catálogos brasileiros da marca é, portanto, estreitamente vinculado aos demais sistemas de catálogos observados (evidências óbvias de uma relação do tipo tradutória entre os textos foram produzidas acima).

Podemos sintetizar as considerações sistêmicas afirmando que a posição relativamente central dos catálogos na comunicação externa da Peugeot (vender os seus produtos é um dos objetivos essenciais da empresa) e, ao contrário, a posição relativamente periférica desses no sistema textual brasileiro, tanto do ponto de vista da difusão quanto da rigidez da “normatividade” (regras menos estritas do que para outros gêneros mais consagrados) fazem do *corpus* escolhido um terreno particularmente favorável à aparição, ou ao reforço, de fenômenos particulares no sistema linguístico geral brasileiro (e.g. os empréstimos).

5 EMPRÉSTIMOS ENCONTRADOS NO CORPUS

Uma vez explicitada a posição sistêmica do *corpus*, podemos partir para uma análise microtextual das suas características. Nessa seção, na qual apresentamos os casos de empréstimos encontrados, propomos uma categorização em quatro grandes tipos, a fim de facilitar a discussão ulterior dos possíveis motivos da sua presença. O primeiro critério de distinção entre os empréstimos concerne a sua integração prévia ao sistema linguístico brasileiro ou, ao contrário, seu caráter inusitado. Em razão das constantes evoluções

⁶ Os números de vendas da empresa Troller, fundada em 1997, no Ceará, não permitem compará-la com as demais empresas.

do sistema linguístico e do seu uso parcial e diferenciado pelos diferentes componentes da sociedade (basta pensar no que pode ser encontrado na Internet ou nas redes sociais), seria utópico tentar definir com os nossos próprios meios se o empréstimo faz parte do sistema linguístico brasileiro ou não. Resolvemos, no âmbito desse estudo, escolher uma referência externa: o dicionário Aurélio⁷ (FERREIRA, 2009), um dos mais conceituados dicionários do português brasileiro – o Aurélio, doravante. Para definir os demais agrupamentos, observamos se os empréstimos são próprios ao universo técnico (segundo critério), ou à marca Peugeot (terceiro critério). Enfim, a quantidade de acrônimos encontrados no *corpus* justificou a criação de uma quarta categoria distinta.

Apresentamos os empréstimos encontrados nos textos divulgados no Brasil ao lado dos seus correspondentes nos textos divulgados na França, em Portugal, no Reino Unido e na Argentina. Contudo, para respeitar o primeiro objetivo desse artigo, comentamos apenas as ocorrências brasileiras – embora comentar a utilização (ou não utilização) em outros mercados seja muito tentador em certas oportunidades – e nos limitamos a utilizar os correspondentes em outros textos como evidências de possíveis fontes inspiradoras no decorrer do processo tradutório.

Os modelos dos veículos estão mencionados apenas quando essa informação é relevante (por exemplo, quando há variações na utilização de empréstimos). Caso contrário, pode ser entendido que a ocorrência citada foi encontrada em diversos catálogos.

5.1 Empréstimos “comuns”

As ocorrências de empréstimos “comuns” (referenciados no Aurélio) no *corpus* são apresentados na Tabela 1.

	Brasil	França	Portugal	Reino Unido	Argentina
1	<i>know-how</i>	<i>savoir-faire</i>	“ <i>savoir-faire</i> ”	-	<i>saber hacer</i>
2	<i>design</i>	<i>design</i>	<i>design</i>	<i>Design</i>	<i>diseño</i>
3	cupê (RCZ) / <i>coupé</i> (308 CC)	<i>coupé</i>	<i>coupé</i>	<i>Coupé</i>	-
4	<i>cabriolet</i>	<i>cabriolet</i>	<i>cabriolet</i>	<i>cabriolet</i>	-
5	chassi	-	-	-	-
6	capô		<i>capot</i>		
7	<i>air bag</i> (RCZ e 408) / airbag (demais modelos)	airbag	airbag	airbag	Airbag

Tabela 1: Empréstimos “comuns”

Fonte: elaborada a partir de dados extraídos dos catálogos do *corpus*

Os empréstimos “comuns” encontrados no *corpus* possuem duas origens: francesa (3, 4, 5 e 6), para termos relacionados a elementos “clássicos” do universo automobilístico (provavelmente importados desde o início do século XX) e inglesa (1, 2 e 7), para termos ligados a noções mais recentes. Com exceção dos empréstimos 1 e 5, os empréstimos “comuns” dos textos brasileiros são idênticos aos encontrados nos textos em outras línguas.

Flutuações na grafia de certos termos nos textos brasileiros e escolhas de opções diferentes das formas registradas no dicionário (que aceita apenas as formas *cupê*, *airbag* e *cabriolé*) podem ser indicações de influências exteriores ao sistema brasileiro. Também podemos observar que, em outra seção do texto brasileiro do modelo 308 CC, foi utilizada a palavra *conversível* (“tirar proveito do

⁷ Referências adicionais não permitiram completar os resultados obtidos com o dicionário “geral”. Dos empréstimos observados nesse estudo, foram encontrados mais itens de origem inglesa no Aurélio do que no Dicionário de anglicismos e de palavras inglesas correntes em português (SANTOS, 2006), por exemplo.

seu conversível”), mesmo quando a palavra francesa é mantida nos textos em inglês (“*enjoy your cabriolet*”) e em português (“tirar mais proveito do seu cabriolet”), atestando uma utilização talvez mais problemática no Brasil.

5.2 Empréstimos “técnicos”

Agrupamos na categoria empréstimos “técnicos” três tipos de empréstimos: empréstimos relativos ao universo tecnológico (Tabela 2), específicos ao universo automobilístico (Tabela 3) e nomes dados a certas novas funções técnicas dos veículos (Tabela 4).

	Brasil	França	Portugal	Reino Unido	Argentina
8	<i>touchscreen</i>	<i>écran tactile</i>	<i>Touch Screen</i>	<i>touch screen</i>	-
9	conexão <i>Bluetooth</i>	<i>connexion Bluetooth*</i>	ligação <i>Bluetooth*</i>	<i>Bluetooth</i>	-
10	leitor de CD compatível com MP3 / <i>CD player</i> MP3 / Rádio/CD/MP3 <i>player</i> / WIP <i>Sound</i> Rádio CD <i>player</i> com leitor MP3	<i>lecteur CD compatible MP3 / autoradio lecteur de CD compatible MP3 / Radio CD MP3 WIP Sound</i>	leitor de CDs compatível com MP3 / - / Rádio com leitor de CDs MP3 <i>Wip Sound</i>	- / - / <i>Peugeot Connect Sound Radio and CD player</i>	- / <i>Radio CD con MP3</i> / -

Tabela 2: Universo tecnológico

Fonte: elaborada a partir de dados extraídos dos catálogos do *corpus*

Esses termos são de uso frequente no Brasil. Eles não estão registrados na edição 2009 do Aurélio, talvez por estarem relacionados a tecnologias relativamente recentes, mas possivelmente entrarão em uma próxima edição. Os empréstimos do universo tecnológico encontrados nos textos brasileiros mostram uma maior proximidade com os textos divulgados no Reino Unido e (depois) em Portugal do que com os textos franceses.

	Brasil	França	Portugal	Reino Unido	Argentina
11	<i>concept car</i>	<i>concept-car</i>	<i>concept-car</i>	<i>concept car</i>	-
12	<i>Coupé Cabriolet</i>	<i>Coupé-Cabriolet</i>	<i>Coupé-Cabriolet</i>	<i>Coupé-Cabriolet</i>	-
13	<i>crossover</i>	<i>Crossover</i>	<i>crossover</i>	<i>crossover</i>	-
14	<i>console central</i>	<i>console centrale</i>	<i>tablier central</i>	-	-
15	<i>Fuel Saver</i>	-	-	-	-
16	tecnologia <i>Flex Start</i>	-	-	-	-
17	<i>Check control</i>	-	-	-	<i>Check control</i>
18	materiais <i>soft touch</i> , como o “ <i>slush</i> ”	-	-	<i>soft-quality material ‘Slush’</i>	<i>materiales blandos “slush”</i>
19	<i>downsizing</i>	-	-	-	<i>“downsizing”</i>

Tabela 3: Universo automobilístico

Fonte: elaborada a partir de dados extraídos dos catálogos do *corpus*

Os termos referentes ao universo automobilístico se referem a tipos de carros (11, 12 e 13). *Concept car*, menos utilizado do que carro conceito no Brasil, pode indicar uma influência de textos da Peugeot (todos os textos europeus observados utilizam essa

terminologia). A presença de *coupé cabriolet*, forma extensa da sigla do Peugeot 306 CC⁸, idêntica à forma presente nos textos europeus observados, nada mais é do que a combinação de dois itens que, separadamente, constam no Aurélio (com uma grafia levemente diferente). O termo *crossover*, por sua vez, caracteriza um tipo de arquitetura de carro e se tornou muito comum no universo automobilístico nos últimos anos. É provavelmente apenas uma questão de tempo para que este termo entre na primeira categoria dos empréstimos. O empréstimo 14 (*console central*), cuja origem é claramente francesa, também não consta no Aurélio, mas é relativamente frequente no universo automobilístico brasileiro (e conhecida dos consumidores, como demonstra a presença do nome dessa peça em *sites* de revenda –(MERCADO LIVRE, [2014?]), por exemplo). Os empréstimos 15 e 16, bem como a presença de *by Peugeot* logo depois de *crossover* em 13, dão um suplemento de gosto anglo-saxão aos textos brasileiros, se forem comparados aos segmentos correspondentes em outras línguas. Mas é somente no caso 16 que pode ser vislumbrada uma escolha puramente local, pelo fato de a tecnologia *Flexstart* (descrita como “eliminando o ‘tanquinho’ de gasolina situado no compartimento do motor”) se referir a uma característica técnica dos motores funcionando com álcool, produzidos especificamente para o mercado brasileiro. Os empréstimos 17, 18 e 19, por sua vez, são compartilhados com textos da Peugeot em outras línguas.

	Brasil	França	Portugal	Reino Unido	Argentina
20	<i>“lead me to the car”</i>	<i>éclairage d’accueil extérieur</i>	-	-	-
21	<i>“follow me home”</i>	<i>éclairage d’accompagnement automatique (Follow me Home)</i>	-	-	<i>“Follow me Home”</i>
22	<i>Hill Assist</i>	<i>« Hill Assist » (aide au démarrage en pente)</i>	<i>«Hill Assist» (ajuda ao arranque em zona inclinada)</i>	<i>“Hill Assist” function</i>	<i>HILL ASSIST (Asistencia al arranque en pendiente)</i>
23	<i>Head-Up Display</i>	<i>affichage tête haute</i>	<i>Head-Up Display</i>	<i>head up display</i>	<i>Head Up Display (Display de Lectura Elevada)</i>

Tabela 4: Nomes de novas funções técnicas

Fonte: elaborada a partir de dados extraídos dos catálogos do *corpus*

Os empréstimos para se referir a nomes de funções técnicas disponíveis em certos veículos da Peugeot (20 a 23) são geralmente utilizados em diversas línguas. Cabe notar que, segundo o local e o modelo, uma explicação da função pode ser apresentada na língua local. É o que ocorre no Brasil. Aprendemos assim que a função *“lead me to the car”* significa “faróis acesos por um tempo determinado ao se aproximar do carro”, a função *“follow me home”* “faróis acesos por um tempo determinado ao se afastar do carro”, a função *“Hill Assist”* “permite que o veículo se mantenha imóvel por 2 segundos em solo inclinado”. *“Head-Up Display”*, por sua vez, é “a tecnologia dos aviões de caça, que projeta em uma tela de acrílico sobre o painel todas as informações essenciais para o motorista dirigir sem precisar desviar a atenção da rota”. O Brasil não possui a exclusividade dos nomes de funções em inglês, nem da escolha de explicitá-los na língua local.

⁸ *Coupé Cabriolet* corresponde, em francês, a uma terminologia do meio automotivo para designar um conversível cujo teto é rígido, como no caso dos carros convencionais.

essas referências parecem decorrer de diferenças de opções disponíveis (as cores disponíveis, por exemplo, podem variar entre mercados) e não de dificuldades linguísticas para utilizar um ou outro item lexical no Brasil. Nesse mercado, as denominações apresentam uma curiosa mistura de língua local e de empréstimos. Entretanto, a formulação exótica não é um privilégio dos textos brasileiros; em todas as línguas observadas, os nomes de cores são (mais ou menos) exóticos. Os casos 28 e 29 são exemplos de sistemas próprios à empresa Peugeot, com nomes em inglês, seguidos de explicações na língua local, qualquer que seja o mercado observado. Assim, no Brasil, o *Windstop* é a “rede antiturbulência que protege os assentos dianteiros dos redemoinhos de ar” e o *Airwave* é descrito da seguinte maneira: “situado no apoio da cabeça nos assentos, esse sistema de aquecimento ajusta a temperatura e o fluxo de ar para o pescoço dos ocupantes”.

5.4 Empréstimos de acrônimos estrangeiros

Os textos dos catálogos da Peugeot utilizam um jargão técnico que se vale de muitos acrônimos (listados na Tabela 6).

	Brasil	França	Portugal	Reino Unido	Argentina
30	ABS / freios ABS	<i>Antiblocage des roues (ABS)</i>	Anti bloqueio das rodas (ABS)	<i>Anti-lock Braking System (ABS)</i>	ABS
31	<i>LED / LEDs</i>	<i>LED / LEDs</i>	<i>LEDs / LEDs</i>	<i>LED / LED lights</i>	
32	sistema eletrônico de estabilidade (ESP) / controle eletrônico de estabilidade (ESP) / ESP (Electronic Stability Program)	<i>ESP (Electronic Stability Program / ESP (Electronic Stability Program) contrôle dynamique de stabilité</i>	<i>ESP (Electronic Stability Program/Controlo Dinâmico da Estabilidade) / ESP (Electronic Stability Program)</i>	<i>ESP (Dynamic Stability Control Program) / ESP (Electronic Stability Program)</i>	sistema de control de estabilidad (ESP) / Programa de control de estabilidad ESP
33	Sistema antiderrapagem (ASR) / sistema de antipatinagem (ASR) / Controle de Tração (ASR)	<i>Système d'antipatinage des roues(ASR)</i>	Sistema de anti-patinagem das rodas (ASR) / Anti-patinagem das rodas (ASR)	<i>traction control system (ASR)/ ASR (Traction Control)</i>	Subsistema antipatinaje
34	Turbo High Pressure (THP)	<i>THP (Turbo HighPressure/Turbo Haute Pression)</i>	THP (Turbo High Pressure/ Turbo a Alta Pressão)	<i>THP (Turbo High Pressure)</i>	
35	Sistema de frenagem de urgência (AFU) / ajuda à frenagem de emergência (AFU) AFU (auxílio à frenagem de urgência)	<i>Aide au Freinage d'Urgence (AFU)</i>	Ajuda à Travagem de Emergência (AFU) / Ajuda à Travagem de Emergência (AFU)	<i>Emergency Brake Assist (EBA) / EBA (Emergency Braking Assistance) / brake assist emergency</i>	- / asistencia de frenado de urgência / subsistema de asistencia de frenado de urgencia
36	repartidor eletrônico de frenagem (REF) / REF – distribuição eletrônica de frenagem	<i>Répartiteur Electronique de Freinage (REF)</i>	Repartidor Electrónico de Travagem (REF)	<i>Electronic Brake Force Distribution (EBFD)</i>	repartidor electrónico de frenado

Tabela 6: Empréstimos de Acrônimos estrangeiros

Fonte: elaborada a partir de dados extraídos dos catálogos do *corpus*

Certos acrônimos já fazem parte do cotidiano dos brasileiros (ABS e LED) e não foram detalhados por extenso. Outros, menos conhecidos, estão seguidos de uma definição/explicação por extenso, geralmente na língua local (mas também em inglês no caso

de ESP e somente em inglês no caso de THP). Assim ASR (33), acrônimo (inglês) de *Acceleration Slip Regulation*, precisa ser explicitado em outros termos para ser entendido pelos leitores de catálogos da Peugeot. THP (34), por sua vez, poderia corresponder tanto a *Turbo Haute Pression*, quanto a *Turbo High Pressure*, todavia, é a definição em inglês que é apresentada em todos os mercados. Vale observar que, na maioria dos casos, as iniciais das definições por extensão não correspondem aos acrônimos que acompanham.

No caso dos catálogos brasileiros, é extremamente importante perceber que todos os acrônimos encontrados são iguais aos utilizados nos textos divulgados na França e em Portugal (mesmo se alguns são ligados a definições em inglês), quando o texto inglês opta por modificar os acrônimos (e as suas definições).

6 DISCUSSÃO

A partir da análise da posição dos catálogos de Peugeot nos diversos sistemas onde se encontram e das evidências encontradas no corpus, passamos a uma fase mais explanatória, próximo passo no caminho para a identificação das normas⁹ que regem a tradução dos empréstimos nos catálogos brasileiros da Peugeot.

Hipóteses explanatórias recorrentes, baseadas no conceito de lacuna linguística, como evocado em (LOUBIER, 2011), ou de “permeabilidade” de um sistema linguístico, carecem de comprovações partindo de casos concretos de uso. Assim, procuramos novas hipóteses explanatórias para a presença de empréstimos nos catálogos brasileiros. Segundo o método de DTS, a etapa explanatória está prevista, de maneira sistemática, depois da fase de descrição das regularidades do corpo. Para Toury, “[...] a identificação de modificações representa uma parte do processo de descoberta, ou seja, no máximo, um passo para hipóteses explanatórias” (2012, p.111)¹⁰.

Organizamos a seguir uma primeira apresentação de hipóteses explanatórias para os diversos casos encontrados. Essas hipóteses serão combinadas mais adiante, no intuito de propor uma formulação de uma das normas que regem o uso de empréstimos no corpus estudado.

A primeira análise que podemos fazer é que os itens lexicais já integrados ao sistema linguístico brasileiro estão longe de representar a maioria dos empréstimos encontrados.

Se a origem linguística dos empréstimos “comuns” parece cada vez mais vinculada ao inglês, à medida que as tecnologias evoluem e se difundem no mundo e conforme há progressão da influência anglo-saxônica em diversas regiões do planeta, há certa dificuldade para rastrear os caminhos percorridos pelos itens lexicais considerados até chegarem ao Brasil. A partir dos poucos exemplos do corpus, não pode ser afirmado que a tradução é o fator principal para isso, apesar de flutuações de grafia, levantarem algumas suspeitas. Outros casos de empréstimos devem oferecer pistas mais sólidas.

A observação dos empréstimos do universo automobilístico, assim como dos nomes das funções técnicas, muitas vezes oriundas da língua inglesa, confirma que o subsistema brasileiro dos catálogos automotivos é relativamente tolerante a esse tipo de manifestações. A presença, restrita aos catálogos brasileiros de Peugeot, dos empréstimos 15 e 16, bem como o “*by Peugeot*” acrescentado ao empréstimo 13, parece apontar para formulações imaginadas nos departamentos de *marketing* da empresa, com uma influência do sistema da propaganda brasileira. Todavia, uma rápida busca nos sites franceses da empresa na Internet revela que a expressão “*by Peugeot*” também é utilizada na França (cf. (PEUGEOT (França), [2014b?]) e (PEUGEOT (França), [2014c?]), por exemplo). O fato de os pneus “*fuel saver*” serem descritos em outra parte do catálogo como “pneus ecológicos com baixa resistência ao rolamento”, demonstra que o conceito em inglês não é tão claro para todos os leitores brasileiros. A sua utilização

⁹ Sobre normas, ver os capítulos 3 (*Being a norm-governed activity*) e 4 (*Studying translational norms*) de *Descriptive Translation Studies – and beyond* (TOURY, 2012). Queremos, em particular, frisar que a aceção do conceito de normas utilizada nesse estudo não é prescritiva (não se trata de dizer como deveria ser traduzido, ou se a solução tradutória escolhida é válida, ou boa), mas descritiva (os padrões identificados nos textos observados).

¹⁰ Tradução nossa. No original: “[...] the identification of shifts is part of the discovery procedures, i.e., at best a step toward explanatory hypotheses”.

na versão inglesa (muito mais curta) em determinada passagem do catálogo poderia ter sido motivada por aspectos muito mais práticos do que linguísticos: a falta de espaço para descrever o elemento, em certa porção do texto, por exemplo. Uma vez constatada a presença dos demais empréstimos dessa categoria em textos divulgados em outras línguas (eliminando a possibilidade de iniciativa puramente brasileira), podemos suspeitar que a tradução (no caso a não tradução do item, na passagem de um texto em língua estrangeira para o português brasileiro) tenha influenciado as escolhas brasileiras. Para explicar a presença dos empréstimos do universo automobilístico, a origem linguística não pode ser confundida com a origem (inter)textual.

As referências próprias à marca Peugeot representam uma quantidade significativa dos empréstimos encontrados nos catálogos brasileiros. A nítida repartição entre empréstimos do francês, para referências estéticas, e do inglês, para referências técnicas, confirma a tendência (já descrita por Friedrich (2002)) de utilização de empréstimos com a intenção de influenciar o leitor/consumidor. Os nomes de funções técnicas em inglês confirma o papel “tecnicizante” atribuído a essa língua (utilizada por outros fabricantes, além da Peugeot, para nomear essas mesmas funções, no Brasil e em diversos mercados) e desmistifica o empréstimo como proveniente de um texto em inglês apenas, ou diretamente do inglês.

Certos itens lexicais, utilizados de maneira fixa (forma idêntica em diversos textos) para referenciar uma cor ou um acessório, lembram os códigos necessários para todas as operações nas quais um produto pode ser personalizado. Esses códigos são geralmente compostos por números, mas, nesse caso foram “poetizados”, por motivos comerciais evidentes. A sua presença no texto brasileiro caracteriza um tipo de empréstimo diferente dos demais; para retomar uma referência mundial, não é preciso traduzir. A forma padrão parece, no caso de referências, apresentar o nome da cor na língua local e o adjetivo que a acompanha na sua forma internacional. A diferença de comportamento do texto em inglês confirma que as normas variam conforme os locais de recepção dos textos. A aparente tolerância do subsistema brasileiro em relação aos adjetivos franceses para descrever cores, se for comparada ao texto em inglês, demonstra que a relação de subordinação/autonomia entre texto alvo e texto fonte depende do grau de afirmação de cada língua/cultura perante os modelos que utiliza.

Duas influências podem ser identificadas nos empréstimos de nomes de funções técnicas (20 a 23). Todos vêm do inglês e são geralmente seguidos de explicações na língua local. Esses nomes podem ser inspirados por textos da Peugeot divulgados em outros mercados, mas por outras marcas, que os utilizam frequentemente no Brasil. Os brasileiros já se habituaram a eles, como demonstram vídeos disponíveis no YouTube ou perguntas/respostas em fóruns especializados¹¹. Mais uma vez, além da observação da língua do empréstimo, é a observação da intertextualidade (a origem da “inspiração”) que nos permite entender melhor o fenômeno. Um estudo baseado em uma observação dos textos brasileiros apenas seria muito arriscado. Tal estudo nos induziria a considerar todos os empréstimos de referências ou de funções técnicas são do mesmo tipo que “*flexstart*” (empréstimo 16, tipicamente brasileiro) e nos levaria a tentativas de explicações provavelmente equivocadas.

A presença de acrônimos em um catálogo automotivo não constitui uma verdadeira surpresa. Trata-se de um “clássico” retórico desse gênero textual, quase um “selo” de autenticidade, encarregado de promover uma aparência técnica capaz de satisfazer o leitor não especializado, sem ultrapassar muito os seus limites. Todos esses elementos textuais ajudam a confortar uma “comunidade de prática” (WENGER, 2010), de maneira semelhante ao que já foi observado em diversos subsistemas sociais (gírias em inglês em *sites* brasileiros, como marcas de afiliação a certos grupos na Internet (FIGUEIREDO, 2010), por exemplo). Quando não são bem conhecidos do público, vêm geralmente acompanhados de uma explicação. O artifício retórico fica ainda mais visível depois de uma tradução, que desvincula o acrônimo da sua definição original. O texto brasileiro mantém o acrônimo presente no texto francês, quando o texto em inglês se atreve a renomear técnicas e acrônimos. Isso pode ocorrer em razão do texto em francês ser percebido como ‘o’ original ou pela observação do texto divulgado em Portugal, que também reutiliza os acrônimos franceses. Assim, a relação subordinação/autonomia, já observada no caso de nomes de função, repete-se aqui.

O método de DTS não consiste apenas em análises sequenciais, tais quais apresentamos até esse momento, mas incentiva a refletir sobre possíveis combinações de normas elementares.

¹¹ Cf. um tópico sobre o sistema *follow me home* no site Carro Bonito (2009), por exemplo.

Tendências já identificadas em estudos anteriores (a utilização de itens lexicais de origem inglesa, reforçada no caso de produtos tecnológicos, na propaganda e aumento de empréstimos da tradução quando comparada ao texto original) são confirmadas pela observação dos catálogos da Peugeot no Brasil. Porém, os possíveis motivos da presença dos empréstimos nos textos observados não condizem com aqueles apresentados por esses estudos. A criatividade, que pode orientar o redator do texto em francês a utilizar termos em inglês em seu texto original, não corresponde ao mesmo tipo de decisão que implica a escolha de manter termos pré-escolhidos nos textos brasileiros. Da mesma maneira, não podem ser encontrados, nos catálogos automotivos, os elementos linguísticos e espaciais de uma narrativa localizada em um determinado país ou região que justificariam escolhas similares às realizadas pelos tradutores dos romances analisados por Frankenberg-Garcia (2009).

Tendências gerais se diluem ou são reforçadas, ao se combinarem com normas próprias à empresa observada. No caso dos empréstimos, único aspecto textual observado no presente estudo, constatamos uma forte influência dos textos em francês sobre os textos brasileiros, sem que uma eventual lacuna linguística seja uma explicação satisfatória à presença de tais empréstimos. A dicotomia entre origem inglesa para termos tecnológicos e francesa para aspectos mais estéticos, presente nos textos brasileiros, não se deve a opções brasileiras unicamente, já que os próprios modelos utilizados recorrem a empréstimos (do inglês, geralmente), utilizados, em muitas oportunidades como “referências técnicas” pela empresa ou, mais globalmente, pelo setor automotivo (no Brasil e em outros mercados). A posição sistêmica particular dos catálogos brasileiros da Peugeot, tanto nos sistemas linguístico e cultural brasileiros, quanto no sistema da comunicação da empresa, autoriza e favorece a aparição de itens oriundos de outros sistemas, linguísticos e culturais.

Podemos sintetizar as nossas análises em duas afirmações (aproximando-nos da formulação de uma norma tradutória referente à situação analisada nesse estudo):

- a) Elementos considerados como referências absolutas para a empresa (termos, expressões ou acrônimos fixos, sejam eles utilizados por motivos discursivos ou comerciais) são transferidos sem que sejam traduzidos para o texto alvo, independentemente da língua (local ou estrangeira) na qual se apresentam no texto fonte. Quando necessário, uma definição/explicação os acompanha. Assim, escolhas lexicais presentes nos textos utilizados como modelos condicionam fortemente as traduções subsequentes.
- b) Em 2015, os empréstimos utilizados nos catálogos brasileiros da Peugeot são geralmente oriundos do inglês, quando referentes a conceitos tecnológicos, e do francês, quando referentes a conceitos estéticos. Neste caso, não preenchem lacunas linguísticas. A sua presença não reflete diretamente a influência linguística de uma língua (por exemplo, o inglês) sobre textos em outra língua (por exemplo, em português brasileiro), mas, sim, a influência de textos existentes divulgados pela empresa em outros mercados (geralmente na França¹², eventualmente através de Portugal) sobre os textos brasileiros. O processo tradutório (incluindo os modelos escolhidos) e a posição sistêmica do gênero considerado (tanto no sistema brasileiro, quanto no sistema comunicativo da empresa) favorecem a ocorrência de tais fenômenos linguísticos nos catálogos automotivos brasileiros.

A inovação trazida por essas formulações sintéticas é a presença da empresa como ator-chave. Tal reconhecimento renova as explicações “clássicas” oferecidas pelos Estudos da Tradução, que enfocam tradicionalmente aspectos culturais. A questão fundamental das ligações entre mercados, pouco explorada nos estudos de *marketing* e de tradução, merece ser observada de maneira mais sistemática e não apenas no intuito de comentar casos de fracassos, quando a tradução do nome de um produto produz um efeito indesejado (cômico, injurioso etc.) em uma cultura.

¹² Nesse caso, podemos afirmar que há uma influência da língua inglesa sobre o texto em francês. Mas esse não é o foco do presente estudo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos, ao longo desse artigo, que o estudo de elementos microtextuais, tais quais os empréstimos, pode representar um caminho para observações importantes no que diz respeito à origem de textos. No caso dos catálogos da Peugeot, os empréstimos presentes nos textos brasileiros apontam para um modelo francês, talvez através da sua tradução divulgada em Portugal, mais do que modelos oriundos do Reino Unido ou da Argentina. Naturalmente, observações textuais complementares seriam necessárias para poder confirmar essas primeiras considerações.

O *corpus* estudado mostrou o quão uma clara dissociação entre língua de origem do empréstimo e texto fonte é necessária, para não atribuir automaticamente, e às vezes de maneira equivocada, influências diretas a sistemas (linguísticos ou outros) que agem, no máximo, de maneira indireta, em determinada situação. A análise apresentada nos incita também a uma reflexão mais aprofundada sobre o papel das empresas multinacionais na introdução de elementos linguísticos alheios em diversos sistemas linguísticos ao redor do mundo. À medida que essas empresas utilizam discursos multilíngues reproduzidos (copiados, traduzidos, adaptados, etc.) em diversos locais, ocorre uma propagação pouco controlada desses discursos. Tal “falta” de controle é visível no que tange aos responsáveis pelas políticas linguísticas nacionais, mas também à própria empresa, que uma vez tendo emitido a sua mensagem “mundial”, não pode determinar exatamente em que medida vai ser retomada ou não por outras empresas e pelos consumidores.

Por fim, gostaríamos de frisar que os resultados obtidos a partir da observação de elementos microtextuais são promissores para três áreas do conhecimento:

- para a Linguística, identificamos que textos comerciais e técnicos podem servir de “detectores de entrada avançados” de novos itens lexicais em um sistema linguístico, antes que sejam detectáveis em sistemas mais gerais (imprensa, por exemplo);
- para a Sociolinguística, as multinacionais de origem não anglo-saxônica representam objetos de estudos relevantes para observar os percursos de propagação indiretos de itens lexicais oriundos do inglês;
- para os Estudos da Tradução, pesquisas sobre a comunicação das empresas multinacionais oferecem perspectivas extraordinárias de descobertas relativas ao fenômeno tradutório, nos seus mais diversos aspectos, e um potencial enorme de explicações a respeito do fenômeno de globalização, tão importante para as nossas sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *ALFA*, n. 32, p. 1-14, 1988.

CARRO BONITO. O que é o sistema “Follow Me Home”?, 28 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.carrobonito.com/2009/06/28/o-que-e-o-sistema-follow-me-home>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

EVEN-ZOHAR, Itamar. The position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: HOLMES, J.; LAMBERT, J.; VAN DEN BROECK, R (Ed.). *Literature and translation: new perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978. p.117-127

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Diniz de. To borrow or not to borrow: the use of English loanwords as slang on websites in Brazilian portuguese. *English Today*, 104, v. 26, n. 4, p. 05-12, 2010.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana. Utilização dos empréstimos na tradução literária. Tradução & Comunicação. *Revista Brasileira de Tradutores*, n. 18, p. 43-61, 2009.

FRIEDRICH, Patricia. English in advertising and brand naming: sociolinguistic considerations and the case of Brazil. *English today*, 71, v. 18, n. 3, p. 21-28, 2002.

HASPELMATH, Martin; TADMOR, Uri (Ed.). *Loanwords in the world's languages*. A comparative handbook. Berlin: De Gruyter Mouton, 2009.

GÖRLACH, Manfred. *English words abroad*. Amsterdã e Filadelfia: Benjamins, 2003.

INDIANA. [ca. 2014?]. Disponível em: <<http://www.indiana.com.ar>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

KENNEDY, James. The influence of English in the Vocabulary of Brazilian Portuguese. *Hispania*, v. 54, n. 2, p. 327-331, 1971.

LOUBIER, Christiane. *De l'usage de l'emprunt linguistique*. Montréal: Office québécois de la langue française, 2011.

MERCADO LIVRE. [ca. 2014?]. Disponível em: <<http://carros.mercadolivre.com.br/pecas/fiesta-console-central>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

PETROF, John. L'utilisation des langues étrangères comme moyen d'augmenter l'efficacité de la publicité: une approche expérimentale. *Recherche et Applications en Marketing*, n. 5, p. 1-16, 1990.

PEUGEOT (Brasil). Dowload de catálogos, [2014]. Disponível em: <<http://carros.peugeot.com.br/formulario-de-catalogo>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

PEUGEOT (França). Télécharger une brochure, [2014a?]. Telecharger Disponível em: <<http://www.peugeot.fr/demande-de-brochure/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

PEUGEOT (França). Mu by Peugeot, [2014b?]. Disponível em: <<http://www.mu.peugeot.fr>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

PEUGEOT (França). Reprise cash by Peugeot, [2014c?]. Disponível em: <<http://www.reprise-cash-bypeugeot.fr>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

PEUGEOT (Portugal). Pedido de catálogo, [2014?]. Disponível em: <<http://www.peugeot.pt/pedido-de-catalogo>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

PEUGEOT (Reino Unido). Brochures, [2014?]. Disponível em: <<http://www.peugeot.co.uk/brochures-list>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

PSA Peugeot Citroën (PSA) PSA PEUGEOT CITROËN *Document de référence* 2010, 2011 Disponível em: <<http://www.psa-peugeot-citroen.com/fr/report/161>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

RUELLOT, Viviane. English in French print advertising from 1999 to 2007. *World Englishes*, v. 30, n. 1, p. 5-20, 2011.

SANTOS, Agenor Soares dos. *Dicionário de anglicismos e de palavras inglesas correntes em português*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SANTOS, Olivia Niemeyer. X-burger em ourtdoor: uma questão de fronteiras. *Tradução & Comunicação. Revista Brasileira de Tradutores*, n. 17, p. 49-58, 2008.

SMITH, Karen Louise. *The translation of advertising texts*. A study of english-language printed advertisements and their translations in russian. 2002. 268f. Tese (Doutorado) – Departamento de Estudos Russos e Eslavos, Universidade de Sheffield, Reino Unido, 2002. Disponível em: <http://etheses.whiterose.ac.uk/3044/2/251329_VOL1.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2015.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies – and beyond*. 2. ed. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 2012.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In Blackmore, C. (Ed.). *Social learning systems and communities of practice*. Springer Verlag and the Open University, 2010.

Recebido em 19/12/2015. Aceito em 14/02/2016.

ANÁLISE LINGUÍSTICA E REESCRITA TEXTUAL: ARTICULANDO ENCAMINHAMENTOS

ANÁLISIS LINGÜÍSTICO Y TEXTUAL REESCRITO: COORDINAR REFERENCIAS

LINGUISTIC ANALYSIS AND TEXTUAL REWRITTING: ARTICULATING REFERRALS

Sueli Gedoz*

RESUMO: Este artigo objetiva mostrar um estudo sobre a prática de análise linguística associada ao trabalho com a produção e a reescrita textual. Trata-se de uma investigação amparada na abordagem qualitativa interpretativista, recorrendo à perspectiva de cunho etnográfico e à pesquisa-ação como delineamento metodológico. Apresentamos encaminhamentos desenvolvidos a partir da produção textual em sala de aula, pautados na prática de análise linguística, entendida num enfoque que vai além do trabalho com a gramática normativa e que pode contribuir para o processo de produção e reescrita de textos. O recorte investigativo toma o texto, organizado num gênero discursivo, como ponto de partida e elemento norteador do ensino da Língua Portuguesa. A linha teórica utilizada ampara-se em fontes que conferem às práticas de análise linguística, produção e reescrita textual um viés dialógico no trabalho com a linguagem. Os resultados verificados indicam a necessidade de associação entre todas as práticas discursivas que organizam o ensino e mostram que a produção escrita e a reescrita textual são perpassadas e subsidiadas pela análise linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Análise linguística. Produção textual. Reescrita.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo mostrar un estudio sobre la práctica de análisis lingüístico asociado al trabajo con la producción y la reescritura textual. Se trata de una investigación amparada en el abordaje cualitativo de interpretación, recorriendo la perspectiva de cunho etnográfico y la pesquisa-acción como delineamento metodológico. Presentamos encaminamientos desarrollados a partir de la producción de textos en sala de aula, pautados en la práctica del análisis lingüístico, entendido con un enfoque que va más allá del trabajo con la gramática normativa, y que puede contribuir al proceso de producción y reescritura de textos. El recorte investigativo toma el texto, organizado en un género discursivo, como punto de partida y elemento orientador de la enseñanza de la lengua Portuguesa. La línea teórica utilizada se ampara en fuentes que confieren a las prácticas de análisis lingüístico, producción y reescritura textual una perspectiva dialógico en el trabajo con el lenguaje. Los resultados verificados indican la necesidad de asociación entre todas las prácticas discursivas que organizan la enseñanza y muestran que la producción escrita y reescritura textual son atravesadas y subsidiadas por el análisis lingüístico.

PALABRAS CLAVE: Análisis lingüística. Producción textual. Reescritura.

*Doutora em Letras. Professora da Secretaria de Estado da Educação do Paraná - SEED/PR e da União Educacional de Cascavel - UNIVEL, Cascavel/PR. E-mail: oi_sueli@hotmail.com.

ABSTRACT: This article wishes to present a study about the practice of linguistic analysis associated to textual production and rewritings. It is about an investigation focused on a qualitative-interpretative approach, methodologically recurring to the ethnographic perspective and the active research. With it, we present referrals developed from in-class textual production, guided by the practice of linguistic analysis, understood as something that goes beyond the normative analysis, and which can contribute to the processes of textual production and rewriting. The investigative cut uses the text, organized in a discursive genre, as its starting point, and as the guiding element on the teaching of Portuguese. The verified results indicate the necessity of an association between all discursive practices that organize the teaching process, and prove that the textual production and rewriting are subsidized and pervaded by the linguistic analysis.

KEYWORDS: Linguistic analysis. Text production. Rewriting.

1 INTRODUÇÃO

O estudo apresentado neste artigo tem suas origens na prática da sala de aula, especialmente no que tange aos encaminhamentos com a análise linguística (AL doravante), associados à produção e à reescrita textual. As dúvidas em relação a encaminhamentos que ultrapassem os aspectos prescritivos e descritivos no ensino da língua são constantes para a maioria dos professores que atuam na docência da disciplina de Língua Portuguesa (LP, de ora em diante), pois, considerando o referencial teórico que passou a compor o cenário linguístico nos últimos trinta anos, é comum, na condição de docentes, verificarmos proposições que orientam sobre o que não fazer na sala de aula nos momentos destinados ao estudo da língua.

Conforme já salientamos em outras produções científicas, a crítica ao trabalho feito na prática da sala de aula e a proposição de soluções teóricas para o ensino são atividades que percebemos com muita frequência nos estudos linguísticos. Contudo, propostas de encaminhamentos práticos que direcionem o trabalho com a AL na escola, de acordo com perspectivas teóricas vigentes, ainda é uma tarefa executada por poucos.

Diante desse quadro, desenvolvemos um estudo com o intuito de apresentar a prática de AL como um encaminhamento que vai além do trabalho com a gramática e que pode contribuir para o processo de produção e reescrita de textos na sala de aula. Por tratar-se de uma pesquisa bastante ampla, apresentamos neste artigo um recorte das ações executadas no processo investigativo.

Considerando esse objetivo, organizamos, inicialmente, uma apresentação dos conceitos teóricos que definem a AL, recorrendo a Geraldi (1984; 1997) para expor definições voltadas a essa prática discursiva. Além do referido autor, destacamos a consideração que os documentos oficiais estendem à AL, recorrendo aos referenciais curriculares da esfera federal e da esfera estadual em que a pesquisa foi desenvolvida, neste caso, o estado do Paraná. O panorama conceitual delineado busca nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN-LP (BRASIL, 1998) – e nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa – DCE-LP (PARANÁ, 2008) – o aporte para definir teórica e metodologicamente a AL no campo do ensino.

Seguido a isso, direcionamos as reflexões às articulações necessárias entre a AL e a produção e a reescrita textual, situando as práticas discursivas como encaminhamentos do ensino da LP perpassados a todo o momento pela AL, sendo esta última também considerada como uma prática discursiva. A seção focaliza o texto como ponto de partida e de chegada no ensino da língua e relembra os elementos essenciais, pontuados por Geraldi (1997), para qualquer situação de produção de texto desenvolvida em sala de aula. Após esse percurso teórico, o artigo expõe o percurso metodológico que delineou a pesquisa, apontando a abordagem qualitativa interpretativista, a perspectiva de cunho etnográfico e a pesquisa-ação como procedimentos que corroboraram os dados gerados. Na parte final do estudo, apresentamos um recorte de uma pesquisa desenvolvida com vistas à ratificação de que a prática de AL perpassa todas as demais práticas discursivas, especialmente a produção e a reescrita textual.

2 CONCEITOS TEÓRICOS QUE DEFINEM A ANÁLISE LINGUÍSTICA

O trabalho com a prática de AL na sala de aula encontra respaldo teórico, especialmente, nas obras de Geraldi (1984,1997). O autor é referência nessa linha de estudo por ter cunhado o termo análise linguística, utilizado pela primeira vez no artigo que escreveu para compor a obra *O texto na sala de aula*, cuja primeira edição data de 1984. A proposição de Geraldi (1984) indicava, naquele momento, um olhar diferenciado para o que até então se propunha no trabalho com a língua. Até a década de 1980, trabalhar com a língua significava abordá-la apenas do ponto de vista descritivo e prescritivo, que focalizava o ensino de regras condizentes à gramática normativa e o conceito dos elementos da língua, partindo do fonema, avançando para a palavra e expandindo até a frase. Geraldi (1984) objetivou, de certa forma, ampliar essa perspectiva de trabalho, avançando para reflexões acerca dos diferentes usos da língua e, para isso, apresentou a necessidade de uma prática de AL, informando que, ao trabalhar nessa perspectiva, nos reportamos ao estudo da gramática tradicional e a questões relacionadas ao propósito do texto, como, por exemplo, coesão e coerência internas do texto, adequação do texto aos objetivos pretendidos e análise dos recursos expressivos utilizados, entre outros elementos.

Dessa forma, a proposta de Geraldi (1984) não excluía um trabalho com situações sistemáticas da língua. O diferencial estava na ênfase do trabalho com a reescrita, com o propósito de provocar, como ele mesmo disse, práticas reflexivas de AL. Nesse caso, trabalhar com a língua não se restringiria somente à metalinguagem, mas envolveria a leitura, a produção e a reescrita de textos por meio de um trabalho de reflexão sobre os recursos linguísticos.

É esse referencial que subsidia a prática de AL nos documentos curriculares criados após os estudos de Geraldi (1984, 1997), embora algumas proposições nesses referenciais curriculares não sejam tão claras para os docentes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – PCN-LP (BRASIL, 1998) – apresentam uma tentativa de inserção das práticas discursivas na teoria bakhtiniana, que tomava forças no Brasil na época da criação desse documento, mas não mantém consistência teórica para o respaldo requerido. No que concerne às práticas de leitura, oralidade e escrita, a proposta defendida pelos PCN-LP indica essas práticas relacionadas aos diferentes gêneros discursivos como forma de ampliação da competência discursiva¹ do aluno para o processo de interlocução. E nesse viés, o texto é visto como a unidade básica de ensino da Língua Portuguesa, opondo-se a concepções estruturalistas, pautadas em posições que tomam o estudo da língua a partir de encaminhamentos sintéticos, cujo movimento parte de unidades menores para unidades mais abrangentes.

Tomando o texto como unidade de ensino, a AL e as demais práticas discursivas são situadas nos eixos que orientam o ensino, sendo eles o *uso* da língua oral e escrita e a *reflexão* sobre a língua e a linguagem, evidenciando que “[...] as práticas de linguagem que ocorrem no espaço escolar [...] devem, necessariamente, tomar as dimensões discursiva e pragmática da linguagem como objeto de reflexão” (BRASIL, 1998, p. 34). O delineamento proposto direciona a AL à escuta, à leitura e à produção de textos orais e escritos, sendo tais práticas imersas, portanto, numa dimensão que considera os usos e as reflexões sobre a língua. Assim os PCN-LP reforçam que a AL não é uma nova denominação para o ensino da gramática, apontando-a como relacionada a todas as práticas de trabalho com a língua. No viés que situa a AL no texto, o documento propõe um trabalho com os gêneros, polarizando, primeiramente, os que fazem parte da esfera cotidiana do aluno, ampliando esse repertório para os gêneros de outras esferas, os quais podem ser utilizados pelos alunos em futuras situações de interação (profissionais, cotidianas, etc.).

Esse último encaminhamento proposto pelos PCN-LP também é percebido nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa – DCE-LP (PARANÁ, 2008). Utilizamos este documento neste estudo por se tratar do referencial que orienta o ensino da LP em nosso espaço de atuação. Caracterizado como um documento situado, historicamente, posterior ao contexto que deu origem aos PCN-LP, as DCE-LP apresentam-se como a proposta que atualmente direciona o ensino na esfera pública paranaense, no que tange aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Num diálogo com a proposição indicada pelos PCN-LP, as DCE-LP admitem a necessidade de a escola possibilitar aos alunos o contato com a linguagem nas diferentes esferas

¹ De acordo com os PCN-LP, “Competência discursiva refere-se a um sistema de contratos semânticos responsável por uma espécie de filtragem que opera os conteúdos em dois domínios interligados que caracterizam o dizível: o universo intertextual e os dispositivos estilísticos acessíveis à enunciação dos diversos discursos” (BRASIL, 1998, p. 23).

sociais, começando-se por legitimar as práticas sociais de linguagem próprias do cotidiano dos alunos. Isso colaboraria para “[...] a não fragmentação entre a língua e a vida do aluno, uma vez que na escola ele não lería e produziria apenas textos escolares, didatizados, mas teria contato com os textos presentes nos diversos espaços de socialização que frequenta (PARANÁ, 2008, p. 53).

No estudo que empreendem à AL, as DCE-LP também informam quais pressupostos teóricos organizam essa prática, bem como caracterizam-na, em seus encaminhamentos metodológicos, como uma prática a completar as demais (leitura, oralidade e escrita), visto inserir-se no letramento escolar. Para isso, o documento busca respaldo teórico em Mendonça (2006), informando que a AL possibilita “[...] a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua” (MENDONÇA, 2006, p. 204). Em linhas gerais, para as DCE-LP, “[...] compreender os recursos que o texto usa e o sentido que ele expressa é refletir com e sobre a língua, numa dimensão dialógica da linguagem” (PARANÁ, 2008, p. 79). Assim sendo, a prática de AL é tomada a partir do contato que o aluno deve estabelecer com diferentes gêneros discursivos (orais e escritos), verificando as funções das construções linguísticas no interior do texto e os usos dessas construções na produção de sentidos.

Apresentados esses conceitos, situando nossa preocupação em defini-los a partir dos documentos oficiais que orientam o ensino, passamos então ao estudo teórico que direciona as articulações entre a prática de AL e a produção e a reescrita textual.

3 A ANÁLISE LINGUÍSTICA E SUAS ARTICULAÇÕES COM A PRODUÇÃO E A REESCRITA TEXTUAL

Tomada no viés que considera a linguagem como uma forma de interação, a prática de AL assume também um caráter dialógico, voltado aos sentidos do texto e aos significados produzidos pelas situações de interação. Partindo desse pressuposto, é inviável tratar a AL num contexto fragmentado e isolado das demais práticas discursivas, tal como ainda vem sendo observado em algumas situações na sala de aula. Assim, entendemos que as práticas discursivas (oralidade, leitura, escrita e reescrita) são atravessadas de forma inerente pela AL, pois não há como desvincular, em qualquer gênero, os aspectos discursivos dos sentidos produzidos pelos elementos linguísticos que configuram a estrutura textual. Contudo, considerando o objetivo do presente trabalho, detemo-nos nas considerações à produção e à reescrita textual, tomando-as como práticas em que a AL se manifesta de forma evidente e necessária à condição dialógica que considera o texto como ponto de partida e de chegada no ensino da língua.

Situando a produção escrita nesse contexto, verificamos que o texto deve ser tomado como produto da interação entre sujeitos sociais responsivos, envolvendo-se nesse movimento, “[...] as intenções daquele que faz uso da língua para atingir o seu intento sem, contudo, ignorar que o leitor com seus conhecimentos é parte constitutiva desse processo” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 34). A produção escrita deve ser entendida como um trabalho desenvolvido a partir de reais necessidades de interlocução. Autor e interlocutor atuam de forma dialógica nessa produção. O conceito de gênero discursivo passa a ser incorporado nas discussões que tratam a escrita como uma prática social dialogicamente constituída. A produção deve ser vista, portanto, como um trabalho consciente, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos. Essa é a concepção de produção escrita que, na atualidade, fundamenta teoricamente os documentos oficiais para o ensino da LP e articula encaminhamentos metodológicos para a prática na sala de aula. Trata-se de uma vertente que compactua com a teoria bakhtiniana o trato que concebe ao discurso e fornece subsídios para o enfoque atribuído à produção textual na sala de aula.

Para os PCN-LP, os encaminhamentos direcionados à produção textual devem considerá-la com a finalidade de formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes, acenando, dessa forma, à articulação entre produção escrita e AL. Para isso, o documento toma os gêneros discursivos como objetos de ensino e reforçam a importância de um trabalho pautado na noção de gêneros, uma vez que “[...] a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino” (BRASIL, 1998, p. 24).

Para atender ao propósito de produção que considera os textos pertencentes a diversos gêneros, o documento sugere uma seleção de gêneros pautada nos textos que favorecem “[...] a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade

letrada” (BRASIL, 1998, p. 24). Selecionados os gêneros, a preocupação recai também na forma de redigir os textos. O documento considera as condições de produção textual e elege quatro elementos essenciais nesse quesito: a finalidade, a especificidade do gênero, os lugares preferenciais de circulação e o interlocutor.

Numa linha de aceção que dialoga, em alguns pontos, com os PCN-LP, as DCE-LP também enfatizam as condições de produção como aspecto essencial para a escrita, ressaltando a “[...] importância de o professor desenvolver uma prática de escrita escolar que considere o leitor, uma escrita que tenha um destinatário e finalidades [...]” (PARANÁ, 2008, p. 56). Outro ponto em comum com os parâmetros da esfera federal é a utilização de diferentes gêneros nas produções. Além dessas orientações, assumindo as proposições bakhtinianas também na produção escrita, as Diretrizes apontam para as peculiaridades de cada gênero discursivo que devem ser observadas na produção escrita, quais sejam: a composição, a estrutura e o estilo. Nesse quadro teórico informam que a posição defendida considera a prática da escrita como uma atividade que “[...] leva em conta a relação entre o uso e o aprendizado da língua, sob a premissa de que o texto é um elo de interação social e os gêneros discursivos são construções coletivas” (PARANÁ, 2008, p. 68).

Em alusão a Geraldi (1997), o documento prescreve a produção escrita como uma atividade interativa, que demanda elementos indispensáveis à sua realização. O produtor do texto assume o papel de locutor que escreve considerando o que tem a dizer, a razão para dizer, como dizer e os interlocutores para quem dizer. As DCE-LP sugerem que a produção textual só deve ser encaminhada após um trabalho amplo com determinado gênero discursivo. Além disso, é necessário definir o que será produzido (gênero), conhecer a esfera de circulação, delinear o objetivo para a escrita e prever os possíveis interlocutores. Ditas de outra forma, essas etapas correspondem ao que Geraldi (1997) significa como uma atividade de produção de texto, na diferenciação que estabelece entre produção de textos e redação. Explicando conforme o autor: “Nesta produzem-se textos para a escola; naquela produzem-se textos na escola” (GERALDI, 1997, p. 136). Destarte, a proposta ensejada pelas DCE-LP contempla os elementos essenciais para a produção de texto, conforme definidos por Geraldi (1997), quando afirma que, para a produção de texto, em qualquer modalidade, é necessário que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz [...];
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (GERALDI, 1997, p. 137).

Considerando o exposto pelo autor, entendemos a produção textual como uma prática dialógica que envolve processos e objetivos definidos. Um desses processos, aqui tomado também como prática discursiva, é a atividade de reescrita textual, a qual “[...] remete ao trabalho [...] realizado pelo autor do texto, quando retorna sobre seu próprio escrito e realiza algumas operações com a linguagem, que fazem com que o texto se modifique em vários aspectos possíveis” (FIAD, 2009, p. 2). Esse retorno ao texto, na sala de aula, deve ser mediado pelo professor por meio de diferentes estratégias que permitam ao aluno perceber que reescrever é interagir com o texto, baseando-se num processo reflexivo. Isso pode fazer com que se perceba que a escrita de texto e a sua reescrita caracterizam-se como “[...] um momento no percurso desse processo, sempre possível de ser continuado” (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55). De acordo com Fiad e Mayrink-Sabinson (1991), os alunos devem compreender que toda produção pode ser repensada, reescrita e, ao tomarem conhecimento dessa situação, podem preocupar-se mais com seus textos e com a forma como os interlocutores os recebem. Além disso, é importante que entendam também que a reescrita tem papel fundamental na configuração textual, uma vez que o objetivo é tornar o texto mais claro e adequado à leitura, ou seja, à situação de interlocução. Esse trabalho realizado pelos discentes faz com que passem “[...] a considerar um texto escrito como resultado de um trabalho consciente, deliberado, planejado, repensado” (FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 63). Eis aí uma prática que inclui também a AL.

Ao analisarem linguisticamente seus próprios textos, os alunos terão condições de compreender que suas produções não estão acabadas, estão em processo de construção e podem sofrer alterações em sua estrutura. Na visão de Bakhtin (2000 [1979]), “[...] a reprodução do texto pelo sujeito (volta ao texto, releitura, nova execução, citação) é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000 [1979], p. 332).

Diante disso, não há como negar que a reescrita de textos produzidos no ambiente escolar deve ser uma prática constante, sistematizada e interativa, que considere aspectos linguístico-discursivos do texto produzido pelo aluno e, a partir desse olhar analítico, permita um trabalho sistematizado com a AL, objetivando a revisão das produções elaboradas.

No documento orientador da prática escolar na esfera paranaense, temos uma definição de reescrita textual que também sugere interação com a AL. Para as DCE-PR, a etapa destinada à revisão e à reescrita é o momento em que o aluno deve rever o texto escrito, observando as ideias, a finalidade, as características do gênero e o contexto de circulação. Na relação que estabelece entre AL e reescrita textual, o mesmo documento aponta para uma proposta de reescrita que considere aspectos textuais e discursivos, acenando para um trabalho de articulação entre as práticas discursivas. Para as DCE-LP, verificando os textos dos alunos, o professor pode selecionar atividades que reflitam e analisem os aspectos discursivos, textuais, estruturais e normativos do gênero trabalhado².

Se considerarmos as práticas de produção e reescrita textual no viés da interação, que propõe um olhar dialógico para o texto, observando-o, criticando-o e analisando-o, estamos articulando a AL a essas práticas. Se alunos e professores analisam as dificuldades reveladas na produção escrita estão, necessariamente, aderindo ao estudo da AL no texto. Nisso, as práticas articulam-se e atendem ao que Geraldí (1997) propõe como necessário à AL: é no texto do aluno e a partir desse texto (não em frases soltas) que a AL acontece e, dessa forma, o ensino da língua torna-se significativo. A proposição do autor considera como complementares o trabalho com a leitura, com a escrita e com a análise linguística, e aponta essa articulação como uma forma de condução à competência linguística.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Na tentativa de apresentar encaminhamentos teóricos e metodológicos que possam subsidiar práticas de AL associadas ao processo de reescrita textual, desenvolvemos uma pesquisa de cunho etnográfico, delimitada pela pesquisa-ação, verificando nossa própria ação docente. O trabalho insere-se no âmbito da Linguística Aplicada (LA doravante), pois está relacionado a uma questão que envolve estudos da linguagem num contexto real, sendo este a sala de aula. De acordo com Cavalcanti (1986), as pesquisas ancoradas nessa abordagem iniciam com a detecção de uma questão específica de uso da linguagem, o que, na presente investigação, se configura na maneira como a prática de AL contribui com o processo de produção e reescrita de texto, de forma que constituam-se como práticas discursivas articuladas.

Diferentemente de pesquisas que buscam na prática a ratificação de uma teoria, as investigações ancoradas na LA contribuem para a elaboração de novas teorias que possam subsidiar encaminhamentos, os quais trazem novas possibilidades de análise da própria teoria. Nesse sentido, os pressupostos apontados por Cavalcanti dialogam com a proposta de Moita Lopes (1998), já que em “[...] LA a teoria informa a prática e a prática informa a teoria. A teoria que se quer é formulada interdisciplinarmente, mas é modificada pela prática” (MOITA LOPES, 1998, p. 110).

Além da inserção no campo da LA, o estudo realizado recorre a uma pesquisa qualitativa que, na acepção de Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos num contexto”. O ambiente da sala de aula é propício à manifestação de diversos fenômenos, sendo um deles as práticas de linguagem que investigamos neste trabalho. Na condição de docente-pesquisadora, atuamos conforme a perspectiva apontada pela autora: “O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Nesse enfoque, o tratamento teórico interpretativista também foi atribuído ao estudo, pois averiguamos fatos e fenômenos em sua profundidade e, para isso, utilizamos comparações e interpretações da prática

² Para as DCE-LP, tais aspectos são assim compostos: discursivos (argumentos, vocabulário, grau de formalidade do gênero); textuais (coesão, coerência, modalizadores, operadores argumentativos, ambiguidades, intertextualidade, processo de referenciação); estruturais (composição do gênero proposto para a escrita/oralidade do texto, estruturação de parágrafos); normativos (ortografia, concordância verbal/nominal, sujeito, predicado, complemento, regência, vícios da linguagem...) (PARANÁ, 2008, p. 79-80).

social. Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 32), nos estudos sob esse viés “[...] não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes”, uma vez que “[...] a pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42). Se o objetivo é compreender a dinâmica interna de fatos e fenômenos, nesse caso as contribuições das práticas de AL nos encaminhamentos de ensino da LP, especialmente a prática de produção e de reescrita dos textos, na condição de pesquisadora foi necessária a atuação no contexto social dos fatos, a fim de compreender a subjetividade dos sujeitos e a complexidade dos fenômenos.

Partindo dessa inserção metodológica, desenvolvemos uma pesquisa de campo, por meio da pesquisa-ação, em nosso espaço de atuação docente. A investigação foi realizada em uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, durante o período de aproximadamente três meses, totalizando o acompanhamento de mais de 40 aulas na disciplina de LP. Para resgatar todas as informações geradas ao longo do período em que desenvolvemos a pesquisa-ação, utilizamos a gravação de aulas em áudio e vídeo³. Por meio desse último recurso, o contexto da sala de aula foi registrado, permitindo uma interpretação da forma como os sujeitos (alunos e professora) organizaram seus discursos, bem como as contribuições dessa organização para o propósito investigativo. Isso tudo atendeu ao que os estudos etnográficos solicitam das pesquisas qualitativas, ou seja, uma descrição das ações que envolvem os sujeitos da investigação. E para atender aos propósitos da pesquisa, utilizamos também a análise documental, considerando que, conforme corroborado por Lüdke e André (1986, p. 39), os documentos “[...] não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”. Os textos produzidos e reescritos pelos alunos caracterizaram-se como documentos proeminentes para as análises empreendidas. No entender de Cellard (2008), a análise documental é pertinente quando a linguagem utilizada nos textos é um dos elementos fundamentais para a pesquisa, condição em que se inserem os textos produzidos e as atividades realizadas pelos alunos.

Neste artigo, temos o intuito de contextualizar a pesquisa e ressaltar as ações desenvolvidas em uma de suas etapas. O propósito é apresentar a prática de AL em consonância com a reescrita textual, definindo aquela prática como uma atividade inerente a todo o processo de trabalho com a língua na escola. As ações da pesquisa envolveram atividades com a oralidade, a leitura, a escrita, a reescrita e, automaticamente, a AL. Contudo, o foco recaiu nas três últimas práticas, dado o teor investigativo proposto.

Tomando os gêneros discursivos apresentados no planejamento anual dos conteúdos de Língua Portuguesa da turma do 7º ano, elegemos um gênero para as atividades da pesquisa, escolhendo o gênero discursivo *causo*. Encaminhamentos explorando a oralidade foram realizados com o intuito de promover um contato inicial dos alunos com textos do gênero, ampliar o conhecimento sobre as características dos *causos* e proporcionar uma atividade de contação de histórias. Após isso, foram desenvolvidas atividades de leitura, focalizando a compreensão dos aspectos relacionados ao conteúdo temático e à construção composicional (BAKHTIN, 2004; 2011) de textos do gênero. Solicitando aos alunos que interpretassem, por escrito, alguns *causos*, procuramos direcionar a compreensão do contexto de produção e da função social do gênero, promover a interação dialógica com o texto e a coprodução de sentidos, intensificando outros conhecimentos acerca das peculiaridades dos *causos*. Ao trabalhar a leitura, elaboramos atividades que foram apresentadas aos alunos sob o rótulo da interpretação, mas que, no seu formato, exploraram os encaminhamentos da proposta bakhtiniana, numa tentativa de relacionar os trabalhos desenvolvidos na sala de aula com a investigação do gênero, além de verificar, no processo de leitura, algumas possibilidades de abordagem da AL.

Realizadas as atividades de oralidade e de leitura que, de certa forma, também exploraram as práticas de escrita e AL, orientamos os alunos a uma atividade sistematizada de produção textual, solicitando-lhes que pesquisassem, junto a familiares ou amigos, um *causo* e o recontassem por meio da linguagem escrita. Sem perder de vista o interlocutor da produção, os alunos foram informados de que os *causos* contados, após correções em sala de aula, seriam organizados em uma coletânea de *causos*, a qual seria disponibilizada para cada aluno e também passaria a compor o acervo literário da biblioteca do colégio. Os procedimentos resultantes da produção desenvolvida, relacionados à reescrita e à prática da AL, apresentamos na próxima seção deste artigo.

³ A pesquisa teve início somente a partir da autorização da direção do colégio e dos pais dos alunos envolvidos no trabalho.

5 O TEXTO DO ALUNO E AS AÇÕES DE REESCRITA ASSOCIADAS À ANÁLISE LINGUÍSTICA

Após a produção inicial, realizamos, em torno da escrita, diferentes atividades, privilegiando encaminhamentos que possibilitassem ao aluno revisões e análises diante de seu texto e procedesse à reescrita. Todo o trabalho desenvolvido foi com a intenção de demonstrar que a reescrita é o momento em que o aluno-autor torna-se um avaliador de seu texto ao dialogar com o enunciado produzido, criticando e intervindo na produção. O distanciamento entre a escrita e a reescrita permitiu que o autor se colocasse no lugar de um leitor avaliador e alimentasse o texto com intervenções que contribuíram para o encadeamento das informações.

Tomando esse pressuposto, transcorridos alguns dias da produção inicial, devolvemos os textos (1ª versão) aos alunos, juntamente com uma lista de controle/constatações (GONÇALVES, 2013). A lista de controle/constatações elaborada, atendendo ao gênero, indicava aspectos comuns a vários textos produzidos pelos alunos. Incluía, portanto, questões relacionadas à construção composicional e ao estilo dos textos do gênero *causa*, retomando também o seu conteúdo temático, já que esses elementos estão imbricados no estudo do gênero, conforme Bakhtin (2011 [1979]). Em posse da primeira versão de seus textos e da lista de controle/constatações, os alunos iniciaram uma análise da produção e fizeram marcações indicativas das intervenções que seriam necessárias na reorganização textual. Lançaram, então, ao próprio texto, um olhar avaliativo, colocando-se na posição de leitores que perscrutam a própria produção. Os alunos demonstraram grande concentração e empenho nessa tarefa, o que lhes proporcionou a compreensão mais apurada dos recursos linguísticos utilizados. Nessa atividade, a lista de controle/constatações foi elaborada pela professora e utilizada pelos próprios alunos como mecanismo de avaliação inicial dos textos, caracterizando-se como um instrumento “[...] de responsividade à primeira versão do texto” (GONÇALVES, 2013, p. 33), a qual pode ser verificada nos exemplos analisados na sequência.

Finalizada a tarefa de reescrita da primeira versão do texto, os alunos entregaram à professora a segunda versão, resultado da reformulação desenvolvida por meio dos elementos indicados na lista. De posse dessa versão, iniciamos um processo de tabulação de dados, lançando numa tabela diagnóstica as principais dificuldades que ainda se mostravam evidentes nas produções dos alunos. Partimos, então, para a segunda etapa do processo de reescrita. Para organizar os dados, utilizamos uma adaptação da tabela diagnóstica desenvolvida por Costa-Hübes (2012)⁴ tendo em vista o gênero e o contexto da turma do 7º ano. Justificamos a escolha dessa tabela por acreditarmos que tal instrumento evidencia as dificuldades apresentadas pelos discentes, traçando um panorama amplo dos aspectos não dominados em suas produções escritas. Por meio dela é possível direcionar atividades que possibilitem a superação das dificuldades apresentadas. Feita a tabulação dos aspectos não dominados na segunda versão do texto produzido, observamos quais desses aspectos mostraram-se evidentes na maioria dos textos e iniciamos um trabalho com a prática de AL, elaborando atividades a partir do texto do aluno, focalizando a superação dos pontos não dominados na escrita. A título de exemplificação, apresentamos aqui um dos encaminhamentos de AL desenvolvidos, que se pautou no texto do aluno José⁵. Escolhemos esse texto por ser representativo de diversos aspectos não dominados pela turma.

O quadro abaixo indica o texto *na segunda versão* escrita pelo aluno, ou seja, a versão produzida após o trabalho com a lista de controle/constatações (GONÇALVES, 2013).

⁴ A referida tabela diagnóstica foi elaborada pelo GELP – Grupo de Estudos de Língua Portuguesa –, vinculado ao Departamento de Educação da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná – AMOP, e de acordo com Costa-Hübes (2012, p. 6) trata-se de um instrumento elaborado a partir de “[...] muitas discussões ocorridas com integrantes do grupo de estudos em 2009/2010, passando por várias adaptações, tendo em vista a concepção de linguagem, de gênero textual como objeto de estudo, de texto como unidade de ensino e dos aspectos linguístico-discursivos que permeiam os textos”.

⁵ Pseudônimo estendido a nome do aluno.

Quadro 1: 2ª versão do texto produzido por José – 1ª reescrita

Agora, verificando o que você marcou na tabela acima, reescreva seu texto corrigindo os aspectos que você acha que deve melhorar na sua escrita.

Bom trabalho!

O vizinho Lobisomem

Tudo começou i. Por queresma da cidade de Céu Azul em uma fazenda com minha avó
meia noite minha avó ouvia barulhos de corentes arastando e uivos vindo se seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho
fose lobisomem e depois e depois de alguns dias o lobisomem tentou arambar a porta e minha avó como era esperta ponhou
os dois sofás escorado na porta o lobisomem queria pega minha mãe porque ela não era batizada e não conseguia arambar
mas a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro estava aberta e foi logo corendo para fechá-la quando de deparou
com o bumbum do lobisomem que estava preso na janela e ela gritou gritou e gritou até ficar sem vos.
E minha avó foi esquentar rapidamente um carimbo de carimba boi e esquentou!!! esquentou!!! e esquentou até o
carimbo ficar vermelho e tim no bumbum do lobisomem e ele saiu gritando quanhe quanhe quanhe e minha avó falou: __
Para ele vir buscar um pote de sal. e no dia de manhã o seu vizinho bateu em sua porta falando: __ Vim buscar o pote de sal
que você dise ontem de noite e assim a minha avó descobriu que seu vizinho era lobisomem e a história continuou e esta é
uma história muito longa.

O vizinho Lobisomem

Tudo começou: Na quaresma na cidade de Céu Azul em uma fazenda com minha avó, minha tia e minha mãe toda as
meia noite minha avó ouvia barulhos de corentes arastando e uivos vindo se seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho
fose lobisomem e depois e depois de alguns dias o lobisomem tentou arambar a porta e minha avó como era esperta ponhou
os dois sofás escorado na porta o lobisomem queria pega minha mãe porque ela não era batizada e não conseguia arambar
mas a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro estava aberta e foi logo corendo para fechá-la quando de deparou
com o bumbum do lobisomem que estava preso na janela e ela gritou gritou e gritou até ficar sem vos.

E minha avó foi esquentar rapidamente um carimbo de carimba boi e esquentou!!! esquentou!!! e esquentou até o
carimbo ficar vermelho e tim no bumbum do lobisomem e ele saiu gritando quanhe quanhe quanhe e minha avó falou: __
Para ele vir buscar um pote de sal. e no dia de manhã o seu vizinho bateu em sua porta falando: __ Vim buscar o pote de sal
que você dise ontem de noite e assim a minha avó descobriu que seu vizinho era lobisomem e a história continuou e esta é
uma história muito longa.

Fonte: dados gerados no decorrer da pesquisa (GEDOZ, 2015)

As dificuldades do aluno, no trato com a escrita, estão evidentes. É com produções desse nível que nos deparamos em muitos momentos do trabalho com a LP. Alunos com um traçado de letras quase ilegível, faltando-lhes noção de pontuação, paragrafação, ortografia e acentuação, bem como de elementos sintáticos responsáveis pela organização da textualidade (no nível semântico). Mas é esse aluno que precisa de recursos para ampliar suas possibilidades de escrita e, diante da reescrita produzida por José, selecionamos o seu texto para que todos pudessem refletir sobre algumas relações necessárias à organização textual.

As dificuldades básicas reveladas na escrita do aluno interferem na *informatividade* e, conseqüentemente, na *progressão textual*, a qual também é prejudicada pelo uso equivocado da *pontuação*. Feita a seleção da produção do aluno José, entregamos a todos os alunos da turma uma versão digitada do texto. Após leitura e identificação de alguns desajustes, informamos que passaríamos a um estudo sobre o texto de José, objetivando a reorganização da escrita. Tal estudo seria organizado em partes, conforme os parágrafos

do texto. Todos os alunos receberam uma cópia do primeiro parágrafo, com algumas marcações feitas pela professora, para facilitar as atividades de AL. Nesse parágrafo corrigimos, antecipadamente, os problemas de ortografia e acentuação, visto que esses aspectos não seriam focalizados no momento do trabalho com a AL. O quadro seguinte demonstra o parágrafo estudado:

Quadro 2: Fragmento 1 – Texto do aluno José

O vizinho lobisomem

1º parágrafo:

1Tudo começou: Na quaresma na cidade de Céu Azul em uma fazenda com minha avó, minha tia e minha mãe **2** toda a meia noite minha avó ouvia **3** barulhos de correntes arrastando e uivos vindo de seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho fosse lobisomem **3** e depois de alguns dias o lobisomem tentou arrombar a porta e minha avó como era esperta colocou os dois sofás escorados na porta **4** o lobisomem queria pegar minha mãe porque ela não era batizada e não conseguiu arrombar mas **5** a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro estava aberta e foi logo correndo para fechá-la quando se deparou com o bumbum do lobisomem que estava preso na janela e ela gritou gritou e gritou até ficar sem voz.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (GEDOZ, 2015)

Seguido a esse quadro, imediatamente solicitamos a atividade abaixo:

Quadro 3: Atividades a partir do Fragmento 1 – Texto do aluno José

Atividades:

Vamos tentar deixar o texto mais um pouco mais claro?

1) Sem alterar a ordem das informações, tente reescrever o parágrafo dividindo-o em cinco partes conforme apontado pela numeração colocada pela professora. Use ponto final para separar cada uma das partes e vírgulas onde julgar necessário.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (GEDOZ, 2015)

A primeira atividade de AL explorada nesse exercício de reescrita chama a atenção dos alunos para a *pontuação* e, por esse motivo, foram sobrepostos numerais ao texto digitado. A intenção, ao trabalhar a pontuação nesse recorte do texto de José, era fazer com que os alunos percebessem o quanto a produção de sentidos pode ser prejudicada pela ausência dos sinais de pontuação e quão grande é o teor discursivo que esses sinais carregam. De acordo com Gedoz e Busse (2014, p. 244) “[...] A pontuação contribui para a organização das informações do texto e permite ao produtor estabelecer o encadeamento das ideias na construção de sentidos numa dada situação discursiva”, e essa construção discursiva provocada pela pontuação deve ser compreendida pelos alunos. Ao dispor no quadro 3 a atividade nº 1, chamamos a atenção de todos para essa noção de discurso que deve ser inerente à pontuação.

Além de explorar esse elemento discursivo, também utilizamos a parte inicial do texto de José para trabalhar questões de informatividade, conforme observado nas atividades que seguem:

Quadro 3: CONTINUAÇÃO

2) Agora releia a parte inicial do texto:

“Tudo começou na quaresma, na cidade de Céu Azul...”

Sabemos que os causos não definem exatamente as datas dos acontecimentos, apenas utilizam-se de expressões como: “Há muito tempo atrás”, “Numa época muito distante”, “Antigamente”. Então como podemos reescrever o trecho “Tudo começou na quaresma” para que passe a ideia de um tempo distante, não definido?

3) Agora observe o fragmento:

“...e depois de alguns dias o lobisomem tentou arrombar a porta...”

a) A expressão sublinhada nos dá ideia de:

(A) lugar

(B) personagem

(C) tempo

(D) espaço

b) Releia o texto e tente responder: o lobisomem arrombou a porta alguns dias depois de qual acontecimento?

c) Por qual outra expressão poderíamos substituir a informação “depois de alguns dias”?

d) No trecho: “...o lobisomem tentou arrombar a porta...”, de que porta se trata? Essa informação está presente no texto?

e) Reescreva o trecho apresentado na questão “d” acrescentando informações para torná-lo mais coerente.

4) Quando a avó foi fechar a janela do banheiro, encontrou lá o lobisomem. Por que o lobisomem estava preso na janela?

5) Na parte final desse parágrafo, percebemos um fato novo no texto: a reação da avó diante da atitude do lobisomem.

a) Em sua opinião:

() a avó gritou muito, até ficar rouca, porque estava com medo do lobisomem e nem lembrava que tinha deixado uma janela aberta.

() a avó gritou muito, até ficar rouca, principalmente porque lembrava que tinha deixado uma janela aberta e por isso estava com medo que o lobisomem entrasse pela janela.

() a avó gritou muito, até ficar rouca, principalmente porque estava com medo do lobisomem e depois ainda lembrou que havia uma janela aberta.

b) O texto nos permite essas três interpretações apresentadas acima. Então reescreva o trecho “...e minha avó gritou e gritou até ficar rouca, sem voz e ela tinha esquecido uma janela aberta” acrescentando as informações presentes na segunda alternativa do exercício anterior.

6) Agora, a partir de tudo o que você verificou nos exercícios anteriores, reescreva todo o parágrafo, fazendo as adaptações/correções necessárias. Releia as respostas que você deu aos exercícios e capriche na reescrita.

Fonte: elaborado pela pesquisadora (GEDOZ, 2015)

De uma forma geral, todas as atividades estão relacionadas às estratégias que tentam garantir a informatividade em um texto e, com isso, possibilitam sua *progressão* e *textualidade* (COSTA VAL, 1999). Se um dos quesitos necessários à informatividade é a suficiência de dados para que o texto seja compreendido com o sentido que o produtor pretende, é visto que José (e vários outros alunos da turma), não conseguiu atender a esse critério linguístico-discursivo na segunda versão da escrita, acenando para comprometimentos na progressão textual.

As atividades 2, 3(a), 3(b) e 3(c) exploram esse sentido da informatividade, porque recorrem ao uso de advérbios para garantir uma ampliação das informações já apontadas no texto. As questões 3(d) e 4 exploram a coerência proporcionada pelo nível de informatividade. Koch e Travaglia (2000, p. 81), amparados em Beaugrand e Dressler (1981), apontam que a informatividade exerce “[...] importante papel na seleção e arranjo de alternativas no texto, podendo facilitar ou dificultar estabelecimento de coerência”.

Quando projetamos uma pesquisa vislumbrando atividades de AL para subsidiar a reescrita textual, era esse enfoque que propúnhamos trabalhar e, aos poucos, fomos percebendo as possibilidades desse caminho. A escrita solicitada no exercício 6 revela que as atividades de AL (de 1 a 5) realmente subsidiaram os alunos para que ampliassem sua produção.

Os resultados colhidos com a atividade 6 mostram que, para a maioria dos alunos, o trabalho intenso com as dificuldades que exploram aspectos não dominados em suas produções amplia o reconhecimento das fragilidades que cada aluno possui em relação à escrita e faz com que reconheçam as possibilidades de reorganização do texto. Entretanto, para alguns alunos, especialmente

aqueles que apresentaram muitos aspectos não dominados em seus textos, esse trabalho é lento, e exige ações que extrapolem o espaço da sala de aula⁶. José deu acenos de que as atividades de AL produziram resultados na reescrita de seu texto.

Quadro 4: Parágrafo reescrito por José (1º parágrafo)

6) Agora, a partir de tudo o que você verificou nos exercícios anteriores, reescreva todo o parágrafo, fazendo as adaptações/correções necessárias. Releia as respostas que você deu aos exercícios e capriche na reescrita.

Tudo começou antigamente na cidade de Céu Azul, em uma fazenda caminha mãe, avó minha tia e minha mãe. Toda a meia-noite minha avó ouvia barulhos de de correntes arrastando e uivos vido de seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho fosse lobizomem. E depois de alguns dias o lobizomem tentou arrombar a porta da sala e minha avó como era esperta colocou os dois sofás encostados na porta da sala. o lobisomem queria pegar minha mãe porque ela não era batizada e não conseguiu arrombar, mas a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro e foi correndo fechá-la quando se deparou com o bumbum do lobizomem que estava preso na janela e ela gritou tanto que até ficou sem voz.

Fonte: dados gerados no decorrer da pesquisa (GEDOZ, 2015)

José insere em seu texto elementos próprios do gênero, como a marcação indeterminada de tempo, revelada no uso do advérbio “antigamente”. Além disso, acrescenta aspectos que contribuem para a informatividade, conforme sugerido pelas atividades anteriormente realizadas. O trecho, “...o lobisomem tentou arrombar a porta...”, é reescrito situando o leitor acerca do espaço e tempo em que os fatos ocorrem, acrescentando a informação “E depois de alguns dias o lobizomem tentou arrombar a porta da sala...” . Contudo, a compreensão de José pouco avança no quesito ortografia. O trecho mencionado é representativo da dificuldade do aluno, que ainda não conseguiu assimilar a escrita das palavras presentes no texto entregue pela professora (1º parágrafo do texto de sua autoria) à sua própria escrita, pois continua mantendo a grafia das palavras *lobizomem* e *arrombar*. Isso é compreensível, porque as atividades de AL desenvolvidas não rumaram para a exploração de aspectos ortográficos do texto. E, nesse sentido, compreendemos que a ortografia é um conteúdo que precisa ser efetivamente trabalhado para que o aluno vá construindo conhecimentos em relação à estrutura morfológica da palavra.

Se comparado às demais versões já escritas, o texto desse aluno acena para algumas alterações no plano da informação e da pontuação, aspectos explorados nas atividades realizadas. Lançando um olhar bastante positivo para o trabalho de José e considerando-se que se trata de um aluno com severas dificuldades na produção textual, as atividades desenvolvidas provocaram-lhe interesse e certo conhecimento para realizar alterações em sua escrita, conforme visualizado no quadro abaixo.

⁶ Referimo-nos aqui ao trabalho que é executado nas atividades de reforço escolar, em período contra turno, por exemplo.

Quadro 5: Evolução da escrita de José – 1º parágrafo do texto

1ª versão do texto	Reescrita a partir da lista de controle/constatações	Reescrita a partir das atividades de AL
<p>O vizinho Lobizomem</p> <p>Tudo começou: Na quaresma: na cidade de céu Azul. em uma fazenda com minha família todas as meia noite minha vó ouvia barulhos de corentes e uivos vindo de seu vizinho e ela foi desconfiando que seu vizinho era lobizomem e depois de quatro dia o lobizomem tentou arambar a porta e a minha vó tinha duas filhas uma delas era minha mãe outra minha tia. Uma delas era batizada minha tia e minha mãe não era batizada e minha avó gritou socoro até ficar sem vos e ela tinha esquecido uma janela aberta.</p>	<p>O vizinho Lobisomem</p> <p>Tudo começou: Na quaresma na cidade de Céu Azul em uma fazenda com minha avó, minha tia e minha mãe toda as meia noite minha avó ouvia barulhos de corentes arastando e uivos vindo se seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho fosse lobizomem e depois e depois de alguns dias o lobizomem tentou arambar a porta e minha avó como era esperta pohnou os dois sofás escorado na porta o lobisomem queria pega minha mãe porque ela não era batizada e não conseguia arambar mas a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro estava aberta e foi logo corendo para fechá-la quando de deparou com o bumbum do lobisomem que estava preso na janela e ela gritou gritou e gritou até ficar sem vos.</p>	<p>Tudo começou antigamente na cidade de Céu Azul, em uma fazenda caminha mãe, avó minha tia e minha mãe. Toda a meia-noite minha avo ouvia barulhos de de correntes arrastando e uivos vido de seu vizinho e ela ia desconfiando que seu vizinho fosse lobizomem. E depois de alguns dias o lobizomem tentou arambar a porta da sala e minha avó como era esperta colocou os dois sofás encostados na porta da sala. o lobisomem queria pegar minha mãe porque ela não era batizada e não conseguiu arambar, mas a minha avó foi se dar conta que a janela do banheiro e foi correndo fechá-la quando se deparou com o bumbum do lobizomem que estava preso na janela e ela gritou tanto que até ficou sem voz.</p>

Fonte: dados gerados no decorrer da pesquisa (GEDOZ, 2015)

Após esses encaminhamentos, foram desenvolvidas atividades relacionadas ao segundo parágrafo do texto de José, as quais rumaram novamente para a pontuação, a fim de garantir maior progressão textual. Mais uma vez, ao final do estudo do parágrafo, os alunos da turma foram convidados a reescrever o trecho, pautando-se nos encaminhamentos de AL desenvolvidos.

Toda a análise empreendida nos exercícios referentes ao texto de José foi organizada na tentativa de aliar AL à reescrita. Conforme nos orienta Geraldi (1984; 1997), para que a reescrita se caracterize num processo de interação do aluno com seu texto, é necessário que esse aluno adquira autonomia na revisão de sua produção, ação que acontece por meio de conhecimentos relacionados à AL. O autor informa que o trabalho com a AL deve tomar o texto, e não frases soltas, optando-se especialmente pelo texto do aluno, já que a prática de AL aliada à produção discente torna-se mais significativa. Nesse caminho, os textos produzidos em sala de aula fundamentam a prática de AL e esta, por sua vez, subsidia a reescrita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso apresentado nesta breve apresentação permite reconhecer que a produção textual desenvolvida em sala de aula requer um movimento dialógico, demarcando etapas essenciais à interação. A atitude responsiva do aluno que escreve e do professor que corrige/orienta é um fator que contribui com o processo de seleção de aspectos linguístico-discursivos que compõem o texto, direcionando a revisão e a reescrita.

Em se tratando dessa revisão que conduz a reescrita, os encaminhamentos apresentados desenham práticas de reescrita de texto que, inevitavelmente, são marcadas pela AL, confirmando os postulados geraldianos de que essa prática deve partir de produções discentes, reveladoras de fragilidades linguístico-discursivas. A atenção que estendemos à lista de controle/constatações e à tabela

diagnóstica revela que nossa ação de professora pesquisadora foi pautada em práticas que julgamos “possíveis” no âmbito da escola pública e dos anos finais do Ensino Fundamental.

Utilizando a lista de controle/constatações, percebemos que os alunos sentiram mais alento em relação às suas produções, por partilharem da confiança e da responsabilidade que, naquele momento, lhes foram atribuídas. Compreendendo o teor responsivo que a estratégia de reescrita requeria, lançaram um olhar investigativo sobre o texto, utilizaram da prática de AL para promover adequações e fortaleceram, especialmente, aspectos relacionados ao conteúdo temático e à construção composicional dos textos produzidos/reescritos.

Ao utilizar a tabela diagnóstica para visualizar aspectos linguístico-discursivos não dominados pelos alunos, também constatamos, por meio desse instrumento, a possibilidade de tonificar a associação tão necessária entre AL e reescrita. Ratificamos, assim, o postulado de que a produção do aluno é o caminho mais frutífero para o provimento de informações acerca das fragilidades configuradas no processo de ensino da LP, isto é, a produção revela os conteúdos de ensino que necessitam de retomadas constantes e aqueles que podem/devem ser introduzidos no trabalho com a LP na sala de aula. Constatações obtidas por meio da tabela diagnóstica delinearam encaminhamentos que encontramos, na produção de José e de outros alunos da turma, possibilidades de trabalho com conteúdos próprios da AL, os quais conduziram reflexões linguístico-discursivas nas atividades de reescrita desenvolvidas.

Acreditamos que o trabalho apresentado reitera a necessidade e a importância de que os encaminhamentos de reescrita textual sejam subsidiados pela prática de AL. As reflexões mostram que a pretensão de todo o percurso desenvolvido não foi, em qualquer momento, demonstrar uma inovação no trato da AL, da produção e da reescrita na escola. A intenção resume-se em demonstrar possibilidades de *como agir a partir da teoria exposta para o ensino da LP*, tentando assegurar nas ações empreendidas uma perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____; VOLOCHINOV. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud & Iara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTI, M. C. A propósito de linguística aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n.7, p. 5-12, 1986.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.
- COSTA-HÜBES, T. da C. Análise de textos de alunos dos anos iniciais: orientações para um possível diagnóstico. *Work. pap. linguíst.*, Florianópolis, v. 3, n. 13, p. 1-20, out./dez., 2012.
- COSTA VAL, M. da G. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FIAD, R. S. A pesquisa sobre a reescrita de textos. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, Évora. Anais... Portugal: Universidade de Évora, 2009. p. 1-9.

_____; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. A escrita como trabalho. In: MARTINS, M. H. et al. (Org.). *Questões de linguagem: muito além do português*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 54-63.

GEDOZ, S. *Prática de análise linguística no trabalho com gêneros discursivos: em foco, a produção e a reescrita textual*. 2015. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel/PR, 2015.

_____; BUSSE, S. A pontuação e seus efeitos de sentido: elementos para a leitura. In: COSTA-HÜBES, T. da C. et al. *Descritores da Prova Brasil (5º ano): estudos e proposições didáticas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 243-262.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Concepções de linguagem e ensino de Português. In: _____ (Org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-48.

GONÇALVES, A. V. As Listas de controle/constatações como ferramentas para a reescrita de gêneros In: GONÇALVES, A. V.; BAZARIM, M. (Org.). *Interação, gêneros e letramento: A (re)escrita em foco*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 21-34.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). *Português no ensino médio e formação de professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 101-114.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa*. Curitiba: SEED-PR, 2008.

Recebido em 20/09/2015. Aceito em 20/03/2016.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA E O USO ESTILÍSTICO DOS PREFIXOS

CONSIDERACIONES SOBRE LA HISTORIA Y EL USO ESTILÍSTICO DE LOS PREFIJOS

CONSIDERATIONS ON THE HISTORY AND THE STYLISTIC USE OF PREFIXES

Antonio Carlos Silva de Carvalho*

Universidade Cruzeiro do Sul

RESUMO: O escopo deste artigo é discutir os prefixos sob uma perspectiva histórica e procurar divisar neles nuances de valor estilístico. Tal recorte temático se deu, basicamente, por dois motivos: (i) as considerações tecidas por Martins (2003) quanto à baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal – especialmente, se comparada à derivação sufixal; e (ii) as considerações feitas por Silva (2009) sobre a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, em Manoel de Barros. Num primeiro momento, fizemos uma breve incursão histórica de viés etimológico acerca dos prefixos; depois, submetendo as reflexões a que chegamos a um *corpus* pontual do autor, destacamos exemplos em que traços de natureza morfoestilística, que concorrem para a singularização de sua obra, também vinculada à estética do fragmentário e aos seres mais ínfimos, podem ser explorados.

PALAVRAS-CHAVE: Prefixação. Etimologia. Léxico. Expressividade. Manoel de Barros.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es discutir los prefijos desde una perspectiva histórica y discernir en ellos matices de valor estilístico. Este recorte temático se ha dado, fundamentalmente, por dos motivos: (i) las consideraciones expuestas por Martins (2003) sobre la baja productividad estilística proporcionada por la derivación prefijal – especialmente, en comparación con la derivación sufixal; (ii) las consideraciones expuestas por Silva (2009) sobre el lenguaje llamado de *des-*, de la negatividad, en Manoel de Barros. Al principio, hicimos una breve incursión histórica de sesgo etimológico sobre los prefijos, sometiendo, a continuación, las reflexiones a las que llegamos a un corpus puntual del autor, destacamos ejemplos en los que rasgos de naturaleza morfoestilística contribuyen a la singularización de su obra, también vinculada a la estética de lo fragmentario y a los seres más ínfimos, pueden ser explorados.

PALABRAS CLAVE: Prefijación. Etimología. Léxico. Expresividad. Manoel de Barros.

* Pós-Doutorando pela Universidade Cruzeiro do Sul (São Paulo). Bolsista da CAPES. Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Departamento de Linguística e membro do Grupo de Estudos Estilísticos - Unicsul. E-mail: carloscarval@yahoo.com.

ABSTRACT: This paper aims to discuss prefixes from a historical perspective, as well as to observe nuances of stylistic value in them. The choice of subject was basically due to two reasons: (i) the considerations set out by Martins (2003) on the low stylistic productivity caused by prefixal derivation – especially if compared to suffixal derivation; and (ii) the considerations set out by Silva (2009) on the so-called *de*-language, of negativity, in Manoel de Barros. At first we worked on a brief historically and etymologically-oriented incursion on prefixes; and then, subjecting the reflections we gathered to a punctual corpus by the author, we highlighted examples in which features of the morpho-stylistic nature that contribute to the singularity of his work, also linked to the aesthetics of the fragmentary and to the smallest beings, can be explored.

KEYWORDS: Prefixing. Etymology. Lexicon. Expressivity. Manoel de Barros.

1 INTRODUÇÃO

Parte de um trabalho maior que estamos desenvolvendo sobre Manoel de Barros, nosso objetivo no presente artigo é verificar nuances suscitadas a partir do uso de prefixos na formação de palavras e observar parcialmente como as experiências lexicais baseadas nesse recurso se constituem efeitos de sentido na obra desse autor. Assim, partindo das considerações de Martins (2003) quanto à baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal, apresentamos certas considerações de teóricos da estilística que nos levaram a um percurso de caráter etimológico, passando pelo grego e pelo latim, acerca dos prefixos. Em seguida, levando em conta as conclusões a que chegamos e a associação feita por Silva (2009) entre o poeta e a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, buscamos identificar, num *corpus* pontual dele, ocorrências dos prefixos destacados pela autora, com vistas a comprovar, à guisa de exemplificação, traços estilísticos que concorram para a singularização da poesia barreana, também associada à estética do fragmentário e aos seres mais ínfimos.

Logo ao iniciar a explanação sobre a estilística morfológica, Martins (2003) expõe o parecer de Melo (1976), que se mostra contrário à inclusão da morfologia nos estudos de estilística. Observemos o fragmento a seguir:

[...] apesar da importância da morfologia, ela talvez não dê margem a uma exploração por parte da Estilística. [...] Se se trata da estrutura dos vocábulos e de sua significação genérica, podemos levar longe a doutrina gramatical e a teorização lingüística, discutindo e firmando conclusões a respeito de raiz, radical, núcleo, tema, afixos, derivação, composição; classes de palavras; mudanças de classe. Mas, quando se trata de *escolha*, surge o problema do *emprego*, e então caímos na sintaxe. (MELO, 1976, p. 116, grifos no original)

Esse fragmento representa bem o posicionamento do autor, visto que explicita sua hesitação quanto ao papel da morfologia no âmbito da estilística; para ele, a já pouca mobilidade do sistema da língua na morfologia extrapola seus domínios e adentra os da sintaxe, por dizer respeito ao uso, ou seja, depende das relações com as outras palavras e das circunstâncias do discurso. De modo diverso, Martins (2003, p. 110-111) entende

[...] que os aspectos morfológicos da língua são muito importantes para a linguagem expressiva e que devem ser estudados, ainda que apareçam permeados com a semântica e a sintaxe. Aliás, que valores expressivos podem ser sentidos fora da frase ou do discurso, se é a frase a unidade do discurso, se só falamos por meio dela? Mas nem por isso a expressividade da frase ou do enunciado deixa de dever aos valores fônicos e mórficos.

Conforme observarmos, Martins sai em defesa dos estudos morfológicos como elementos de expressividade — questionando Melo, vez que o trecho se refere às palavras do filólogo —, pois entende que as alterações morfológicas com intenções expressivas só ocorrem em função do texto, intimamente associado à semântica — eventualmente à fonologia — e à sintaxe, mas ainda de caráter morfológico. Quanto ao nosso objeto de estudo central, afirma que

de natureza erudita (gregos e latinos), sendo de uso maior na linguagem científica ou culta. Ao contrário dos sufixos, os prefixos não mudam a classe das palavras a que se ligam, sendo menos intensa a alteração que acarretam. Mas os escritores criativos conseguem com eles formações originais e sugestivas [...]. (MARTINS, 2003, p. 120)

Nosso interesse aqui é menos especular sobre qual dos dois teóricos estaria, no nosso entendimento, mais próximo da razão, que apontar o fato de que o assunto não é isento de controvérsias. De qualquer modo, como vimos, ao falar da estrutura dos vocábulos, Melo (1976) menciona os afixos; já Martins (2003), ao abordá-los, destaca ser a derivação sufixal mais produtiva que a prefixal e que, todavia, bons autores sabem explorar os prefixos de maneira sugestiva e original, enfatizando novamente seu ponto de vista em favor da morfoestilística.

Ao expor como tal criatividade se materializa, Martins (2003) cita brevemente alguns autores que se valeram do recurso. Nós exploraremos Manoel de Barros, para quem o jogo com os prefixos constitui um *leitmotiv*. Ainda cabe dizer que, por se tratar de um afixo, em princípio, não seria fora de propósito abordarmos o sufixo; todavia, na prática, estaríamos indo além do esperado para um trabalho nos moldes do proposto.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTILÍSTICA E ETIMOLOGIA

Em um estudo que se pretende meio teórico meio prático em torno de raízes eruditas, julgamos salutar recorrer à etimologia, sobretudo tendo em vista as palavras a seguir:

Os valores estilísticos da expressão (expressivos e impressivos) são a fonte de *efeitos de estilo*; alguns são *efeitos naturais*, ligados à natureza lingüística das formas: sons, forma, etimologia, estrutura etc.; outros são *efeitos de evocação*, decorrentes da associação dessas estruturas com as situações e os meios que as utilizam. (GUIRAUD, 1970, p. 97, grifos no original)

Esse fragmento, ao mesmo tempo em que reconhece a importância da etimologia para explicar fatos de estilo, também sugere o valor da morfologia para esse fim, corroborando a posição de N. S. Martins. No caso específico dos prefixos, por exemplo, com frequência, por estarem fossilizados junto ao radical, tornam-se de difícil percepção, daí permanecerem escosos a olhos desatentos, mascarando elementos textuais não raro significativos para a construção de sentido. Por outro lado, ainda no tocante à questão, temos que:

Grandíssimo é o número das palavras de todo em todo apartadas do seu primitivo significado e assim, o saber o que foram antes para aplicá-las como hoje são, traria em muitos casos uma perturbação para o espírito em vez de uma vantagem.

Para aplicar bem uma palavra, basta conhecer-se o seu valor actual [...]. (BARRETO, 1980, p. 300)

Na passagem, M. Barreto alude a um problema perfeitamente plausível quando se trata de etimologia: a possibilidade de um termo ser empregado com certo grau de anacronismo, com significado desatualizado, deslocado no tempo, comprometendo a comunicação. É evidente que seu discurso exige relativização, pois de modo algum afirma ser contra valorar a origem histórica das palavras; apenas defende a importância de considerarmos que elas são passíveis de sofrer alterações semânticas que podem levar a um descolamento do significado inicial, podendo até assumir significação contrária ao de sua origem, restando como forma de ligação com o passado o refazimento — passo a passo, com atenção a outras forças que participam do processo, como as leis fonéticas, a ação da analogia etc. — de seu percurso histórico.

Feitas essas ponderações, faremos incursões em busca de minúcias relativas aos prefixos que possam auxiliar em nossa apreciação do *corpus*. Assim, reunimos o que se nos afigurou relevante e cabível para a empreitada, com a finalidade precípua de apreender elementos de conteúdo morfoestilístico.

3 BREVE PERCURSO HISTÓRICO ACERCA DOS PREFIXOS

Por inúmeras razões, não foi nosso propósito apresentar um estudo exaustivo dos prefixos, na mesma proporção em que não pudemos deixar de comentá-los; assim, selecionamos certos autores que, em algum momento, discutiram sobre o assunto e fomos juntando elementos que nos pareceram significativos; sempre que possível, seguimos a ordem cronológica dos autores, mas, quando a necessidade exigiu, deixamos esse critério de lado. Começamos por Saussure (1975, p. 210, grifos no original), que afirma:

[...] O indo-europeu primitivo não conhecia as preposições; as relações que estas indicam eram indicadas por numerosos casos, providos de grande força significativa. Não existiam tampouco verbos compostos por meio de preverbos, mas apenas partículas, palavrinhas que se acrescentavam à frase para precisar e matizar a ação do verbo. Assim, nada que correspondesse ao latim *ire ob mortem*, “ir diante da morte”, nem a *obire mortem*; ter-se-ia de dizer *ire mortem ob*. Esse é ainda o estado do grego primitivo: 1º *óreos bainō káta*; *óreos bainō* significa por si só “eu venho da montanha”, tendo o genitivo o valor do ablativo: *káta* acrescenta o matiz “descendo”. Numa outra época, teve-se 2º *katà óreos bainō*, em que *katà* desempenha o papel de preposição, ou ainda 3º *kata-bainō óreos*, por aglutinação do verbo e da partícula, que se tornou preverbo.

Texto muito pertinente. Por meio dele, Saussure nos oferece um retrato diacrônico em que expõe três estágios de natureza sintática referentes à língua grega — quanto ao latim, provavelmente pelo fato de o fenômeno se dar tal qual no grego, limitou-se a apenas registrar o exemplo — com relação aos preverbos, um tipo de prefixo, tendo o último estágio já se caracterizado formalmente como de natureza morfológica.

Tecendo comentários sobre o fragmento, temos que o indo-europeu primitivo não conhecia as preposições; as relações que elas indicam eram expressas pelos casos — “Categoria gramatical de flexão que mostra a função sintática do nome [...]” (JOTA, 1976, p. 59) —, os quais tinham grande força significativa. Havia casos no indo-europeu, no latim, no grego antigo — como há no grego moderno, no russo, no alemão etc. —, mas, com o enfraquecimento dos casos, deu-se, no grego primitivo — nessa época, o indo-europeu, tronco linguístico de origem comum, já havia desaparecido —, dependendo da colocação do advérbio, o surgimento de uma nova espécie de palavras: as preposições. Assim, na construção 1º *óreos bainō káta*, literalmente, “da montanha venho para baixo”, *káta* desempenha o papel clássico de advérbio — coloca-se após o verbo, precisando seu significado, e está ligado ao substantivo no genitivo *óreos* “da montanha” (de ὄρος, εὐς-ους (τὸ) “montanha”, em que o tema nominal neutro ὄρο recebe a desinência de genitivo ους), reiterando o valor espacial sugerido pela desinência de genitivo *os*. Já numa construção posterior, 2º *katà óreos bainō*, literalmente, “para baixo da montanha venho”, em que *katà* se coloca antes do substantivo, observamos que a noção de ponto de partida sugerida pela marca de genitivo de *óreos* “da montanha” se enfraquece e *katà* passa a exprimi-la; temos, nesse caso, *katà* assumindo a função de preposição. Ainda, em 3º *kata-bainō óreos*, literalmente, “para baixo venho da montanha”, temos como resultado a partícula colada ao verbo e criando um preverbo, logo, um tipo de prefixo, uma estrutura morfológica advinda de alteração na estrutura sintática.

Claramente, podemos identificar no caso um fenômeno de gramaticalização, segundo o que diz A. Castilho (2010, p. 138); vejamos:

A gramaticalização é habitualmente definida como um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização externa [...].

De fato, é possível visualizar fases distintas de gramaticalização do *katá*, por exemplo, na passagem de advérbio para preposição; quanto à noção de forma presa, Carone (2004, p. 31, grifos no original) afirma “[...] *formas presas*, aquelas que não são suficientes para, sozinhas, constituírem um enunciado [...]”, e aponta o prefixo como um exemplo desse tipo de categorização, ou seja, outra fase de gramaticalização do *katá*, de preposição para prefixo, o que vai ao encontro da proposição de Castilho. Complementando o fragmento de Saussure, apresentamos este, de R. C. Romanelli (1964, p. 15):

O Indo-Europeu comum, de cujo desenvolvimento resultaram importantes unidades lingüísticas, como o Índico, o Iraniano, o Grego, o Germânico, o Báltico, o Eslávico e, sobretudo, o Itálico, de que mais tarde se formou o Latim, apresentava, entre outras notáveis peculiaridades, a de não admitir qualquer forma de prefixação ao elemento radical, salvo o redôbro verbal, de caráter gramatical, ou o redôbro nominal, de caráter expressivo. A palavra indo-européia constituía-se, fundamentalmente, de três elementos: a raiz, o sufixo e a desinência. O processo normal, portanto, de formação das palavras era a derivação, jamais a composição [Referimo-nos aqui, é claro, à composição por prefixação]. Só muito mais tarde surgiria o prefixo, como uma inovação no quadro geral das línguas indo-européias.

Da análise de algumas sobrevivências, [...] parece-nos lícito concluir que os prefixos, em suas mais remotas origens, devem ter sido antigas formas casuais, sobretudo de valor locativo e instrumental, que, destacadas do sistema de flexão nominal, acabaram por fixar-se, no Indo-Europeu, como advérbios de sentido concreto [...].

Esse excerto nos permite situar a origem dos prefixos, já parcialmente comentada quando vimos o fragmento de F. Saussure. As observações concernentes ao indo-europeu servem para contextualizar o tema e para demonstrar como está longe no tempo a origem da questão.

Quanto aos redobros verbal e nominal, temos o redobro — também chamado de reduplicação — definido por Z. S. Jota (1976, p. 284-285, grifos no original) como

s. m. Processo morfológico que consiste na repetição parcial ou total da palavra, a fim de evidenciar algum acidente gramatical, lexical ou expressivo. No lat., via de regra, é a consoante do tema seguida de e; caracteriza o perfeito, com certa freqüência: *cecini* (de *cano*), *cecidí* (de *cado*), *pepigi* (de *pango*), *tetigi* (de *tango*), *fefelli* (de *fallo*), *spopondi* (de *spondeo*), *steti* (de *sto*), *pependi* (de *pendo*). [...] Em port., na linguagem infantil: *papai*, *mamãe*, *titio*, *vovó*, *vovó*, *pipi*. Também os apelidos com certo conteúdo de carinho: *Zezé*, *Lulu*, *Totônio*, *Ninico* [...].

Seguindo a ordem dos verbos latinos citados, temos: “cantei”, de “canto”; “caí”, de “caio”; “fixei”, de “fixo”; “toquei”, de “toco”; “escondi”, de “escondo”; “prometi”, de “prometo”; “persisti”, de “persisto”; “ponderei”, de “pondero”. No caso do redobro verbal, aquilo que pode ser identificado como acidente gramatical não figurará como marca de estilo, todavia não podemos negar a expressividade do redobro nominal, que pode sugerir carinho ou ironia. Não obstante, esse assunto foi colocado em segundo plano aqui, já que o autor trata do tipo de prefixo que não havia na época; então, voltando ao tema, observamos que originalmente os prefixos são antigos advérbios, e, com o desaparecimento do indo-europeu e sua conseqüente transformação em inúmeras outras línguas, foram, graças a alterações na estrutura frásica delas – ora pospondo-se, ora prepondo-se ao nome ou ao verbo –, se fundindo ao radical das palavras, deixando de ser partículas soltas e se aglutinando, criando novas palavras – um fenômeno de natureza sintática no âmbito da frase incidindo sobre a morfologia no âmbito do vocábulo –, conforme vimos em F. Saussure.

Sobre as antigas formas casuais de valor locativo e instrumental de que fala o autor, convém fazermos uma interpolação encabeçada por estes dois excertos:

Locativo - responde à pergunta **onde?** A referência é sobre o lugar em que se está ou em que se comete um ato; é estático, concreto, espacial: responde à questão “onde?”, $\pi\omicron\upsilon$; em grego, e **ubi?** em latim.

A idéia de espaço se transfere (metáfora) para a idéia de tempo, também estático, isto é, um espaço, um momento do tempo.

O uso da preposição se faz necessário sempre que se quer enfatizar ou precisar o espaço.

Nas relações de tempo seu uso é menos freqüente.

Há sobrevivências do locativo indo-europeu em -i em latim e em grego, como:

domi em casa [...]

Ἐν νυκτὶ βουλὴ τοῖς σοφοῖσι γίγνεται

De noite (na noite) o conselho acontece aos sábios. (MURACHCO, 2001, p. 111, grifos no original)

Instrumental: exprime o meio ou o instrumento com que um ato é cometido.

Ele tem sua origem na questão $\pi\tilde{\eta}$: “por onde, por que?” [...].

Essa idéia de *passagem do ato verbal* contida na questão $\pi\eta$ prevaleceu a tal ponto que a expressão de trânsito, percurso, travessia, passou a ser expressa pela preposição $\delta\acute{\iota}$ em grego e *per* em latim [...]. (MURACHCO, 2001, p. 113, grifos no original)

Observando bem, tudo aparece aí: os resquícios do indo-europeu nos exemplos de antigas formas casuais, como o *-i* que é marca de locativo — caso indicativo do lugar em que se processa a ação verbal — da expressão latina com valor adverbial *domi* “em casa”; o uso da preposição $\epsilon\nu$ “em” no sintagma adverbial grego $\epsilon\nu \nu\upsilon\kappa\tau\acute{\iota}$ “De noite” (“na noite”), cujo núcleo semântico repousa no substantivo feminino $\nu\acute{\upsilon}\xi$ “noite”, ou seja, observamos uma construção em que o locativo, indicado pelo $\grave{\iota}$ “i”, vem acompanhado de preposição $\epsilon\nu$ “em”; e encontramos, já em português, resquícios morfológicos do instrumental — caso próprio do meio, do instrumento da ação —, na medida em que palavras como “percurso” e “diálogo”, *verbi gratia*, compostos nominais criados a partir da adjunção de um prefixo a um substantivo, conservam o sentido de “meio”, de “por onde”, próprio do antigo caso indo-europeu, justamente na parte da palavra que pode ser com facilidade identificada como prefixo.

Tanto Murachco quanto Romanelli se referem aos advérbios como sendo concretos. Isso se explica pelo fato de que, por serem palavras nocionais, têm significação externa, exprimem conceitos, em oposição às palavras relacionais, as quais são instrumentos gramaticais, como as preposições, que são abstratas, servem para relacionar sintaticamente as palavras nocionais (cf. JOTA, 1976, p. 250).

Discorrer sobre os excertos de Saussure, Romanelli e Murachco se nos afigurou necessário também porque a evolução envolvendo elementos adverbiais antepostos aos nomes, como preposições, e aos verbos, como prevérbios, resultou em “dois tipos de prefixos – o prevérbio [para alguns, preverbo] e o prenome – e, conseqüentemente, dois tipos de composição – a composição verbal e a composição nominal” (ROMANELLI, 1964, p. 16), constituindo-se em elemento que enriquece a nossa pesquisa, na medida em que especializa mais nosso objeto de análise. Sobre os tipos de prefixo, o autor havia discorrido páginas antes em seu livro, quando definia o termo; observemos:

2. O termo prefixo é aqui tomado em sua acepção clássica de elemento morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal. Registra-se, entre nós, é certo, a tendência para substituir a denominação de prefixo pela de prevérbio. Advirta-se, todavia, de que prevérbio é um tipo particular de prefixo — é o prefixo preposto a uma forma verbal. Tal é, pelo menos, a discriminação feita pelos mestres europeus, segundo se lê em obras especializadas. (ROMANELLI, 1964, p. 5)

Como podemos ver, Romanelli propõe uma definição desse afixo a que chama de clássica, “elemento morfológico preposto a uma forma verbal ou nominal”; certamente, por estar ciente de que os linguistas não são unânimes quanto à definição do termo, daí optar por uma definição abrangente. Vejamos duas opiniões discordantes relativas a um caso particular, a primeira, de Graça (2005, p. 189, grifos no original):

O prefixo português *a* pode ser significativo ou meramente expletivo. No primeiro caso exprime uso, emprego, forma, imitação, aumento, intensidade, extensão, destino, tendência, exercício de atividade num certo sentido, etc. No segundo o *a* é expletivo; adiciona-se inicialmente à palavra por eufonia ou ênfase e constitui uma simples variedade de forma.

A outra, de Figueiredo (1910, p. 219, grifos no original):

[...] o *a* inicial de *abaixar*, considerado *prefixo* pelo autor, não o é, porque não altera a significação da palavra a que se junta: *baixar* e *abaixar* são duas formas divergentes do mesmo vocábulo, *juntar* e *ajuntar*, *levantar* e *alevantar*, *grupar* e *agrupar*, *presentar* e *apresentar*, etc.

Logo o *a*, em tais casos, não é *prefixo*: é uma *prótese* ou um *a* protético.

As posições são antagônicas, pois Figueiredo vê no prefixo uma partícula que, necessariamente, “altera o significado da palavra a que se junta”, condição não necessária na visão de Graça; por si só, esse embate justifica a postura de Romanelli, além de fazer pensar sobre o problema. O fato é que a discussão entre Graça e Figueiredo foi acalorada, com argumentos pertinentes de um lado e outro.

O último ponto que incluímos neste item destinado a tratar de aspectos etimológicos extraímos de Rocha Lima (1982, p. 173-174):

Muitos autores (Bourciez, Garcia de Diego, José Joaquim Nunes, Ribeiro de Vasconcelos, J. Mattoso Camara Jr., etc.) consideram a prefixação caso de composição. Outros (Meyer-Lübke, Brunot, Dauzat, Nyrop, Grandgeant, Sweet, Said Ali, Antenor Nascentes, etc.) a incluem entre os processos normais de derivação. Adotamos este último critério.

Conforme vemos, da perspectiva da metalíngua, estamos diante de outro senão em torno dos prefixos, compreendidos ora como elementos formadores de palavras por derivação (prefixal), ora por composição – segundo considerados sem ou com vida autônoma. Como as duas percepções são partilhadas por linguistas renomados – antigamente a tendência era categorizar as palavras formadas por prefixo como compostas, já hoje a tendência é serem categorizadas como derivadas por prefixação, mas mesmo assim não existe unanimidade entre os gramáticos. É forçoso reconhecer ser nebuloso o limite entre os dois processos de formação de palavras. Entretanto, não é nosso escopo direcionar o assunto para esse lado – a esse respeito, Said Ali, um dos pioneiros gramáticos brasileiros a sistematizar o estudo dos prefixos, ao discorrer sobre os processos de formação vocabular, inclui os prefixos entre os processos de derivação, conforme assinala Rocha Lima, mas reconhece não estar clara “a fronteira entre a derivação prefixal e a composição” (SAID ALI, 1964, p. 229). Assim, terminada a incursão à guisa de etimologia, voltamos aos prefixos propriamente ditos, atentos ao que encontramos em fontes diversas – como dicionários, gramáticas e afins –, procurando perscrutar o tratamento dispensado a eles pelos autores, com o objetivo de, se possível, acrescentar algo ao que se tem dito sobre o poeta Manoel de Barros.

4 OS PREFIXOS E A LÍNGUA DO *DES-*, DA NEGATIVIDADE, EM MANOEL DE BARROS

Como é natural, os prefixos conservam latentes significados que remontam a sua origem paralelamente aos que adquirem em seu percurso; logo, dependendo, por exemplo, do momento em que está sendo empregado um prefixo, determinado conjunto de semas despontará com mais carga significativa que outros, em função do que se deseja expressar, mantendo as outras possibilidades semânticas como que em repouso, mas não necessariamente anuladas. Esses matizes semânticos podem vir a ser explorados com criatividade pelos autores de que fala Martins (2003), ao lançarem mão, *verbi gratia*, do caráter erudito dos termos. Assim, procuramos apontar sutilezas que às vezes se ocultam por trás da aparente simplicidade formal dos prefixos — vale lembrar que há leis fonéticas que regem a conformação dos prefixos junto às raízes ou às palavras, mas nosso objetivo não é discuti-las, apenas eventualmente apontá-las, mesmo porque outros fatores também atuam no processo.

O sistema de prefixos da língua portuguesa tem sua origem grega, latina ou vernácula, que são os prefixos latinos com a forma modificada, conforme podemos ver na lista seguinte, de Pereira (1944, p. 196, grifos nossos), que traz a forma vernácula e a latina, respectivamente: *bene* “bem”, *in* “em”, *inter* “entre”, *male* “mal”, *sine* “sem”, *sub* “sob”, *subtus* “soto”, *super* “sobre”, *tris* “três”. Normalmente, a indicação de origem erudita é suficiente. Todavia, a necessidade impõe considerarmos o registro de Pereira, em razão de que se nos afigura relevante apontar os prefixos em todas as suas manifestações, inclusive nas que a consciência linguística comum já não os pode identificar, de tão fossilizados, pois aí repousa a base de nossa argumentação.

Assim, destacamos certos prefixos e focamos palavras associadas ao universo poético de Manoel de Barros, isto é, palavras que apontam para a chamada linguagem do *des-*, da negatividade, contextualizando-as ou, melhor dizendo, remetendo à autora do texto selecionado, pois, conforme sinalizamos no início, partimos de análise consolidada, da qual nos servimos para ajudar em nossas reflexões concernentes aos prefixos. Com isso em mente, extraímos o seguinte fragmento, em que Silva (2009, p. 544-545) tece comentários sobre a poética barreana:

[...] O poeta pantaneiro quase que se limita a criar suas palavras novas por dois processos: o deslocamento da classe gramatical da palavra — verbalizar um adjetivo ou substantivo, por exemplo, como em “imensam”, “analfabetam”, “monumentar”, “embostando” — e o acréscimo de prefixos, especialmente do prefixo ‘des’ — como em ‘despalavra’, ‘desherói’, ‘deslimites’, ‘desutilidades’, ‘desbrincar’, ‘desobjeto’, ‘desacontecido’, ‘descomeço’, ‘dessaber’. Este último processo, que é bastante recorrente no poeta, coloca-o em afinamento com uma característica comum na lírica moderna: a negatividade. A poética do ‘des’- faz prevalecer o signo do ‘não’. Há uma variedade de signos que conotam negatividade, pequenez, coisa ínfima, insignificante nos poemas de Barros.

A autora menciona dois mecanismos utilizados por Barros em suas criações lexicais, relacionando o segundo deles ao acréscimo de prefixos. Todavia, dos quatro termos que arrola no primeiro grupo, o do “deslocamento da classe gramatical”, três apresentam prefixos em sua constituição, algo significativo. Observe-se que os termos “imensam” e “embostando” trazem o mesmo prefixo “in” — com as respectivas adaptações fonéticas –, este, na forma vernácula “em”; aquele, mais próximo da forma latina “i” — em “imensam”, forma verbal criada a partir do adjetivo “imenso”, o prefixo aparece tão fossilizado, que tende a passar despercebido. Entretanto, um cotejo com alguns de seus congêneres portugueses mais próximos permite vislumbrar o prefixo “in” sem a necessidade de recorrer ao latim; vejamos o que diz Houaiss (2009):

imenso adj. (c 1543) 1 impossível de medir ou contar; desmedido, ilimitado 1.1 de grande tamanho, enorme [...] (p. 1049).
imensidade s. f. (1643) 1 qualidade ou característica do que é imenso [...] (p. 1049).
imensurável adj. 2 g. (1702) que não se pode medir, não mensurável [...] (p. 1050).
mensura s. f. (1552-1570) 1 *ant.* ato ou efeito de medir ou mensurar [...] (p. 1274).
mensurado adj. que se mensurou 1 que se mediu; medido [...] (p. 1274).
mensurar v. (1670) 1 t. d. determinar as dimensões de ou ter por medida; medir [...] (p. 1274).
mensurável adj. 2 g. (1836) passível de ser mensurado; comensurável, medível [...] (p. 1274).
comensurável adj. 2 g. (1789) que tem ou admite medida comum 1. 1 passível de ser comensurado; que pode ser medido, determinado, verificado, mensurável [...] (p. 499).
incomensurável adj. 2 g. (1789) 1 que não tem medida comum com outro [...]. (HOUAISS, 2009, p. 1065)

O emparelhamento dos verbetes evidencia que, mesmo no português, o termo “imenso” traz um prefixo colado ao radical, portanto, “imensam” apresenta duas características próprias da poética barreana: o “deslocamento da classe gramatical” e o uso do prefixo privativo “in”, o qual está inextricavelmente associado à língua do “des-”, associada por Silva (2009), dentre outros, a Manoel de Barros. Falando de modo diverso, no tocante a “imensam”, ao se valer do “deslocamento da classe gramatical”, ele também dissemina a outra prática poética.

No jogo linguístico que constrói envolvendo os prefixos, por vezes, o poeta se vale das diferentes facetas que apresentam, e o prefixo “in” oferece muita margem para exploração — no caso de “embostando”, acresce-se a criação lexical envolvendo termos chulos, frequentes e usados com naturalidade na obra. Vejamos as palavras de Lapa (1970, p. 83, grifos no original) sobre o prefixo “in”:

5. *IN, EN (EM)*. Também com êstes dois prefixos se dão certas confusões; mas, evitadas já pela escrita, afetam sobretudo a língua falada. O prefixo *in*, que, para efeitos fonéticos, segue as normas do prefixo *com*, tinha no latim as significações que conserva em português — idéia negativa: *inútil, infeliz, impróprio*, etc. e sentido de direção, movimento para dentro: *irromper, ingerir, implantar*.
 Com êste segundo sentido, a linguagem corrente e popular converteu normalmente o *in* no prefixo *en, em*. Assim: *embarcar, encovar, enterrar*. De modo que o prefixo *in* é hoje empregado normalmente para formar antônimos e, com a segunda significação, palavras mais ou menos literárias: *incorporar, imbricar, invólucro, incinerar, ingurgitar, intumescer*. Não é pois de estranhar que, a par destes termos, escrevamos ou possamos escrever as formas menos cultas: *encorporar, embricar, envólucro, encinerar, engorgitar, entumecer*.

Primeiramente, cabe ressaltar que o “in” com sentido privativo, como no adjetivo inquieto, e o “in” com sentido de movimento para dentro, penetração, como no substantivo abstrato imersão, são termos convergentes, isto é, constituem caso de homonímia; logo, é

compreensível haver certas confusões. Manoel de Barros explora essa particularidade, segundo podemos divisar nos versos a seguir — de *O livro das ignoranças* - LI (1993)¹:

De primeiro as coisas só davam aspecto
 Não davam ideias.
 A língua era **incorporante**.
 Mulheres não tinham caminho de criança sair
 Era só concha.
 [...]
 (BARROS, 2010, p. 318)

Tendo em vista a identidade formal de ambos os prefixos e os elementos de sentido privativo/negativo que estão no entorno, como “só”, “Não”, “não”, “só”, um em cada verso, criando um quiasmo e colocando o termo “incorporante” no centro, num verso isolado, o autor faz um jogo sutil, pois, embora “incorporante” sugira a língua do “des-”, devido ao prefixo “in-”, na verdade, seu sentido é positivo, vez que traz em seu bojo a ideia de dar corpo à língua; logo, não se trata de negação, mas de afirmação. Temos um caso de antilogia.

Outros elementos há aí, como: a alusão ao texto bíblico (João: 1) “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 1941, p. 949), possível a partir do verso “De primeiro as coisas só davam aspecto”, que, além de ser o verso primeiro do poema, tal qual o versículo de João, que é o primeiro de seu Evangelho, trata do princípio das coisas; a antítese dos versos um e dois, entre “aspecto” e “idéias”, que substituem o clássico binômio “forma” e “conteúdo”; o ritmo abrupto dos versos dois e cinco, em oposição aos versos um e quatro, deixando justamente o verso três, aquele que traz o termo “incorporante”, num ritmo diferenciado em relação aos dois conjuntos; a semântica das palavras “caminho” e “concha”, que aponta para o ritmo de seus respectivos versos, vez que “caminho” ocorre num verso longo, “aberto”, enquanto “concha” ocorre num verso curto, “fechado”. Enfim, o trecho de Manoel de Barros vai ao encontro do que diz Micheletti (1997, p. 163, grifo no original) no fragmento a seguir:

A significação contida no signo poético revela-se motivada, ou seja, o significante praticamente gera a significação. Diferentemente da linguagem comum que visa a informar e/ou convencer através de argumentos de ordem racional, a poesia também apela, visando a um convencimento do interlocutor, mas o faz pelo sentimento, pela emoção. Para isso vale-se à exaustão de recursos da linguagem, especialmente da repetição que inculca valores e crenças e, de certo modo, cria uma atmosfera propícia ao acolhimento de um tema, o leitor deixa-se conduzir pelos sons, pelo ritmo, pela musicalidade ou pela atração visual. Ele é *tocado* pela percepção sensorial.

De fato, as palavras de G. Micheletti parecem traduzir o efeito que os versos do poeta pantaneiro têm o poder de causar no leitor. Quanto aos efeitos fonéticos semelhantes ao prefixo “com” a que se refere Lapa (1970, p. 82, grifos no original), vejamos o que ele próprio comenta a respeito:

3. *COM*. Antes de vogal e de *l*, *m*, *n* e *r*, perde o elemento nasal (*m*): *coevo*, *colaborar*, *comigo*, *conexão*, *correspondência*. Ainda hoje já quem na leitura e até na escrita procure reconstituir a forma antiga: *cômigo*, *correspondência*. É o instinto etimológico em ação. Trabalho inútil: perdeu-se já a consciência do prefixo, e as palavras são tidas como simples, de uma só unidade.
 Hoje, a forma *com* só se usa antes de *b* ou *p*: *combatente*, *compaixão*. Há para isso uma razão fonética: os fonemas *b* e *p* labiais, procuram ter ao pé de si um fonema da mesma natureza; por isso se conserva o *m* também labial. Já quando *com* tem depois outro fonema, adota a forma *con*: *confiança*, *conterrâneo*, *convivência*.

Como podemos concluir após a disposição dos dois fragmentos, os alomorfes do morfema “in” expressam acomodações gráfico-fonéticas resultantes da observância dos efeitos produzidos pela junção dele, prefixo, com o radical da palavra; falando de outro modo, trata-se de questão muito relacionada ao aparelho fonador — de maneira mecânica, naturalmente, ocorre o mesmo com o

¹ Visto que utilizamos uma edição que contém a poesia completa do autor, publicada em um único volume em 2010, para facilitar a identificação da fonte, na primeira vez que destacamos um verso de determinado livro, indicamos seu nome, suas iniciais e o ano da publicação; nas demais vezes, só as iniciais. Também, destacamos em negrito as palavras em foco nas citações.

prefixo “com”. Tomando como exemplo “imenso”, do latim *immēnsūs* (de *im = in e mensus*) (SARAIVA, 2006, p. 576), temos, ainda no latim, uma assimilação na passagem do *n* para *m*, por influência da consoante bilabial inicial de *mensus*; no português, deu-se a síncope do *m*, resultando no termo que temos hoje, “imenso”, que significa, literalmente, “não medido”, por extensão, “ilimitado”, “desmedido”, “sem medida”. Paralelamente, seguindo o curso natural, ocorreu processo idêntico em relação ao termo “imerso”, do latim *immērsūs*, em que o prefixo *in* indica movimento para dentro, penetração — outros sentidos do “in”: movimento em direção a, para junto de, aproximação, por exemplo, impelir; movimento em direção a, com ideia acessória de hostilidade, agressão, por exemplo, insultar; ingresso, entrada em um novo estado, por exemplo, incandescer; movimento para trás, renovação, por exemplo, inverter; movimento em, sobre, superposição, por exemplo, inscrever; sentido zero (esvaziamento do conteúdo semântico), por exemplo, enfraquecer (ROMANELLI, 1964, p. 68-70). Do ponto de vista etimológico, vem do indo-europeu “**en* (variantes: **n*, **eni*, **ni*, **nei*, **ndhi*) ‘em’ [...]” (cf. ROMANELLI, 1964, p. 70); sem dúvida, trata-se de terreno propício a confusões. Vejamos dois exemplos de cada — o primeiro de *Poesias - P* (1947) e os demais de *O guardador de águas - GA* (1989):

São mil coisas **impressentidas** (BARROS, 2010, p. 49)

Há que se dar um gosto **incasto** aos termos. (BARROS, 2010, p. 265)

Macerações de sílabas, **inflexões**, elipses, refegos. (BARROS, 2010, p. 246)

De cada vinte calangos **enlanguecidos** por estrelas (BARROS, 2010, p. 258)

Voltando ao fragmento de Silva (2009), “analfabetam” também apresenta prefixo, e, por sinal, também passa pela questão da “negatividade”, devido ao “an” privativo. Do ponto de vista etimológico, o prefixo grego ἄ “a”, ἄν “an” tem a mesma origem do latino *in*, o **n*, grau zero da negação indo-europeia **ne* (cf. ROMANELLI, 1964, p. 66) — o grau zero indica a não ocorrência de alternância do vocalismo radical (1964, p. 23) —; a propósito, o latim *nēgārē* “negar” contém a partícula privativa indo-europeia *ne*, por meio da forma “*nēg-*, de **nēgi-* (<*nē* + **ghi-*, partícula que se propõe à negação...)” (ROMANELLI, 1964, p. 76). Em suma, o processo de verbalizar adjetivos e substantivos, apontado por C. S. Silva, recorre de modo acentuado aos prefixos, com forte tendência a se valer da partícula “in” e seus congêneres, seja com sentido básico de privação, seja com sentido básico de movimento, seja com os demais sentidos que apresentamos. Dois exemplos — o primeiro de GA e o segundo de *Concerto a céu aberto para solos de ave - CCASA* (1991):

Instala-se uma **agramaticalidade** quase **insana**, que
empoema o sentido das palavras. (BARROS, 2010, p. 265)

O silêncio das coisas **anônimas**. (BARROS, 2010, p. 288)

Quanto ao grupo de palavras que Silva (2009) aponta como, este sim, criado a partir do acréscimo de prefixos, em especial do prefixo “des-”, gostaríamos de tecer uns comentários, primeiramente, sobre esse prefixo e, em seguida, sobre outros dele muito próximos. Para isso, selecionamos um fragmento de C. M. Vasconcelos e, na sequência, dispomos fragmentos de outros autores que discorreram sobre os prefixos, como Romanelli (1964), Coutinho (1974), Leoni (1858), Silveira (1951), Barreto (1980); vejamos:

Passemos aos prefixos *es-* e *des-*. Originariamente, *es-*, *eis-*, *is-*, de *ex*, denota procedência, separação expansibilidade, ou mudança de estado; ao passo que *des-* é distributivo. Mas o povo confunde os dois a cada pouco, por causa da sua semelhança fônica.

Ao lado de *despir*, *despedaçar*, *desterrar*, *destruir*, *desforço*, houve e há *espir*, *espedaçar*, *esterrar*, *estroir*, *esforço*. Um homem do povo, a que falámos de *exagêro* nos preços que pedia por uns lindos jugos à moda do Minho, replicou logo que a obra de talha levava muito tempo, que a madeira de lódão de certa largura era cara e rara, finalmente que não havia *desagêro* nenhum no preço. *Desfolhar* e *esfolhar* são variantes usadas mesmo em linguagem culta. E como êsse par há muitos outros. (VASCONCELOS, 1913, p. 94, grifos no original)

É oportuno iniciarmos a argumentação por esse trecho, vez que C. M. Vasconcelos discorre sobre dois prefixos muito próximos por sua significação e que se afiguram caros à poética barreana. A autora é taxativa quanto ao fato de o povo se confundir ao usar os

prefixos *es-* e *des-*, porém, nada impede que Manoel de Barros tire proveito desse possível equívoco, por exemplo, deixando no ar para o leitor a dúvida quanto a se estar diante de uma negação ou de uma negação da negação, portanto, de uma afirmação, ou, quiçá, de um mero reforço, graças ao conteúdo semântico de ambos. Assim, vejamos o que diz R. C. Romanelli em relação a *ex*. Por se tratar de obra com verbetes densos, que aborda vários aspectos e, sobretudo, com exemplificação mais voltada para o latim e o português arcaico, procuramos resumir as informações, adaptando-as ao português moderno, inclusive, acrescentando certos exemplos e subtraindo outros.

Desse modo, podemos afirmar resumidamente que, do ponto de vista da forma, o prefixo “*ex-*” se realiza assim: (i) “*ex-*”, antes de palavras iniciadas por vogal, oclusivas surdas *c, p, t* e pela sibilante *s*: exíguo, exclusão, expectorante, extinto, exsolução; (ii) “*es-*”, de *ex*, por dissimilação: Ésquilo, esquisito; (iii) “*e-*”, antes das oclusivas sonoras *b, d e g*, das líquidas *l, m, n e r*: ebracteadado, educação, eglânduloso, elaboração, emersão, enervação, ereção. Do ponto de vista do sentido, “*ex-*” pode significar: a) movimento de dentro para fora, saída, extração: extrair, expulsar, emergir, exportar, expulsar, espremer; b) elevação, ascensão: elevar-se, exceder, erguer; c) ausência, privação: enervar, exonerar, explicar, execrar; d) mudança de estado, passagem de um a outro estado: endurecer, efeminar, esquentar, enfraquecer, exacerbar, ensurdecer, extenuar; e) acabamento (aqui o prefixo marca o processo chegado ao seu termo): efetuar, esgotar, esvaziar, exaurir, executar; f) aumento, reforço, intensidade: elaborar, enumerar; g) sentido zero (esvaziamento do conteúdo semântico): encher, exagerar (ROMANELLI, 1964, p. 56-61).

Do ponto de vista da etimologia, “*ex-*” vem do indo-europeu “**eǵhs* (**eǵhz*) ‘de, fora de’ [...] gr. ἔξ (ἐκ, ἐγ- diante de consoante) [...] (ROMANELLI, 1964, p. 61). Conforme antecipamos, o autor desenvolve bastante os verbetes, o que leva à expansão da referência, porém, julgamo-la elucidativa e, portanto, fundamental para nossa abordagem.

Quanto à ideia de “extrair” e as consequentes ideias de “separar”, de “afastar”, que levam à de “negar”, são sempre recuperáveis, possibilitando a relação com a linguagem da “negatividade”, característica de Barros.

Ainda, no tocante à forma, listamos alguns poucos encontros do prefixo com certas consoantes que não foram apontados por R. C. Romanelli, ou que foram, mas a partir de palavras do latim ou do português arcaico, logo, não vêm ao caso — evidentemente, trouxemos apenas o estágio atual do encontro. Assim, temos “*ex-*” seguido de *c* sibilante: exceção, excitação; “*es-*” seguido de fricativa labiodental surda *f*: esforço; “*e-*” seguido de fricativa labiodental sonora *v*: evasão; “*e-*” seguido de líquida vibrante *r* forte ou dobrado: erradicação.

Com vistas a suprir a falta de exemplificação para a variante “*eis-*”, sugerida por C. M. Vasconcelos, podemos pensar em eisegese — o mesmo que exegese; já para a variante “*is-*”, não encontramos exemplo em português. Vejamos dois exemplos do prefixo “*ex-*” em Manoel de Barros — o primeiro de GA e o segundo de LI:

De um turvo cheiro órfico os caracóis o **escurecem**. (BARROS, 2010, p. 246)

Aqui até cobra **eremisa**, usa touca, urina na fralda. (BARROS, 2010, p. 307)

Quanto ao prefixo “*des-*”, C. M. Vasconcelos não explica o que entende por distributivo — não há elementos no texto que nos permitam afirmar tratar-se do que levou Bloomfield a estabelecer sua teoria distribucionalista, a mesma que, segundo Carone (2004, p. 107), permitiria a Câmara Jr. renovar “a descrição morfológica do português” —, e a informação de que o povo se serve, por exemplo, tanto das formas “despir” e “despedaçar” quanto das formas “espir” e “espedaçar”, vai ao encontro do que afirma Coutinho (1974, p. 177, grifos no original) “*des-* < *de* + *ex*. Valor semântico de separação, afastamento, ação contrária, intensidade, negação, podendo também ser expletivo: *desandar, deslembrar, desviar, desfazer, desonesto, destratar, desgastar, desinquieta*”, para quem “*des-*” é resultado da junção de *de* e *ex*; logo, pensando no poeta Manoel de Barros, podemos conjecturar um efeito estilístico com nuance de realce.

Visto que já discorremos sobre o “ex-”, para completarmos o estudo dos formantes de “des-” apontados por Coutinho, cabe tratarmos, também resumidamente, da preposição portuguesa “de”, partindo do que diz F. E. Leoni (1858, p. 44-45, grifos no original)², para quem

É a mesma preposição que a latina *de*, a qual denota: — *movimento de um ponto de partida*, como o da pedra que despenhada do cume do monte rola pela encosta, pela falda, pela planície, e não se sabe quando e onde ha de parar. D'esta primitiva idéa, que é a mesma que a de *afastamento*, provém naturalmente a de — *diminuição, privação e falta*. [...] Da idéa de movimento de um ponto de partida nasce tambem a de — *logar e parte d'onde* — e a de — *origem e principio d'onde alguma coisa vem, ou procede*. [...] A referida idéa de origem e principio d'onde alguma coisa vem, ou procede, conduz á de — *extracção*. [...] Da idéa de extracção vem mais a de — *parte de um todo*. [...].

Apropriada a imagem da pedra em movimento se distanciando de seu ponto de partida, de sua origem, seu ponto de procedência; sugerindo a noção de diminuição, na medida em que aquilo que se desprende do conjunto que constitui o todo retira parte do todo, privando-o daquilo que é, como na frase “Comeu do bolo”, em que temos as ideias de “origem, de todo, de diminuição, de parte, de afastamento”, vez que o ato de comer — o ponto de origem da realização do ato — se dá a partir do bolo, que é o todo diminuído da parte que é afastada.

F. E. Leoni discorre sobre o “de” no campo da sintaxe. Vejamos agora, também de maneira resumida, o que afirma R. C. Romanelli sobre o “de-” como prefixo, no campo da morfologia — no contexto de nossa pesquisa. Essas considerações completam o fragmento de Vasconcelos (1913) e de Coutinho (1974) sobre o prefixo “des-”, o mais profícuo dentre os que constituem a ideia de negatividade na poética barreana.

Quanto à forma, diferentemente do que ocorre com “ex-”, em português, “de-” não sofre variação. Quanto ao sentido, pode significar: a) movimento de cima para baixo, descida, queda: descer, demolir, derrubar, destruir; b) afastamento, separação, repulsa, aversão: desviar, delirar, deslocar, derivar, detestar; c) diminuição, redução, desgaste: decrescer, deduzir, degenerar, deteriorar; d) privação, negação, antonímia: deslocar, dever, debilitar, desesperar, desacostumar; e) acabamento, consumação: debelar, derrotar; f) intensidade: demaisiar, detonar; g) sentido zero (esvaziamento de conteúdo semântico): dealbar, deambular (ROMANELLI, 1964, p. 47-51). Do ponto de vista etimológico, “de-” vem do indo-europeu

**de-*, **dō-*, partícula dística, de uso prepositivo e pospositivo:

a) ie. **de-*: av. *vaesman-da*, gr. -*δε* em *ὅ-δε* [pron. demonstr. “este”], *τό-δε* [pron. demonstr. “isto”], *ἐνθά-δε* [adv. “aqui mesmo”], lat. *quan-de*, *quam-de* [adv. “quanto, quão, como, até que ponto”], *in-de* [adv. I. “de lá, daí, daquele lugar, donde”, 2 “desde então, a partir desse momento”], *un-de* [adv. “d’onde”].

b) ie. **dō-*: lat. *dō-ni-cum*, *dōnec* [conj. “enquanto, durante que, tanto que”] (< **dō-ne-que*), *quan-do* [adv. “quando, em que tempo”], irl. *do-du*, ang.-sax. e a.sax. *to*, ing. *to*, aaa. *zuo*, al. *zu*. A mesma partícula é enclítica no a. lat. *en-do*, *in-du* [prep. arc. “em, sobre, a respeito de”] [...].

c) Ítalo-céltico **dē* ‘de, do alto de’: falisco *de*, osco *dat*, úmbrio *da*, a. irl. *dī*, a. cimbr. *dī*, brit. *dī* [...]. (ROMANELLI, 1964, p. 51, tradução nossa)

Segundo Silveira (1951, p. 14), “É a preposição DE das mais freqüentes, senão a mais freqüente e de mais variado uso nos idiomas românicos [...]”, e esse quadro apresentado por R. C. Romanelli, o qual só registramos para ilustrar um pouco seu espectro, oferece uma breve visão do quão se espalhou pelo mundo antigo esse elemento linguístico. Como podemos mais uma vez constatar, sua origem é fundamentalmente dística, isto é, trata-se de um mostrativo, situa no espaço; as demais funções são decorrentes dessa, por extensão ou por ampliação semântica. Sendo usado como preposição no indo-europeu, conforme vimos a partir de F. Saussure, passou a desempenhar também o papel de prefixo ao longo de sua evolução linguística.

No excerto que extraímos de Silva (2009) sobre o poeta, a autora listou uma série de palavras que contêm o prefixo “des-”, porém, nenhuma com o “de-”; como vimos por nossa explanação, ambos os prefixos podem desempenhar o mesmo papel básico de

² Mantida grafia do original – procedimento que, por sinal, adotamos em todo o texto.

negação/privação, o qual desempenham com frequência em Manoel de Barros. Podem, também, desempenhar outras funções. Vejamos dois exemplos de cada – o primeiro de GA, o segundo e o terceiro de LI, e o quarto de *Retrato do artista quando coisa* - RAC (1998):

Eu sei **desigualar** por três. (BARROS, 2010, p. 246)

Descomo sem opulências... (BARROS, 2010, p. 313)

Aqui a aranha não **denigre** o orvalho. (BARROS, 2010, p. 312)

Uso um **deformante** para a voz. (BARROS, 2010, p. 360)

Em sua explanação, R. C. Romanelli apresenta um verbo que apresenta o “de-” com sentido zero, em que ocorre esvaziamento de sentido. O poeta pantaneiro o utiliza no verso “**Deambulo** aos esgarços” (RAC) (BARROS, 2010, p. 360). A questão é: será mesmo que o poeta estaria utilizando esse prefixo com sentido esvaziado, sendo ele tão afeito à linguagem do “des-”? Segundo nos parece, sua intenção é deixar ao leitor a dúvida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dissemos no início, este artigo é parte de um trabalho maior que estamos fazendo sobre Manoel de Barros, um escritor hermético, difícil de perscrutar, pois, por trás de sua aparente simplicidade, há muito esmero no trato com as palavras, o que exige acuro de quem deseja adentrar seu universo poético.

Aqui, valendo-nos de um estudo de Silva (2009), procuramos penetrar nesse universo por meio de breves considerações de caráter morfoestilístico acerca dos prefixos pertencentes à chamada linguagem do “des-”, cara ao poeta, e que pretendemos explorar mais a fundo em outra ocasião, pois há muito mais a ser discutido. Precisamente por isso, limitamo-nos, quase que exclusivamente, a apontar os exemplos em que as possibilidades de análise aparecem, direcionando o texto para considerações de ordem histórica.

Conquanto não tenhamos apresentado um estudo vasto sobre os prefixos, o trabalho tendeu um pouco para o lado linguístico-gramatical, assumindo ares etimológicos; todavia, segundo nos pareceu, o que discorremos no sentido literário foi suficiente para demonstrar que a poesia barreana é campo fértil para explorações morfoestilísticas.

Assim, julgamos que a criatividade reclamada por Martins (2003), quando reflete sobre a baixa produtividade estilística propiciada pela derivação prefixal, pode ser encontrada com fartura em Manoel de Barros, pois os prefixos constituem uma porta assaz convidativa para se adentrar em seu rico universo poético.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARRETO, Mário. *Novíssimos estudos da língua portuguesa*. 3. ed., fac-similar. Rio de Janeiro: Presença / Fundação Casa de Rui Barbosa - MEC; Brasília: INL, 1980.

BÍBLIA SAGRADA. Português. *A Bíblia Sagrada*: contendo o velho e o novo testamento. Trad. João Ferreira D’Almeida (edição revista e corrigida). Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1941.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9. ed. 7. impr. São Paulo: Ática, 2004.

- CASTILHO Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. Vol. 1, 2. ed. melhorada. Lisboa: Livraria Clássica Editora - A. M. Teixeira & C.^{ta}, 1910.
- GRAÇA, Heráclito. *Fatos da linguagem: esboço crítico de alguns assertos do sr. Cândido de Figueiredo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad. Miguel Maillat. São Paulo: Editôra Mestre Jou, 1970.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda. 2009.
- JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 6. ed. Rio de Janeiro: 1970.
- LEONI, Francisco Evaristo. *Genio da lingua portugueza*. Tomo II. Lisboa: Typographia do “Panorama”, 1858.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3. ed. rev. e aumentada. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2003.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MICHELETTI, Guaraciaba. Repetição e significado poético (o desdobramento como fator constitutivo na poesia de F. Gullar). *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 151-164.
- MURACHCO, Henrique. *Língua grega: visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Vol. I, Teoria. São Paulo: Discurso Editorial / Editora Vozes, 2001.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva - curso superior*. 64. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 22. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.
- ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.
- SAID ALL, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editôra Universidade de Brasília, 1964.
- SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino – português “etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.”*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: sem margens com as palavras. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 19, n. 7/8, p. 541-550, jul./ago. 2009. Disponível em: <seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SILVEIRA, Sousa da. *Sintaxe da preposição de*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13 - seguidas das lições práticas de português arcaico* São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1913.

Recebido em 23/02/2016. Aceito em 23/03/2016.

RESENHA/REVISIÓN/REVIEW

MAIA, Marcus. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 208 p.

Gabrielle Perotto de S. da Rosa*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Fernanda Schneider**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/Câmpus Ibirubá

A obra *Psicolinguística, Psicolinguísticas*, organizada por Marcus Maia, publicada em 2015 pela Editora Contexto, constitui-se de grande valor aos estudiosos iniciantes na área, uma vez que aponta os primeiros passos para aqueles que desejam percorrer algum dos caminhos contemplados na obra. O livro aborda diferentes perspectivas sobre o que pode ser estudado nessa ampla área de investigação. Disposto em 208 páginas, o volume é constituído de apresentação e treze capítulos, distribuídos entre temas da psicolinguística e suas relações. Os capítulos são independentes entre si, o que permite ao leitor seguir a leitura ou escolher os capítulos de seu interesse.

* Doutoranda em Letras (PUCRS). Professora de Língua Portuguesa redes Estadual e Municipal. Bolsista parcial CAPES. E-mail: gabiperotto@gmail.com.

** Doutoranda em Letras (PUCRS). Professora do IFRS/Câmpus Ibirubá. Bolsista parcial CAPES. E-mail: fernanda.schneider.001@acad.pucrs.br.

Na apresentação, o organizador destaca que a obra tem caráter introdutório e abrangente sobre os estudos cognitivos. Ele faz um breve relato histórico de como surgiu a Psicolinguística, desde Platão até Chomsky, e explica resumidamente o que o leitor encontrará em cada capítulo.

O capítulo inicial, intitulado *Processamento de Frases*, do próprio organizador, é introduzido pela pergunta “O que é Processamento de Frases?”. A partir dela, Marcus Maia explica que essa disciplina contempla o estudo do processamento que ocorre ao produzirmos e compreendermos frases. A partir de hipóteses teóricas e modelos de análise psicolinguísticas, estudaram-se situações de ambiguidade na tentativa de responder as seguintes questões: “Como se dá o processamento de frases em nossa mente?”, “Como analisamos na compreensão as frases para chegar a sua interpretação?” e “A análise sintática é influenciada por fatores semânticos, pragmáticos, discursivos, contextuais?”. Maia enfatiza o fato de que o estudo das ambiguidades estruturais é muito importante para a compreensão do processamento de frases. O autor apresenta o que o processamento de frases estuda e como estudar fenômenos partindo desse campo. Nesse sentido, Maia contextualiza o início dos estudos na metade do século XX (revolução cognitivista), quando se passou a priorizar, na década de 50, os processos cognitivos geradores dos produtos – e não somente os produtos, como era até então. Na sequência do capítulo, são apresentados um exemplo do estudo e as grandes linhas de investigações – como o curso temporal do acesso às informações sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas no processamento de frases e a relação do processamento de frases com a Sintaxe Experimental.

No capítulo 2, intitulado *Computação Gramatical*, Leticia Sicuro Corrêa salienta a necessidade de situar os processos de produção e de compreensão da linguagem para compreender o que é Computação Gramatical. Nesse sentido, ela explica que qualquer ato de fala parte de intenção, seja ideia, pensamento, mensagem. Ao realizar essa intenção, recorreremos ao nosso conhecimento linguístico – constituído de um léxico e de operações que combinam os elementos desse léxico, permitindo a sentença ou expressão linguística. Assim, Corrêa argumenta que a Computação Gramatical pode ser percebida como o processo que possibilita as unidades do léxico de uma língua serem combinadas por meio de operações que resultam em expressões linguísticas – passíveis de serem articuladas, recuperadas e interpretadas semanticamente pelo modo como são apresentados, em sequência, os elementos. Enfocando o que a Computação Gramatical estuda, a autora apresenta o conceito de *computação gramatical*, na concepção de *gramática formal*, pois trata-se de um conjunto finito de regras/operações aplicadas a símbolos de um vocabulário finito a fim de explicar a estrutura e a forma como se apresentam as sentenças ou expressões de uma língua. Corrêa explica que os estudos que utilizam a Computação Gramatical podem utilizar medidas comportamentais *off-line* e *on-line*, e destaca ainda duas grandes linhas de pesquisas: uma delas vinculada ao *paradigma simbólico* e a outra ao *paradigma conexionista*. Por fim, ela destaca o fato de alguns estudos partirem da modulação da computação em tempo real, mas essa ainda é uma questão que requer maiores evidências.

O capítulo seguinte, *Processamento Anafórico*, de autoria de Márcio Martins Leitão, inicialmente situa a área como uma subárea da Psicolinguística Experimental, especificamente, dos estudos em Processamento Linguístico. Nesse sentido, requer a compreensão do que é o Processamento Linguístico, e, principalmente, do termo *anafórico*. Assim, o autor chama a atenção para o fato de que a compreensão de como ocorrem os processos cognitivos automáticos (visão e audição, por exemplo) na mente-cérebro são investigados pela área de Processamento Linguístico. Em seguida, Leitão apresenta o termo *anafórico* como um elemento linguístico que tem a mesma referência de outro elemento já mencionado no texto; um elemento que fornece continuidade ao texto relacionado a outro elemento ou conjunto de elementos já mencionados. Explicadas essas noções, o autor salienta a importância desse estudo para a coesão e coerência textual, enfatizando a relevância desses estudos para a compreensão de patologias ligadas à linguagem. Desse modo, o Processamento Anafórico caracteriza-se pelo estudo dos processos cognitivos relacionados às relações anafóricas estabelecidas na produção ou na compreensão da linguagem. Leitão destaca gravações de fala espontânea e entrevistas como exemplos para o estudo e a análise das relações anafóricas na construção da coesão e coerência textuais. Ele cita duas grandes linhas de pesquisa: estudos no escopo da oração e estudos no escopo do discurso, destacando a importância dos estudos translinguísticos, no sentido de se poder comparar o Processamento Anafórico em diversas línguas.

No capítulo 4, *Processamento de Palavras*, Daniela Cid de Garcia explana sobre o conceito “processamento de palavras” como os processos que ocorrem na mente relacionados à representação e ao reconhecimento de palavras ouvidas e lidas. A autora descreve o conceito básico de *palavra* como unidade linguística mínima provida de sentido. Afirma que não é tão simples definir o que é palavra, visto que conhecer uma palavra implica conhecer uma série de informações de diferentes naturezas. Garcia também expõe

que o objeto do processamento de palavras é chamado de *listema*, a unidade linguística correspondente a uma entrada lexical, a menor unidade relevante para a computação linguística que se encontra estocada na mente dos falantes. No artigo, a autora relata que essa subárea da Psicolinguística estuda o que ocorre quando reconhecemos uma palavra, quais mecanismos em nosso organismo são ativados para tal, assim como as partes mínimas interagem para gerar o objeto completo. Ela demonstra, então, as duas vertentes que defendem como se organiza nosso léxico mental: lexicalista e construcionista, explicando cada uma. Estudos mais recentes mostram que é comum a semântica ser abordada em função do fator transparência semântica entre a raiz e a palavra multimorfêmica.

O capítulo 5, *Psicolinguística da Aquisição da Linguagem*, de Cristina Name, relata que a língua é adquirida naturalmente, e não aprendida. É uma capacidade inata que possuímos, assim como andar. A autora explica sobre o período crítico, quando a criança tem maior facilidade em aprender línguas. Segundo ela, a Aquisição da Linguagem pela perspectiva psicolinguística é um processo em que habilidades perceptuais e cognitivas desenvolvidas em seus primeiros anos de vida vão permitir à criança reconhecer as propriedades da língua e se comunicar. Desde sua forma fetal, o indivíduo já reconhece sons e depois palavras, ainda na gestação. Ao longo de sua vida, vai desenvolvendo a linguagem, começando pelos substantivos e evoluindo para verbos e sentenças simples. Até os seis anos, a criança já deve possuir um domínio semelhante ao de um adulto, para fins comunicativos. Para estudar a aquisição, pesquisadores utilizam-se dos métodos naturalista ou experimental, e a autora descreve cada um deles no artigo, exemplificando-os. Os temas de interesse nessa subárea da Psicolinguística são muitos e ainda se produz bastante nas pesquisas, principalmente realizando interfaces com outras áreas.

O próximo capítulo é *Produção da Linguagem*, de Erica dos Santos Rodrigues. Nele, a autora explica que a produção da linguagem é um processo complexo e automático e, em virtude disso, ocorrem lapsos. Por meio da análise desses lapsos e resultados de experimentos, analisou-se os processamentos mentais envolvidos na fala, em que cada componente atua de modo independente, resultado de processamento nível a nível. A autora cita no texto que os lapsos ocorridos durante a realização de uma sentença mostram como se deram os processos dessa produção – citando alguns dos trocadilhos que mostram como a informação lexical é inserida na estrutura sintática. A autora ainda apresenta um teste de produção induzido de erros, cuja sigla é SLIP. No artigo ainda há a descrição de outro experimento, desta vez com imagens e ou descrição de figuras. Sobre pesquisas em andamento sobre o assunto, verificou-se que o sistema de produção da linguagem é modular, mas ainda se busca verificar em que medida há duas propriedades típicas de sistemas modulares. Há também técnicas mais recentes de pesquisas que envolvem rastreamento ocular.

No capítulo subsequente, intitulado *Distúrbios da Linguagem*, de autoria de Lilian Cristine Hübner, é apresentada uma contextualização geral dos estudos que envolvem a Psicolinguística dos Distúrbios da Linguagem. Hübner define Distúrbios da Linguagem como alterações manifestadas na linguagem, podendo ocorrer na produção da fala, na escrita, na compreensão oral ou na leitura. Ela salienta que as causas podem ser genéticas ou adquiridas, podendo ter início na infância, adolescência ou vida adulta. Algumas alterações implicam perdas gradativas das funções executivas, além da linguagem – como é o caso da doença de Alzheimer. Em outros casos, os distúrbios podem ser causados por lesão cerebral focal – sendo que há possibilidade de recuperação da linguagem e das funções cognitivas, dependendo do impacto da lesão. Na sequência, a autora situa a linguagem como um componente da cognição humana e sugere a noção de cognição como um conjunto de habilidades cerebrais/mentais fundamentais para a obtenção de *conhecimento*, tanto sobre si quanto sobre o mundo. Nesse contexto, a Psicolinguística interessa-se em “como” ocorre o processamento da linguagem, e a Neurolinguística inclui o interesse em “onde” o processamento ocorre. Hübner destaca o fato de se poder estudar os fenômenos linguísticos de duas formas: estudos comportamentais ou estudos com equipamentos (medir metabolismo ou atividade cerebral no processamento linguístico). A autora apresenta tipos de estudo e exemplifica, salientando que as investigações na área podem abranger, entre outros, distúrbios nas demências, comprometimento cognitivo leve (CCL) – comuns nas populações idosas; atrasos e desvios da linguagem – comuns na infância; e ainda, autismo, gagueira, epilepsia infantil, distúrbios específicos da linguagem (DEL), dislexia e afasia. Por fim, Hübner destaca o fato que, ao realizar estudos da linguagem nesse contexto, é importante que não se tenha em mente somente as limitações do participante analisado, mas que se tenha foco e atenção nos aspectos preservados.

O capítulo 8 intitula-se *Psicolinguística e Alfabetização*, de Leonor Scliar-Cabral. No capítulo, a autora propõe-se a definir o conceito do título, dando exemplos e explicando os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita, iniciando pelo nível do

domínio dos traços invariantes de que se compõem as letras e dos valores que os grafemas têm. A Psicolinguística aplicada à alfabetização investiga o sistema de escrita e suas características, evidenciando os desafios do aprendiz nesta tarefa. No texto, é feita uma minuciosa explanação sobre todos os sistemas de escrita descobertos até então, dos hieróglifos egípcios aos gregos. É comprovado que os sistemas de escrita das línguas são uma invenção tardia que está sempre em evolução, tentando aproximar-se da representação da fala, e os neurônios da leitura não são programados geneticamente para o reconhecimento da palavra escrita. A pesquisadora demonstra também que, embora os sistemas alfabéticos contemplem o requisito da economia, todos os sistemas de escrita vão de encontro à forma de como os neurônios da visão são programados para descartar informações não pertinentes, pois o sistema de escrita exige a assimetria da informação. Assim, a alfabetização não é espontânea e compulsória, pois os neurônios dessa região precisam ser reciclados. Os sistemas alfabéticos tentam ir de encontro à fala, quando exigem o desmembramento da sílaba. Para finalizar, a autora concluiu que, para tudo isso funcionar na alfabetização, requer-se o compromisso de um ensino-aprendizagem apoiado nas pesquisas com material adequado.

O capítulo a seguir é o capítulo 9, *Psicolinguística e Leitura*, de José Morais e Régine Kolinsky. Nele, os autores discutem que a leitura decodifica o que a escrita codifica. A habilidade da leitura permite o processamento das palavras escritas de uma língua de tal maneira que o leitor reconhece com rapidez e exatidão as palavras orais correspondentes ao símbolo escrito que representa o fonema. A língua falada é adquirida precocemente, desde a infância, e não requer ensino sistemático, enquanto que a leitura e a escrita necessitam de estímulo e instrução, podendo ocorrer em qualquer idade. A Psicolinguística da leitura verifica os mecanismos cognitivos de processamento das informações durante o processo de leitura, criando situações que inferem o processo utilizado. Sobre os estudos da Psicolinguística da leitura, os autores afirmam que nós não temos consciência de processar cada letra de cada palavra. Nos testes realizados na área, deve-se observar algumas variáveis importantes das palavras. Os autores afirmam que a leitura de textos possui problemas específicos, pois na leitura há maior complexidade sintática e informacional, já que é uma criação cultural e requer estudo, treinamento e prática cotidiana para ser aprimorada.

O capítulo 10, *Psicolinguística na Descrição Gramatical*, de Eduardo Kenedy, inicia com a explicação de que a Psicolinguística da Descrição Gramatical pode ser considerada como a inserção de estudos em gramática nos cânones metodológicos da Psicologia Cognitiva e da Neurociência. No decorrer do artigo, o autor compara a metodologia abordada ao usar a experimentação em linguística para elucidar os fundamentos da Psicologia na Descrição Gramatical, com a análise de *corpus* e os julgamentos realizados de modo intuitivo por um falante nativo. Kenedy explica que os estudos da linguagem abordados no capítulo têm como objeto de investigação fenômenos gramaticais que possibilitam a consideração na sua dimensão cognitiva – o que implica o estudo da realidade psicológica da gramática de uma língua natural. Para os que se interessam em compreender melhor os estudos na área, o autor apresenta cada uma das etapas que constituem o protocolo metodológico da pesquisa: técnicas experimentais, tarefa de experimento, delimitação de variáveis, condições experimentais, tratamento de estímulos, distribuição dos participantes e análise de resultados. Como principal linha de investigação, o autor cita a Sintaxe Experimental e destaca o crescimento da área, no sentido de abrir importantes espaços nos estudos da linguística.

Na sequência, o capítulo 11, *Processamento de segunda língua*, de Ingrid Finger, apresenta inicialmente uma contextualização evidenciando o crescente número de usuários de mais de uma língua – bilíngues e multilíngues. Finger caracteriza termos como *língua materna e primeira língua (L1)*; *língua adicional e segunda língua (L2)*, *bilinguismo* e *multilinguismo*. A autora salienta o fato de que nas últimas duas décadas o bilinguismo não se restringiu a um pequeno grupo de falantes; pois tornou-se comum falar mais de uma língua, independente da faixa etária, da sociedade, e é uma característica da maioria dos países do mundo. A autora argumenta que a importância dos estudos envolvendo o bilinguismo justifica-se por oferecerem a oportunidade de se elucidar em que medida os processos de compreensão e de produção da linguagem são dependentes de mecanismos cognitivos. Após apresentar uma retomada histórica englobando os primeiros experimentos envolvendo o processamento de L2, a autora identifica algumas das questões importantes para a área e argumenta que o que define a pesquisa em processamento de L2 é a investigação, a partir das metodologias adotadas, dos processos, mecanismos e procedimentos empregados de modo automático pelos falantes ao usarem a língua. Finger destaca que as investigações na área abarcam fonética/fonologia, morfossintaxe, semântica e pragmática: todos os aspectos da linguagem. Por fim, ela salienta que ainda são poucos os estudos que contemplam interfaces com outras áreas cognitivas, o que oportuniza a consideração dos sistemas de memória, controle cognitivo e atenção, emoção e consciência.

No capítulo 12, *Neurociência da Linguagem*, Anieli Improta França apresenta noções gerais acerca dos estudos da Neurociência da Linguagem, considerada pela autora como o estudo da cognição da linguagem como Neurociência. Nesse sentido, para ela, é uma ciência nova, que traz como proposta um nível de complexidade de pesquisa ainda a ser descoberto. Isso porque a neurociência da linguagem, ao olhar para a fisiologia cerebral, possibilita novidades para a pesquisa linguística. Para corroborar com essa afirmação, a autora apresenta como a linguagem era estudada até então e afirma que a Neurociência da Linguagem se solidifica em direção à caracterização do processamento da linguagem no cérebro. França apresenta alguns dados históricos e difere a *Neurociência da Linguagem*, a *Neurolinguística* (PNL) e a “outra” *Neurolinguística* (século XXI, voltada aos estudos linguísticos). Ela explica a correlação entre aspectos disfuncionais do processamento da linguagem e anatomia cerebral, abordando os estudos de Broca e Wernicke. França apresenta ainda como são realizados os experimentos de linguagem e como estudar os fenômenos. Para isso, ela aborda e explica algumas das técnicas, como ERPs, EEG e fMRI. Como grandes linhas de investigação, França destaca a verificação do curso temporal do processamento, oposições entre Modelos Seriais e Modelos Conexionalista e estudos envolvendo a aquisição da linguagem.

O capítulo que finaliza a obra, *Psicolinguística e Neurociência Cognitiva*, de Augusto Buchweitz e Mariana Terra Teixeira, traz à tona questões como a aquisição, o uso, a compreensão e a produção da linguagem, agregados ao âmbito comportamental e cognitivo do indivíduo. A Neurociência Cognitiva (NC) estuda as bases neurais de processos psicológicos complexos, como a memória e a atenção. É voltada para o estudo da anatomia e função neurais que produzem a cognição humana. Ela estuda a cognição humana, o desenvolvimento dos processos cognitivos e das bases neurobiológicas, do início ao fim da vida. Segundo os autores, A NC busca relacionar aquisição e aprendizagem da linguagem com desenvolvimento do sistema nervoso. Seus estudos utilizam-se de ferramentas de neuroimagem, como RME, explicada minuciosamente no texto. Para as autoras, a Neurociência Cognitiva tem mostrado resultados interessantes em relação à remediação de dificuldades de leitura. As linhas gerais de investigação nessa área estão voltadas ao desenvolvimento da linguagem e à aprendizagem de leitura.

A obra apresentada destaca-se por ser elaborada por psicolinguistas atuantes nas diferentes especialidades e por abarcar de forma direta e clara importantes questões e métodos, sem perder, no entanto, o foco unificador: a Psicolinguística. Desse modo, o leitor tem acesso a um panorama geral sobre as diferentes possibilidades dos estudos inseridos na área e os múltiplos caminhos que podem ser seguidos.

Recebida em 30/01/2016. Aceita em 04/05/2016.

DIALOGISMO
DAS “VOZES” E
HETEROGENEIDADE
CONSTITUTIVA DO SENTIDO.
O “LITERÁRIO”:
SEMELHANÇAS E
DIFERENÇAS DE ACENTUAÇÃO
EM VOLOCHINOV, BAKHTIN E
VIGOTSKI¹

Frédéric François*

Université Paris Descartes

Traduzido por Dóris de Arruda C. da Cunha**

ADVERTÊNCIA

Este texto não pretende apresentar um “pensamento original”. Também não é um trabalho erudito sobre os autores em questão. Retomo aqui um curso destinado a alguns professores sobre o que pode ser a especificidade da recepção do objeto “literatura” — e do discurso que se pode fazer sobre ela — em um diálogo muito rápido com esses três autores. Mas, nessa versão, suprimimos as considerações propriamente pedagógicas para manter apenas algumas considerações certamente instáveis sobre a leitura literária.

1 N.T. : Tradução do artigo *Dialogisme des “voix” et hétérogénéité constitutive du “sens”. Le “savoir”, le “quotidien” et le “littéraire”, communauté et différences d’accentuation chez Volochinov, Bakhtine et Vygotski*. Une contribution indirecte à la pédagogie du “texte littéraire”, publicado numa versão mais condensada em *Investigações - Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 19, n. 2, 2006, p. 79-141. Agradecemos a Frédéric François, que nos enviou uma versão mais longa para esta tradução com uma mudança no título e autorizou a publicação na revista Fórum Linguístico; a Fabiele Stockmans De Nardi, que cedeu os direitos de tradução e publicação do artigo, e a Heber de Oliveira Costa e Silva pela leitura cuidadosa do texto.

O original em francês pode ser acessado em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/1441>>.

* Professor honorário em Linguística na Université Paris Descartes, França.

** Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Católica de Pernambuco/CNPq. E-mail: dorisarrudacunha@gmail.com.

Uma primeira dificuldade: estudar as relações entre o pensamento de Vigotski e o de Bakhtin é uma tentativa fadada ao fracasso, dado o volume de obras e a variedade de movimentos do pensamento de cada autor, movimentos que não têm nada de unívocos. Especialmente porque Vigotski produziu muito em uma vida relativamente breve (1896-1934), e Bakhtin também escreveu bastante, mas numa vida longa (1895-1975), deixando muitos textos inéditos. Daí a impossibilidade para mim (para nós) de recuperar o movimento global do seu pensamento.

Acrescentam-se a isso dificuldades mais específicas. Dentre elas, o duplo problema ligado ao estado parcial das traduções e a minha ignorância das línguas, especialmente do russo, bem como as especificidades do que significa “pensar em uma língua”.

Vale acrescentar que agora me parece necessário distinguir completamente a contribuição dos dois livros de Volochinov, que constituem um pensamento diferente daquele de Bakhtin, em razão, entre outras, da releitura de textos de Gardin dedicados a essa questão² e da leitura do artigo de Charles Bazerman (2004): *Intertextualities: Voloshinov, Bakhtin, Literary Theory, and Literacy Studies*. Qualquer que tenha sido a história real de suas relações em uma “escola de Bakhtin”, os textos de um e de outro contêm, ao mesmo tempo, fortes convergências e diferenças consideráveis de acentuação. Por outro lado, também, vou tentar esclarecer as semelhanças e as diferenças entre Bakhtin e Vigotski, sem me preocupar com eventuais influências que explicariam essas relações.

Outra causa de insuficiência dessas reflexões é a dificuldade de se reconstruir o quadro intelectual desses pensamentos. Colocar os autores em seu tempo é um trabalho de historiador que não estou certo de poder fazer bem. Por exemplo, a linguística de Marr é, suponho, pouco conhecida pela maioria de nós. Há uma obra de Patrick Sériot – *Um paradigma perdido: a linguística marrista* – e posso apenas indicar algumas direções que ele aponta. Ademais, não sou formado para o trabalho de historiador das ideias nem é possível seguir a regra de objetividade mínima, que consiste em não dissimular nada nem modificar conscientemente. Mas, é claro, tanto a exaustividade quanto encontrar a “verdadeira perspectiva” em que tudo isso se organizaria é outra questão. Posso apenas constatar que Volochinov cita Marr frequentemente, nunca de forma crítica, e também que as obras fazem sentido para além de suas “condições de produção”, sentido que está em constante transformação. Além disso, não há algo unívoco que pudesse ser considerado o quadro, a perspectiva “da” modernidade e menos ainda a vitória final “da” verdade. Exceto o fato de não estarmos, por exemplo, na perspectiva “marxista revolucionária” ou projetando o futuro sobre o passado, “pré-stalinista”, tal como era em 1920, com a efervescência de ideias correspondentes. Também não estamos confrontados aos mesmos “outros”, “idealistas”, “formalistas”, “marristas” ou “pavlovianos”. Pode-se ainda acrescentar, para caracterizar nossa época, a multiplicação de conhecimentos, por exemplo, em neurologia, com grande número de publicações e a intensidade de circulação desses conhecimentos, mas também uma imagem do futuro no mínimo conturbada. No entanto, não há nenhuma ligação automática entre uma época e um campo de pensamento. Nem Vigotski, nem Bakhtin, nem Volochinov são apenas “homens de seu tempo”. Quanto a nós, obviamente, não podemos dizer muito sobre a nossa conexão com o nosso tempo, exceto que não podemos dar conta do conjunto de elementos que organiza nossa recepção. Por isso, não vou tentar tratar das relações de Volochinov e Vigotski com Freud.

1 ALGUMAS ORIENTAÇÕES BÁSICAS

Gostaria de explicitar, em primeiro lugar, algumas orientações para ilustrar as limitações da abordagem aqui apresentada, apoiando-me em dois autores próximos, mas “externos”.

a) Para começar, o texto de Gardin *O dizer difícil e o dever dizer*, que sintetiza, para mim, a questão do “exterior à linguagem”, como o que não é apenas o contexto em que as palavras adquirem sentido, mas sobretudo o que resiste ao discurso. Essa reflexão me parece necessária para falar concretamente da linguagem e, mais especificamente, dos “gêneros de linguagem” efetivos, e não da “língua”. O artigo de Gardin apenas levanta a questão, abrindo três perspectivas:

² Bernard (2005).

- o que pode explicar a dificuldade de elaborar um dizer? A lista é heterogênea, é o preço a pagar: “um branco”, a sensação de que falta a palavra;
- as censuras, os tabus, os “enunciados sacralizados” e as “morais languageiras”, a subestimação linguística e a não legitimação do falante; o excesso de pressões; o conflito dos interpretantes; os conflitos decorrentes do quadro da comunicação.

Por outro lado, coloca-se a questão do que nos leva a “dizer apesar de tudo”. Gardin se baseia na situação do discurso sindical contra o discurso patronal. Mas cada um de nós, suponho, tem seus exemplos de tais conflitos.

Essa dificuldade de dizer, pode se traduzir, finalmente, por incompletude, balbucio, mudança de semiótica (falamos com o corpo), “desespero”, retorno à linguagem estereotipada, retomada paródica do discurso do outro, pressão na língua, fazendo-a dizer para além da norma.

Gardin conclui lembrando aquilo que marca o sucesso de uma tentativa de superar esse difícil de dizer no discurso dos outros, eventualmente o uso bem-sucedido de fórmulas, transformando a invenção em lugar-comum...

Como sabemos, Politzer procurava opor uma psicologia concreta à psicologia das faculdades. Parece-me que há uma relação entre a sua tentativa, a de Gardin e o que estamos tentando propor sob a égide protetora desses nomes. Trata-se do que poderia ser uma descrição (relativamente) “concreta” dos movimentos dos discursos (é a isso que nos limitaremos aqui), dos signos, ou mesmo dos modos de ser dos humanos, em oposição aos conhecimentos que buscam tratar apenas do genérico das leis, das estruturas, das instâncias ou das funções psíquicas. Em primeiro lugar, não é só por prudência que colocamos entre parênteses “relativamente”. O que acontece na vida dos homens está sujeito a constantes mudanças e pode, por outro lado, ser sempre recolocado pelos próprios participantes ou terceiros espectadores³ em um número indefinido de perspectivas. Aprender “completamente” o sentido concreto de um ato é ainda mais absurdo do que tentar descrever completamente os movimentos das folhas de uma árvore agitada pelo vento. Podemos apenas nos questionar os modos de contextualizar o que estamos estudando, para antecipar o que será dito a partir de Bakhtin, tentar esclarecer primeiro não a língua dos textos, mas os gêneros de discurso, ou melhor, as variações perpétuas do modo de ação dos discursos sobre os destinatários. O que supõe também esclarecer o pano de fundo⁴ não dito, pressuposto ou aberto pela recepção do texto. Existem aí dois tipos de resistência ao dizer: a do objeto de que se fala que o discurso nunca torna completamente transparente. E também a do efeito do discurso sobre o receptor, efeito que resiste mais ou menos a um processo de elaboração do discurso⁵ adequada. E poderíamos acrescentar aqui as dificuldades específicas de se abordar textos oriundos de uma cultura distante, cujos panos de fundo nos escapam, tanto quanto as especificidades bizarras da linguagem silenciosa que fala continuamente em nós. Mas, para nos limitarmos a nossa relação com os autores não muito distantes, podemos começar nos questionando sobre nossa maneira de recebê-los, sobre os diferentes modos de compreendê-los, fora do mito de uma “paráfrase perfeitamente transparente”. Por exemplo, questionaremos o modo de compreensão “estranha” que vem do fato de um texto nos fascinar justamente porque estamos distantes, não teríamos sido capazes de produzi-lo, não sabemos contextualizá-lo, em suma, não temos certeza de compreendê-lo. A diversidade das condições da compreensão é provavelmente ainda maior do que a de se tomar a palavra. Ela faz, de todo modo, duvidar da falsa evidência de uma relação simples entre nós, as palavras e as coisas. Ademais, uma vez que é isso que constitui o horizonte deste ensaio, é difícil dar uma imagem concreta do que pode ser ajudar os “outros”, supostamente menos “competentes” e, em todo caso, diferentes uns dos outros, a se tornarem melhores leitores, capazes de variação em seus modos de apreensão dos textos e em sua compreensão do não dito através dos textos, sempre com os riscos de não dizer nada que já não tenha sido dito ou pensado.

³ N.T.: O terceiro é usado pelo autor no sentido bakhtiniano.

⁴ N.T.: Noção usada por Frédéric François (2009) aqui para se referir aos implícitos, ao conjunto de elementos da situação extraverbal, da “cena” na qual os discursos se constituem; ele usa também para se referir a background, conjunto de competências e experiências.

⁵ N.T.: O autor utiliza *mise en mots*, que significa literalmente “colocação em palavras”. Optamos por processo de elaboração do discurso porque, para o autor, a *mise en mots* é uma noção que poderia implicar que se trata de um conteúdo já completamente organizado que é em seguida “colocado em palavras”. No entanto, o processo de elaboração do discurso, segundo François, modifica a experiência de “colocar em palavras”.

b) Isso nos leva a um segundo ponto, talvez ainda mais geral, que seria a impossibilidade de separar “sentido” e “força”. Eu não gostaria de correr o risco de começar com uma “boa definição” de “sentido” e “força”. Justamente porque essas palavras, como todas as “grandes palavras”, não são designadoras de conceitos unívocos, mas lugares de conflito e de reacentuações. Seja como for, tendemos a considerar em primeiro lugar o “sentido” em termos de explicação possível: “o que isso quer dizer?”, e não em termos de “como isso age em você?” Mas ao mesmo tempo, muitas vezes temos menos a fazer com o *nonsense* como indecifrável do que com o conjunto do que não tem força para nós, não nos diz respeito, nos é indiferente ou fora do âmbito de nossas preocupações. O que ilustra, pelo menos negativamente, a articulação do discurso com uma certa “força”, mesmo que o sentido permaneça opaco. Podemos distinguir aqui a questão da “força” em si (ou para outros), a do modo como sentimos essa força e a da “representação” abstrata que nós damos dela, por exemplo, quando falamos de “afetos”.

Poderíamos propor principalmente que considerar a linguagem em termos de diálogo, e não de enunciados “por si mesmos”, leva à impossibilidade de separar o que são os signos como força e como capacidade de representação. O dizer do outro vai primeiramente me colocar em movimento, me entusiasmar, me indignar, me questionar. Ou, pelo contrário, eu tomo isso como a mesma ladainha, com a possibilidade também de uma ação progressiva em mim, sem que eu perceba no momento. Assim como a capacidade que temos de falar para nós mesmos é acompanhada, pelo menos às vezes, de preocupação referente a “de onde me vem isso?”. Da mesma forma, agem em nós, sem que saibamos bem como, a culpa, a vergonha ou a modulação do nosso “primeiro movimento”. Tudo isso é o dado dialógico básico, sem que se deva necessariamente identificar (o que seria no mínimo problemático) as diferentes instâncias subjacentes aos diferentes movimentos.

Em todo caso, as relações entre “sentido” e “força” (quer se trate de discurso, de gestos ou mesmo de modos de ser) fazem parte do difícil de dizer, mesmo quando não pretendemos dar uma “boa definição” das “grandes palavras” como “psiquismo” e “pensamento”, por exemplo, lugar onde supostamente se faria essa união força-sentido.

De qualquer forma (e para ficar na linguagem, na medida em que se pode isolá-la), há, sem dúvida, na maneira mesma pela qual cada um sente a força das palavras de si e dos outros, grandes diferenças de estilo, assim como no modo como tentamos teorizar sobre isso. Parece-me que cada um de nós retoma aqui uma parte do que foi dito, o acentua, por um lado, segundo o espírito da época, por outro, em função de suas próprias orientações⁶, de maneira explícita ou implícita. E esse dito será, por sua vez, explícita ou implicitamente reconfigurado pelo receptor. “Implícito” podendo ademais significar muitas coisas, o óbvio ou o misterioso, o que é familiar ou distante, especialmente o que abre ou não perspectivas. Mas sabemos de antemão o que é “pensar bem” sobre tais problemas? Em todo caso, a palavra “força” é, ao mesmo tempo, familiar e enigmática. Ela nos faz sem dúvida pensar em força física e em suas várias formas. A “força” de um discurso se aproxima desta última, como nas ocasiões em que temos a sensação de que não podemos escapar da coerção do que é dito? A “força” de uma proibição seria desse tipo? Mas é a força do próprio enunciado ou a força decorrente do prestígio, da autoridade de quem disse? Existem, contudo, muitos outros tipos de forças. Assim, no caso da linguagem, haveria, em primeiro lugar, o tipo de força que provém do fato de se partilhar o mesmo sistema de signos: pensemos na convivência daqueles que têm a mesma língua ou os mesmos pontos de referência. Note-se que a força dessa ligação pode ser tão habitual que só nos tornamos conscientes dela quando ela falta e nos sentimos perdidos. Essa ligação pode funcionar como força de uma “grande comunidade”, ou ao contrário, como signo de convergência de um subgrupo, seja no caso de uma gíria, de um efeito de moda, de um jargão técnico, de uma marca de pertença a uma religião, a um partido político, ao fato de ser discípulo de A ou B. Há, ao contrário, o aspecto maravilhoso e/ou aterrorizante do choque da revelação de um aspecto desconhecido ou da ruptura do que parecia óbvio e, de modo geral, às forças de coerção poderiam se opor todas as forças do que “faz parecer diferente”. Assim, no exemplo da sedução ou da inquietação produzidas pelo sonho como modelo de “literatura espontânea” (mesmo se ele obriga a ampliar o sentido usual de “linguagem”).

⁶ N.T.: Noção proposta por François (2009, p. 10-11), autor que “se opõe a ‘aplicar uma regra’, ‘resolver um problema’ ou ‘estar completamente perdido’. Aquele que se orienta pode retornar à situação em que está. Ele não está necessariamente ‘desorientado’. [...] há situações mais ou menos típicas em que estamos confrontados com a necessidade de nos orientarmos. Podemos partir do ‘caso geral’ da criança que enfrenta a situação da forma como ela pensa e o que dizem os seus pais. [...] Em nossa vida de adulto, quando somos confrontados à distância entre o que se apresenta para nós na experiência da vida real e tal momento e as considerações gerais, as regras, ou princípios aprendidos”.

Pontalis propôs o termo “força de atração” como título de um de seus livros. E existe, evidentemente, uma força de sedução (mas qual a ligação entre “sedução” e “atração”?) daquilo que nos surpreende. Teria aqui tudo o que poderíamos chamar de “força da alteridade”. E haveria também, além da força da coerção, da ascendência, da alteridade, a força de resistência que é o humor, o distanciamento, como força de nossa própria fraqueza. Acrescente-se a isso, contrariamente ao que se passa na “boa transmissão” de informações, o que tem de inevitável no fato de nenhuma “mensagem” ser completamente traduzível e que, em vez disso, o “modo de dizer” opera em nós pelo que tem de surpreendente ou de confuso, na medida em que nos faz pensar além do estritamente dito, justamente pelo seu tom e pelas repercussões que provoca. Todos esses efeitos variam necessariamente em função dos receptores e da disposição deles para receber tal tipo de discurso, para reagir com violência ou sem saber como se orientar em relação a ele. É em torno dessa diversidade de tipos de “sentidos-forças” que poderíamos tentar levantar a questão da cultura e da transmissão cultural...

Estamos, obviamente, muito longe das evidências cartesiana ou espinosista do *verum index sui et falsi* e da força própria da verdade. Podemos apenas constatar que, assim como não há um só tipo de forças, há mais diferenças do que semelhanças entre a revelação de um encontro, a preocupação em que nos coloca a previsão quando se torna realidade, a verdade do cálculo astronômico e a da reconstituição arqueológica. Em todo caso, é a partir do choque produzido em mim pela leitura dos três autores russos que eu gostaria de orientar minha proposta. Todavia, no caso dos textos de Volochinov e de alguns de Bakhtin, o choque é antigo, mas foi renovado, tanto para certos textos de Bakhtin como para os textos de Vigotski, tendo em vista que minha leitura desse último vai se limitar praticamente àqueles que eu desconhecia, consagrados à vida emocional e, sobretudo, à obra de arte. Tudo isso remete, em todo caso, a uma caracterização (subjéctiva) desses três autores como grandes homens: não aqueles que transmitem “verdades”, mas ajudam (ou obrigam) a refletir de forma diferente na selva do real, com este paradoxo “dialógico”: estamos no fim das contas sempre sós na relação estar perdido/nos orientar e ninguém pode pensar sozinho. Além disso, fui conduzido a utilizar a noção de “momento” (mas não no sentido hegeliano em que um conhecimento final será capaz de colocar em seu lugar cada um dos “momentos” do pensamento). Uma vez que houve choque, faz-se necessário reproduzi-lo, colocá-lo em relação com o resto, com o pensamento indeterminado⁷ ou com a repercussão particular em cada um de nós.

(Proponho aqui a palavra *repercussão* para indicar que não há diferença “natural” entre perceber, compreender e sentir, mesmo que tenhamos concomitantemente a experiência de que o mesmo objeto pode provocar diferentes modos de repercussão em nós, assim como pode ser percebido de vários pontos de vista).

c) Mas outra ampliação também se impõe. Não se trata só de articular “sentido” e “força”, mas de estender “sentido” ao conjunto das atividades do corpo vivo, animal ou humano. Que a interação dos corpos sobretudo na relação adulto-criança é uma fonte primária do sentido tornou-se para nós uma evidência que não era há um século atrás (pelo menos, entre os teóricos). Por exemplo, nos escritos de Wallon, sobre as modificações do sentido do grito na interação entre criança e adultos, ou quando ele lembra como as primeiras manifestações afetivas ocorrem, por exemplo, na altivez ou vergonha, sob o olhar de outrem. Aliás, se é difícil encontrar “fenômenos” humanos que não obedecem a essas mediações, é legítimo buscar, como parece que faz Vigotski, um limite entre funções psíquicas inferiores e superiores? Mas há também a ligação entre a possibilidade de “fazer sentido” e o conjunto dos monumentos, das obras humanas e do modo como eles nos afetam, daí a referência à continuidade-ruptura entre o animal e o homem. Continuidade, porque percebemos melhor do que percebíamos um século atrás o parentesco das relações de apego, de dominação, de jogo entre humanos e primatas. Ruptura, porque somos mais sensíveis à forma como o sentido faz articulação, e o faz através de terceiros que são as instituições e/ou objetos culturais (quer seja o garfo, a rua ou “obras de arte”). Como vemos, por outro lado, que o modo de não perceber ou recusar a cultura dos outros é uma das primeiras formas de violência, cotidiana ou excepcional. Essa ligação entre sentido, obras e cultura evoca a obra de Ignace Meyerson e a necessidade de encontrar o “sentido” entre nós, nossos outros e nosso mundo, e não *na* interioridade ou intencionalidade.

d) Parece-me que um outro quadro preliminar é constituído de tudo que a fenomenologia e/ou a hermenêutica nos leva a estabelecer sobre a pré-compreensão, anterior à explicitação teórica. Nossa presença no mundo, no tempo, nos outros, nas obras, o modo como nosso corpo e nosso pensamento se orientam existem bem antes do exercício do pensamento discursivo ou verbal. Além disso,

⁷ N.T.: Trata-se aqui do pensamento do “on” francês que pode ser traduzido em português por “se”, utilizado como índice de indeterminação do sujeito, ou ao “eles”, sem referência a nenhum termo identificado anteriormente, no caso dos sujeitos indeterminados, com o verbo na terceira pessoa do plural.

ninguém é capaz de distinguir em si o que é genérico ou particular no seu modo de presença no mundo. Não mais aliás do que o modo de pensar, como mostra a multiplicidade de maneiras de descrever, de colocar em perspectiva ou a diferença que existe entre a nossa capacidade de reagir negativamente a uma explicação quando sentimos que “não é bem assim” e nossa habilidade positiva “para descrever corretamente”.

Mas a questão que se coloca então é sobre a diferença que existe entre evocar essa multiplicidade de aspectos e a possibilidade de efetivamente dar conta dela. Saímos, de modo geral, dos modelos estruturalistas redutores. Mas cada um não está limitado a seus objetos como a seus estilos de abordagem, sendo o “resto” mencionado no horizonte, mas não elucidado de fato? O que poderia talvez levar a uma reflexão sobre a forma como os textos que se definem como filosóficos ou científicos estão sujeitos à mesma variação inevitável de “pontos de vista” que os textos “literários”.

e) Ademais, parece que as obras foram analisadas em função de suas condições de produção. Mas o que caracteriza, em geral, os textos que lemos é que não poderíamos produzi-los. E isso é constitutivo do efeito desses textos em nós. Gostaria de acrescentar que considero que não se pode dizer quase nada sobre os processos de elaboração das obras e que há sempre um risco de falar de “obras” como se tivéssemos acesso às “obras em si”. O que pode ser analisado é, sobretudo, nosso processo de leitura, sempre com a dificuldade de discernir o que na nossa leitura é parte de um “nós” mais ou menos intercambiável.

f) Um desafio final. Não podemos não nos situar numa filiação, numa relação com o pensamento dos outros e, especificamente, dos nossos “pais”. E, ao mesmo tempo, esse alinhamento tem sempre algo estranho. É assim quando se invoca uma escola bakhtiniana ou vigotskiana? Com todas as querelas (cômicas?) que isso acarreta para saber quem são os melhores “filhos”?

Para não personalizar a questão, parece-me que, de qualquer modo, não é possível ser simplesmente “filho de”: toda “transmissão geracional” é também modificação. O que é magnificamente revelado no caso dos filhos de Freud ou de Marx, mas se encontra igualmente em outras filiações, sobretudo porque a paternidade cultural, felizmente, é mais partilhada que a paternidade da procriação corporal e que, correlativamente, não há algo de unívoco que seria a perspectiva de tal escola ou de tal indivíduo.

O objetivo aqui não é, como no início de algumas teses, apresentar um “estado da arte”, o que dá geralmente uma configuração com certeza objetiva, mas bastante lamentável do “pensamento dos outros”. Assim, o que não tem repercussão direta em nós não é, no entanto, anulado. Para dar um exemplo mais grosseiro: não temos, parece-me óbvio, a perspectiva revolucionária imediata que dominava nos anos 1920, de substituir a sociedade capitalista por uma sociedade socialista, acabando com a luta de classes. Isso não elimina o pensamento ou o sonho, se não de um “homem total” ou de um “homem reconciliado”, mas de uma sociedade onde, pelo menos parcialmente, a violência da exploração teria sido dominada. Nesse ponto, estamos ao mesmo tempo próximos e distantes de nossos “grandes antepassados”.

De todo modo, eu não gostaria de aproveitar minha relação provisória de vivo com autores mortos para “colocá-los em seu lugar”, mas, ao contrário, para destacar o que provocou em mim um choque na leitura desses autores, esperando conseguir transmitir um pouco desse choque, e fazer dele uma ligação, questionando um pouco o que nos serve de “pano de fundo” discursivo habitual. “Choque”, “articulação” e “pano de fundo” (cada uma dessas noções pode ser, por sua vez, pluralizada) parecem ser três aspectos do que pode ser livremente agrupado na noção bastante vaga de “sentido”.

g) O que leva à última observação introdutória: no campo geral do que o termo abrange, e devido à sua repetição, “dialogismo” corre sempre o risco (como todas as grandes noções) de não querer dizer mais nada. Parece-me que os três autores mencionados no título propõem algo em comum: considerar primeiro os “pensamentos” como “signos” significa dizer que o pensamento não está primeiramente em nós, mas entre nós, sobre a base contraditória do que nos aproxima e de nossa heterogeneidade (em relação a nós mesmos e aos outros). Aqui “dialogismo” não se refere apenas à diferença de “vozes”, mas à heterogeneidade fundamental das formas de sentido, seja, por exemplo, a oposição feita por Bakhtin entre monologismo e plurilogismo, seja a apresentada por Volochinov entre “língua materna” e “língua estrangeira”. Finalmente, no caso de Vigotski, vou me debruçar não sobre o que é bem reconhecido – o que há, de certa forma de acidental, no encontro do pensamento e da linguagem – mas sobre a tensão, fonte do efeito próprio da recepção estética, entre a fábula, o conteúdo e o sentido produzido pela organização formal do texto.

Trata-se, portanto, de me orientar (e não de desenvolver um “conhecimento”) em um campo bastante opaco e, especialmente, heterogêneo, repleto de já-ditos, de práticas múltiplas e de questões urgentes. O que dizer, então, de um diálogo a três (pelo menos) que é efetivamente a relação entre os textos, os adultos como mediadores e os modos de leitura que podem fazer os “mais jovens”? Partimos da observação da diferença entre as evidências das gerações, as evidências de cada um e os hipotéticos elementos de “terreno comum da humanidade”, estabelecendo uma relação aleatória, base do aspecto aleatório do diálogo, especialmente porque não há um discurso do saber que diria com certeza o que é “verdadeiramente importante” nessas semelhanças e nessas diferenças. Podemos apenas constatar que noções tradicionais como a de cultura, de legado ou de transmissão se tornaram problemáticas e que não vemos que solução teórica poderíamos dar aqui.

A questão que se coloca especialmente aqui é a da ligação do que faz “nossa realidade” e do que aparece por meio dessas obras. Seria o caso, por exemplo, de a ficção ser apenas “distante da realidade” ou ao contrário a leitura de tal obra é uma via (ou a via) pela qual alguns aspectos do “real” se manifestam para nós? Podemos fazer a estranha constatação de que contamos histórias às crianças, que “temos prazer” (algumas vezes) em ler, que uma vulgata supõe que é necessário “ser culto” e que isso ocorre por meio da leitura, mas nunca se sabe muito bem qual é a relação entre leitura-prazer, leitura-cultura e a nossa vida como um todo, nem se sabe também de forma mais clara o que é a suposta “cultura erudita”. Será que há alguma obrigação para nós de apresentar aos alunos um determinado autor e por que razão? Parece-me – e é, espero, uma das justificativas deste ensaio – que Bakhtin, bem como Vigotski, tenta identificar o que há de específico no modo de agir da forma literária, que faz a realidade repercutir em nós diferentemente do que ela aparece em outras formas de mediações. Mas dizer isso não invalida a questão da diversidade de leituras de uma mesma obra. Aqui o dialogismo corre o risco de se transformar em babelismo. Isso porque o “textual” não pode ser considerado por si só, porque ele é “por natureza” referência ao extratextual e isso, ademais, no modo não determinado da alusão. O textual é algo “fechado” em relação a um “aberto”, que não pode jamais ser atualizado completamente. Assim, enquanto estamos interessados no explícito do texto, podemos concordar; no momento em que nos interessamos ao que ele remete de modo não explícito, tudo muda. Certamente há o saber supostamente partilhado (cuja explicitação tem um papel importante na vida escolar). Mas há inversamente a diferença de nossos modos de reação. E é impossível pressupor que apenas o comum é essencial, o diferente sendo acidental. É precisamente uma das características da obra literária: fixar a realidade flutuante das diferenças, e, principalmente, dar uma forma quase estável aos “mundos” ou aos “outros”, cuja variabilidade e indeterminação habitam as profundezas de cada um de nós.

Daí, o foco deste texto em três aspectos:

- a noção de “ideologia do cotidiano” de Volochinov e sua relação com a língua da cultura como língua estrangeira;
- o estabelecimento de um “dialogismo irreduzível” de Bakhtin;
- a teoria da arte e sua ligação com a teoria da emoção de Vigotski.

Um dos pontos em que há convergência dos três autores é que os textos (literários, em particular) não são formas da “língua” em sua abstração, mas se diferenciam em gêneros sociais diversos. Foi Bakhtin quem postulou a oposição em “gêneros primários” e “gêneros secundários”, mas essa distinção é mais ou menos explícita nos outros dois. Pareceu-me que esse ponto era suficientemente conhecido para não se voltar a ele aqui.

Poderíamos ter feito um vaivém entre os temas dos três autores. Mas haveria o risco de ser o manipulador de marionetes, o todo-poderoso monologista temporariamente vivo, que faz dialogar os mortos. Preferimos uma concepção mais “pedagógica” num sentido mais modesto do termo. Lembraremos inicialmente alguns aspectos do pensamento de Volochinov, limitando-nos a alguns pontos principais: em primeiro lugar, algumas palavras sobre a vontade de “materialismo” de Volochinov; em seguida, a elaboração da noção de “ideologia do cotidiano” que ele apresenta como sendo o modo como nosso espaço mental é tecido, como lugar em que “a cultura” encontra nossa vida. Depois, algumas palavras sobre o papel da “língua estrangeira” na constituição da cultura. Por fim, deixo de lado como pano de fundo as considerações polêmicas sobre o materialismo, Freud ou contra o subjetivismo humboldtiano e o estruturalismo. Exceto para lembrar que o texto de Volochinov propõe de modo bastante claro não opor simplesmente “língua” e “fala”, mas buscar constantemente o jogo entre linguagem “indeterminada”⁸, linguagem do “outro” e “nossa” linguagem.

⁸ N. T. : Langage de “on”. Ver nota 9.

Como se trata aqui principalmente da cultura, tal como ela é trazida pela literatura, era natural que Bakhtin fosse colocado no centro da discussão. Poderíamos ter separado os textos de Bakhtin contemporâneos dos de Vigotski e, depois de falar de Vigotski, retornar aos últimos textos de Bakhtin. Mas ao meu ver há uma unidade do pensamento de Bakhtin (mais uma vez posso estar enganado), que será apresentada em três aspectos. Primeiro, uma breve visão de uma filosofia muito geral das ciências humanas, da estética e de sua relação com a ética, ou com a vida real de cada um de nós (tanto em textos de 1920-1930 como em textos mais tardios), bem como da distinção entre “gêneros primários” e “gêneros secundários” e da possível retroação dos segundos sobre os primeiros. Em seguida, observações sobre a relação entre o autor e o herói (ou a obra). Finalmente, alguns aspectos do seu pensamento sobre o tema mais conhecido, me parece, da oposição monologismo-dialogismo, ilustrada pelas figuras de Rabelais e Dostoiévski.

Apresentarei, para encerrar o quadro teórico do pensamento estético, algumas observações de Vigotski (não o conjunto dos livros que ele dedicou a esse tema) sobre a relação entre as emoções, os sentimentos e a cultura, insistindo especialmente em seu trabalho sobre a obra de arte, que me parece ao mesmo tempo original e menos conhecido.

2 ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO DE VOLOCHINOV, sob os quatro aspectos do que pode ser chamado de violência materialista: a introdução da problemática da ideologia e da ideologia do cotidiano, o papel da “língua estrangeira” e finalmente o que é dito (muito próximo de Bakhtin) sobre a heterologia fundamental da linguagem.

a) Sobre os dois primeiros pontos, começo lembrando algumas citações do livro *O freudismo* de Volochinov. Primeiro, porque sua publicação é anterior a do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, publicado em 1929 (os dois textos da edição francesa do *Freudismo* foram publicados originalmente em 1925)⁹. E porque Volochinov, especialmente aqui, se coloca como marxista e materialista, mais do que Vigotski, que discute com a tradição psicológica alemã, sem parecer, na maioria dos casos, que o “marxismo” toma conta do seu discurso, e mais do que Bakhtin, cuja referência ao marxismo é discreta, até mesmo reticente, em todo caso, menos explícita do que a que ele faz à figura de Cristo. Ele o faz enfatizando pelo menos quatro pontos:

— Primeiro, a necessidade de levar em conta o lugar dos homens na sociedade, no que ele critica Freud, com razão a meu ver, por não o fazer.

— Em seguida, referindo-se à reflexologia como a única parte da psicologia verdadeiramente materialista de fato desenvolvida. Pode-se notar aqui o interesse da crítica de Volochinov à noção freudiana de “inconsciente”. Ele a critica porque esse “inconsciente” é constituído a partir da divisão tradicional em pulsões, sentimentos, representações, “o que significa que se lhe dá uma estrutura análoga à da consciência, e isso até mesmo nos mínimos detalhes” (Bakhtin, 2007, p. 50). Imagino que os freudianos responderiam que o principal para eles é a oposição dos processos primários e secundários, que introduz uma diferença real, mas isso nos remeteria à questão de saber se são duas instâncias ou duas formas de pensamento constantemente entrelaçadas, como quando, ao mesmo tempo, uma pessoa é identificada (processo secundário) pelo seu papel social atual e (processo primário) porque ele nos faz pensar sobre o modo como ela age em nós.

Sabemos que Volochinov desenvolve a noção, original para mim, de “ideologia do cotidiano”: “Chamamos *discurso interior e exterior* a ‘ideologia do cotidiano’ que penetra integralmente o nosso comportamento. Em certos sentidos, essa ideologia do cotidiano é mais sensível, compreensiva, nervosa e móvel que a ideologia enformada ‘oficial’” (Bakhtin, 2007, p. 88-89). Mas Volochinov acrescenta que ela obedece às mesmas leis que a ideologia externa. “O sonho, o mito, a brincadeira, o gracejo e todos os componentes verbais das formações patológicas refletem a luta de diferentes tendências e correntes ideológicas que se constituíram no interior da *ideologia do cotidiano*.”

— Ao mesmo tempo, Volochinov tenta caracterizar a tomada de consciência:

⁹ N.T.: A edição francesa intitulada *Le freudisme*, atribuída unicamente a Bakhtin, contém dois ensaios: “Au-delà du social. Essai sur le freudisme” e “Le Freudisme. Essai critique”. A edição brasileira, também atribuída a Bakhtin, traz apenas o segundo (Bakhtin, M. O freudismo: um esboço crítico. São Paulo, Perspectiva, 2007). O primeiro ensaio, Para além do social, foi publicado na coletânea Volochinov, V. N. A construção da enunciação e outros ensaios. São Carlos, Pedro & João Editores, 2013. As citações são da edição brasileira.

Ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim com os olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, da minha classe. Desse modo, a *autoconsciência* acaba sempre nos levando à *consciência de classe*, de que ela é reflexo e especificação em todos os seus momentos essenciais, basilares. (BAKHTIN, 2007, p. 87)

O que parece ir de encontro à apresentação anterior da ideologia do cotidiano. Mas o que é certo é que Volochinov parece considerar como óbvia a identificação da consciência a uma consciência de classe, o que é para mim (para nós?) no mínimo opaco. Um pouco mais tarde, Volochinov apresenta de forma um pouco diferente o futuro de nossa consciência:

Quanto mais claro se torna meu pensamento, tanto mais ele se aproxima dos produtos enformados da criação científica. Além do mais, meu pensamento não consegue atingir a clareza definitiva enquanto eu não lhe encontro uma formulação verbal precisa e não o associo àquelas teses da ciência que dizem respeito ao mesmo objeto, ou melhor, enquanto eu não transformo o meu pensamento em uma obra científica importante. (BAKHTIN, 2007, p. 87)

Essa capacidade de transformar em ciência o conteúdo da nossa consciência me deixa cético. Sobretudo porque Volochinov acrescenta: “Um sentimento qualquer não pode atingir maturidade definitiva e precisão sem encontrar a sua expressão externa, sem fecundar palavras, ritmo, cores, isto é, sem tomar a forma de uma obra de arte” (Bakhtin, 2007, p. 87). O que é muito bonito e menos estranho no imediato, mas supõe também que há de um lado o pensamento, de outro o sentimento, numa dicotomia que ele parecia criticar acima e que não permite pensar em obras de arte que não são conceito ou sentimento (me parece) não muito diferente do que transmite aliás a tradição religiosa. O fato é que, para nós, de modo mais difícil ainda de compreender, Volochinov menciona o papel das contradições sociais. Ele nos diz então que “*em um grupo sadio, e num indivíduo sadio, a ideologia do cotidiano fundada na base econômico-social, é integral e forte: não há nenhuma divergência entre a consciência oficial e a não-oficial*”¹⁰ (BAKHTIN, 2007, p. 89). Os desenvolvimentos de Volochinov vão aqui em diferentes direções e sentidos:

Existe um campo sumamente importante do comportamento humano, em que os contatos verbalizados se estabelecem com grande dificuldade e por isso ele escapa de modo especialmente fácil do contexto social, perde a sua forma ideológica, degenera no estado animal primário. É o campo *sexual*. A decomposição da ideologia oficial se reflete antes de tudo nesse campo do comportamento humano. Torna-se centro de acumulação de forças associativas e antissociais. (BAKHTIN, 2007, p. 90)

A diferença de nossas evidências faz com que quase paremos em cada enunciado de Volochinov:

— Falar adequadamente do sexual é certamente difícil. E não é a multiplicidade de divulgações científicas que nos envolvem que levam a pensar o contrário, especialmente quando se reconhece que a especificidade do pensamento freudiano é de ter construído o conceito difícil de sexualidade infantil e de sua persistência em todos.

— Mas, por outro lado, o controle social se exerce de outras maneiras além da linguagem. E perguntas sobre a articulação entre normalização da existência sexual e manutenção dos problemas centrais da vida sexual (e/ou afetivo-sexual) permanecem.

— Os “desvios antissociais sexuais”, se há algo que podemos chamar assim, certamente não vão na direção da “animalidade primitiva”.

Entretanto, o que faz funcionar para nós o texto de Volochinov não é o “complexo” constituído pela mistura de sua violência simplificadora e pela mudança de perspectiva que consiste em não mais falar em ideologia de modo geral e ainda menos da linguagem em geral, mas da questão das relações entre a ideologia do cotidiano e a ideologia pública em um psiquismo permeado pela vida social?

¹⁰ N.T.: Os itálicos nas citações são do autor russo.

Por isso, considero que há interesse na crítica dirigida a Freud de não considerar sua própria situação social nem os diversos modos como funciona a consciência, particularmente nos conflitos entre o analista e o analisando como sendo mais “reais” do que os conflitos “internos”. Aqui Volochinov antecipa o que será dito sobre as relações entre transferência e contratransferência?

O texto de Volochinov pode conter uma visão simplificada da relação do indivíduo e da sociedade, no entanto, contém duas críticas fundamentadas de Freud. A primeira é que Freud não leva em conta a sua própria situação social. A segunda é relativa à amplitude da noção de inconsciente, como máquina para explicar tudo, correlativa de uma ausência de análise do que é “consciente”.

Volochinov questiona-se ao mesmo tempo sobre a distinção entre teoria e prática: a realidade da análise, diz ele, é a luta entre o psicanalista e seu paciente, luta que ele apresenta como conflito entre as não palavras do paciente e as palavras do analista. É esse conflito que é real, enquanto os conflitos que pretendem ser explicativos têm o inconveniente de falar de um pai e de uma mãe sem levar absolutamente em conta as relações sociais.

Deve acrescentar-se que a análise da “ideologia do cotidiano”, tanto interna como externa ao psiquismo, é mais desenvolvida em *Marxismo e filosofia da linguagem*. Texto posterior, influência de discussões (com Bakhtin?), mais espaço? Não sei.

Volochinov dá, no capítulo 1, um conteúdo muito amplo à “ideologia” e ao “signo”, postulando que toda ideologia é signo e, sobretudo, que todo objeto material pode também funcionar como signo. Correlativamente, ele postula que só há consciência no que pode aparecer como “signo”. Acrescenta finalmente que a palavra é o único material semiótico universal, embora música, pintura ou ritual não possam ser reduzidos ao discurso. A palavra é então caracterizada pela sua pureza semiológica (os outros signos não são apenas signos) e sua onipresença social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 41).

É no terceiro capítulo (“Filosofia da linguagem e psicologia objetiva”) que aparece o centro do pensamento de Volochinov: a expressão psíquica pode ser interior ou exterior, mas, de todo modo, é de natureza “semiótica”.

O que é que constitui o material semiótico do psiquismo? Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, *tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo*. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 52)

Esse trecho é evidentemente rápido, deixa sem explicação a questão do “expressivo para o outro” e do “expressivo para si”. Entretanto, acrescentando ao que foi dito acima, a saber que todo objeto “real” é, ao mesmo tempo, signo, tem-se uma articulação entre corporal e signo assim como relação social e signo: “Mas, é certo que sem uma orientação social de caráter apreciativo não há atividade mental”. Como mostra o exemplo, que diz que é em função do lugar social que a fome se torna queixa, resignação ou revolta (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 114). E ele acrescenta:

É verdade que nem todos estes elementos têm igual valor. Para um psiquismo relativamente desenvolvido, diferenciado, um material semiótico refinado e flexível é indispensável e, por sua vez, é preciso que esse material se preste a uma formalização e a uma diferenciação no meio social, no processo de expressão exterior. É por isso que a palavra (*o discurso interior*) se revela como o material semiótico privilegiado do psiquismo. É verdade que o discurso interior se entrecruza com uma massa de outras reações gestuais com valor semiótico. Mas a palavra se apresenta como o fundamento, a base da vida interior. A exclusão da palavra reduziria o psiquismo a quase nada, enquanto que a exclusão de todos os outros movimentos expressivos a diminuiriam muito pouco. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 52)

Tais avaliações gerais me deixam preocupado. Parecem ignorar tudo o que de nossos modos de ser, de fazer, de sentir fica à margem da linguagem, difícil de dizer, ou até necessariamente mal formulado. O mundo do corpo deitado e do corpo em pé, andando ou

agindo; só ou em grupo ou a prontidão¹¹, de que nos fala Wallon. Há aí uma diversidade de relações aos outros e a si que excede as “relações de classe”. E todas essas modalidades me parecem caracterizadas por formas de consciência-inconsciência, sobressemiotizações ou pensamentos que podem ser sempre revistos. Falar de “falsa consciência” significaria que sabemos o que é uma “consciência verdadeira” ou adequada. É esse o caso? Nossas formas de tomadas de consciência são necessariamente limitadas, como a que opõe minha relação ao que sinto, ao que digo sobre isso, ao que me diz o outro, ao que eu apreenderei mais tarde. Cada um reconhece por exemplo que o que percebia como “naturalmente” não era tão natural assim ou que agora faria de outra forma. Não se trata de substituir um erro absoluto por uma verdade absoluta. Contudo, ao mesmo tempo que falar sobre o objeto (complexo, é verdade) da “ideologia do cotidiano” como relação entre sentido corporal e sentidos sociais, especialmente verbais, continua sendo uma forma que me parece legítima de colocar o problema da ligação entre corpo-sociedade-sentido, é possível se questionar sobre a supervalorização da linguagem em relação a tudo o que caracteriza nossas maneiras de ser, sentir ou fazer sem ser dito. E, especialmente, em relação a tudo o que na nossa relação ao mundo, aos outros, a nós mesmos inclui a linguagem, mas não se limita a esse aspecto linguageiro. Parece-me que, assim como o corpo do animal só existe pela sua relação com seu *Umwelt*, da mesma forma é primeiramente o nosso corpo que faz com que estejamos cercados de um universo de valores, sedutor, neutro, ameaçador, e que tudo isso é experimentado antes de ser dito. É verdade, evidentemente, que o dizer estenderá os limites do que é sentido para longe, ao mesmo tempo que a tonalidade específica desse sentir resistirá ao processo de elaboração do discurso. Com a multiplicidade das relações entre semióticas discursivas e outras semióticas: o que se sente com uma música resiste a um discurso “adequado” tanto quanto a visão de um rosto? O que não impede que a linguagem seja o principal meio da presença em nós de um longínquo e/ou da alteridade dos pensamentos dos outros. Se bem que analisar o que passa pela linguagem é analisar ao mesmo tempo o que resiste ou o que a linguagem necessariamente modifica para poder dizer.

b) Algumas palavras agora sobre o que me parece se integrar mais particularmente a uma “teoria literária” no sentido amplo: a questão da articulação entre a língua materna e língua estrangeira. No Capítulo 5, “A linguagem, língua e fala”, a palavra estrangeira aparece pela primeira vez como a palavra escrita, objetivizada pela filologia, o oposto da palavra viva. Mas, ao mesmo tempo, “a palavra da língua nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira...” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p.100). A palavra da língua estrangeira, ao contrário, faz pensar.

A palavra estrangeira é central no desenvolvimento de qualquer cultura “em todas as esferas da criação ideológica, sem exceção, da estrutura sociopolítica até o código de boas maneiras” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 101). Volochinov evoca os sumérios face aos semitas babilônicos, os jaféticos (vemos que Marr não está longe) face aos gregos e outros:

Esse grandioso papel organizador da palavra estrangeira [...] fez com que na consciência histórica dos povos, a palavra estrangeira se fundisse com a ideia de *poder, força, santidade, verdade e obrigou* a reflexão linguística a voltar-se de maneira privilegiada para seu estudo. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 101)

O que é, simultaneamente, criador e alienante, uma vez que ele acrescenta que o objetivismo abstrato da linguística da palavra “reflete a posição da palavra estrangeira no estágio em que ela já perdeu, numa larga medida, seu caráter autoritário e sua força produtiva” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 105, nota de rodapé 11).

Mas, para tentar justificar o que nos seduz na “literatura” considerada em sua generalidade, não poderíamos dizer que ela fica entre os dois polos do calor da língua materna e do fascínio de língua estrangeira, e que, alternativamente, inquieta e faz pensar? Pode-se encontrar a ligação entre esses dois aspectos na análise que faz Bakhtin do escárnio da língua de Rabelais como caricatura da linguagem de autoridade. Como é um aspecto central da situação, especialmente agora, da linguagem da escola, ser tomada, tanto no plano do discurso do saber como do discurso literário, entre duas linguagens. Mas se constatarmos que desde a antiguidade houve comentaristas dos textos sagrados, talvez devêssemos reconhecer que a instituição escolar continua a ter o seu papel tradicional de intermediária, como, correlativamente, ritmos e falas “populares” alimentam a literatura e a música “erudita”. Decorre daí a questão da possibilidade ou não de se fazer uma clara distinção entre obras de elite, obras populares e obras por natureza transclasses, tanto nos romances e filmes quanto na religião.

¹¹ N.T.: Prestance em francês, noção que é traduzida por prontidão, presença ou predisposição.

c) Não vou me deter, portanto, na crítica das dicotomias saussurianas, como na questão de saber se a leitura crítica de Saussure se dirige ao “verdadeiro Saussure”. Queria apenas lembrar que a última parte do livro de Volochinov é uma verdadeira revolução teórica, uma vez que coloca no centro do estudo “técnico” da linguagem o do discurso reportado, e não o das estruturas da língua, nem o da unidade da mensagem, mas o contraste entre a voz de quem reporta e aquela, subjacente e distorcida, dos dizeres relatados. A unidade de partida não é mais a língua, mas os discursos em que se misturam continuamente o mundo visto pelo autor, pelos outros, os comentários, as hesitações do herói, o que nos leva diretamente à visão bakhtiniana do romance, tecido não só de diferentes tipos de discurso, mas de perspectivas incompatíveis da mesma realidade. (Faltaria determinar sob a forma de influência e em que sentido se pode explicar a maior proximidade, aqui, entre os textos de Volochinov e os de Bakhtin.)

Gostaríamos ainda de dizer algumas palavras sobre a diferença dos pensamentos de Volochinov e de Marr. Mas lembrar primeiramente com Sériot a estranheza do pensamento de Marr como indica o título de seu artigo “Se Vico tivesse lido Engels, ele se chamaria Nicolas Marr”: trata-se de traçar uma história global do pensamento. Partindo de um primeiro estágio onde o pensamento da humanidade era principalmente corporal, especialmente em cerimônias religiosas, em uma linguagem manual e, em seguida, cantada, ideia comum no século XVIII, a Vico, Rousseau e Condillac, o surgimento da linguagem verbal está relacionado com a separação dos grupos dominantes e dominados, essa divisão devendo desaparecer permanentemente para uma linguagem definitivamente livre da matéria sonora, língua técnica exclusiva da sociedade sem classes. Mas o que caracteriza o pensamento de Volochinov (que cita bastante Marr sem criticá-lo) não é considerar que cada classe teria sua língua, mas que cada grupo social (ou cada um que fala em seu nome) reacentua ao seu modo as palavras comuns. Se pensarmos no nosso cotidiano, basta olhar as lutas atuais para a reapropriação e a reavaliação de termos como “reforma”, “flexibilidade”, “globalização”, “jovem”, etc. para ver claramente que é isso que ocorre. Há aqui “ideologia dominante” que se encontra nas palavras de cada um, em sua “ideologia do cotidiano”, na qual, em última análise, aquela nem sequer precisa ser afirmada.

3 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO PENSAMENTO DE BAKHTIN

Gostaria de continuar minha exploração com Bakhtin, focalizando, como anunciado, dois aspectos muito diferentes: por um lado, sua teoria da distância entre ciência, ética, estética e religião e, correlativamente, da “exotopia” do autor, e por outro lado, sua reflexão sobre a diversidade cultural e as várias figuras do “dialogismo”.

a) A permanência do problema (kantiano?) da divisão ciência-ética-estética-religião e a “exotopia” do autor.

Há uma constante no pensamento de Bakhtin: a irredutibilidade desses quatro domínios, tipos de relação com a vida, consigo mesmo, com os outros. Embora, naturalmente, a obra de arte refira-se constantemente às três outras dimensões. No entanto, essa convicção pessoal de Bakhtin tem consequências diretas na análise do romance. Esse não é um trabalho de “ciência” legal, experimental. Mas, ao mesmo tempo, enquanto nossa perspectiva moral está necessariamente ligada à nossa orientação para o futuro, na obra literária, tragédia antiga ou romance, o destino do herói é necessariamente acabado, visto do exterior como um todo.

É no texto “O autor e a personagem na atividade estética”¹² publicado em *Estética da criação verbal* (1920-1930, não publicado na época) que Bakhtin desenvolve o tema da exotopia, da relação do autor com o herói, da distância obrigatória entre eles.

Este texto é dividido em três partes consagradas ao espaço, ao tempo e à totalidade do herói. Só existe obra porque as perspectivas não coincidem, porque o autor pode totalizar o herói, saber mais do que ele.

Do ponto de vista do espaço, a exotopia manifesta-se no fato de que ninguém pode se ver como os outros o veem e somente aqueles outros o totalizam. Tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista ético, Bakhtin opõe-se (como faz Scheler) a uma teoria

¹² N.T.: A tradução francesa e Frédéric François usam o termo herói. Utilizamos personagem apenas nas citações da tradução brasileira, feita por Paulo Bezerra na edição de 2003 de *Estética da Criação Verbal*.

da identificação. Em termos de ética, porque “quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria *do outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor, e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda” (BAKHTIN, 2003, p. 24). Da mesma forma, no plano estético, o outro é percebido em sua exterioridade, em sua exotopia, e não em sua própria perspectiva: “E todos esses valores que conduzem a imagem dele, eu os hauri do excedente da minha visão, da minha vontade e dos meus sentimentos” (Bakhtin, 2003, p. 25). No geral, esse ponto é resumido no final do texto de Bakhtin. Não é apenas uma questão de forma, de estética no sentido estrito:

O artista nunca começa desde o início precisamente como artista, isto é, desde o início não pode operar apenas com elementos estéticos. Duas leis guiam uma obra de arte: a lei da personagem e a lei do autor, uma lei do conteúdo e uma lei da forma. Onde o artista opera desde o início com grandezas estéticas, tem-se uma obra feita, vazia, que não supera nada e, no fundo, não cria nada de axiologicamente ponderável (BAKHTIN, 2003, p. 183).

O herói não pode ser criado. Ele tem sua própria lei.

É essa relação de exotopia que faculta a um herói ser trágico: não é o fato de sofrer que é trágico, mas o fato de que esse sofrimento apareça de fora como destino impondo-se ao personagem. Como há sempre uma tensão entre o *horizonte* (o mundo tal como foi apreendido pelo herói) e o *entorno* (o mundo como é visto pelo autor ou por terceiros). Que os mundos percebidos por mim, por este outro ou pelos outros em geral não possam coincidir pode ser visto aqui como a forma universal (e nunca realmente superável) de “dialogismo” enquanto teoria do conflito inevitável. Há em todos nós oposição entre o horizonte não tematizado e os objetos visados ou (supostamente) conhecidos, o que faz aliás com que a noção de contextualização indique mais um problema do que uma solução.

Em relação ao tempo como dimensão da subjetividade, Bakhtin insiste no fato de que a unidade da “alma” da personagem não é, obviamente, o que nos dá a psicologia que se quer científica, mas também não é o que nos apresenta a perspectiva ética voltada para o futuro: só a vida do outro pode ser totalizada. Para usar uma antecipação, encontramos a ideia de Sartre de má-fé daquele que fala de si como por índole ou destino. Um ponto em que tenho mais dificuldade:

Consequentemente, o ato criador (o vivenciamento, a aspiração, a ação) que enriquece o acontecimento da existência, (o enriquecimento do acontecimento só é possível por via qualitativa, formal, e não quantitativa, material, se ele não se transforma em qualitativo) e cria o novo, é, essencialmente, extrarrítmico (em sua realização, evidentemente; uma vez realizado, ele passa para a existência: em mim mesmo, em tons de arrependimento; no outro, em tons heroicos). (BAKHTIN, 2003, p. 108)

O livre arbítrio e o ativismo são fatos incompatíveis com o ritmo. “A vida (o vivenciamento, a aspiração, o ato, o pensamento) vivenciada nas categorias de liberdade moral e ativismo não pode ser ritmada” (BAKHTIN, 2003, p. 109). Aqui, Bakhtin parece referir-se ao ato moral no momento da escolha. Mas ele acrescenta:

É verdade que a não liberdade, a necessidade da vida enformada pelo ritmo não é uma necessidade (cognitiva) malévola nem indiferente ao valor, mas uma necessidade bela, doada, concedida pelo amor. A existência ritmada visa a uma “finalidade sem fim”, o fim não é escolhido, discutido, não há uma responsabilidade pelo fim; o lugar ocupado pelo *todo* esteticamente percebido no acontecimento aberto da existência única e singular não é discutido, não faz parte do jogo. (BAKHTIN, 2003, p. 109)

O que nos leva à questão da heterogeneidade (relacionada às três críticas kantianas?) dos três domínios da estética, da ciência e da moral. O homem moral é aqui apresentado como homem só, reduzido à sua consciência. É claro que o respeito pela palavra dada, pelo compromisso vão contra as alternâncias de nosso modo de sentir. Bakhtin lembra que o que caracteriza nossa relação (moral) com a nossa própria vida é a orientação para o futuro,

[...] só a consciência de que ainda não existo no essencial é princípio organizador da minha vida vivenciada por dentro de mim (em minha relação comigo) [...] Não aceito a minha presença; acredito insensata e infelizmente em minha não-coincidência com esta minha presença interior. Não posso calcular a mim mesmo inteiramente,

afirmando: aqui estou, *eu inteiro e não existo* mais em parte alguma e em nada, já sou integralmente. (BAKHTIN, 2003, p. 116)

Em vez disso, Bakhtin introduz uma teoria da alma como uma teoria da limitação pelo outro como fabricação de um objeto ritmado, estético, como é estético o acabamento da vida representada na morte. “O ritmo abrange a vida *vivenciada*, nas cantigas de ninar já começam a ecoar os tons do réquiem do fim” (BAKHTIN, 2003, p. 121). E o final do texto mostra que há uma contradição que é o próprio objeto da estética do romance: “aqui se situa o ponto da suprema tensão do ato criador de cada artista [...] em sua criação, desde que ele [...] e lute contra o elemento ético-cognitivo cru da vida” (BAKHTIN, 2003, p. 182), o caos que é a vida real para quem quer fazer uma obra.

Duas leis guiam a obra de arte: a lei da personagem e a lei do autor – uma lei do conteúdo e uma lei da forma... Um autor não pode *inventar* uma personagem desprovida de qualquer independência em relação ao ato criador do autor, ato esse que a afirma e enforma. (BAKHTIN, 2003, p. 183)

A teoria da alma torna-se uma solução de compromisso entre a abertura que é a visão de si sobre si e o fechamento, que é visão do outro. O estilo não é a forma como tal, mas o que coloca em relação ao que é próprio do herói e à orientação do autor.

A unidade segura do estilo (grande e vigoroso) só é possível onde existe unidade da tensão cognitivo-ética da vida, indiscutibilidade do ante-dado guiado por ela: esta é a primeira condição. A segunda são a indiscutibilidade e a convicção da posição de distância (em suma, como veremos, a confiança religiosa no fato de que a vida não é solitária, é tensa e se move a partir de si mesma não em um vazio axiológico), o lugar sólido e inquestionável da arte no conjunto da cultura. (BAKHTIN, 2003, p. 186)

Seria fácil se surpreender com esse apelo de Bakhtin à religião. Também poderíamos nos questionar sobre o que faz com que aqueles que não são religiosos, no sentido estrito do termo, não mergulhem no desespero ou no tédio. Talvez pelo hábito, estetismo ou porque não sabemos de que são feitas as forças que nos fazem manter a cabeça fora da água?

b) Heterogeneidade e dialogismo

É necessário salientar que a oposição entre textos monológicos e textos dialógicos não invalida o fato da contradição das posições do autor e do herói: a exotopia do autor é a condição mesma que viabiliza a possibilidade de dar a palavra a vários heróis ou a várias vozes.

Lembro muito rapidamente que Bakhtin coloca Dostoiévski na perspectiva histórica da cultura popular caracterizada pela diversidade e transgressão em face da cultura erudita, monológica, ilustrada pela primeira vez pela teologia e por uma forma universalista de *Aufklärung*. Bakhtin observa, certamente, que há humor em *Cândido*, mas nenhuma heterogeneidade: o herói como as outras personagens são manipulados de acordo com a vontade do autor. Bakhtin observa que Dostoiévski, ao contrário, suportava mal a expressão terminada, acabada na forma de aforismos. São os heróis “monológicos” que nele se exprimem assim. Se o pensamento é dialógico e ele o é, então o pensamento na forma de aforismos que introduz o fechamento é necessariamente uma forma de pensamento inadequado (BAKHTIN, 1997, p. 113).

Essa cultura popular (da qual Rabelais faz uma recuperação erudita) é baseada na violência, na transgressão, na inversão de valores, nos jogos, nas festas, nas múltiplas vozes como fenômenos centrais do pensamento popular. Essas características são, certamente, na maioria das vezes dominadas por poderes monológicos. Mas a ironia, a festa, a multiplicidade, o escárnio, a farra de gastos, ou, usando outro vocabulário, a “parte maldita” não são fenômenos menores em relação à voz solene que supostamente diz a verdade. É a partir desse pensamento plural, carnavalesco e popular, como ele aparece nas festas, que todos os valores são invertidos, como nas festas e mistérios da Idade Média que colocam os ricos, os bispos e monges no inferno. Certamente, Bakhtin considerava essa voz como a do povo. Mas o que poderia representar esse elogio das múltiplas vozes em 1929?

Ainda assim, para Bakhtin, é nos romances de Dostoiévski que toma forma por excelência o dialogismo. As obras de Dostoiévski e os textos de Bakhtin sobre essas vozes são bem conhecidos. Mas gostaríamos de lembrar que não se trata de análise formal do romance, muito menos de análise linguística da circulação dialógica, mas de representação estética de conflitos morais, conflitos que se apresentam em figuras concretas e não podem ser reduzidos à ilustração de princípios abstratos.

3 DOSTOIÉVSKI E O DIALOGISMO: DOIS EXEMPLOS

3.1 A infelicidade da consciência em *Memórias do Subsolo*

Um primeiro aspecto extremo do dialogismo aparece nas *Memórias do Subsolo*, que ilustram a infelicidade de alguém que é somente diálogo consigo mesmo, que pretende ser inteligência pura, olhar puro, sujeito puro. Em um primeiro momento, parece doença discursiva da autoanálise perpétua.

Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto. Agora vou vivendo os meus dias em meu canto, incitando-me a mim mesmo com o consolo raivoso -- que para nada serve -- de que um homem inteligente não pode, a sério, tornar-se algo, e de que somente os imbecis conseguem. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 17)

E esse primeiro ridículo (essa deploração dura das páginas) é acompanhado por um segundo, quando ele conta suas tentativas que sempre fracassam para esbarrar no ombro do oficial que o empurrou, participar de um jantar de despedida, para o qual ele não foi convidado pelos ex-colegas que ele despreza, ou quando fracassa na tentativa tímida de amor com uma jovem prostituta, porque ele não sabe como lhe falar quando, a seu pedido, ela vem à casa dele:

Mas assim que eu percebi este primeiro surto de orgulho ferido, eu comecei a tremer de raiva e eu imediatamente explodi:

-- Diga-me, por favor, para que veio a minha casa? -- comecei perdendo o fôlego e até mesmo sem atentar para a ordem lógica das minhas palavras. Eu queria dizer tudo de uma vez, numa rajada; nem me preocupou sequer saber por onde começar. -- Por que você veio? Responda! Responda! exclamava, quase perdendo a consciência de mim mesmo. -- Vou dizer-lhe, mãezinha, para que veio aqui. Veio porque eu disse então a você *palavras piedosas*. Pois bem, você ficou enternecida com elas, e agora quis ouvir de novo "palavras piedosas". Pois saiba, saiba de uma vez, que eu então estava rindo de você. E agora também rio. Por que está tremendo? (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 137)

Cada vez Dostoiévski justapõe sempre nas palavras do herói seus projetos e sua contradição com seus atos efetivos ou com a realidade que ele encontra. Poderíamos falar aqui de um dialogismo miserável. Deixo em aberto a questão de saber se cada um não encontra um pouco de si mesmo nesse diálogo-monólogo sinistro.

3.2 O Grande Inquisidor e Jesus em *Os Irmãos Karamazov*

Em compensação, o aspecto fascinante de *Os Irmãos Karamazov* é a presença de contradições e a impossibilidade de se perceber como uma personalidade mais feliz ou mais determinada poderia superá-las. Assim, no diálogo dentro do diálogo que é a fábula do Grande Inquisidor relatada por Ivan a seu irmão Aliócha, onde o "Grande Inquisidor" anuncia ao Cristo de retorno à terra que ele o fará executar e, em seguida, o deixará fugir. Mas o que é mais impressionante é que primeiramente o Grande Inquisidor fala enquanto Cristo se cala e o que diz o Grande Inquisidor, sem ser refutado, é que Cristo está enganado. Ele quis que os homens o amassem livremente, sem convencê-los por milagres. E ainda assim os homens não apenas querem acreditar, mas, além disso,

[...] a preocupação dessas criaturas deploráveis não consiste apenas em encontrar aquilo a que eu ou outra pessoa deve sujeitar-se, mas em encontrar algo em que todos acreditem e a que se sujeitem e que sejam forçosamente

todos juntos. Pois essa necessidade de *convergência* na sujeição é que constitui o tormento principal de cada homem individualmente e de toda a humanidade desde o início dos tempos. Por se sujeitarem todos juntos eles se exterminaram uns aos outros a golpes de espada. [...] Tu o conhecias, não podias deixar de conhecer esse segredo fundamental da natureza humana [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 352)

E ao mesmo tempo (peço desculpas, estou resumindo), Cristo não quis conseguir pelo “pão” os milagres materiais: “Desejaste o amor livre do homem para que ele te seguisse livremente, seduzido e cativado por ti. Tu mesmo lançaste as bases da destruição de teu próprio reino, e não culpes mais ninguém por isso” (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 353).

Aqueles que têm o romance em mente vão se lembrar sem dúvida do final:

Quando o inquisidor calou-se, ficou algum tempo aguardando que o prisioneiro lhe respondesse. Para ele era pesado o silêncio do outro. Via que o prisioneiro o escutara o tempo todo, com ar convicto e sereno, fitando-o nos olhos e, pelo visto, sem vontade de fazer nenhuma objeção. O velho queria que o outro lhe dissesse alguma coisa ainda que fosse amarga, terrível. Mas de repente, ele se aproxima do velho em silêncio e calmamente lhe beija a exangue boca de noventa anos. Eis toda a resposta. O velho estremece. Algo estremece na comissura dos seus lábios; ele vai à porta, abre-a e diz ao outro: ‘Vai e não voltes mais... Não voltes em hipótese nenhuma... nunca, nunca!’ E o deixa sair para as ‘ruas largas e escuras da urbe’. O prisioneiro vai embora. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 354)

Reproduzi esse famoso trecho, em primeiro lugar, porque fornece um exemplo de diálogo sem excesso possível. Mas também porque o conflito moral ou religioso, como se queira, faz sentido no detalhe da função estética da dramatização.

Daí a crítica da falsa psicologia científica e, em especial, do Poder Judiciário. No caso do julgamento de Dmitri,

[...] o juiz de instrução, os juízes e o promotor, o defensor e a perícia são igualmente incapazes de penetrar sequer no núcleo inacabado e irresoluto da personalidade de Dmitri, que, em essência, passa toda a sua vida no limiar de grandes decisões e crises internas. No lugar desse núcleo vivo, que germina com a nova vida, eles colocam uma espécie de *definição preconcebida, predeterminada* “natural” e normalmente em todos os seus termos e nos atos pelas “leis psicológicas”. [...] Eis porque Dostoiévski não se considerava psicólogo em nenhum sentido. (BAKHTIN, 1997, p. 62)

É por isso que Dostoiévski não se considerava, em nenhum caso, como um psicólogo. Bakhtin afirma: “É necessário salientar que, no universo de Dostoiévski, até o assentimento conserva o seu caráter dialógico, ou seja, nunca leva à *fusão* das vozes e verdades numa verdade impessoal, uma como ocorre no universo monológico” (Bakhtin, 1997, p. 95). (Vemos aqui que o “mundo do monólogo” significa não só uma característica da língua, mas a violência do discurso de juízes e “eruditos”).

Que o romance de Dostoiévski seja assim é notório. Esse dialogismo é a única verdade do pensamento de Dostoiévski? Podemos levantar a questão.

Assim, em *Memórias do subsolo*, também aparece por um lado a contingência histórica do herói:

[...] tanto o autor como o texto destas memórias são, naturalmente, imaginários. Todavia, pessoas como o seu autor não só podem, mas devem até existir em nossa sociedade, desde que consideramos as circunstâncias em que, de um modo geral, ela se formou. O que pretendi foi apresentar ao público, de modo mais evidente que o habitual, um dos caracteres de um tempo recente. Trata-se de um dos representantes da geração que vive os seus dias derradeiros. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 14).

Confesso que eu não sei ao certo “para onde ir”. Será que essas palavras traduzem a verdadeira relação do autor com o “real”? Será que ele realmente pensa que tal personagem pertence ao passado? Ou há escárnio? Ou o espaço de suspensão do romance é que permite que essas questões permaneçam sem resposta?

Mas então essa contingência é correlativa de um certo domínio do narrador que encontramos nos *Irmãos Karamazov*. Parece-me finalmente que isso não é uma objeção, mas sim uma ilustração da contradição da própria obra literária que mostra a tensão moral, existencial, aberta ao futuro no universo fechado da obra, em que a ideia não é separada da contingência do devir concreto, contingência atualizada pela exotopia do autor.

Bakhtin, por vezes, “dá a entender que” o dialogismo se manifestasse apenas da obra de Dostoiévski. Então, depois do que ele disse da crítica à psicologia objetiva do mundo judiciário, Bakhtin acrescenta que “a ênfase principal de toda a obra de Dostoiévski, quer no aspecto da forma, quer no aspecto do conteúdo, é uma luta contra a *coisificação* do homem, das relações humanas e de todos os valores humanos no capitalismo” (BAKHTIN, 1997, p. 62), acrescentando que ele “vez por outra ‘confundia os endereços sociais’, nas palavras de V. Iermilov, acusando, por exemplo, todos os representantes da corrente democrática revolucionária e do socialismo ocidental, considerado por ele um produto do espírito capitalista” (BAKHTIN, 1997, p. 63). Mas sua defesa da posição literária de Dostoiévski vai além, parece-me, da literatura:

[...] para o autor o herói não é um “ele” nem um “eu”, mas um “tu” plenivalente, isto é, o plenivalente ‘eu’ de um outro (um ‘tu és’). O herói é o sujeito de um tratamento dialógico profundamente sério, *presente*, não retoricamente *simulado* ou literariamente *convencional*. E esse diálogo — o ‘grande diálogo’ do romance na sua totalidade como um todo — realiza-se não no passado, mas neste momento, ou seja, no *presente* do processo artístico. (BAKHTIN, 1997, p. 63)

E ele prossegue em nota de rodapé: “o *sentido* não ‘vive’ no tempo em que há o ‘ontem’, o ‘hoje’ e o ‘amanhã’, isto é, no tempo em que ‘viveram’ os heróis e transcorre a vida biográfica do autor” (BAKHTIN, 1997, p. 63, nota 2).

O que pode ser visto mais claramente no capítulo 3 do livro de Dostoiévski (“A ideia em Dostoiévski”). Ao contrário de romances monológicos onde há as ideias do autor ou opiniões externas,

[...] a ideia, como a considerava Dostoiévski-artista, não é uma formação psicológica individual subjetiva com “sede permanente” na cabeça do homem; não, a ideia é interindividual e intersubjetiva, a esfera de sua existência não é a consciência individual, mas a comunicação dialogada *entre* consciências. A ideia é um *acontecimento vivo*, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências. (BAKHTIN, 1997, p. 87)

Bakhtin acrescenta que essas ideias não foram criadas, mas encontradas e que o trabalho de Dostoiévski, sua exotopia, foi reanimá-las no corpo (a palavra não está em Bakhtin) falante de seus personagens.

Não poder multiplicar as citações de Dostoiévski e de Bakhtin me deixa particularmente infeliz, porque em um assunto para mim “difícil de pensar” como esse, há um ritmo dos textos que nos faz pensar-sentir, que modifica a repercussão em nós, o que citações de aforismos não podem fazer. O certo é que estamos muito longe do “marxismo comum”, mas também do curso normal da teoria. Bakhtin dá uma forma reflexiva ao que é feito por Dostoiévski: o sentido é um acontecimento, e não uma característica interna dos “enunciados-verdadeiros”. Ao mesmo tempo, esse acontecimento não é prisioneiro do momento em que foi enunciado. É isso que nos permite falar de “espaço de suspensão”, que ao mesmo tempo é proposto pela obra e depende da nossa capacidade de resposta.

Gostaria aqui de associar alguns textos teóricos de Bakhtin dos anos 1920 e do final de sua vida. Acredito que eles nos permitem, tanto uns como outros, não reduzir o dialogismo ou a intertextualidade a técnicas pedagógicas de decifração ou a traços acidentais de alguns romances. O texto de Bakhtin *Para uma filosofia do ato* (inédito, escrito provavelmente entre 1920 e 1924) é conciso, está faltando páginas. Abordo o que segue, o estilo conciso tornando nefasto ou medíocre toda tentativa de paráfrase: Bakhtin parte do fato de que o modo de conhecimento teórico não é o mundo da contemplação estética nem é aquele em que vivemos e agimos. Mas, ao mesmo tempo, esses mundos se cruzam: assim a atemporalidade do mundo das verdades só se realiza no instante concreto em que ocorrem. Bakhtin toma o exemplo central da vida e morte de Cristo:

[...] este mundo, o mundo em que se completou, enquanto fato e sentido, o evento da vida e morte de Cristo é, por princípio, indeterminável seja mediante as categorias teóricas, seja através das categorias do conhecimento histórico, seja por meio de uma intuição estética. No primeiro caso, conhecemos de fato o sentido abstrato, mas perdemos o fato singular do efetivo cumprir-se histórico real do evento; no segundo, há o fato histórico, mas perdemos o sentido; no terceiro, temos tanto a existência do fato quanto o seu sentido como momento de sua individuação, mas perdemos a nossa posição em relação a ele, perdemos nossa participação respondente àquilo a que somos chamados. (BAKHTIN, 2010, p. 64)

Em nenhum caso, temos o “sentido total”. E a partir daí, Bakhtin observa que há apenas filosofias de especialidades e não uma filosofia primeira (BAKHTIN, 2010, p. 68). Daí a insatisfação daqueles que “pensam de modo participante”, insatisfação que os leva a voltar-se para o materialismo histórico, apesar de todas as suas deficiências e defeitos, especialmente em termos da sua incapacidade real para relacionar teoria e prática (BAKHTIN, 2010, p. 64). Outros buscam nas tradições religiosas “que absorveram muito da sabedoria real do pensamento participativo medieval e oriental” (BAKHTIN, 2010, p. 69), embora sejam totalmente insatisfatórias “não como simples compilações de visões particulares do pensamento participante através dos séculos”, mas como concepções unas, que “cometem o mesmo pecado metodológico do materialismo histórico, o da indiscriminação metodológica do que é dado e do que é posto como tarefa, entre o que é e o que está ainda por ser realizado” (BAKHTIN, 2010, p. 69).

Se nos colocarmos face à ideia não de um Deus do alto, mas de um universo partilhado com Cristo, estamos longe de qualquer possibilidade unificadora. Temos de admitir que estamos em um universo dissociado onde a relação entre a ordem pensada do mundo e o que pode ser obedecer na procura de uma vida satisfatória não têm praticamente relação. E poderíamos provavelmente argumentar que a figura do amor de Cristo, quer sejamos crentes, quer não, nos afasta de qualquer filosofia da totalidade.

Em todo caso, de um ponto de vista mais limitado, é incontestável que o pensamento de Bakhtin nos leva a separar o dialogismo de uma análise dos “fatos da língua” unicamente, para levar em conta a natureza dialógica do homem. Permitam-me aqui uma citação relativamente longa de Bakhtin:

Se por um lado posso aspirar diretamente à autopreservação e, ao defender minha vida a qualquer preço, até mesmo almejar o poder e a submissão dos outros, nunca, porém, posso vivenciar imediatamente em mim aquilo que vem a ser a pessoa de direito, visto que a pessoa de direito não é senão a certeza garantida de meu reconhecimento pelos outros, reconhecimento esse que eu vivencio como uma obrigação deles para comigo (porque uma coisa é defender de fato a própria vida contra um ataque real – até os animais fazem assim – e outra coisa inteiramente distinta é vivenciar seu próprio *direito* à vida e à segurança e a obrigação de que os outros respeitem esse direito), tão profundamente diversos são o vivencialmente interior do próprio corpo, o reconhecimento do seu valor externo por outras pessoas e meu direito à aceitação amorosa da minha imagem externa: tal reconhecimento me chega de cima como um dom concedido pelos outros, uma felicidade que não pode ser interiormente fundamentada e compreendida. [...] De fato, mal a pessoa começa a vivenciar a si mesma de dentro, depara imediatamente com atos de reconhecimento e de amor de pessoas íntimas, da mãe que partem de fora ao encontro dela: dos lábios da mãe e de pessoas íntimas a criança recebe todas as definições de si mesma. Dos lábios dela, no tom volitivo-emocional do seu amor, a criança ouve e começa a reconhecer o seu *nome*, a denominação de todos os elementos relacionados ao seu corpo e às vivências e estados interiores; são palavras de pessoas que ama as primeiras palavras sobre ela, as mais autorizadas, que pela primeira vez lhe determinam de fora a personalidade e vão ao encontro da sua própria e obscura auto-sensação interior, dando-lhe forma e nome em que pela primeira vez ela toma consciência de si e se localiza como *algo*. (BAKHTIN, 2003, p. 45-46)

E logo depois Bakhtin retoma “palavras amorosas e preocupações reais...”: “A criança começa a ver-se pela primeira vez como que pelos olhos da mãe e começa a falar de si mesma nos tons volitivo-emocionais dela, como que se acaricia com sua primeira autoenunciação” (BAKHTIN, 2003, p. 45-46). Bakhtin escreve também sobre essa fala e esses cuidados como dando uma “forma plástica” sem limites, “caos agitado” de necessidades e insatisfações. O aspecto surpreendente deste trecho é mostrar o amor do outro como o que me dá o direito de existir. Pode-se notar também que essa ordem simbólica aqui vem da mãe. Nesse sentido, não é “naturalmente” que o humano é humano. No entanto, existem raízes quase naturais nesse tornar-se humano.

Se partirmos dessa nota de Bakhtin, podemos nos perguntar sobre o modo de ser dos “outros”, modo de ser, sobre o qual me parece que nós não sabemos bem como dar uma representação teórica, mesmo se é uma coisa muito banal. Falar de “empatia” é um risco, podendo não explicar nada, porque o que importa não é se identificar com o outro, já que o que há de notável na criança é a sua capacidade de articular seu próprio jogo com a esquisitice dos adultos profundamente diferentes delas. E, por outro lado, falar de “imaginação” ou, em outro estilo, de “fantasmas” também não faz mais do que dar um nome à alteridade familiar. Assim como somos incapazes de coincidir com nós mesmos, “eu” visto de dentro e “eu” visto de fora. Da mesma forma que o conceitual e o imagético não podem convergir, nem o que eu sinto e o meu dizer em relação ao meu sentimento.

Nos últimos textos de Bakhtin (por exemplo, em seu último texto de 1974, *Metodologia das ciências humanas*), seria possível encontrar a mesma irredutibilidade da multiplicidade de perspectivas, dessa vez, em relação ao conhecimento. Ele lembra as razões de sua oposição ao estruturalismo:

No estruturalismo, existe apenas um sujeito - o próprio pesquisador. As coisas se transformam em *conceitos* (de um grau variado de abstração); o sujeito nunca pode tornar-se conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; nele há sempre uma pergunta, um apelo e uma antecipação da resposta, nele sempre há dois (como mínimo dialógico). Este personalismo não é um fato psicológico, mas de sentido. Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). (BAKHTIN, 2003, p. 410)

Ele acrescenta de modo um pouco enigmático para mim que os sentidos passados são sempre passíveis de mudança em um diálogo futuro: “Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2003, p. 410). O que esclarece talvez o que é dito da atemporalidade relativa da obra.

A visão de mundo de Bruner é certamente menos dramática do que a de Bakhtin e ainda menos do que a de Dostoiévski. No entanto, pode-se dizer que em uma época bem mais “científica”, ela lhe dá continuidade. Em primeiro lugar, na medida em que ele observa que a “psicologia popular” (isto é, a psicologia de cada um de nós envolvidos na vida) é uma psicologia narrativa. Na medida em que, primeiramente, a vida não é feita de leis, mas de heterogeneidade entre momentos fortes e fracos, acontecimentos e rotinas, e também em que essa vida envolve tanto a generalidade do “se”¹³ e a particularidade, a diferença de cada um, finalmente, porque a ficção e a realidade são feitas do mesmo material, cada um de nós (no modelo da personagem do subsolo) passa seu tempo vivendo no contraste de suas lembranças, seus planos e seus modos efetivos de fazer. Parece-me que a reflexão sobre os textos de Vigotski ajuda a estabelecer a relação entre as obras literárias e a vida cotidiana.

Gostaria de acrescentar um último ponto. Pode-se falar de círculo hermenêutico. Mas esse círculo não é um círculo de conhecimento puro. Não podemos esquecer o estado necessariamente obscuro dessa relação com os outros (e aliás com nós mesmos). Primeiramente, em função da anterioridade de uma relação vivida com os outros antes de qualquer explicitação. Em seguida, por causa da natureza “impura” da nossa paixão de compreender ou de ter razão, sendo o *páthos* de ter razão muito mais violento do que a mais violenta das libidos (lembro, a propósito, que muitas das autoanálises dos sonhos de Freud incidem sobre a força de seu desejo de ter razão). O que pode ser encontrado nas diferenças culturais. No artigo sobre os estudos literários (NOVY MIR, 1970), Bakhtin desenvolve a ideia de que, no ato de compreensão, apreende-se uma cultura estrangeira apenas de fora, da mesma forma que eu como corpo só posso ser apreendido pelo outro:

[...] a cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura. [...] Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos respostas a essas questões e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades do sentido. (BAKHTIN, 2003, p. 366)

¹³ N.T.: Ver nota 9.

Não vivendo na época de Platão, podemos perceber a maneira particular de dialogar de Sócrates, como é preciso estar longe da vida de Cristo para ser capaz de imaginar o que é um homem que não tem uma cultura urbana. Daí a necessidade da “compreensão desconcertante” (BAKHTIN, 2003, p. 366).

Mas o que Bakhtin também nos lembra é que se trata de levar em conta não só a violência sempre no horizonte dos conflitos (especialmente naqueles das gerações), mas também que nunca poderá haver uma verdadeira reunificação do mundo teórico e do mundo da vida. Haverá, o que já é bom, modos de funcionamento da linguagem que nos lembram o que o curso da vida nos permite esquecer ou o que faz com que possamos tentar não identificar a idiosincrasia das nossas modalidades dialógicas e a suposta universalidade da natureza humana que uma abordagem científica permitiria.

4 A TEORIA DAS EMOÇÕES E A DA ARTE EM VIGOTSKI vão, portanto, ser expostas aqui sem colocá-las em relação com o resto do seu pensamento. Lembramos, contudo, que, sobre a relação da linguagem com o extraverbal, Vigotski desenvolveu, nos textos bem conhecidos de *Pensamento e linguagem*, uma visão bastante original: a linguagem e o pensamento têm diferentes fontes, sua reunião produz efeitos inesperados. Essa visão vai contra duas opiniões predominantes: a que pode ser chamada de “clássica”, segundo a qual o pensamento é expresso de alguma maneira do exterior na linguagem, e a que faz da linguagem a única fonte do sentido, o que está, talvez, perdendo fôlego em algumas correntes estruturalistas, lacanianas ou outras. Lembramos aqui também o que é completamente original na observação de Vigotski sobre a diferença entre o que é transmitido na educação escolar e o que é noção adquirida no curso da vida, ainda que os exemplos sejam um pouco simples e que a realidade contraditória dos modos de transmissão seja mais complexa. Contudo, ele mostrou que falar da criança não é procurar *uma* origem. Assim, a pluralidade dos modos de pensamento é dada corporalmente à criança pela diferença entre o momento pulsional, o da atenção calma e o do sono, da mesma forma que o sonho lhe dá um quase outro mundo e esse sonho vai ser uma oportunidade para encontrar universais como a violação da intimidade, o ato de devorar ou o perigo que há em se aventurar no desconhecido. Um pouco como, por razões que não são totalmente claras para mim, a maior parte das crianças pequenas encontra por elas mesmas o tema dos animais participando de uma vida comum com a humanidade.

Dito isto, eu não vou desenvolver longamente a apresentação do texto de Vigotski sobre a teoria das emoções (*Teoria das emoções*, elaborado em 1931, deixado inacabado, anterior portanto a *Pensamento e linguagem* 1929-1934). Em primeiro lugar, é muito bem resumido pelo artigo de Rochex. Para mim, ele também apresenta a mesma vantagem que o da teoria da arte de não ser ainda conhecido. Mas parece-me que o leitor se confronta com um muro: Vygotski, ao proclamar sua fidelidade a Espinosa, continua trazendo à tona a polêmica contra a teoria periférica das emoções de James-Lange, que não dá conta da diversidade da vida afetiva dos que têm o mesmo distúrbio fisiológico, o que é óbvio. Ele polemiza da mesma forma contra Descartes e contra a glândula pineal como lugar problemático da união da alma e do corpo, o que é certamente correto. A isso, poderíamos acrescentar que o recurso a Espinosa e ao paralelismo dos dois atributos não é uma reflexão fácil para nós, especialmente porque, de acordo com Espinosa, os atributos são em número infinito. É evidente que a ideia de Espinosa de que nossas paixões fazem nossa força muda a perspectiva, mas, no texto de Vigotski, ela é apenas esboçada. Do mesmo modo, é feita uma alusão à ideia aristotélica da alma como forma do corpo, que poderia ser objeto de reflexão, mas não é desenvolvido.

Vigotski observa também a especificidade da admiração como paixão sem contrário e primeira paixão para Descartes. Esta é uma ideia-experiência, e não o desenvolvimento de uma teoria: o objetivo não é, provavelmente, constituir belos sistemas, mas organizar o pensamento em torno de polos resistentes. Aqui, o primado da admiração poderia orientar para um pensamento que se oporia ao darwinismo, na medida em que esse último só quer considerar o que é condicionado pela visão utilitarista ou não para o indivíduo ou para a espécie; ou ao freudismo na medida em que a criança de Freud é definida primeiramente como pulsional em um sentido mais restrito do que a capacidade de admirar e se surpreender. No entanto, o que Vigotski procura é uma teoria que não separa “inferior” e “superior”, como quando ele menciona que a vida cultural está presente, de alguma forma, em todas as nossas emoções. Por exemplo:

[...] entretanto, ao que parece, todas as emoções humanas devem ser colocadas na categoria de emoções leves, porque se colocarmos de lado os idiotas, o indivíduo muito limitado está sempre em relação com algum ideal mais ou menos vago, com alguma consciência mais ou menos perceptível. Os sentimentos mais baixos

sobrevieram sob a influência de tradições, crenças ou preconceitos religiosos. Eles não são de uma forma que se possa considerá-los como reações instintivas a estímulos que não dependem de um sistema ideologicamente estabelecido. (VIGOTSKI, 1998, p. 348)

Ou, um pouco mais adiante:

Não podemos admitir que apenas a percepção de uma silhueta feminina, de onde poderia nascer um amor como o de Dante por Beatriz, se não se pressupõe todo um conjunto de ideias teológicas, políticas, estéticas, científicas que constituíam a brilhante consciência do genial Alighieri. (VIGOTSKI, 1998, p. 348)

Mas, Vigotski procura, principalmente, uma entrada neurológica (usando assim Cannon e o papel do sistema nervoso autônomo) para explicar a desordem geral, deixando explicações de outros tipos para a natureza específica das emoções. De qualquer forma, esse texto é um esboço inédito. Há outros textos entre aqueles que estão à nossa disposição, principalmente um texto muito mais curto, “As emoções e seu desenvolvimento nas crianças” (1932), no qual ele cita muitos autores. Um parêntese: vemos se anunciar o peso de chumbo do pensamento oficial. Mas o pensamento de Vigotski como o dos outros autores é irrigado por correntes bastante diversas. É claro que os autores são frequentemente catalogados como “idealistas” e “materialistas”, mas Vigotski interessa-se sobretudo pelas diferenças entre eles. Ele apela para Bühler, na medida em que este constrói um esquema das emoções e mostra que elas não desempenham sempre o mesmo papel em relação a outras funções psíquicas. Assim, ele distingue *Endlust*, o prazer final da saciedade de fome ou sede, e, em seguida, o prazer funcional (*Funktionslust*), que é aquele que acompanha uma atividade em si, o prazer mesmo de comer (gula). Finalmente o prazer antecipador *Vorlust*, que irá caracterizar a tendência humana de viver no irreal do representado. Pode-se notar aqui a ausência da lembrança do prazer perdido, tão importante em Freud. Acima de tudo, vamos encontrar em *Pensamento e linguagem* uma diferença homóloga entre o discurso que acompanha a ação, o que a anuncia e aquele que a comenta. Pouco importa aqui que se possa fazer um catálogo desses modos de ser. O que importa é a existência de diferenças.

No pequeno texto de Vigotski, apresentado em apêndice ao livro de Brossard (2004), é feita referência ao exemplo relatado por Lévy-Bruhl, que Vigotski cita na *história do desenvolvimento das funções mentais superiores*: o chefe de uma tribo da África do Sul, a quem o missionário aconselha enviar seu filho à escola, responde: “vou ver o que meus sonhos ditarão para mim”. Esse exemplo é para mim símbolo, e não alegoria, no sentido de que não é uma verdade geral já posta, mas dá um sentido que não pode ser substituído por um discurso abstrato. O sonho é natural, mas se questionar, remeter ao passado, ao futuro ou achá-lo obscuro é cultural. Mas uma cultura que não é pura retomada do discurso indeterminado¹⁴ no indivíduo, mas retomada em uma dada circunstância, o que faz com que não se possa provavelmente distinguir de forma clara o que é pensamento do “eu” e o que é pensamento indeterminado¹⁵ em cada um de nós. Mas parece-me que o estudo dessas mudanças de lugar é mais importante do que um estudo da “natureza” dos objetos (o que é a linguagem? A afetividade? A inteligência? Ou as origens?).

Parece-me que a entrada menos ruim que nos é oferecida aqui é aquela que se questiona sobre o renascimento com o desenvolvimento de cada criança do objeto cultural e de sua tonalidade afetiva. Isso pode ser ilustrado por dois nomes. Em primeiro lugar, é provavelmente em Wallon que aparece mais claramente a ligação ao outro como biologicamente programada:

Não é apenas o primeiro comportamento psíquico da criança que é do tipo afetivo, mas também o da idiotice em seu nível mais baixo. A agitação correspondente é feita então apenas de gritos, nos quais se sucedem as entonações da cólera, do triunfo, do sofrimento e de atitudes ou de gestos cuja significação emocional não deixam nenhuma dúvida. Esses efeitos muitas vezes são produzidos com a simples presença de outrem, mostrando assim a que camada primitiva e profunda da sensibilidade pertencem as reações que podem ser chamadas de *presença*, porque elas parecem ser reflexo da personagem que cada um carrega em si em relação a todo ser encontrado. (WALLON, 1941, p. 118)

¹⁴ N.T.: Discurso do “on”. Ver nota 9.

¹⁵ N.T.: Pensamento do “on”. Ver nota 9.

Duas observações aqui se fazem necessárias: um elemento da teoria, como no caso da admiração em Descartes, poderia ser chamado de elemento choque, experiência e o mistério envolto nesse uso de “parecem”. O que caracteriza o estilo de Wallon é que ele insiste no que há de difícil na descrição, o que explica sem dúvida que ele tenha tido menos sucesso que os autores, cujo pensamento mais unívoco é mais facilmente repetível.

O grito do recém-nascido chegando ao mundo, grito de desespero segundo Lucrecio, em face da vida que se abre para ele, o grito de angústia segundo Freud, no momento em que ele se desliga do corpo da mãe, não significa outra coisa para o fisiologista senão um espasmo da glote, que é acompanhado pelos primeiros reflexos respiratórios. Mas a sua redução a um simples fato muscular é apenas uma abstração. Ele pertence a um complexo vital. Ao espasmo está ligado o grito, mas também um conjunto de condições e impressões simultâneas que se exprimem no espasmo como no grito. Nesse estágio elementar, não pode haver distinção entre o signo e a causa. (WALLON, 1941, p. 120)

A descrição não é o estágio mais simples do pensamento antes da explicação. Em todo caso, que o grito se torne signo continua a ser um exemplo central do dialogismo, levando a efeitos no próprio organismo daquele que grita. Aqui temos um exemplo simples da epigênese não milagrosa. Acrescenta-se que esse circuito permite variações, o que se manifesta na forma como a criança reutiliza o grito em questão de maneira eventualmente lúdica ou abusiva. Ao mesmo tempo, seu próprio grito age nele. Por exemplo:

As emoções, que são a exteriorização da afetividade, iniciam assim mudanças que tendem a reduzi-las. Nelas são baseados treinamentos gregários que são uma forma primitiva de comunhão e comunidade. As relações que elas tornam possíveis aperfeiçoam os seus meios de expressão, fazendo delas instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados. (WALLON, 1941, p. 126)

Assim, a mímica separa-se da emoção.

Há outro eixo em Winnicott com a ideia do objeto transicional, que não é nem interno nem externo. Parece-me, portanto, ser um acréscimo a Freud, mas ele subverte, para mim, o freudismo, inteiramente construído sobre o interno insuportável da pulsão e os mecanismos de defesa, enquanto, em Winnicott, o objeto cultural é partilhado, mas sempre de maneiras diferentes pela criança e pelo cuidador.

O psiquismo não é o exterior nem o interior, mas existe apenas pelo objeto cultural intermediário, que é de tal forma que o que o outro fez não teríamos podido fazer. Trata-se aqui de introduzir o papel dos objetos ou das cerimônias, por exemplo, rituais de reconciliação em macacos. Mas aqui vamos do adulto à criança e ao macaco ao invés de tentar explicar o complexo pelo simples. Conquanto, o paralelo com o objeto transicional concerne o conjunto da cultura, pois toda obra recebida socialmente apresenta sempre a singularidade de que o outro fez algo que não poderíamos ter feito. Por um lado, podemos sempre considerar “loucos” os textos que nos afetam. Com o problema antigo do mistério da “inspiração” e dos poetas “loucos”, afinal o narcisismo de Chateaubriand ou de De Gaulle é “louco”. Mas não saímos da loucura quando algo como o objeto transicional é possível, embora não seja sempre fácil saber como ele age em nós? Em todo caso, é uma teoria desse modo de ação do objeto cultural que nos propõe Vygotski.

5 O LIVRO *PSICOLOGIA DA ARTE* E O MODO DE AÇÃO DA OBRA DE ARTE

Vigotski parte desta constatação de que existem fábulas “elementares”, como as de Esopo, que se resumem ao que elas dizem, que são apenas a ilustração de uma generalidade: “Cuidado com os bajuladores”. Há outras fábulas, que ele chama poéticas. Ele tomou o exemplo de Shklovsky.

Mas, obviamente, isso se aplica igualmente a *La Fontaine*, no qual há, por exemplo, o sentido da verdade prosaica da fábula: o elogio da formiga e o sentido dado pela forma viva do discurso que faz o elogio da leveza da cigarra. Ou ainda a violência do lobo que é “em tese” condenada, mas manifestada na sua brutalidade pelo ritmo da frase. Também poderíamos utilizar a prática da dupla verdade no modo como Perrault, sistematicamente, justapõe duas “morais” contraditórias.

Vigotski segue a tradição dos “formalistas” para quem a *fábula* é a matéria e o *tema*, o conjunto do seu devir no discurso, na “forma”: a forma é então o conjunto do dizer, e não a forma fônica. A ideia defendida por Vigotski é que o que faz a obra de arte é o conflito, a contradição, a tensão entre o conteúdo e a forma (não, como diz a *doxa*, o acordo entre os dois). Aqui o dialogismo não é a relação entre duas falas, mas a existência de uma tensão entre duas maneiras de significar.

Vou abordar de forma relativamente longa o exemplo do conto de Ivan Búnin *Leve alento* (1916). Relato aqui o tema ou o conteúdo: uma jovem estudante seduz um homem. Ele mata-a em uma plataforma de trem. Aqui, como na fábula, há o que poderia aparecer em um resumo. Mas essa história “faz sentido” por sua tradução improvável aos olhos da diretora da escola. Mais especificamente por tudo o que na narrativa não segue a ordem “objetiva” da fábula, da história.

O que o gráfico elaborado por Vigotski destaca é a multiplicidade de perspectivas indicadas pelo desenrolar da narrativa, o que, num certo sentido, não passa de um “*fait divers*”¹⁶. O conto tem cinco páginas compactas. Vou lembrar rapidamente (com a inevitável imperfeição que isso representa, em especial, porque perde-se assim o movimento da narrativa), seguindo Vigotski, a diversidade dos movimentos do texto.

1) No cemitério. “No cemitério, sobre um aterro de barro fresco, uma cruz de carvalho nova, forte, pesada, lisa, daquelas que dá até gosto olhar.

2) É abril, mas os dias estão cinza. Os monumentos do cemitério, amplo, verdadeiro cemitério de concelho, ainda se deixam ver de longe por entre as árvores peladas, e um vento frio assobia sem parar numa coroa de porcelana ao pé da cruz.

Na própria cruz embutiram um medalhão de bronze bastante grande, e no medalhão uma foto de uma ginásiana elegante e encantadora, de olhos radiantes, impressionantemente vivos. É Ólia Mieschérskaia” (VIGOTSKY, 1999, p. 201).

3) Seu retrato “objetivo” e “avaliativo”: moça bonita “rica e feliz”, “aluna inteligente, mas levada, e se descuidava muito dos sermões que lhe pregava a preceptora”¹⁷. Aos catorze anos, tornou-se uma garota de “cintura fina”, “pernas bem feitas, já se delineavam os seios e todas as formas cujo encanto a palavra humana jamais havia expressado (VIGOTSKY, 1999, p. 201). Parece impressionante notar aqui como o romancista é aquele que diz do seu modo o que ele apresenta ao mesmo tempo como verdade geral, marca do que Bakhtin chamaria de sua “exotopia”, ou melhor, a forma particular dessa exotopia.

Aos quinze anos, ao contrário daqueles que se importam com sua aparência, “ela nada temia nem as manchas de tinta nos dedos, nem o rosto enrubescido, nem os cabelos despenteados, nem os joelhos à mostra nas quedas ao correr” (VIGOTSKY, 1999, p. 201-202). O autor descreve então o que fazia a sua singularidade: “o que tanto a distinguira de todo o ginásio nos últimos dois anos: a graça, a elegância, a esperteza, o brilho límpido porém

¹⁶ N.T.: “*Fait divers*” é um tipo de notícia que apresenta casos inexplicáveis e excepcionais. Geralmente são acontecimentos trágicos, tais como crimes e acidentes, delitos descritos em poucas linhas.

¹⁷ N.T. François explica que na edição francesa do conto, tem com uma nota do tradutor dizendo se tratar da diretora do colégio.

sagaz dos olhos” (VIGOTSKY, 1999, p. 202). Aqui, o papel da coordenação é dar quase a ver, superar (o que caracteriza justamente a “literatura”) a oposição do genérico e do particular.

Mas também se atribuía a ela a frivolidade, a necessidade de ter admiradores; rumores diziam “que o ginásiano Chénchin estava loucamente apaixonado por ela, de que ela também parecia amá-lo, mas o tratava de modo tão inconstante que ele tentara suicídio” (VIGOTSKY, 1999, p. 202).

4) Após esse pano de fundo: “No seu último inverno, Ólia Mieschérskaia desatinara de alegria, como se dizia no ginásio”. Ela é convocada pela Diretora que critica seu penteado, sua aparência: “Infelizmente não é a primeira vez que sou forçada a chama-la aqui para lhe falar do seu comportamento”

Nesse ponto sem perder a simplicidade e a calma, Mieschérskaia de repente a interrompeu polidamente:

— Desculpe-me, *madame*, a senhora está equivocada: eu sou uma mulher. E o culpado por isso — sabe quem é? Um amigo e vizinho do meu pai, e vosso irmão, Alieksiéis Mikháilovitch Maliútín. Aconteceu no verão passado, no campo...” (VIGOTSKY, 1999, p. 202-203).

5) (Não há ruptura no texto): “E um mês depois dessa conversa, um oficial cossaco, feio e de aspecto plebeu, sem absolutamente nada em comum com o círculo ao qual pertencia Ólia Mieschérskaia, fuzilou-a na plataforma de uma estação ferroviária, em meio a uma grande multidão que acabava de chegar de trem” (VIGOTSKY, 1999, p. 203).

6) “A confissão inverossímil de Ólia Mieschérskaia, que deixou desconcertada a diretora, foi inteiramente confirmada: o oficial declarou ao juiz de instrução que Mieschérskaia o seduzira, mantivera relações com ele, jurara que se tornaria sua mulher, mas na estação ferroviária, no dia do assassinato [...] disse de repente que todas aquelas conversas sobre casamento não passavam de zombaria com ele e lhe deu para ler as páginas do diário em que ela falava de Maliútín” (VIGOTSKY, 1999, p. 203-204). Foi depois da leitura desse trecho que o oficial tinha matado Ólia.

7) No diário, pode-se ler no dia 10 de julho o relato da vinda de Alieksiéis Mikháilovitch à casa de campo, onde ela estava sozinha: “ele permaneceu porque estava chovendo e queria que secasse até o entardecer. Lamentou muito não ter encontrado papai, esteve muito animado e se comportou como um cavalheiro comigo, brincou muito, dizendo há muito tempo estava apaixonado por mim” (VIGOTSKY, 1999, p. 204).

8) O diário passa então para a descrição de seu interlocutor: “Ele está com cinquenta e seis anos, mas ainda é muito bonito e anda sempre bem vestido — só não gostei de ele ter vindo de capa — cheira a colônia inglesa, tem os olhos bem jovens e a barba toda prateada e elegantemente dividida em duas longas partes” (VIGOTSKY, 1999, p. 205).

9) Ela retorna então ao que aconteceu: não se sentindo muito bem, ela deitou-se em um sofá enquanto eles tomavam chá, “depois sentou-se ao meu lado, passou outra vez a dizer galanteios, a examinar e beijar minha mão. Cobri o rosto com um lenço de seda, e ele me beijou várias vezes na boca por cima do lenço... Não entendo como aquilo pode acontecer, fiquei louca, nunca pensei que eu fosse assim. Agora só há uma saída... Sinto tamanho nojo dele que não posso suportar isso!...”

10) “Nesses dias de abril a cidade anda limpa, seca, as pedras ficaram brancas, e é fácil e agradável andar em cima delas” (VIGOTSKY, 1999, p. 205). O narrador descreve “uma mulher baixinha, de luto”, que se dirige todo domingo à cruz de carvalho e permanece uma ou duas horas.

11) “Como ligar esse montículo de barro a essa cruz de carvalho àquela ginásiana de dezesseis anos, que há apenas três meses era tão cheia de vida, encanto e alegria? [...] E como compatibilizar com aquele olhar puro e horrendo que agora está associado ao nome de Ólia Mieschérskaia?”

12) “Mas do fundo da alma a mulher baixinha é feliz, como todas pessoas apaixonadas ou entregues a algum sonho apaixonado” (VIGOTSKY, 1999, p. 205-206)”.

13) O narrador retorna então à vida da mulher (a Diretora da escola de Ólia), que viveu primeiramente para o seu irmão, militar, e após a morte dele, “ela se convenceu de que [...] ela era uma trabalhadora de ideias” (VIGOTSKY, 1999, p. 206). Finalmente, após a morte de Olga, ela apegou-se às lembranças dessa última.

14) O que faz lembrar uma conversa entre Ólia e sua amiga de coração, a grande e gorda Subótina. Olga contou-lhe ter lido em um dos livros do seu pai sobre a beleza que deve ter uma mulher: “os olhos negros, fervendo como breu! — os cílios, negros como a noite, o corado de tom suave, talhe fino, braços mais longos que de costume! —, pé pequeno, seios suficientemente graúdos, panturrilha corretamente arredondada, joelhos cor do interior de uma concha, os ombros porém altos — aprendi muita coisa quase de cor, tão importante é tudo isso! — mas sabes o principal? O leve alento! E olha que eu o tenho, Escuta só como eu suspiro —, não é verdade que eu o tenho?” (VIGOTSKY, 1999, p. 206).

15) E o narrador conclui: “Agora esse leve alento volta a espalhar-se pelo mundo, por esse céu nublado, por esse vento frio de primavera” (VIGOTSKY, 1999, p. 206).

Não retomarei todas as análises de Vigotski: elas se referem essencialmente à contradição entre a unidade da notícia e de sua cronologia e à diversidade de perspectivas, particularmente entre as palavras da heroína e a percepção de quem vê do exterior. Mas, principalmente, Vigotski imagina o que seria o enredo da notícia que levou ao tiro de revólver. Aqui, ao contrário, é a diversidade cronológica de perspectivas, o fato de começar e terminar no cemitério, o título e o fim em torno da “respiração leve”. O texto acentua constantemente o que pode ter de medíocre a percepção do mundo da heroína.

E, simultaneamente, emerge o que o seu modo de ser tem de frágil, de leve, de charme evanescente. Em particular, vê-se aqui como a exotopia do autor, nas palavras de Bakhtin, é a condição que permite que apareça a diversidade de perspectivas. Ou melhor, como o centro dessa exotopia não é tanto o conhecimento do autor quanto a tensão entre a forma do texto e seu tema.

O que esse texto nos dá é algo que pode ser definido por séries de negativas duplas: primeiro, é um modo de ser que, como tal, não é nem irreal, nem real, mas está presente; isso não faz parte nem do conhecimento nem do sentimento, mas do modo de repercussão, modo de repercussão que tem ecos diferentes em cada um e é, apesar disso, um objeto comum, que tem características essenciais, mas é antes de tudo movimento. É a diversidade dos modos de ser que caracteriza o objeto cultural, especialmente a multiplicidade rítmica da imagem corpo-alma da jovem por meio da multiplicidade de vozes, embora essas vozes não estejam no mesmo plano, a voz dominante sendo a da personagem anônima que “quase vê” (como podemos ver numa narrativa) da ou de uma moça, uma forma de essência concreta (que será tão difícil de perceber no cinema onde o rosto particular do ator ou da atriz tem um peso maior no concreto-genérico do Cristo, de Lolita ou de qualquer herói).

O dialogismo aqui é a irredutibilidade de perspectivas mais que seu conflito. Em certo sentido, o autor é o mestre do que ele faz, mas em outro sentido ele deixa diferentes verdades dominarem nossa leitura. O que se imporá especialmente a nós: a sedução da jovem, a morte, sua leveza, o olhar dos outros ou o movimento entre esses pontos de vista? Ou ainda os detalhes do retrato do que deve ser no livro a verdadeira sedutora?

Não se trata de “contradição” no sentido lógico, mas de tensão entre a fábula e o estilo (e o que o estilo abre como perspectivas). Mas, evidentemente, a fórmula de Vigotski permanece geral. E é da especificidade desse estilo que é necessário dar conta...

Voltando rapidamente ao último exemplo que ele cita, o de Hamlet, Vigotski ridiculariza todos os que explicam o drama pelo caráter hesitante do herói, o que faz esquecer a decisão dele, por exemplo, no assassinato de Polônio ou do rei. Sobretudo, uma tal pesquisa psicológica como a que compararia os caracteres de Édipo e Hamlet esquece que Hamlet tanto quanto Édipo não é um ser real. Pode-se opor a essa “psicologia” uma consideração muito mais inconsistente: se Hamlet estivesse decidido, não haveria peça. O que faz que ela exista como uma forma estética é a heterogeneidade de escritas, os tipos de cenas. Não é “psicologicamente” necessário que um indivíduo seja portador de uma tal heterogeneidade. Hamlet é o suporte de discursos múltiplos, quer seja a conversa com Ofélia, quer seja a conversa com coveiros, quer sejam as reviravoltas da cena do duelo com Laertes e da morte do rei. Da mesma

forma que não é a “loucura” do herói que justifica a preciosidade de figuras de discurso. Nas palavras de Bakhtin e Kundera, a peça encena o polilogismo interno do herói, como a relação de Shakespeare com o seu herói. Para retomar um outro termo de Bakhtin, mais fortemente sem dúvida do que um romance, uma peça de teatro está sujeita ao cronotopo específico que é a divisão em cenas e a eclipse dos momentos não representados. Além disso, como lembra Vigotski, complicações temporais, entrelaçamentos fazem com que nada ocorra de acordo com o “programa prescrito”. Esse tempo da suspensão é ampliado pelo fato de as personagens falarem uma língua estrangeira, aqui a do jogo precioso.

A tensão aqui ocorre portanto entre a história, a maneira como ela é tratada e as personagens. Acrescente-se a isso a “corporeidade mental” de vários atores que interpretaram esse papel.

Isso posto, os três capítulos finais de Vigotski sobre a psicologia da arte enquanto tal apresentam problemas. Vigotski parte de considerações de “psicologia geral” sobre a sensação, a emoção e a imaginação que não podem apreender bem a especificidade da ação em nós de tal ou tal obra. Por outro lado, Vigotski pensa que a gravidade da emoção é a sua relação com a energia e se questiona sobre a relação entre a violência do dispêndio e, por outro lado, a economia do dispêndio que a obra de arte proporcionaria. Parece-me que este é um esforço inútil (relacionado com a problemática dos teóricos da época citados por Vigotski). É necessário buscar explicar o que é relativamente claro e culturalmente condicionado: a variedade de modos de repercussão da obra de arte em nós através do desconhecido de uma energética. Melhor, parece-me, partir da diversidade de obras e seus modos de recepção. Nem que fosse da diferença entre a obra como choque instantâneo e a obra concreta na qual se entra pouco a pouco. Mas também da diferença entre o primeiro choque da leitura do primeiro romance e a leitura culta de alguém que “sabe muito”. Ou da diferença entre as formas que podemos perceber como próximas a nós e aquelas que nos impressionam pela sua distância.

E, de fato, muito do que busca Vigotski está na cultura, no modo como a arte muda nossas relações com nossos próprios sentimentos. Vigotski cita Freud: quando vejo um perigo, tenho medo e fujo, o útil é a fuga; quando estou em um espetáculo, eu não fujo, mas o útil é a nova disposição psíquica na qual o espetáculo me coloca. Para caracterizar a repercussão em mim, não é a força da emoção que conta, mas a sua especificidade. Eu diria que sua capacidade é não de reforçar nossas inclinações, mas nossas capacidades de nos “alterizar”. A arte muda a semiologia da tristeza (não se trata de seu devir “social” como tal), através do ritmo da obra. O ritmo seria então paradoxalmente, por um lado, o primeiro modo de pensar, de socializar, de tornar comum o interno. Encontraríamos Marr e a teoria da música como primeira linguagem ou, simplesmente, a experiência banal da troca corporal da mãe (ou daquele ou daquela que acalanta) e da criança. Mas, na verdade, a obra de arte nos faz entrar, ao contrário (como na novela de Búnin ou na variação de estilos em *Hamlet*), em movimentos rítmicos que não estão inscritos na corporeidade primeira.

É o que Vigotski especifica quando diz que a catarse aristotélica é provavelmente devido ao fato de que o sentido formal, seja o sentido global realizado pelo espaço de suspensão (do espetáculo ou da leitura solitária), seja o sentido específico realizado pela forma discursiva, entra em conflito com o sentido realizado pela materialidade do que é representado. Voltando a Shakespeare, Vigotski cita a crítica que Tolstói faz a Shakespeare: “as personagens de Shakespeare fazem e dizem constantemente coisas que não só não são suas, mas também não têm nenhuma utilidade”. Vigotski observa sem dificuldade que é justamente assim que a peça pode agir enquanto peça. E que não há economia de sentimentos em um sentido neurológico, mas no sentido de a tristeza representada não ser mais a tristeza real. Vemos como essa teoria da diferença dos modos de ser da obra de arte se opõe a uma pesquisa “psicológica” demais do que poderia ser a “identificação” do herói. Ressalto, de passagem, que essa noção parece colocar muitos problemas.

– Em primeiro lugar, o da modalidade: sabemos de que modo existe “relação” entre aquele que percebe o herói e o próprio herói? Podem-se partilhar seus valores, sua maneira de ver, sua imagem, querer ser como ele. Mas não é a mesma coisa.

— Ademais, não seria melhor dizer que há igualmente participação intensa nos outros como outros: as crianças, se somos adultos, os estrangeiros, a mulher para o homem...

O caminho indicado por Vigotski nos leva mais a pensar sobre a significação do espaço de suspensão, que é o espaço “estético”, como modificando justamente nossa relação cotidiana com a alteridade dos outros e, assim, de nós mesmos. Através de toda obra,

estamos em outro mundo, do ponto de vista do espaço, do recorte do tempo, da forma como são dados os heróis que transcendem a oposição real-irreal, verossímil-inverossímil, como revela o universal cultural dos demônios, das fadas, das bruxas, dos vários tipos de super-homens ou a comunicação imediata que parecem ter as crianças com uma sociedade heterogênea de gigantes, lobos ou raposas que falam. Seria, provavelmente, necessário generalizar ainda e dizer que nossa percepção do presente, do “real” é completamente imbuída de imaginário, quer se trate de vestígios de vida passada, quer de nossos imaginários sociais ou individuais, o que constitui “pacotes sentido” – ou, se quiserem, “complexos” –, como conjuntos de sentidos-força difíceis ou impossíveis de resolver por meio de elementos. Especialmente porque eles não nos são dados como representações, mas como formas de perceber, esquemas de ação ou de repercussão em nós. O que Vigotski resume assim, citando com aprovação Molojavi S., “[...] o pensamento, como a imagem, é um condensado de atitudes da consciência em relação a um fenômeno” (VIGOTSKI, 2005, p. 358).

Podemos, então, voltar ao início do livro e à relação com a psicanálise. É verdade que não sabemos como age a arte. Nesse sentido, é “inconsciente”. Mas não é necessariamente o inconsciente freudiano, que propõe um princípio de prazer-descarga muito amplo. Perde-se então a forma mesma da literatura, da obra. Assim Vigotski considera que a única análise precisa de Freud é a do chiste, porque leva em conta o contraste entre o sentido esperado, o sentido produzido e a forma que permite o duplo sentido. (Da mesma forma, em lugar de querer reduzir o sonho ao papel de “guardião do sono”, poderíamos nos interessar pelo prazer próprio de sua forma, pelo papel fundamental da sedução positiva do sonho como “imagem-enigma”. O sonho seria uma espécie de oposto do chiste: a irrupção do enigma, e não do outro sentido).

A última dificuldade do texto da Vigotski vem provavelmente do seu aspecto inacabado e do fato de que não é óbvio que se pode encontrar a mesma relação “estética” nos vários tipos de textos de que ele nos fala, muito menos em outros. Caso contrário, efetivamente vamos sempre encontrar “espaço de suspensão” e sentido específico realizado pelo estilo.

6 VOLOCHINOV, BAKHTIN, VIGOTSKI

A partir daqui, podemos voltar para o que é diverso e o que é comum nesses autores. Em primeiro lugar, trata-se de “materialismo”? Obviamente, esse não é o problema de Bakhtin. Essa é uma questão central para Volochinov, como será para Politzer.

Será que sou “traidor” por não me interessar muito por esse problema? Há uma polissemia evidente em “materialismo”. Mas, sobretudo, o principal problema vem da dominação do capitalismo em nossa sociedade, e não de uma escolha teórica entre materialismo e espiritualismo. A partir disso, quando Politzer procura fazer uma psicologia do drama humano ou quando Volochinov faz a teoria da ideologia do cotidiano, da ideologia misturada com a experiência não linguageira, integrada ao movimento corporal em oposição a uma teoria das características linguageiras da linguagem interior, suas análises me parecem concretas, independentemente de referência teórica ao “materialismo”. Da mesma forma, é “concreto” o esclarecimento que Volochinov traz sobre a contradição entre a língua materna e a língua estrangeira ou aquela entre minha fala e a forma como o outro me retorna: “você disse”. Quem de nós não está cheio de “prévia convicção” de que sua fala é transparente?

Não vou voltar aqui à contribuição de Bakhtin sobre a centralidade do “dialogismo”, já apresentada acima. Bakhtin (contra o imaginário de Volochinov da sociedade onde todas as contradições desaparecem) se interessa pelo aspecto permanente dos conflitos. Assim, nos seus *Apontamentos*, “[...] só um polifonista como Dostoiévski foi capaz de sondar na luta entre opiniões e ideologias (de várias épocas) o diálogo inacabado em torno das últimas questões (no grande tempo). Outros se ocuparam de questões solucionáveis no âmbito de uma época” (BAKHTIN, 2003, p. 388).

Finalmente, parece-me que há uma clara relação entre Bakhtin e Vigotski em sua caracterização da forma estética, como proporcionando um diálogo que a vida cotidiana ou a obra medíocre não propiciam.

Seria uma banalidade dizer que, desses três autores, apenas Vigotski se interessou pela criança (apesar da citação que apresentamos de Bakhtin). Não obstante uma análise da linguagem e da cultura, que considera apenas as relações entre adultos, pode perder a estranheza do ser humano, na medida em que é na criança que primeiro se manifesta a contradição entre o mundo vivido e o mundo

dito (pelos adultos). Mas não poderíamos dizer que essa distância permanente é precisamente a da “ideologia do cotidiano” e de seus componentes heterogêneos? Acrescente-se que mais talvez do que os outros autores, Vigotski soube enfatizar a impossibilidade de separar pensamento e sentimento, na unidade do “modo de repercussão” em cada um de nós.

O que não exclui as tensões nas relações instáveis entre as esferas do conhecimento, do imaginário, da presença do outro, da estética, da moral, que nenhum metadiscurso coloca definitivamente no lugar: podemos dizer que o objetivo da humanidade seria transformar todo o não-verbal em verbal. “Dialogismo” remete ao fato de que um texto, apesar de sua finitude, nos leva a pensar em outra coisa que não teríamos pensado sozinhos, diferentemente da “intenção do autor” e o que ele diz no sentido estrito. Isso faz com que o modo de repercutir dos textos permaneça em aberto.

7 CONCLUSÃO: UMA TENTATIVA DE REFLEXÃO SOBRE AS FUNÇÕES DA “TEORIA”, O “DIALOGISMO” E A PEDAGOGIA

Podemos primeiro observar um horizonte de problemas não esclarecidos. A diversidade de vozes nos textos foi mais analisada que a diversidade de nossos modos de percebê-las, mais do que, de modo geral, as formas, os modos pelos quais os “outros” estão presentes em nós, algumas vezes, obviamente, como lembranças explícitas. O mais das vezes, sem dúvida, se presentificam como esquemas, como modos de ser, como lacunas. Da mesma forma que não temos uma teoria clara das diferentes formas de pensamento. Por exemplo, podemos provavelmente falar de um pensamento com predominância do verbal, com predominância de imagens ou com predominância de esquemas práticos. Sabemos o quanto essa predominância não é exclusiva, mas é acompanhada de um pano de fundo de atitudes, de movimentos (o que faz com que, por exemplo, a “linguagem interior” nunca seja constituída apenas de palavras)? Provavelmente, não.

a) Teoria?

Mas primeiramente sabemos o que pode ou deve ser a “teoria”? Uma tradição filosófica antiga (mas que tem ramificações na vida diária, quando se supõe que uma definição deve dar a “essência” do objeto que ela define) triunfa em Hegel, em cuja *Estética* presume-se que se diz a verdade sobre a arte, a filosofia do direito, a verdade da lei, etc., embora haja também a ideia de que a teoria só pode ser desenvolvida uma vez quando a história aconteceu. Entretanto, Freud, por exemplo, quis definir a “natureza” do sonho, Marx, a da luta de classes. E essa ideia “essencialista” permanece, embora se reconheça que há também o “*know how*” irreduzível à teoria: a mão do artesão ou a cozinheira da equipe, que, sozinha, pode conseguir que as crianças psicóticas falem..., ou a incapacidade do pintor, músico ou escritor de dizer “de onde vem a inspiração”, “como eles fazem”. Assim também se pode continuar a falar de “inteligência”, de “inconsciente” ou de “diálogo”, mesmo reconhecendo que as condições para aplicação desses objetos teóricos são indefinidamente múltiplas e variadas.

Parece-me que uma reflexão sobre o “dialogismo” também deve levar à ideia de fuga do sentido, de impossibilidade de não acrescentar determinações e mudar pontos de vista. Por um lado, não existe um “ponto de vista de Sirius”. Por outro, não é o discurso mais geral que é necessariamente o mais “verdadeiro”. E há muitos exemplos do ridículo (e/ou da violência) daqueles que argumentam que eles são os “verdadeiros defensores da razão”. Há, de um lado, conhecimentos transmitidos; de outro, o conjunto daquilo com que nos deparamos, do que não sabemos como pensar.

Há aqui um “dialogismo” que se transforma em babelismo, sem acordo sobre o que constitui um problema digno de ser pensado, nem um ponto de partida razoável, sem que saibamos bem qual é a relação entre a teoria e a prática, especialmente quando se trata de “comunicar”. Assim, com referência à pedagogia, podemos duvidar que seja necessário partir de uma “boa definição” da narrativa para “avaliar”, em seguida, as narrativas de crianças.

Sobretudo porque não há, de um lado, especialistas do conceito e, de outro, espíritos voltados para o concreto. Basta voltar à história da filosofia para constatar que não há “teoria pura”. Há textos em que a função de elaboração e discussão de conceitos é dominante. Isso não os impede de apresentar hipóteses ou relatar exemplos. E também apelar para noções não elaboradas e para a tradição

inscrita na língua. Em suma, não há dúvida de que não existe nenhuma “teoria” pura. Poderíamos propor, ao contrário, que a “filosofia” é uma subespécie do gênero “literatura” e, nesse sentido, desfigura-se tanto a filosofia, resumindo-a, quanto um romance ou um poema. Há, é claro, “diálogo” nos filósofos, ideias feitas, irrupções, especialmente uma cadência, um ritmo.

Da mesma forma, a ligação entre discurso teórico e mito continua presente, sem falar de Platão, por exemplo, em Freud: a horda primitiva, o assassinato do pai, a refeição totêmica? A forma narrativa não é o outro do “puro” teórico. Ou ainda, qualquer que seja o status da psicanálise, ela é melhor apresentada com a exposição de uma imagem do aparelho psíquico ou contando uma análise? (Do ponto de vista de quem é uma outra questão). É necessário fazer uma teoria do diálogo pedagógico ou mostrar exemplos de alternância dos momentos pacificados, dos conflitos produtivos ou não (com a questão complicada dos momentos produtivos ocultos)?

Acrescente-se que, provavelmente, podemos considerar toda teoria monológica como um diálogo eliminado, a teoria não se baseando apenas no contato direto com os fatos, mas polemizando contra os enunciados do outro. Ou melhor, poder-se-ia opor falsos diálogos que têm apenas a forma de diálogo: o *Mênon*, os diálogos socráticos, as listas de opiniões relatadas por Aristóteles ou as “revisões da literatura” no início das teses seriam exemplos. Mas o *Banquete* seria mais um diálogo, qualquer que seja a exotopia do autor, porque não há nenhuma “teoria verdadeira” e os vários discursos não se respondem diretamente.

Em todo caso, não se pode isolar um conceito simples que oporia de uma vez por todas o geral e o particular, que nos diria: “a sociedade é...” ou “o sentido é...”. Assim, não existe algo unívoco que seria a “coação social” ou a “classe social”. Em algum momento, poderá ser a família que representa ao mesmo tempo a necessidade dos outros e seu aspecto coercivo, como a “classe social” pode, de acordo com o momento, ser vivida por intermédio do bairro onde se mora, as limitações que os pais impõem, a riqueza dos outros, a ausência de futuro... Um pouco como no caso dos “irmãos” mencionados por Vigotski, a “boa definição abstrata” não anula as determinações concretas. Assim, não se deve definir um grupo, uma classe social ou uma classe de escola, seja do exterior pelas coerções agindo sobre ela, seja do interior por uma consciência de pertencer a um mesmo grupo, mas, para o que nos interessa aqui, pelo conjunto de convergências e divergências em relação ao fácil ou ao difícil de significar.

A narrativa e particularmente a do romance é o lugar onde se manifesta a heterogeneidade de pontos de vista (embora essa heterogeneidade também possa ocorrer na confissão ou no autoquestionamento). De qualquer forma, o romance mostra o entrelaçamento do particular e do geral, o que é apreendido do interior e visto do exterior: uma angústia pode ser descrita como sentimento ou como descrição do lugar em que ela ocorre. Um romance também pode, sem dúvida melhor do que a maioria de nossas vidas, colocar em relação o cotidiano e as “experiências-limite”. Acima de tudo, em vez de opor “realidade” e “ficção”, o romance introduz uma continuidade entre o realmente experimentado e a experiência indireta vicária. Mais do que a teoria, ele nos mostra o entrelaçamento de diferentes momentos da vida, de suas sociabilidades diversas, solidões e de seus entornos; ou ainda, o elo entre o “representado como presente” e os diferentes “mundos ausentes” de cada um de nós.

O objetivo não é determinar essências, em oposição às aparências, o profundo contra o superficial. Mas nos orientar a partir de nossas dificuldades, do pensamento dos outros, bem como de fatos gerais irredutíveis: assim a diferença de gerações torna necessário um diálogo sempre arriscado. E este diálogo não se reduz ao embate de palavras, mas ao dito e ao não dito, ao tematizado e ao pano de fundo, ao fácil de dizer e ao difícil de dizer, todos esses aspectos não sendo obviamente partilhados por nós da mesma maneira.

b) Dialogismo e heterogeneidade

Pode-se perguntar se pode haver uma “verdadeira teoria” do dialogismo. Um pouco como se pode perguntar se o romance de Dostoiévski seria, pelo seu dialogismo, uma forma de “romance por excelência”.

Como vimos, a heterogeneidade das “vozes” não se opõe à “exotopia” do autor, ao seu potencial de *metteur en scène*¹⁸. Um parêntese: há, certamente, nos últimos escritos de Tolstói uma forma monológica de pregação. Mas, se compararmos *Anna Karenina* a

¹⁸ N.T.: Expressão francesa, mas dicionarizada por Houaiss, usada para se referir a diretor de cinema ou de teatro.

romances de Dostoiévski, parece-me que a diferença desaparece, pois aqui encontramos os termos do problema colocados por Vigotski: o enredo e sua temporalidade própria e o desenvolvimento efetivo do romance não coincidem, como mostra o movimento do romance de Búnin. Falar de “estética” remete ao que se revela pelo estilo do texto em contraste com as significações que podem ser resumidas. Assim como não se trata realmente de diferentes “vozes”, mas de gêneros, lugares que adota sucessivamente Hamlet, enquanto a vida cotidiana impõe a uniformidade da aparência. Nesse sentido, a obra de arte é similar ao pano de fundo próprio de cada um de nós, com seu horizonte de recepção, estável por um lado, dependente da pluralidade cultural, por outro, que não podemos tematizar sem desfigurar. Sabemos o que há de falso em todos os discursos respondendo a perguntas como: “Qual é o seu temperamento? Sua forma de ver?...”. Poder-se-ia encontrar aqui as perguntas que foram feitas sobre a separação absoluta feita por Bakhtin entre o que faz parte da ética como dominada pelo futuro e o que faz parte do ritmo.

O diálogo é cheio de “forças silenciosas”. Em primeiro lugar, a força das presenças corporais. Em seguida, o papel da presença do ausente, por exemplo, como o sentimento de ameaça ou de lacuna impede de identificar diálogo e troca de palavras.

— Se colocarmos o problema em termos de recepção e compreensão, poderíamos perguntar sobre a abertura proporcionada pelos não-ditos subjacentes, quer se trate de conhecimentos, quer se trate de significações vividas, como é o horizonte de toda percepção, ou das que tomam a forma de pensamento associativo. Tudo isso comporta algo de anônimo-genérico ou de mais específico de um “nós” ou de um “eu”, através das significações mais ou menos móveis e dizíveis.

O exemplo mesmo de Vigotski nos mostra que é bem melhor partir das obras para chegar aos panos de fundo do que fazer teorias “introspectivas” ou “objetivas” do aparelho psíquico. É na relação com “terceiros”, que são as obras, que se manifesta de modo claro a nossa relação de semelhança-diferença e a evidência segundo a qual tudo “isso” pressupõe um pano de fundo. Note-se que nessa colocação de um pano de fundo não há diferença entre “explicar” e “compreender”, uma vez que “explicar” aqui não significa “dar conta causalmente”, mas esclarecer o caráter implícito do nosso mundo ou do mundo dos outros. Não se dá conta de uma decisão política por meio de movimentos de elétrons. Mas isso não significa que sabemos a priori o que vai entrar em uma “boa descrição” de tal decisão.

— O dialogismo-heterogeneidade provém em primeiro lugar do fato de que nenhum objeto tem uma única faceta. E não se pode esquecer a alternância dos nossos ritmos, o que faz com que uma teoria dos “afetos” simples não dê conta do movimento da criança ao mesmo tempo tentada pelo novo e hesitante em face do que assusta. Assim, um modelo como aquele que opõe pulsões e interditos isola um traço particular da ambivalência consubstancial do sujeito tal como se encontra também nos desejos alternados de calma e de risco, de solidão e de comunidade.

Podemos supor aqui apenas que a relação de si a si provém exclusivamente da relação externa dos outros a nós. Como não são os outros que levam a criança a esse espanto que Wallon, após Baldwin, chamou de “reação circular”, a da criança que se dá a perceber levando uma parte do seu corpo (o pé, por exemplo) para o seu campo de visão. Mas isso é apenas um exemplo. Há uma pluralidade, uma defasagem de nós para nós mesmos que não pode ser reduzida à diferença da palavra do outro em nós, como se pode pensar que uma grande parte da “doença mental” se deve à falta ou ao excesso de diferenciação de si para si.

— Toda uma tradição teórica considerou antes de tudo a emoção como evento, irrupção: parece que tanto o súbito quanto o durável caracterizam os modos de repercussão em cada um de nós. Vigotski nos lembrou que a primeira emoção, segundo Descartes, é a admiração. Mas também fazem parte do clima sentido a permanência do habitual, o que é vivido como evidente, podendo ser o que é reconfortante e/ou irritante, com todas as ambivalências da nossa relação com a esperança e o temor do surgimento do novo, ou até o horrível. O que vai se complicar com outros níveis de modalização: “Eu estou bem, mas é horrível” ou “Eu deveria estar feliz, mas eu não sinto nada” ou “Sinto algo, mas não sei o que...” O que se nomeia “subjetividade” é constituído de modalidades de sintonia-distonía, modalidades variáveis em si mesmas e no modo como elas são pensadas.

Mas, de um modo geral, não se pode constituir uma lista a priori de sentimentos, nem pensá-los claramente na sua articulação corporal-social. Cada época tem levado a novas organizações dos modos de sentir a relação com o mundo, com os outros (alguns outros) e consigo mesmo. Pode-se evocar o *Spleen* de Baudelaire, mas igualmente o sentimento de honra ou as variações dos limites

do “amor ao próximo”, com o problema das palavras transversais – raiva, depressão ou melancolia – que atravessam o tempo, não necessariamente com as mesmas modalidades de sentidos. Da mesma forma que variam os modos específicos de sentir tal personagem ou tal evento, sua aura, tanto no modo como “nossos mortos” são esquecidos ou se tornam na nossa lembrança um centro de referência, quanto na figura do Cristo evocado por Dostoiévski. Note-se que o que faz a cultura é, por exemplo, que essa figura de Cristo pode agir em nós, sejamos cristãos ou não, como Hamlet nos emociona em nosso “espaço de suspensão”.

Então, podemos dizer que mais do que o discurso da ciência, da filosofia, da psicanálise, o discurso “literário” nos dá uma dimensão fundamental de nossas vidas? Bem como a relação ao que não ousamos dizer ou a presença em nós, não teórica de nossos “outros”, seja a alteridade próxima das crianças para os adultos, das mulheres para os homens ou vice-versa, seja a alteridade mais longínqua do estrangeiro ou do distante no tempo? Nesse sentido, o “literário” seria uma mediação necessária entre nós e os outros, especialmente adultos e crianças e/ou nós e nós mesmos. O que poderia ser uma explicação para o uso quase universal da narrativa como um meio entre as gerações, embora as crianças não possam compreender as “histórias” dos pais e dos professores como lhes são contadas, nem se saiba nunca o que vai ocorrer nessa passagem. As crianças estão sujeitas aos ideais (eventualmente contraditórios) dos pais, depois dos adultos em geral, à impossibilidade de estar de acordo com os seus desejos (eventualmente contraditórios) ou à falta de imagens do que elas podem ou devem ser. Ao mesmo tempo, as crianças pensam conforme seus próprios desejos. O que se revela em seus textos simultaneamente forçados a ser conforme a norma adulta e de forma que não poderíamos produzir nós mesmos.

Mas voltar ao espaço da cultura é voltar para a natureza obscura da relação entre linguagem e pensamento. Vamos nos limitar aqui a alguns pontos.

- a) Como Vigotski insistiu e, apesar de muitos esquecerem, o pensamento como forma de organizar um heterogêneo em função de um ausente pode se fazer sem a linguagem, em qualquer atividade motora, por exemplo.
- b) Não há pensamento sem afeto, sem atmosfera sentida, a qual nos dá particularmente o difícil de dizer do mundo do ser, de nosso lugar em relação ao mundo, ao que falamos, aos outros, a nós mesmos. Naturalmente esses modos de repercussão comportam talvez constâncias, certamente variações, mas é disso que partimos e é isso que o diálogo, para o bem ou para o mal, permite sempre modificar.
- c) Há uma massa de pensamentos que não pode ser feita sem linguagem. Mas isso não exclui o pano de fundo de não-dito e tudo a que um texto pode dar origem (compreensão responsiva).
- d) Nós não lidamos com a língua, mas com as línguas (dos outros, de si, materna e estrangeira...) e com os gêneros, sem que se possa, portanto, falar das relações do “pensamento” e da “linguagem”. Há o pensamento definidor, o pensamento narrativo, o pensamento associativo, o pensamento sonhador e todos esses pensamentos de maneiras diferentes remetem uns aos outros.
- e) E também, todo pensamento é movimento, que pode sempre se fixar em fórmula, o que, em particular, ameaça aquele que algum palco físico ou moral autoriza a “falar do alto”.
- f) Enfatizamos a noção de “espaço de suspensão”, na cerimônia, na solidão ou na lembrança.
- g) Da mesma forma que podemos voltar ao modo como as significações desenhadas pelos próprios movimentos do texto não são resumíveis.

Para finalizar essa conclusão, poderíamos voltar para a divisão feita por Bakhtin, já mencionada, entre o domínio da ética, o domínio da estética, o domínio do conhecimento e o domínio da fé. Não vamos falar do último. Mas cada um desses domínios, por sua vez, subdivide-se: a moral dos interditos não é a mesma coisa que a moral das orientações individuais, a moral do cotidiano não é a das situações extremas. Assim como a multiplicidade dos tipos de objetos e das relações estéticas nos proíbe uma definição unívoca do “belo”, e saberes cotidianos, habilidades, saber histórico, saberes estabilizados e hipóteses não são “saberes” da mesma maneira. Entre

os modelos físicos e o conhecimento da história das civilizações, não há medida comum. Não há, de um lado, a ciência, de outro, a opinião ou a ideologia: há sobretudo diferentes formas de consciência, necessariamente mais ou menos inadequadas. Cada indivíduo, além disso, situa-se de forma diferente nessas diversas dimensões (por exemplo, em função de sua capacidade de suportar a insegurança, ou até do prazer que sente em se movimentar nessas dimensões). Do mesmo modo, se o pensamento de Bakhtin está no centro de uma reflexão sobre a diversidade de gêneros substituindo a infeliz dicotomia língua-fala individual, resta-nos pensar sobre o que pode ser o modo de repercussão das diferentes obras em nós.

Voltemos a dois exemplos de Dostoiévski: o herói de *Memórias do subsolo* pode sempre ser visto como uma caricatura do movimento do pensamento, ou então vamos nos divertir com algumas hesitações ou com o modo como seus devaneios são sempre contraditos pelo seu comportamento efetivo. Ou então, vamos nos perguntar se não há algo de nós nele.

Aqui eu me aproximo da conclusão que dá Todorov na edição que consultei das *Memórias do subsolo*. O modo como a jovem prostituta que vem à casa dele abraça-o lembra em seu silêncio o beijo do Cristo no Grande Inquisidor. Podemos ser ou não crentes ou, se somos crentes, podemos perceber de muitas maneiras a relação do Cristo com a prática institucional das igrejas que o seguem.

Contudo a *mise en scène*¹⁹ de Dostoiévski nos torna sensíveis a um modo de ser, a uma figura de sentido em que as oposições entre afetivo e intelectual ou estético, religioso e ético já não têm muito sentido. Em outras palavras, nosso foro interior é tecido de imaginários, que são condição do sentido de nossa “relação com o real”, para além das palavras monológicas solenes. O espaço de suspensão que é a peça de teatro, o filme ou o romance são os lugares onde a generalidade e a particularidade, a ordem do mundo e os eventos, as diferenças inevitáveis entre o dito e o que é sentido se evidenciam. E essa diversidade cultural nos impede de pretender dizer aos outros como o mundo deve repercutir neles. Para voltar à questão do “cotidiano e do literário”, em um primeiro momento, a obra literária está no plano da suspensão da “ficção” do irreal. A questão que se coloca, eu penso como os três autores, é a do modo como nossa relação ao “real” é modificada por essa ficção, especialmente pela forma como a ficção ilustra a diversidade de perspectivas, o entrelaçamento indissolúvel do que é comum com a diversidade de perspectivas, de resistência das coisas ao irreal-real do passado, do futuro, do “como se”, do virtual. É essa mistura que é constitutiva do que chamamos de “sentido”. Há seguramente um “princípio de realidade” que resiste, por exemplo, na irreversibilidade do tempo, na forma concreta de não ser capaz de remover o erro realizado nem impedir o percurso para a morte. Mas é o romance (e não a “ciência”) que nos apresenta a realidade múltipla dos projetos, das imagens, das teorias, das lembranças que fazem nosso real-irreal. É o que se apresenta sob a forma de “ideologia do cotidiano”, na mistura em nós de nossas significações corporais, do que recebemos das ideologias públicas e do modo como nós as digerimos, narramos a nós mesmos ou as vivemos sem dizê-las.

Não estamos confrontados tanto a uma gigantomaquia dos materialistas contra espiritualistas quanto ao nosso lugar em um complexo técnico-capitalista de fabricação de indivíduos produtores-consumidores. Daí a nossa dificuldade de pensar e de ter nossos “modos de repercussão”, mais ainda de ajudar nossos sucessores a pensar e a reagir por eles mesmos, em um mundo em que as tradições de transmissão cultural praticamente desapareceram. Desse ponto de vista, poderíamos opor duas “funções da escola”: a escola como elaboração de modos diversos de estar juntos, a escola como lugar do lento aprendizado de saber “pensar só”.

Eu gostaria de terminar com uma longa citação de Bakhtin (1971, p.378-379):

Para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias palavras e nas do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica. Entretanto, nós afastamos, abstraímos, essa questão quando estudamos uma língua e os diversos campos de criação ideológica, pois existe a posição abstrata do *terceiro* que se identifica com a “posição objetiva” como tal, com a posição de qualquer “conhecimento científico”. A posição do terceiro é plenamente justificada onde um indivíduo pode colocar-se no lugar do outro, onde o homem é perfeitamente substituível e justificável em situações e na solução de questões em que não se faz necessária a personalidade integral e ímpar do homem, isto é, onde o homem, por assim dizer, se especializa, exprimindo apenas uma parte da sua personalidade separada do todo, onde ele não

¹⁹ N. T.: Palavra francesa também dicionarizada que remete à arte da encenação teatral ou cinematográfica.

atua como *eu mesmo*, mas “como engenheiro”, como físico”, etc. [...] As ciências do espírito; seu objeto não é um, mas dois “espíritos” (o que é estudado e o que estuda, que não devem fundir-se em um só espírito).

Isso vale igualmente quando se trata de uma obra, e não de um espírito. Por exemplo, entre a percepção ingênua e a percepção culta, não há escolha e cada um dos dois pode nos modificar. Por exemplo, na situação de alguém que não “compreende”, isto é, que não está na posição do terceiro, daquele que pode parafrasear.

Podemos dizer com Bakhtin que há momentos em que o monologismo apaga a pluralidade de vozes conflitantes. Outros em que as diferenças se impõem, com a particularidade de que não sabemos onde estamos. Podemos acrescentar essas palavras um pouco elípticas do texto final de Bakhtin, *Metodologia das ciências humanas*: “o ‘inefável’ como *limite flutuante*, como ‘ideia reguladora’ (no sentido kantiano) da consciência criadora” (BAKHTIN, 2003, p. 386).

É (relativamente) fácil ter consciência do que foi mal dito ou dito a mais. É mais difícil ter uma “boa relação” com o que não está dito, com o que sentimos como difícil de dizer ou ainda com o que não conseguimos ser sensível.

REFERÊNCIAS

- BAKHTINE, Mikhaïl. *Problèmes de la poétique de Dostoïevski*. Paris: L'âge d'homme, 1970.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *L'œuvre de François Rabelais et la culture populaire au moyen âge et sous la renaissance*. Paris : Gallimard, 1970.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Paris : Gallimard, 1978.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1984.
- BAKHTINE, Mikhaïl. *Pour une philosophie de l'acte*. Paris: L'âge d'homme, 2003.
- BALL ARNETHA, F.; WARSHAUER. Freedman Sarah (Ed.). *Bakhtinian perspectives on language, literacy and learning*. Cambridge University Press, 2004.
- BAZERMAN, Charles. Intertextualities: Volosinov, Bakhtin, literary theory and literacy studies. In: BALL, Arnetha F.; WARSHAUER, Freedman Sarah (Ed.). *Bakhtinian perspectives on language, literacy and learning*. Cambridge University Press, 2004. p. 53-65.
- BAZERMAN, Charles. *Shaping written knowledge, the genre and activity of the experimental article in science*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1988.
- BAZERMAN Charles, *Constructing experience*, Southern Illinois University Press, 1994.
- BERNARD, Gardin. Volochinov ou Bakhtine ? *La Pensée*, n. 197, 1978. [reedição - Langage et luttes sociales. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2005. 69-86.
- BERNIE Jean-Paul, *Apprentissage, développement et significations*. Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 2001.
- BERNIE Jan-Paul. Genres discursifs scolaires, genres de l'activité et conceptualisation. In: _____. *Apprentissage, développement et significations*. Bordeaux : Presses Universitaires de Bordeaux, 2001. p. 155-172.
- BROSSARD, Michel; FIJALKOW, Jacques, *Apprendre à l'école, perspectives piagetiennes et Vigotskiennes*. Bordeaux, Presses Universitaires de Bordeaux, 1998.
- BROSSARD, Michel. *Vigotski, Lectures et perspectives de recherche en éducation*. Lille, Presses Universitaires du Septentrion, 2004.
- BRUNER, Jérôme, *...car la culture donne forme à l'esprit, de la révolution cognitive à la psychologie culturelle*. Paris : Eshel, 1991

- CASTEL, Robert ; HAROCHE, Claudine. *Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi, Entretiens sur la construction de l'individu moderne*. Paris, Fayard, 2001.
- CLOT, Yves (Ed.). *Avec Vigotski*. 2. ed. Paris: La Dispute, 2002.
- ELTCHANINOFF, Michel. *Dostoïevski, Roman et philosophie*. Paris: P.U.F., 1998.
- FONTANE, Theodor. *Mes années d'enfance, Roman autobiographique*. Local : Chambon poche, 1996.
- FRIEDRICH, Janette. Les traces de Marr dans le livre de K. Megrelidze *Osnovnye problemy sociologii my' slenynija*. *Cahiers de l'ILSL*, Université de Lausanne, n.20, p. 109-125, 2005.
- GARDIN, Bernard. *Langage et luttes sociales*. Limoges : Lambert-Lucas, 2005.
- HUMBOLDT Wilhelm von, *De l'esprit de l'humanité et autres essais sur le déploiement de soi*. Local: Premières pierres, 2004.
- JANETTE, Friedrich. Les traces de Marr dans le livre de K. Megrelidze *Osnovnye problemy sociologii my' slenynija*, p. 109-125, 1937.
- MEYERSON, Ignace. *Les fonctions psychologiques et les œuvres*. Paris : J. Vrin, 1948.
- MIKA, Lähtenmäki. Sur l'idée du caractère de classe de la langue : Marr et Volochinov, *Cahiers de L'Ilsl*, n. 20, p. 161-175, 2005.
- MORSON, Gary Saul. The process of ideological becoming, In: BALL, Arnetha F.; WARSHAUER, Freedman Sarah (Ed.). *Bakhtinian perspectives on language, literacy and learning*. Cambridge University Press, 2004. p. 317-332.
- POLITZER, Georges, *Ecrits 2, Les fondements de la psychologie*, Paris, Editions sociales, 1969.
- ROCHEX, Yves. Vigotski et Wallon: pour une pensée dialectique des rapports entre pensée et affect. In: CLOT., Yves. (Ed.). *Avec Vygotski*. Paris: La Dispute, 2002. p. 121-140.
- SEROT, Patrick (Ed.). Un paradigme perdu : la linguistique marriste, *Cahiers de l'ILSL*, Université de Lausanne, n.20, 2005.
- SEROT, Patrick. Si Vico avait lu Engels, il s'appellerait Nicolas Marr. *Cahiers de l'ILSL*, n.20, p. 227-254, 2005.
- VIGOTSKI, Lev. *Pensée et langage* .3. ed. Paris : La Dispute, 1997.
- VIGOTSKI, Lev, *Théorie des émotions, Etude historico-psychologique*. Paris: L'Harmattan, 1998.
- VIGOTSKI, Lev. *Conscience, inconscient, émotions*. Paris : La Dispute, 2003.
- VIGOTSKI, Lev. *Psychologie de l'art* . Paris : La Dispute, 2005.
- VOLOCHINOV, V.N. [Traduction parue sous le nom de Mikhaïl Bakhtine] *Le freudisme*. Paris : L'âge d'homme, 1980.
- VOLOCHINOV, V.N. [Traduction parue sous le nom de Mikhaïl Bakhtine, celui de Volochinov en sous-titre entre parenthèses]. *Le marxisme et la philosophie du langage, essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. Paris : Ed. de Minuit, 1977.
- WALLON, Henri, *L'évolution psychologique des enfants*. Armand Colin, 1941.
- WERTSCH, James. *Vigotski and the social formation of mind*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.
- WERTSCH, James (Ed.). *Culture, communication and cognition*. Cambridge University Press, 1985.

Referências bibliográficas das obras traduzidas em português utilizadas nas citações

- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

BAKHTIN, Mikhail [Voločinov, Valentin. N.]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor, *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2008.

FRANÇOIS, Frédéric, *Essais sur quelques figures d'orientation*. Limoges, Lambert-Lucas, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em 25/05/2016.